

ADAPTADO AOS CINEMAS

SÉRIE DIVERGENTE
INSURGENTE

DA AUTORA *BESTSELLER*
VERONICA ROTH

NOS
CINEMAS
19 MARÇO
2015

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ADAPTADO AOS CINEMAS

SÉRIE DIVERGENTE
INSURGENTE

DA AUTORA *BESTSELLER*
VERONICA ROTH

NOS
CINEMAS
19 MARÇO
2015

 Porto
Editora



© Nelson Fitch

VERONICA ROTH

Estudou Escrita Criativa na Northwestern University. Nos seus tempos de faculdade, preferiu dedicar-se a escrever o que viria a ser a sua primeira obra, *DIVERGENTE*, e deixar de lado os trabalhos de casa – uma escolha que acabou por transformar totalmente a sua vida.

Veronica Roth foi considerada a melhor autora pelo GoodReads Choice Awards em 2012. *Divergente* foi eleito o melhor livro de 2011 e *Insurgente* o melhor livro de fantasia para jovens-adultos em 2012, pela mesma entidade, cujas distinções são atribuídas exclusivamente pelos leitores.



Insurgente

Veronica Roth

Publicado em Portugal por
Porto Editora, Lda.
Divisão Editorial Literária – Porto
E-mail: delporto@portoeditora.pt

Título original:

Insurgent

Copyright © 2012 by Veronica Roth

Tradução: Pedro Garcia Rosado

Design da capa: Joel Tippie

Símbolo da fação: © 2012 by Rhythm & Hues Design

1.ª edição em papel: maio de 2013

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Rua da Restauração, 365
4099-025 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68205-5

*Para o Nelson,
que foi merecedor de todos os riscos*

*Como um animal selvagem, a verdade
é demasiado poderosa para ficar presa numa jaula.*

– Do manifesto da facção dos Cándidos

Capítulo Um

Acordo com o nome dele nos meus lábios.

Will.

E antes de abrir os olhos vejo-o outra vez dobrar-se sobre si próprio e cair no chão. Morto.

E fui eu que o matei.

Tobias agacha-se à minha frente, pondo-me a mão no ombro. O comboio continua pelos carris fora aos solavancos e Marcus, Peter e Caleb já estão junto à porta do vagão. Inspiro profundamente e aguento o ar dentro de mim na tentativa de aliviar a pressão que está a crescer no meu peito.

Há uma hora atrás nada do que estava a acontecer me parecia real. Mas agora já parece.

Expulso o ar dos pulmões mas a pressão não desaparece.

– Vá, Tris – diz-me Tobias, a olhar para mim. – Temos de saltar.

Está demasiado escuro para podermos ver onde nos encontramos, mas se temos de sair é provável que estejamos junto da vedação. Tobias ajuda-me a levantar e guia-me até à entrada.

Os outros saltam um por um: primeiro, Peter, a seguir, Marcus, depois Caleb. Agarro a mão de Tobias. O vento torna-se mais forte quando nos aproximamos da porta do vagão, como uma mão que me quisesse empurrar para trás, para onde é seguro.

Mas saltamos para a escuridão e eu aterro com força no solo. Sinto a dor que o impacto provoca na ferida provocada pelo tiro no meu ombro. Mordo o lábio para não gritar e procuro o meu irmão.

– Estás bem? – pergunto-lhe ao vê-lo sentado no meio das ervas, a poucos metros de distância, a esfregar um joelho.

Caleb acena afirmativamente com a cabeça. Ouço-o fungar, como se estivesse a fugir às lágrimas, e obrigo-me a voltar-lhe as costas.

Aterrámos nas ervas junto à vedação, bastante longe da estrada de terra utilizada pelos camiões dos Cordiais para entregarem alimentos na cidade e do portão por onde são autorizados a sair. E que agora está fechado, prendendo-nos no interior da cidade. As torres que acompanham a vedação estão por cima de nós, demasiado altas e flexíveis para as podermos escalar e demasiado robustas para as conseguirmos deitar abaixo.

– Deviam estar aqui guardas dos Intrépidos – afirma Marcus. – Que é feito deles?

– Talvez estejam ainda sob os efeitos da simulação – responde Tobias – e agora... – Faz uma pausa. – Devem estar não se sabe onde, a fazerem não se sabe o quê.

Travámos a simulação – o peso do disco rígido no meu bolso de trás não me permite esquecê-lo – mas não ficámos à espera para saber o que aconteceria depois. Aos nossos amigos, aos nossos colegas das fações, aos nossos líderes... e às fações. Não há forma de o sabermos.

Tobias aproxima-se de uma pequena caixa de metal do lado direito do portão e abre-a, revelando um teclado.

– Esperemos que os Eruditos não tenham pensado em mudar o código – diz, enquanto digita uma série de algarismos. Para ao oitavo e o portão abre-se com um estalido.

– Como é que sabias? – pergunta Caleb. A emoção torna-lhe a voz arrastada e eu quase fico surpreendida por ele não sufocar com as palavras e o som que elas

fazem quando lhe saem da boca.

– Trabalhei na sala de controlo dos Intrépidos, a monitorizar o sistema de segurança. Só mudávamos os códigos duas vezes por ano – responde Tobias.

– Que sorte – comenta Caleb com ar desconfiado.

– A sorte não tem nada a ver com isto – replica Tobias. – Só estava lá a trabalhar porque quis ter a certeza de que estaria em posição de me escapar.

Até estremeço. O modo como ele fala em escapar-se... É como se ele estivesse a pensar que estamos encurralados. Nunca pensei no assunto desta maneira e agora parece-me que fui tonta.

Começamos a andar sem nos distanciarmos uns dos outros, Peter com o braço ensanguentado encostado ao peito – foi onde lhe dei um tiro – e Marcus com uma mão no ombro dele, ajudando-o a manter-se firme. Caleb está sempre a limpar as faces e percebo que está a chorar, mas não sei como poderei reconfortá-lo nem por que motivo não estou também a chorar.

Em vez disso, ponho-me à cabeça do grupo, ao lado de Tobias, que se mantém em silêncio. Ele não me toca, mas a sua presença dá-me força.

*

Os pontos luminosos são o primeiro sinal de que estamos a aproximar-nos do quartel-general dos Cordiais. Vemos depois quadrados de luz que se transformam em janelas muito bem iluminadas. E um aglomerado de edifícios de madeira e de vidro.

Antes de lá chegarmos, no entanto, precisamos de atravessar um pomar. Os meus pés afundam-se no solo e, por cima de mim, os ramos entrelaçam-se e formam uma espécie de túnel. Por entre as folhas pendem frutos muito maduros e prestes a cair. O cheiro agridoce de maçãs podres mistura-se no meu nariz com o da terra

húmida.

Quando chegamos perto, Marcus deixa Peter e vem ter connosco. «Sei por onde devemos ir», diz-nos.

Conduz-nos do primeiro edifício que encontramos para o segundo, à nossa esquerda. Todos os edifícios, com exceção das estufas, são feitos da mesma madeira escura, que não é tratada nem pintada. Por uma janela aberta ouço risos. O contraste entre o riso e o silêncio de chumbo que sinto dentro de mim abala-me.

Marcus abre uma das portas. Sentir-me-ia chocada com a ausência de segurança se não estivéssemos no quartel-general dos Cordiais. Eles confundem muitas vezes confiança com estupidez.

O único som que ouvimos neste edifício é o do ranger dos nossos sapatos. Já não ouço Caleb a chorar, mas ele antes também o estava a fazer em silêncio.

Marcus detém-se perante uma porta aberta que dá para uma sala onde se encontra Johanna Reyes, a representante dos Cordiais, sentada a olhar pela janela. Reconheço-a porque é difícil esquecer o seu rosto, quer a tenhamos visto uma ou mil vezes. Tem uma cicatriz proeminente que vai da sobrancelha direita até ao lábio, fazendo-a cega desse olho e obrigando-a a ciciar ligeiramente quando fala. Só a ouvi falar uma vez mas lembro-me bem. Teria sido uma mulher muito bonita se não fosse a cicatriz.

– Oh, graças a Deus – diz, ao ver Marcus. Dirige-se a ele, de braços abertos. Mas, em vez de o abraçar, limita-se a tocar-lhe apenas nos ombros, como se de repente se lembrasse da aversão que os Abnegados têm pelo contacto físico ocasional.

– Os outros membros do teu grupo já cá chegaram há algumas horas mas não tinham a certeza de que tivesses conseguido escapar – diz-lhe Johanna. Está a referir-se ao grupo dos Abnegados que estavam com o meu pai e Marcus no refúgio. Nem pensei em preocupar-me com

eles.

Johanna olha depois para nós por cima do ombro de Marcus, primeiro para Tobias e depois para Caleb, para mim e para Peter.

– Oh, caramba – diz, ao ver a mancha de sangue da camisola de Peter. – Vou chamar um médico. Posso autorizar-vos a ficarem cá esta noite mas amanhã a decisão tem de ser tomada pelo conjunto da nossa comunidade. E – olha para Tobias e para mim – não me parece que eles fiquem entusiasmados com a presença de Intrépidos na nossa sede. E é claro que tenho de pedir-vos para entregarem quaisquer armas que tenham convosco.

Fico de repente a pensar como é que ela sabe que eu pertenço aos Intrépidos. Ainda tenho vestida uma camisola cinzenta. A camisola do meu pai.

Ao lembrar-me sinto-me dominada pelo cheiro dele, uma mistura de sabonete e de suor, e só sou capaz de pensar nele. Cerro os punhos com tanta força que as unhas cravam-se-me na pele. *Aqui não. Aqui não.*

Tobias entrega a pistola, mas quando eu levo uma mão ao bolso das calças, para retirar a arma que escondi, ele agarra-me a mão e desvia-me das costas. Depois entrelaça os dedos nos meus para dissimular o gesto.

Sei que é inteligente manter uma das pistolas connosco. Mas sentir-me-ia aliviada se a pudesse entregar.

– Chamo-me Johanna Reyes – diz ela, estendendo-me a mão e depois a Tobias. É um cumprimento à maneira dos Intrépidos. Impressiona-me o conhecimento que ela tem dos costumes das outras fações. Esqueço-me sempre de como os Cordiais são atenciosos até ao momento em que o vejo por mim própria.

– Este é o T... – começa Marcus mas Tobias interrompe-o.

– Chamo-me Quatro e estes são a Tris, o Caleb e o Peter.

Há poucos dias, só eu, entre os Intrépidos, conhecia esse nome. Foi uma coisa só dele que Tobias me deu. Fora do quartel-general dos Intrépidos, lembro-me do que o levou a esconder esse nome do mundo. É o que o liga a Marcus.

– Sejam bem-vindos à sede dos Cordiais – diz Johanna, com os olhos cravados em mim e com um sorriso pouco descontraído. – Deixem-nos cuidar de vocês.

*

E deixamos. Uma enfermeira dos Cordiais dá-me uma pomada – desenvolvida pelos Eruditos com o objetivo de acelerar a cura dos tecidos – para eu aplicar no ombro e depois leva Peter ao pavilhão hospitalar, onde lhe tratarão do braço. Johanna acompanha-nos de seguida ao refeitório, onde encontramos alguns dos Abnegados que estavam no refúgio com Caleb e o meu pai. Susan também aí está, bem como alguns dos nossos antigos vizinhos, em mesas de madeira compridas que são tão compridas como o próprio refeitório. Recebem-nos – e a Marcus em especial – com os olhos marejados de lágrimas e sorrisos contidos.

Agarro-me ao braço de Tobias. Estremeço perante o conjunto dos membros da facção dos meus pais, das suas vidas, das suas lágrimas.

Um dos Abnegados põe-me uma caneca com um líquido fumegante debaixo do nariz e diz-me:

– Beba isto. Vai ajudá-la a dormir como ajudou alguns dos outros. E sem sonhos.

O líquido é avermelhado, quase cor-de-rosa. Parece de morango. Pego na caneca e bebo o líquido rapidamente. Durante alguns segundos, o calor que ele

transmite faz-me sentir cheia de qualquer coisa que não identifico. E quando bebo as últimas gotas sinto-me mais descontraída. Alguém me conduz por um corredor até um quarto onde há uma cama. E é tudo.

Capítulo Dois

Abro os olhos, aterrorizada, as mãos agarradas aos lençóis. Mas não estou a correr pelas ruas da cidade nem pelos corredores do quartel-general dos Intrépidos. Estou numa cama na sede dos Cordiais e cheira-me a serradura.

Mexo-me e sinto um objeto que se me crava nas costas. Procuro-o com a mão e enrolo os meus dedos na pistola.

Vejo, por instantes, que Will está à minha frente, cada um de nós de arma apontada ao outro – *A mão dele, eu podia ter-lhe disparado para a mão, porque é que não o fiz?* – e quase chamo por ele num grito.

Mas depois Will desaparece.

Saio da cama e levanto o colchão com uma mão, apoiando-o no joelho. Depois enfio a arma por baixo do colchão e deixo que ele a esconda. Sem estar a ver a arma e sem sentir a pressão dela na minha pele sinto os meus pensamentos mais límpidos.

Agora que o fluxo de adrenalina da véspera desapareceu, e que se desvaneceu o efeito daquilo que me pôs a dormir, tornam-se mais intensas a dor aguda e as picadas que sinto no ombro. Tenho as mesmas roupas da véspera. Vejo um dos cantos do disco a espreitar por baixo da almofada, onde o enfiei antes de adormecer. Nele estão os dados da simulação que controla os Intrépidos e o registo do que fizeram os Eruditos. Parece-me até demasiado importante para eu lhe tocar mas não o posso deixar onde está e por isso pego nele e enfio-o entre a cómoda e a parede. Sinto-me dividida entre destruí-lo e guardá-lo, mas sei que

ele tem o único registo da morte dos meus pais e, por isso, decido mantê-lo escondido.

Ouçó bater à porta. Sento-me na beira da cama e tento alisar o cabelo.

– Pode entrar – digo.

Quando a porta se abre é Tobias que surge, parando a meio caminho. Tem as mesmas calças de ganga da véspera mas usa uma T-shirt vermelho-escura, em vez da preta, que lhe deve ter sido dada por algum dos Cordiais. É uma cor que nele parece estranha. É demasiado garrida mas quando ele inclina a cabeça para trás e a encosta à ombreira da porta vejo que lhe torna o azul dos olhos mais claro.

– Os Cordiais vão reunir-se dentro de meia hora. *Para decidirem o nosso destino...* – diz, num tom melodramático, contorcendo as sobrancelhas.

Abano a cabeça.

– Nunca pensei que o meu destino estivesse nas mãos de um grupo de Cordiais.

– Nem eu. Ah, trouxe-te uma coisa. – Tobias desenrosca a tampa de um pequeno frasco e mostra-me um conta-gotas com um líquido claro. – Para as dores. Toma uma dose de seis em seis horas.

– Obrigada – digo-lhe, enfiando o líquido na garganta. Sabe a limão demasiado maduro.

Tobias enfia um polegar numa presilha das calças e pergunta-me:

– Como é que te sentes, Beatrice?

– Chamaste-me... *Beatrice*?

– Pensei em experimentar. – Tobias sorri. – Não gostas?

– Talvez só em ocasiões especiais. Durante a iniciação, no Dia da Escolha... – Faço uma pausa. Ia falar em mais alguns dias especiais que são feriados, mas só os Abnegados é que os festejam. Os Intrépidos têm os seus próprios dias de festa, tanto quanto me

parece, mas não sei quais são. E de qualquer modo a ideia de festejarmos seja o que for nesta altura é tão absurda que nem continuo.

– Fica combinado – diz Tobias, deixando o sorriso dissipar-se. – Como é que estás, Tris?

A pergunta não é estranha, depois do que passámos, mas fico tensa ao ouvi-la, preocupada por ele, de algum modo, poder ver a resposta dentro de mim. Ainda não lhe falei de Will. Quero fazê-lo mas não sei como. A simples ideia de dizer essas palavras em voz alta pesa-me tanto que até me faz pensar que me vou enfiar pelo chão de tábuas de madeira.

– Eu... – Abano a cabeça várias vezes. – Eu não sei, Quatro. Estou acordada. E... – Continuo a abanar a cabeça. Ele passa-me a mão pela face, deixando um dedo ficar para trás, preso à minha orelha. Depois inclina a cabeça para baixo e beija-me, criando uma dor quente que me percorre o corpo todo. Agarro-o pelo braço e mantenho-o firme junto a mim. Quando ele me toca, o sentimento de vazio que sinto no meu peito e no meu estômago já mal se nota.

Mas não tenho de contar-lhe. Posso simplesmente tentar esquecer-me. E ele pode ajudar-me a tentar esquecer.

– Eu sei – diz Tobias. – Desculpa, nem devia ter perguntado.

Por instantes só consigo pensar numa coisa: *Mas como é que sabes?* Há no entanto qualquer coisa na expressão dele que me recorda que ele sabe alguma coisa sobre o sentimento de perda. Ficou sem a mãe quando era novo. Não me lembro como ela morreu, apenas que fomos ao seu funeral.

E de repente recordo-me de o ver agarrado às cortinas da sala de casa dele, talvez com uns nove anos, vestido de cinzento e com os olhos escuros fechados. A imagem parece flutuar e até pode ter saído da minha

imaginação e não da minha memória.

Tobias solta-me, dizendo-me:

– Vou sair, para poderes arranjar-te.

*

A casa de banho das mulheres fica duas portas mais à frente. O chão é de azulejos castanho-escuros e cada chuveiro tem paredes de madeira e uma cortina de plástico que os separa do corredor central. Um aviso na parede diz: RECORDEM-SE: PARA POUPAR RECURSOS, A ÁGUA SÓ CORRE DURANTE CINCO MINUTOS.

A água é tão fria que eu nem queria mais minutos se os pudesse ter. Lavo-me rapidamente com a mão esquerda, deixando a mão direita pendurada. O remédio para as dores que Tobias me deu tem um efeito quase imediato; a dor que sinto no ombro já está a transformar-se numa moinha.

Depois de tomar banho encontro um monte de roupas na cama. São amarelas e vermelhas, dos Cordiais, e cinzentas, dos Abnegados, cores que raramente tenho visto juntas. Se tivesse de me pôr a adivinhar diria que elas tinham sido aqui postas por alguém dos Abnegados. Seria próprio deles.

Visto calças de sarja vermelho-escuras – tão compridas que preciso de enrolá-las três vezes – e uma camisola cinzenta dos Abnegados que me está demasiado grande. As mangas cobrem-me as mãos até às pontas dos dedos e também tenho de enrolá-las. Mexer a mão direita faz-me doer e por isso mantenho os movimentos lentos e não a levanto.

Batem à porta.

– Beatrice? – pergunta a voz suave de Susan.

Abro-lhe a porta. Traz um tabuleiro com comida, que pousa na cama. Observo-a, à procura de um sinal do que perdeu – o pai, que era um dos dirigentes dos

Abnegados, não sobreviveu ao ataque –, mas só lhe vejo a determinação calma que caracteriza a minha antiga facção.

– Peço-te desculpa por as roupas não te servirem – diz-me ela. – Tenho a certeza de que conseguiremos encontrar outras que te sirvam melhor se os Cordiais nos deixarem ficar.

– Está tudo bem – digo-lhe. – Obrigada.

– Ouvi dizer que foste ferida. Precisas de ajuda para tratar do cabelo? Ou para te calçares?

Estou prestes a recusar mas é verdade que de facto preciso de ajuda.

– Sim, obrigada.

Sento-me num banco diante do espelho e ela fica de pé atrás de mim, os olhos muito atentos postos no que está a fazer e não na sua própria imagem. Não levanta os olhos, nem por um instante, enquanto me passa um pente pelo cabelo. Nem me pergunta pelo meu ombro ou como fui ferida ou o que aconteceu quando deixei o refúgio dos Abnegados para pôr fim à simulação. Fico a pensar que se a pudesse reduzir à sua essência só encontraria nela as características dos Abnegados.

– Já viste o Robert? – pergunto-lhe. Robert, o irmão dela, escolheu os Cordiais quando eu escolhi os Intrépidos e está por isso algures neste complexo. Pergunto-me se o reencontro deles será parecido com o que aconteceu comigo e com Caleb.

– Muito de passagem – responde Susan. – Deixei-o, depois, para ele fazer o luto com a facção dele enquanto eu fazia o mesmo com a minha. Mas é bom vê-lo outra vez.

Noto-lhe um tom conclusivo na resposta que me indica que o assunto está arrumado.

– É pena que isto tenha acontecido nesta altura – acrescenta Susan. – Os nossos líderes iam fazer uma coisa maravilhosa.

– A sério? O quê?

– Não sei. – Susan cora. – Só sei que ia acontecer qualquer coisa. Mas não tencionava ser curiosa. Só me apercebi de estar a acontecer qualquer coisa.

– Não te censuraria se tivesses sido curiosa.

Susan acena afirmativamente com a cabeça e continua a pentear-me. Penso no que os líderes dos Abnegados – incluindo o meu pai – poderiam estar a preparar. E não consigo deixar de me maravilhar com a conclusão de Susan de que o que estavam a fazer seria maravilhoso. Bem gostava de poder voltar a acreditar nisso de qualquer pessoa.

Se é que alguma vez acreditei.

– Os Intrépidos usam o cabelo solto, não é? – pergunta Susan.

– Às vezes – respondo. – Sabes fazer tranças?

Os dedos hábeis dela juntam os meus cabelos numa trança que me cai pelas costas, fazendo-me comichão na pele. Fico a olhar para o meu reflexo no espelho até ela terminar. No fim agradeço-lhe e ela vai-se embora com um sorriso, fechando a porta.

Olho para o espelho mas não me vejo. Ainda posso sentir os dedos dela a roçarem-me na nuca, como fizeram os dedos da minha mãe na última manhã que passei com ela. Os meus olhos enchem-se de lágrimas. Oscilo para a frente e para trás ainda sentada no banco, a tentar expulsar a recordação do meu espírito. Receio que, começando a chorar, nunca mais pare, até ficar seca e definhada como uma uva-passa.

Vejo um estojo de costura na cómoda, onde estão linhas amarelas e vermelhas e uma tesoura.

Sinto-me calma enquanto desfaço a trança que me prende o cabelo e o escovo outra vez. Divido o cabelo ao meio e asseguro-me de que fica direito e liso. E fecho as lâminas da tesoura no cabelo que está junto do queixo.

Como é que posso ficar a parecer a mesma quando ela desapareceu e tudo está tão diferente? Não posso.

Corto o cabelo numa linha tão direita quanto possível, utilizando o maxilar como guia. A parte pior é na nuca, que não consigo ver muito bem e por isso tenho de guiar-me pelo toque e não pela visão para fazer o melhor possível. Caem à minha volta caracóis louros, que formam um semicírculo no chão.

Saio do quarto sem sequer voltar a olhar para o espelho.

*

Quando Tobias e Caleb vêm mais tarde ter comigo, olham para mim como se eu já não fosse a pessoa que conheceram na véspera.

– Cortaste o cabelo – diz Caleb, levantando as sobrancelhas. Agarrar-se aos factos no meio do choque é uma característica dos Eruditos que sempre lhe foi muito própria. Tem o cabelo em pé, no lado para onde estive deitado, e os olhos vermelhos.

– Pois – respondo-lhe. – Está... muito quente para usar o cabelo comprido.

– Está bem, não pergunto mais nada.

Seguimos juntos pelo corredor. As tábuas rangem sob os nossos pés. Tenho saudades do som que faziam os meus passos na sede dos Intrépidos. Sinto a falta do ar frio do subsolo. Mas tenho sobretudo saudades dos medos com que vivi nas últimas semanas porque, comparados com os que tenho agora, eram coisas sem importância.

Saimos do edifício. O ar exterior abate-se sobre mim como se fosse uma almofada que me vai sufocar. Cheira a verde, como quando uma folha é partida ao meio.

– Toda a gente sabe que és filho do Marcus? – pergunta Caleb. – Entre os Abnegados, quero eu dizer.

– Não me parece – responde Tobias, deitando a Caleb um olhar de relance. – E agradecia-te que não falasses nisso.

– Não preciso de falar. Qualquer pessoa que tenha olhos consegue ver por si. – Caleb franze o sobrolho. – Já agora, que idade tens?

– Dezoito.

– E não achas que és demasiado crescido para andares com a minha irmã mais nova?

Tobias solta uma gargalhada, antes de responder.

– Mas ela já não te é nada...

– Parem com isso, os dois – ordeno-lhes.

Uma multidão vestida de amarelo vai à nossa frente a caminho de um edifício largo e baixo, feito todo de vidro. A luz do sol que se reflete nas vidraças faz-me piscar os olhos. Tapo-os com a mão e continuo a andar.

As portas do edifício estão completamente abertas. À volta da estufa circular, plantas e árvores crescem em vasos com água ou em pequenos tanques. As dezenas de ventoinhas dispostas à volta do salão servem apenas para fazer circular o ar quente e por isso já estou a suar. Mas essa sensação desvanece-se quando a multidão começa a dispersar à minha frente e consigo ver todo o espaço.

Há uma enorme árvore no centro. Os ramos espalham-se por cima de quase toda a estufa e as raízes emergem do solo como se nascessem de bolhas, formando uma teia densa de casca de árvore. Entre as raízes não há terra, mas sim água e espigões de metal que mantêm as raízes seguras. Não me devia surpreender – os Cordiais passam a vida a fazer coisas extraordinárias no domínio da agricultura, como esta, com o apoio da tecnologia dos Eruditos.

De pé sobre um monte de raízes está Johanna Reyes, com o cabelo a cobrir-lhe a metade desfigurada do rosto. Aprendi em História das Fações que os Cordiais

não têm um líder oficial. Votam tudo o que têm de decidir e o resultado aproxima-se normalmente da unanimidade. Parecem todos simples partes de uma mesma mente e Johanna é a sua voz.

Os Cordiais estão sentados no chão, quase todos de pernas cruzadas, em grupos que lembram vagamente raízes que brotam do solo. Os Abnegados alinham-se em filas mais apertadas, a alguns metros de mim e à minha esquerda. Os meus olhos perscrutam a multidão durante alguns segundos antes de eu perceber o que procuro: os meus pais.

Engulo em seco e tento esquecer-me. Tobias toca-me nas costas e conduz-me até ao fundo do salão, por detrás das filas dos Abnegados. Antes de nos sentarmos, aproxima os lábios da minha orelha e sussurra-me: «Gosto do teu cabelo assim.»

Consigo sorrir-lhe e encosto-me a ele quando me sento, o meu braço contra o dele.

Johanna levanta as mãos e baixa a cabeça. Todas as conversas cessam antes mesmo de eu voltar a inspirar. À minha volta, os Cordiais estão sentados em silêncio, alguns de olhos fechados, alguns com os lábios a murmurarem palavras que não consigo ouvir e outros a olharem para longe.

Cada segundo que passa desgasta-nos. Sinto-me quase exausta quando Johanna volta a levantar a cabeça.

– Temos hoje uma questão urgente sobre a qual nos devemos pronunciar – diz –, que é a seguinte: qual deve ser a nossa atitude, enquanto pessoas que procuram a paz, nestes dias de conflito?

Todos os Cordiais se voltam para a pessoa que está mais próxima deles e começam a falar com ela.

– Como é que eles conseguem fazer alguma coisa? – pergunto a Tobias enquanto os minutos vão passando e as conversas se prolongam.

– Eles não se preocupam com a eficiência – responde

Tobias –, mas com a procura de consenso. Repara.

Duas mulheres vestidas de amarelo a alguns metros de nós levantam-se e juntam-se a um trio masculino. Um jovem muda de posição para permitir ao seu pequeno círculo unir-se ao círculo que está mais próximo. Por todo o salão os grupos mais pequenos e maiores expandem-se e ouvem-se cada vez menos vozes no ar até só restarem três ou quatro. E só me chegam fragmentos do que dizem: «Paz... Intrépidos... Eruditos... refúgio... envolvimento...»

– Isto é estranho – comento.

– Eu acho que é uma maravilha – replica Tobias.

Olho para ele.

– Que foi? – Tobias ri-se. – Todos eles têm um papel semelhante na governação. Sentem-se todos igualmente responsáveis. E isso obriga-os a preocuparem-se, torna-os simpáticos. Acho que é uma maravilha.

– Pois eu acho que é insustentável – continuo. – Claro que para os Cordiais dá resultado. Mas o que é que acontece quando nem todos querem dedilhar banjos ou dedicar-se à agricultura? O que acontece quando há alguém que faz uma coisa horrível e não basta falar disso para resolver o problema?

Tobias encolhe os ombros.

– Acho que já vamos descobrir – responde.

Passado algum tempo, uma pessoa de cada um dos grupos maiores levanta-se e aproxima-se de Johanna, passando cuidadosamente por cima das raízes da árvore gigante. Penso que vão dirigir-se a nós mas o que fazem é rodear Johanna e os restantes porta-vozes e começar a falar em voz baixa. Começo a pensar que nunca saberei o que estão a dizer.

– Não vão deixar-nos discutir o assunto com eles, pois não? – pergunto.

– Não me parece – diz Tobias.

Estamos feitos.

Depois de se pronunciarem, sentam-se todos outra vez e deixam Johanna sozinha no centro do salão. Voltando-se para nós, dobra as mãos à frente do corpo. Para onde iremos quando nos disserem que devemos ir-nos embora? Outra vez para a cidade, que deixou de ser segura?

– A nossa facção tem tido uma relação muito estreita com os Eruditos desde que nos lembramos. Precisamos uns dos outros para sobreviver e mantivemos sempre uma cooperação mútua – diz Johanna. – Mas também tivemos no passado uma relação muito forte com os Abnegados e não pensamos que seja correto afastar uma mão amiga que esteve estendida durante tanto tempo.

A voz dela é doce como o mel e flui, também, como se fosse mel, lenta e cautelosa. Limpo o suor da testa com as costas da mão.

– Pensamos que a única maneira de preservar a nossa relação com as duas facções é mantendo-nos imparciais e sem nos envolvermos – continua. – Mas a vossa presença aqui, apesar de ser bem-vinda, torna isso difícil.

Aí vem ela, penso.

– Chegámos à conclusão de que devemos fazer da nossa sede um refúgio para os membros de todas as facções – acrescenta –, mas com certas regras. A primeira é que nenhum armamento, de espécie alguma, será autorizado no nosso complexo. A segunda é que se houver algum conflito grave, seja ele verbal ou físico, todas as partes envolvidas terão de partir. A terceira é que o conflito não seja objeto de discussão, nem sequer em privado, dentro dos limites do nosso complexo. E a quarta é que toda a gente que aqui fique contribua com trabalho para o bem-estar desta comunidade. Transmitti-lo-emos aos Eruditos, aos Cándidos e aos Intrépidos assim que pudermos.

O olhar de Johanna cai sobre mim e Tobias e é em nós que se fixa.

– São bem-vindos e podem ficar se respeitarem as nossas regras e só se as cumprirem. É esta a nossa decisão – conclui.

Penso na arma que escondi debaixo do colchão e na tensão entre mim e Peter e entre Tobias e Marcus e sinto a boca a secar. Não sou lá muito boa a evitar conflitos.

– Não vamos poder ficar durante muito tempo – digo baixinho a Tobias.

Pouco antes, ele ainda estava a sorrir. Mas agora os lábios transformaram-se numa careta.

– Pois não.

Capítulo Três

Ao fim da tarde regresso ao quarto e meto a mão por baixo do colchão para ter a certeza de que a arma ainda está onde a deixei. Os meus dedos roçam o gatilho e sinto um aperto na garganta como se fosse uma reação alérgica. Tiro a mão e caio de joelhos junto à cama, engolindo o ar às golfadas até a sensação se dissipar.

O que é que se passa contigo? Abano a cabeça. Recompõe-te!

É o que sinto: como se estivesse a puxar para cima as várias partes de que sou feita, como se estivesse a apertar o atacador de um sapato. Sinto-me a sufocar mas, pelo menos, sinto-me forte.

Vejo um movimento na periferia da minha visão e espreito pela janela que dá para o pomar de macieiras. Johanna Reyes e Marcus Eaton caminham lado a lado, detendo-se no jardim das ervas aromáticas para arrancar algumas folhas de hortelã. E eu apresso-me a sair do quarto antes de tentar perceber o que me leva a querer segui-los.

Atravesso o edifício a correr, para não os perder de vista. Quando chego ao exterior, obrigo-me a ser mais cuidadosa. Contorno o extremo mais distante da estufa e, depois de ver Johanna e Marcus desaparecerem por entre uma fileira de árvores, dirijo-me para a outra fileira do lado, agachando-me e esperando que os ramos me escondam se algum deles olhar para trás.

– ... O que me faz confusão é o momento em que ocorre o ataque – está Johanna a dizer. – Será que foi quando a Jeanine acabou de o planear e passou à ação, ou terá havido algum incidente que o desencadeou?

Vejo o rosto de Marcus por entre o tronco fendido de uma árvore. Comprime os lábios e só faz um ruído:

– Hmm.

– Acho que nunca o saberemos. – Johanna soergue a sobrançelha do olho são. – Ou saberemos?

– Não, talvez não.

Johanna põe-lhe a mão no braço e volta-se para ele. Fico imóvel, com medo de que ela me veja, mas Johanna só tem olhos para Marcus. Encolho-me e rastejo até uma árvore que me ocultará melhor. A madeira arranha-me as costas mas nem me mexo.

– Mas *tu* sabes – prossegue Johanna. – Tu sabes por que motivo ela atacou nesse preciso momento. Posso já não pertencer aos Cándidos, mas ainda consigo perceber quando é que alguém não está a dizer-me a verdade.

– A curiosidade é uma demonstração de egoísmo, Johanna.

Se eu fosse Johanna ter-lhe-ia respondido agressivamente ao ouvir-lhe um comentário deste género. Mas a resposta dela é suave:

– A minha fação depende de mim para a aconselhar e se tu tens uma informação que é tão crucial, é importante que eu também a tenha para a poder partilhar com eles. Tenho a certeza que compreendes isso, Marcus.

– Há um motivo para que não saibas tudo aquilo que eu sei – diz Marcus. – Há algum tempo foi confiada aos Abnegados uma informação muito sensível. A Jeanine atacou-nos para a roubar. E se eu não tiver cuidado, ela destrui-la-á. É tudo o que posso dizer-te.

– Mas decerto que...

– Não – Marcus interrompe-a. – Esta informação é muito mais importante do que possas imaginar. A maioria dos dirigentes desta cidade arriscou as suas vidas para a manter a salvo da Jeanine, e perdeu-a, e

eu não vou agora pô-la em perigo só para satisfazer a tua curiosidade egoísta.

Johanna fica em silêncio. Está já tão escuro que eu mal consigo ver as minhas próprias mãos. O ar cheira a terra e a maçãs, e eu tento respirar sem ruído.

– Desculpa – diz Johanna. – Devo ter feito qualquer coisa que te leva a pensar que não sou de confiança.

– Da última vez que confiei esta informação ao representante de uma facção, os meus amigos foram todos assassinados – replica Marcus. – Já não confio em ninguém.

Não me contenho e inclino-me para a frente para poder ver o que se passa do outro lado da árvore. Tanto Marcus como Johanna estão demasiado absortos para darem pelo movimento que faço. Estão muito juntos, sem no entanto se tocarem, e nunca vi Marcus com uma aparência tão fatigada nem Johanna com um ar tão irritado. Mas a expressão dela suaviza-se ao pousar de novo a mão no braço de Marcus num gesto que, desta vez, é uma leve carícia.

– Para termos paz, temos primeiro de ter confiança – declara Johanna. – Espero, por isso, que mudes de ideias. Lembra-te de que fui sempre tua amiga, Marcus, mesmo quando não tinhas muitos amigos.

Johanna inclina-se para ele e dá-lhe um beijo na face e depois dirige-se para o fundo do pomar. Marcus fica por instantes onde está, aparentemente surpreendido, regressando depois ao complexo.

As revelações da última meia hora não me saem da cabeça. Eu pensara que Jeanine tivesse atacado os Abnegados para tomar o poder, mas afinal atacou-os para lhes roubar uma informação... que só eles possuíam.

Lembro-me de repente de uma coisa que disse Marcus: *A maioria dos dirigentes desta cidade arriscou as suas vidas para a manter a salvo.* Um desses dirigentes

seria o meu pai?

Preciso de saber. Tenho de descobrir que coisa pode ser tão importante que leve os Abnegados a morrer por ela... e os Eruditos a matar por ela.

*

Paro antes de bater à porta do quarto de Tobias e ponho-me à escuta do que se passa lá dentro.

– Não, não é *assim* – diz Tobias, no meio de gargalhadas.

– Que é que queres dizer com isso de não ser «*assim*»?! Consegui imitar-te na perfeição. – A segunda voz é a de Caleb.

– Não, não conseguiste.

– Então faz lá outra vez.

Abro a porta no momento em que Tobias, sentado no chão com uma perna estendida, atira uma faca de manteiga para a parede do outro lado. Fica presa, com o cabo para fora, num grande pedaço de queijo que colocaram no topo da cómoda. Caleb, a seu lado, olha sem acreditar para o queijo e depois para mim.

– Diz-me que ele é uma espécie de prodígio dos Intrépidos – pede-me o meu irmão. – Ou tu também consegues fazer isto?

Caleb está com melhor aspeto do que antes. Os olhos já não estão tão vermelhos e apresentam a sua habitual centelha de curiosidade, como se estivesse outra vez interessado no mundo que o rodeia. O cabelo castanho está todo emaranhado e os botões da camisa estão nas casas erradas. O meu irmão é encantador de uma maneira muito desajeitada, como se durante a maior parte do tempo não fizesse a menor ideia da aparência que tem.

– Com a minha mão direita talvez – respondo. – Mas, sim, o *Quatro* é uma espécie de prodígio entre os

Intrépidos. E posso perguntar *porque é que* estão a atirar facas ao queijo?

O olhar de Tobias fixou-se em mim ao ouvir-me dizer *Quatro*. Caleb não sabe que Tobias utiliza a alcunha para afirmar que é excelente.

– Caleb veio falar comigo de uma coisa – diz Tobias, encostando a cabeça à parede e olhando para mim. – E acabámos, nem sei porquê, a atirar as facas.

– Como tantas vezes acontece – replico, sem conter um pequeno sorriso.

Tobias parece muito descontraído, com a cabeça para trás e o braço pousado no joelho. Olhamos um para o outro durante mais alguns segundos do que é socialmente aceitável. Caleb pigarreja.

– Bem, tenho de voltar para o meu quarto – diz Caleb, olhando para mim e para ele, à vez. – Estou a ler um livro sobre os sistemas de filtragem de água. O miúdo que mo deu olhou para mim como se eu fosse maluco por querer lê-lo. Parece-me que é um manual de reparações mas é fascinante. – Faz uma pausa. – Desculpem. Vocês também devem pensar que sou maluco.

– De modo algum – garante Tobias, com uma sinceridade fingida. – Talvez tu também devesse ler esse manual de reparações, Tris. Penso que vais gostar.

– Posso emprestar-to – diz Caleb.

– Talvez mais tarde – replico. Depois de Caleb sair e fechar a porta deito a Tobias um olhar severo.

– Obrigadinha – digo-lhe. – Agora vai moer-me a cabeça com os sistemas de filtragem de água e o seu funcionamento. Embora me pareça que devo preferir isso ao assunto que ele gostaria de abordar comigo.

– Ah, sim? E qual é? – Tobias arqueia as sobrancelhas. – Aquaponia?

– Aqua... *quê*?

– É uma das maneiras como cultivam os alimentos

aqui. Não queiras saber.

– Tens razão, não quero – concordo. – De que é que ele veio cá falar contigo?

– De ti – responde Tobias. – Penso que foi para fazer de irmão mais velho. Do tipo «Não te metas com a minha irmã» e essas coisas.

Tobias levanta-se.

– O que foi que lhe disseste?

Aproxima-se de mim.

– Disse-lhe como nos conhecemos e como ficámos juntos... foi aí que surgiu a questão das facas. E disse-lhe que não andava a brincar contigo.

O calor invade-me todo o corpo. Tobias põe as mãos nas minhas ancas e encosta-me lentamente à porta. Os lábios dele vêm ao encontro dos meus.

Já nem me lembro porque é que aqui vim.

Nem me interessa.

Rodeio-lhe o corpo com a minha mão sã, puxando-o contra mim. Os meus dedos encontram a bainha da T-shirt e deslizam para o interior, espalhando-se pelas costas de Tobias. Ele transmite-me uma sensação de muita força.

Volta a beijar-me, desta vez com maior insistência, as mãos presas à minha cintura. A respiração dele, a minha, o corpo dele, o meu corpo... estamos tão juntos que nada nos distingue um do outro.

E depois Tobias recua, mas só alguns centímetros. Não o deixo ir mais longe.

– Não foi para isto que aqui vieste – diz ele.

– Não.

– Porque foi, então?

– Que interessa?

Meto-lhe os dedos pelo cabelo e puxo-lhe de novo a boca para a minha. Tobias não resiste mas, poucos segundos depois, encostado à minha face, murmura:

– Tris...

– Está bem, está bem. – Fecho os olhos. Vim ter com ele por um motivo realmente importante: contar-lhe o que ouvi.

Sentamo-nos na cama dele e eu começo do princípio. Conto-lhe como segui Marcus e Johanna até ao pomar. Falo-lhe na pergunta de Johanna sobre o momento do ataque desencadeado pela simulação e na resposta de Marcus, e no que ambos depois disseram. E ao mesmo tempo observo a expressão do rosto dele. Tobias não parece chocado nem curioso. Em vez disso, a sua boca toma o mesmo esgar amargo de sempre que se fala de Marcus.

– Então, que te parece? – pergunto-lhe, no fim.

– Parece-me – responde Tobias, cautelosamente – que o Marcus está a fazer-se mais importante do que é.

Mas não era esta a resposta que eu esperava.

– Então... ? Achas que ele está a dizer disparates?

– Penso que é provável que haja alguma informação que os Abnegados tivessem que Jeanine queria, mas ele deve estar a exagerar quanto à sua importância. E a tentar fortalecer ainda mais o seu próprio ego ao fazer a Johanna pensar que ele tem algo que ela quer e que ele não lhe dá.

– Não acho... –Franzo o sobrolho. – Não acho que tenhas razão. Ele não parecia estar a mentir.

– Não o conheces como eu. Ele é muito bom a mentir.

Tobias tem razão. Eu não conheço Marcus e muito menos o conheço tão bem como ele. Mas o meu instinto disse-me para acreditar em Marcus e, normalmente, eu confio no meu instinto.

– Talvez tenhas razão – digo-lhe. – Mas não deveríamos tentar descobrir o que se passa? Só para termos a certeza?

– Eu acho que é mais importante tratarmos da situação em que nos encontramos – responde Tobias. –

Devemos voltar à cidade. Descobrir o que lá se passa. Encontrar uma maneira de derrubar os Eruditos. E talvez nessa altura, depois de termos resolvido isto tudo, possamos descobrir de que estava o Marcus a falar. Está bem?

Aceno afirmativamente com a cabeça. Parece um bom plano, um plano inteligente. Mas eu não acredito em Tobias, não acredito que seja mais importante avançar do que descobrir a verdade. Quando eu descobri que era Divergente... quando descobri que os Eruditos iriam atacar os Abnegados... bem, estas revelações mudaram tudo. A verdade costuma alterar-nos os planos.

Mas é difícil convencer Tobias a fazer uma coisa que ele não quer e é ainda mais difícil justificar as minhas convicções apenas com base na minha intuição.

Por isso concordo com ele. Mas não mudo de opinião.

Capítulo Quatro

– A biotecnologia já existe há muito tempo mas nem sempre tem sido muito eficaz – diz Caleb. Começa a comer a côdea da torrada, depois de ter comido o miolo, como costumava fazer em criança.

Está sentado no refeitório, à minha frente, na mesa que fica mais próxima das janelas. Na beira da mesa de madeira estão gravadas as letras «D» e «T» unidas por um coração, tão pequeno que quase não os percebia. Passo os dedos pelos entalhes feitos na madeira enquanto Caleb prossegue:

– Mas os cientistas dos Eruditos criaram há pouco tempo uma solução mineral que é altamente eficaz. Para as plantas, é melhor do que estrume – diz. – É uma versão inicial da pomada que puseram no teu ombro e que faz acelerar o crescimento de células novas.

Os olhos dele estão animadíssimos com as novas informações que obteve. Nem todos os Eruditos são pessoas sedentas de poder e sem consciência, como a líder deles, Jeanine Matthews. Há quem seja como Caleb: fascinado com tudo, insatisfeito até conseguir descobrir como as coisas funcionam.

Apoio o queixo na mão e sorrio-lhe. Caleb parece mais animado esta manhã. Fico contente por ele ter encontrado algo que o distrai do seu desgosto.

– Portanto, os Eruditos e os Cordiais trabalham em conjunto, não é?

– Mais assiduamente do que os Eruditos e qualquer uma das outras fações – responde o meu irmão. – Não te lembras do livro da nossa aula de História das Fações? Chamam-lhes «as fações essenciais». Sem elas

não conseguiríamos sobreviver. Alguns dos textos dos Eruditos chamam-lhes «as fações valorizantes». E uma das missões dos Eruditos, como fação, é serem as duas coisas: essenciais e valorizantes.

Não me agrada muito perceber como a nossa sociedade precisa dos Eruditos para poder funcionar. Mas eles são de facto essenciais – sem eles, a agricultura seria ineficaz, os tratamentos médicos seriam insuficientes e não haveria progresso tecnológico.

Dou uma dentada na minha maçã.

– Não vais comer a tua torrada? – pergunta Caleb.

– O pão tem um sabor esquisito. Podes comê-la, se quiseres.

– Espanta-me a maneira como eles aqui vivem – diz o meu irmão enquanto me tira a torrada do prato. – São completamente autossuficientes. Têm as suas próprias fontes de energia, os seus próprios poços, um sistema de filtragem de água, as suas próprias fontes de alimento... São independentes.

– Independentes – repito – e pouco envolvidos. Deve ser porreiro.

E *é mesmo* porreiro, pelo que vejo. As grandes janelas perto da nossa deixam entrar uma quantidade de luz natural tão grande que me sinto como se estivesse no exterior, ao sol. Grupos de Cordiais estão espalhados pelas outras mesas, com as suas roupas de cores claras a contrastarem com as suas aparências bronzeadas. Em mim, no entanto, o amarelo torna-se uma cor muito pálida.

– Portanto, imagino que os Cordiais não foram uma das fações para as quais foste considerada apta – diz Caleb, com um sorriso.

– Não. – O grupo de Cordiais que está numa mesa pouco distante começa a rir-se às gargalhadas. Nem sequer olharam para nós desde que se sentaram para

comer. – Mas baixa a voz, está bem? Não é algo que queira divulgar.

– Desculpa – diz ele, inclinando-se mais para a mesa para poder falar mais baixo. – Então quais foram?

A pergunta dele põe-me tensa, leva-me a endireitar as costas.

– Porque é que queres saber?

– Tris... Eu sou teu irmão. Podes contar-me tudo.

Os olhos verdes dele nunca vacilam. Já largou os óculos que usava quando era membro dos Eruditos e que não lhe serviam para nada, trocando-os pela camisa cinzenta dos Abnegados e pelo cabelo curto que é a imagem de marca da facção. Tem a mesma aparência que tinha há alguns meses quando estávamos a viver cada um no seu lado do corredor, ambos a pensarmos na mudança de facção sem termos a coragem de o confessar. Não ter confiado suficientemente nele para lhe contar foi um erro que não quero cometer outra vez.

– Abnegados, Intrépidos – respondo – e Eruditos.

– *Três* facções? – Caleb arqueia as sobrancelhas.

– Sim. Porquê?

– É que me parece muito – responde o meu irmão. – Cada um de nós tinha de escolher um tema de pesquisa na iniciação dos Eruditos e o meu foi a simulação da prova de aptidão e por isso fiquei a saber muito sobre o modo como foi concebida. É mesmo difícil uma pessoa obter dois resultados, até porque o programa de facto não o permite. Mas obter *três*... Nem sequer tenho a certeza de como isso seja possível.

– Bem, a administradora das provas teve de alterar a prova – acrescento. – Ela forçou a situação do autocarro para poder excluir os Eruditos... só que os Eruditos não ficaram excluídos.

Caleb apoia o queixo na mão.

– Ela ultrapassou e controlou o programa. Como é

que a administradora das tuas provas sabia fazer uma coisa dessas? Não lhes costuma ser ensinado.

Franzo o sobrolho. Tori era uma especialista em tatuagens e uma simples voluntária para as provas de aptidão. Como é que saberia alterar o programa das provas? Se era assim tão boa a mexer em computadores seria só como passatempo, e eu duvido que um passatempo relacionado com computadores desse a alguém a capacidade de manipular uma simulação feita pelos Eruditos.

E nesse momento há uma das conversas que mantive com ela que me vem à memória: *Eu e o meu irmão somos transferências dos Eruditos para os Intrépidos.*

– Ela era dos Eruditos – afirmo. – Era uma transferência. Talvez fosse isso.

– Talvez – concede Caleb, tamborilando com os dedos, da esquerda para a direita, na face. Os nossos pequenos-almoços continuam diante de nós, esquecidos. – E que significado é que isso tem, relativamente à química do teu cérebro? Ou à tua anatomia?

Rio-me, antes de responder:

– Não sei. Tudo o que sei é que fico sempre consciente durante as simulações e que às vezes até consigo despertar por completo e sair delas por minha iniciativa. E há outras vezes em que não fazem efeito. Como a simulação que provocou o ataque.

– Como é que despertas? O que é que fazes?

– Eu... – Tento lembrar-me. Tenho a sensação de que foi há muito tempo que estive numa, embora só tivessem passado algumas semanas. – É difícil de dizer porque as simulações dos Intrépidos deviam terminar quando nos acalmávamos. Mas numa delas... naquela em que o Tobias percebeu o que eu era... eu fiz qualquer coisa que era impossível: quebrei um vidro só ao tocar-lhe com a mão.

A expressão de Caleb torna-se mais distante, como se estivesse a contemplar locais muito longínquos. Nada do que eu lhe descrevi aconteceu com ele na simulação da prova de aptidão. Por isso talvez esteja a pensar na sensação ou em como terá sido possível. Começo a corar – ele está a analisar o meu cérebro, como se analisasse um computador ou outra máquina.

– Ei! – digo-lhe. – Volta.

– Desculpa – diz o meu irmão, olhando de novo para mim. – É que...

– É fascinante, eu sei. Quando há qualquer coisa que te fascina ficas sempre com aspeto de alguém a quem foi extraída a vida.

Caleb ri-se.

– E se falássemos de outra coisa? – sugiro. – Pode não haver traidores dos Eruditos ou dos Intrépidos por aqui, mas dá sempre uma sensação estranha estar a falar destas coisas em público.

– Está bem.

Mas, antes de podermos continuar, as portas do refeitório abrem-se e entra um grupo de Abnegados. Usam roupas dos Cordiais, como eu, mas também, como é o meu caso, se percebe a que fação pertencem. Estão calados mas as expressões não são sombrias e até sorriem aos Cordiais por quem passam, inclinando a cabeça, e alguns detêm-se mesmo para trocar palavras agradáveis.

Susan senta-se junto de Caleb com um pequeno sorriso. O cabelo está puxado para trás, preso no seu habitual carrapito, mas o cabelo louro tem um brilho dourado. A distância a que ficam sentados é inferior à de simples amigos, embora não se toquem. Susan cumprimenta-me com um aceno de cabeça.

– Desculpem – diz. – Venho interromper alguma coisa?

– Não. Como estás? – pergunta Caleb.

– Estou bem. E vocês?

Eu já estou prestes a fugir do refeitório, sem querer estar a participar numa conversa cautelosa e muito cortês, típica dos Abnegados, quando aparece Tobias com uma expressão perturbada. Deve ter estado a trabalhar na cozinha esta manhã, no âmbito do nosso acordo com os Cordiais. Amanhã é a minha vez de ajudar na lavandaria.

– O que é que aconteceu? – pergunto-lhe quando ele se senta a meu lado.

– Com o entusiasmo que têm pela resolução de conflitos, os Cordiais parecem ter esquecido que as misturas geram ainda mais conflitos – responde Tobias. – Se ficamos aqui muito mais tempo, ainda vou acabar a dar um murro em alguém e não vai ser nada bonito.

Caleb e Susan olham para ele, arqueando as sobrancelhas. Alguns dos Cordiais que estão na mesa junto à nossa param de conversar e observam-nos.

– Ouviram, não ouviram? – pergunta-lhes Tobias. Todos eles desviam o olhar.

– Como eu estava a dizer – insisto, pondo a mão à frente da boca para esconder o meu sorriso –, o que é que aconteceu?

– Depois digo-te.

Deve ter tido a ver com Marcus. Tobias não gosta dos olhares desconfiados que os Abnegados lhe deitam quando ele se refere à crueldade de Marcus e, agora, Susan está sentada mesmo diante dele. Fecho as mãos no meu colo.

Os Abnegados estão sentados na nossa mesa a uma distância respeitosa de dois lugares e muitos deles cumprimentam-nos com acenos de cabeça. Eram amigos da minha família e vizinhos e colegas de trabalho e, antes de tudo isto, a presença deles ter-me-ia encorajado a ficar calada e a dar pouco nas vistas. Mas agora só faz com que eu queira falar mais alto e

distanciar-me o mais possível da minha antiga identidade e da mágoa que a acompanha.

Tobias fica como que paralisado quando uma mão me pousa no ombro, despertando picadas de dor em todo o meu braço direito. E até cerro os dentes para não me queixar.

– Ela foi ferida nesse ombro – diz Tobias sem olhar para o homem que está parado atrás de mim.

– As minhas desculpas. – Marcus tira a mão e senta-se à minha esquerda. – Olá.

– O que é que quer? – pergunto-lhe.

– Beatrice... – diz Susan, em voz baixa. – Não há necessidade de...

– Susan, por favor... – diz Caleb, também em voz baixa. Susan comprime os lábios e desvia o olhar.

Olho para Marcus, de sobrolho franzido.

– Fiz-lhe uma pergunta.

– Gostava de tratar de um assunto convosco – responde Marcus. A expressão dele é de calma mas nota-se a sua irritação, traída pela tensão da voz. – Os outros Abnegados e eu já o discutimos e decidimos que não ficaríamos aqui. Acreditamos que, dada a inevitabilidade de novos conflitos na cidade, seria egoísmo da nossa parte permanecermos aqui enquanto o que resta da nossa facção se mantém no interior da vedação. Gostaríamos de pedir-vos que nos escoltassem.

Não estava à espera disto. Porque é que Marcus quer regressar à cidade? É de facto uma decisão dos Abnegados ou terá ele a intenção de fazer alguma coisa quando lá chegar? Alguma coisa que terá a ver com a tal informação que os Abnegados têm?

Fico a olhar para ele durante alguns segundos e depois olho para Tobias. Está mais descontraído mas mantém os olhos cravados na mesa. Não percebo porque é que ele se porta assim quando o pai está por perto. Não há ninguém capaz de o fazer encolher-se.

Nem mesmo Jeanine.

– Que achas? – pergunto a Tobias.

– Acho que devíamos partir depois de amanhã – responde ele.

– Está bem. Obrigado – diz Marcus, levantando-se para se ir sentar no outro extremo da mesa, junto dos Abnegados.

Aproximo-me mais de Tobias, sem saber como poderei reconfortá-lo sem tornar as coisas piores. Pego na minha maçã com a mão esquerda e com a outra mão agarro a dele por baixo da mesa.

Mas não consigo tirar os olhos de Marcus. Quero saber mais sobre o que ele disse a Johanna. E às vezes, quando se quer saber a verdade, é necessário perguntar.

Capítulo Cinco

Depois do pequeno-almoço digo a Tobias que vou dar uma volta, mas em vez disso vou atrás de Marcus. Esperava que ele se dirigisse para o dormitório dos visitantes, mas atravessa o campo existente nas traseiras do refeitório e dirige-se para o edifício onde é feita a filtragem da água. Hesito no primeiro degrau. Será que quero mesmo fazer isto?

Subo os degraus e abro a porta que Marcus acabou de fechar quando entrou.

O edifício da filtragem é pequeno, tendo apenas uma sala cheia de máquinas gigantescas. Tanto quanto consigo perceber, algumas máquinas recebem a água suja de todo o complexo, outras purificam-na, outras ainda verificam a qualidade e as últimas bombeiam a água tratada para o conjunto do complexo. Os sistemas de canalização estão todos enterrados à exceção de um, que corre ao longo do solo para abastecer de água a central elétrica, junto à vedação. A central fornece energia a toda a cidade, utilizando uma combinação de água, energia eólica e energia solar.

Marcus está parado junto das máquinas que filtram a água, cujas tubagens são transparentes. Posso ver a água tingida de castanho que entra a grande velocidade por um dos tubos e que depois desaparece no interior da máquina de onde já sai limpa. Ficamos os dois a ver o sistema de purificação e pergunto a mim própria se ele estará a pensar o mesmo que eu: que seria ótimo que a vida fosse assim, com um processo que nos limpasse de toda a porcaria e que nos devolvesse ao mundo já puros. Mas há coisas que não se conseguem

limpar.

Concentro-me na nuca de Marcus. Tenho mesmo de fazer isto.

E já.

– Eu ouvi-o, no outro dia – digo, de repente.

Marcus volta-se, de imediato.

– Que estás tu aqui a fazer, Beatrice?

– Segui-o. – Cruzo os braços. – Ouvi-o enquanto estava a falar com a Johanna sobre aquilo que levou a Jeanine a atacar os Abnegados.

– Os Intrépidos ensinaram-te que é correto invadir a privacidade dos outros ou aprendeste isso sozinha?

– Sou uma pessoa naturalmente curiosa. Não mude de assunto.

Marcus tem o sobrolho franzido e notam-se as rugas da testa, em especial entre as sobrancelhas e junto à boca. Parece um homem que passou grande parte da sua vida de sobrolho franzido. Pode ter sido bonito quando era mais novo – e talvez ainda o seja para as mulheres da sua idade, como a Johanna – mas a única coisa que nele vejo, quando o observo melhor, são os olhos completamente negros que lhe vi na paisagem dos medos de Tobias.

– Se me ouviste a falar com a Johanna, sabes então que *nem a ela* contei. O que é que te faz pensar que eu vá partilhar essa informação *contigo*?

De início nem consigo responder. Mas depois já sei.

– O meu pai – respondo. – O meu pai está morto.

É a primeira vez que o digo desde que contei a Tobias durante a viagem de comboio que os meus pais tinham morrido por mim. O facto de uma pessoa estar morta era para mim uma coisa muito objetiva e desprovida de emoção. Mas quando essa recordação se mistura agora com os ruídos borbulhantes e com todos os restantes ruídos dos mecanismos dispostos na sala o que sinto é o impacto de um martelo no peito, que faz

despertar dentro de mim o monstro do desgosto, cujas garras já me dilaceram os olhos e a garganta.

Mas forço-me a continuar:

– Ele pode não ter realmente morrido devido à informação a que você estava a referir-se. Mas o que eu quero saber é se isso foi uma coisa que fez o meu pai arriscar a vida.

Os lábios de Marcus retorcem-se.

– Sim – responde. – Foi.

Os olhos enchem-se-me de lágrimas. Pestanejo para os limpar.

– Bem – começo, quase a sentir-me sufocar –, então que raio é que foi? Foi alguma coisa que vocês estavam a tentar proteger? Ou roubar? Ou... o quê?

– Foi... – Mas Marcus abana a cabeça. – Não, não te vou dizer.

Aproximo-me dele.

– Mas é uma coisa que você quer recuperar. E que a Jeanine tem em seu poder.

Marcus sabe mentir bem. Ou, pelo menos, sabe guardar segredos. Não tem a mínima reação. Gostaria de poder olhar para ele como Johanna olhou, como os Cândidos fazem. Gostaria de poder ler-lhe a expressão. Ele podia estar quase a dizer-me a verdade. Se o pressionar com força talvez ceda.

– Em troca eu podia ajudá-lo – sugiro.

Marcus enrugando o lábio superior.

– Não fazes a menor ideia de como isso é ridículo. – Fala-me como se cuspiasse as palavras. – Podes ter sido bem-sucedida ao travar a simulação que levou ao ataque, rapariga, mas foi apenas uma questão de sorte e não de capacidade. Eu até morreria de choque se conseguisses fazer mais alguma coisa de útil nos próximos tempos.

Este é o Marcus que Tobias conhece. O que sabe onde deve aplicar o golpe para poder causar maior dano.

O meu corpo estremece de fúria.

– Tobias tem razão a seu respeito – digo-lhe. – Você não é mais do que um pedaço de lixo arrogante e mentiroso.

– Ele disse isso, foi? – Marcus arqueia as sobrancelhas.

– Não – respondo. – Ele não fala assim tanto em si que dê para dizer uma coisa dessas. Fui eu que descobri sozinha. – Cerro os dentes. – Para ele já pouco vale. E, com o tempo, valerá bastante menos.

Marcus não me responde. Volta-se para a máquina de purificar a água. Fico a olhar para ele, sentindo-me triunfante, o som da água em movimento a combinar com o latejar dos meus ouvidos. Depois saio e não é senão quando estou a meio do campo que percebo que não ganhei. Foi Marcus quem ganhou o confronto.

Seja qual for a verdade, tenho de obtê-la de mais alguém porque a ele já não pergunto mais nada.

*

Nessa noite sonho que estou num descampado e que encontro um bando de corvos pousados no chão. Quando os afugento, percebo que estavam pousados sobre o corpo de um homem e a picar-lhe as roupas que são da cor cinzenta dos Abnegados. Levantam voo de repente e vejo que o homem caído é Will.

E depois desperto.

Enfio a cara na almofada e o que me sai da garganta não é o nome dele mas um soluço de dor que me cola o corpo ao colchão. Sinto novamente o monstro do desgosto a debater-se no vazio onde antes eu tinha o coração e o estômago.

Fico sem fôlego e levo as mãos ao peito. O monstro agarrou-se agora à minha garganta e já me impede de respirar. Contorço-me e ponho a cabeça entre os

joelhos, obrigando-me a respirar até a sensação de estrangulamento se desvanecer.

Tremo de frio, apesar de o ambiente estar aquecido. Saio da cama e vou até ao corredor, percorrendo-o sem ruído até chegar ao quarto de Tobias. As minhas pernas nuas quase brilham no escuro. A porta range quando a empurro e faz tanto barulho que o acorda. Fica a olhar para mim. E depois diz, bêbedo de sono:

– Anda cá. – Chega-se para o lado, para eu poder ter espaço na cama.

Eu devia ter pensado melhor nisto. Durmo vestida com uma T-shirt comprida que os Cordiais me emprestaram. Mal me tapa o traseiro e eu nem pensei em vestir um calção antes de vir para aqui. Tobias observa-me as pernas nuas e eu coro. Deito-me, a olhar para ele.

– Foram pesadelos? – pergunta-me.

Aceno afirmativamente com a cabeça. Não posso dizer-lhe que estou a ter pesadelos por causa de Will, senão terei de explicar-lhe porquê. E o que pensará ele de mim se souber o que fiz? Como é que passaria a ver-me?

A mão dele acaricia-me a face e o polegar roça lentamente pelo meu queixo.

– Estamos bem os dois, sabes? – diz Tobias. – Tu e eu. Certo?

Sinto uma dor no peito e faço que sim com a cabeça.

– O que nos rodeia está voltado do avesso. – Os sussurros dele fazem-me cócegas na face. – Mas nós estamos bem um com o outro.

– Tobias... – começo. Mas o que eu ia dizer-lhe perde-se nos meus pensamentos e encosto os meus lábios aos dele porque sei que beijá-lo me distrairá de tudo o resto.

E ele beija-me também. A mão dele passa da minha face ao meu corpo e acomoda-se à curva da minha

cintura, contornando-me a anca e deslizando depois para a minha perna, o que me faz estremecer. Encosto-me mais a ele e rodeio-o com uma perna. O nervosismo é como um zumbido dentro da minha cabeça, mas o resto do meu corpo sabe perfeitamente o que está a fazer porque o ritmo que o percorre é todo igual e todo ele deseja a mesma coisa: fugir e tornar-se uma parte do corpo dele.

A boca de Tobias move-se contra a minha e a mão dele sobe por baixo da minha T-shirt e eu não lhe travo o gesto, embora o devesse fazer. Em vez disso suspiro ligeiramente e sinto uma vaga de calor na cara que me embaraça. Mas ele não me ouviu ou não lhe deu atenção porque a mão desce até ao fim das minhas costas, puxando-me depois contra ele. Sinto os dedos de Tobias a subirem-me pelas costas, acompanhando-me a coluna. A camisola enrola-se e eu não a puxo para baixo mesmo quando sinto o ar frio no meu estômago nu.

Tobias beija-me o pescoço e eu agarro-me ao ombro dele para me firmar, apanhando-lhe a camisola com a mão. A mão dele sobe até à minha nuca e rodeia-me o pescoço. A minha camisola enrola-se no braço dele e os nossos beijos tornam-se desesperados. Percebo que tenho as mãos a tremer devido à energia nervosa que corre dentro de mim e por isso agarro-lhe o ombro com mais força para ele não dar por isso.

Nessa altura, os dedos de Tobias passam pelo penso que tenho no ombro e sou atravessada por um dardo de dor. Não me magoou muito mas arrasta-me de novo para a realidade. Não posso estar com ele *desta maneira* se um dos motivos for a necessidade de distrair as atenções do meu desgosto.

Encosto-me para trás e puxo lentamente para baixo a bainha da T-shirt, para me cobrir outra vez. Ficamos imóveis por instantes, com as nossas respirações

pesadas a misturarem-se. Não quero chorar – esta não é uma boa altura para começar a chorar e eu tenho de o evitar –, mas não consigo impedir as lágrimas de me inundarem os olhos, por mais vezes que pestaneje.

– Desculpa – digo-lhe.

E ele responde-me, quase severo:

– Não peças desculpa. – E limpa-me as lágrimas da cara com a mão.

Sei que sou frágil, baixa e estreita de cintura, como uma ave pequena sempre preparada para se lançar a voar. Mas quando ele me toca, como se não conseguisse arrancar a mão do meu corpo, já não desejo ser diferente.

– Não queria que fosse assim uma confusão – digo-lhe, com uma voz hesitante. – Mas sinto-me tão... – Abano a cabeça.

– Tudo isto está errado – diz ele. – Pouco importa que os teus pais possam estar num sítio melhor. Não estão contigo, Tris, e isso está mal. Não devia ter acontecido. Não devia ter-te acontecido a ti. E quem disser que está bem assim é um mentiroso.

Um soluço agita-me o corpo todo e ele rodeia-me o corpo com os braços com tanta força que até tenho dificuldade em respirar. Mas já não interessa. O meu choro tão digno cede o lugar a uma coisa feia, à minha boca aberta e a um rosto tão congestionado que o som que me sai da garganta é o de um animal que está a morrer. Se isto continua vou ficar desfeita, e talvez seja melhor assim porque será melhor ir-me abaixo e deixar de resistir.

Tobias só volta a falar quando eu me acalmo.

– Dorme – diz. – Eu afastarei os pesadelos se eles vierem atormentar-te.

– Com quê?

– Com as minhas mãos, obviamente.

Agarro-me à cintura dele com o braço e, apoiada ao

ombro dele, respiro fundo. Tobias cheira a suor e a ar fresco e a hortelã, devido à pomada que às vezes utiliza para descontrair os músculos doridos. Cheira também a segurança, a passeios à luz do sol pelo pomar e a pequenos-almoços silenciosos no refeitório. E quando estou quase a adormecer esqueço-me da nossa cidade devastada pela guerra e do conflito que virá em breve ao nosso encontro se não formos nós antes ao encontro dele.

Quando estou prestes a adormecer, ouço-o sussurrar: «Amo-te, Tris.»

E só não digo o mesmo por já estar profundamente adormecida.

Capítulo Seis

Acordo de manhã ao som de uma máquina de barbear. Tobias está diante do espelho, de cabeça inclinada para o lado para poder ver o maxilar.

Puxo os joelhos para cima, ainda dentro dos lençóis, e olho para ele.

– Bom dia – diz Tobias. – Dormiste bem?

– Sim. – Levanto-me e, quando ele inclina a cabeça para trás para se ocupar do queixo com a máquina, envolvo-o com os braços e encosto a testa às costas dele, onde a tatuagem dos Intrépidos está mal escondida pela camisola.

Tobias pousa a máquina e cobre as minhas mãos com as dele. Nenhum de nós quebra o silêncio. Ouço-o respirar e ele toca-me suavemente nas pontas dos dedos, esquecido do que estava a fazer.

– Tenho de ir arranjar-me – digo-lhe. Sinto alguma relutância em deixá-lo mas devo ir trabalhar para a lavandaria e não quero que os Cordiais digam que não estou a cumprir a minha parte do acordo que nos propuseram.

– Vou arranjar-te qualquer coisa para vestires – diz ele.

Sigo pelo corredor fora alguns minutos depois, descalça e vestida com a T-shirt com que dormi e com calções emprestados pelos Cordiais a Tobias. Quando chego ao meu quarto vejo Peter junto da minha cama.

O instinto faz-me endireitar as costas e procurar um objeto com que possa defender-me.

– Vai-te embora – digo-lhe o mais firmemente que consigo. Mas é difícil impedir a voz de tremer. Não

consigo deixar de me lembrar da expressão no olhar dele quando me segurou pelo pescoço por cima do abismo ou quando me empurrou contra a parede no quartel-general dos Intrépidos.

Volta-se para me ver melhor. O olhar que me deita não tem a maldade que lhe é habitual. Parece é estar exausto, com uma postura alquebrada e o braço ferido pendurado ao peito. Mas a atitude dele não me ilude.

– Que estás tu a fazer no meu quarto?

Peter aproxima-se de mim.

– E que estavas tu a fazer quando foste atrás do Marcus? Vi-vos ontem depois do pequeno-almoço.

Sustenho-lhe o olhar com firmeza e respondo:

– Não tens nada a ver com isso. Vai-te embora.

– Vim cá porque não sei o que é que te faz guardar o disco rígido – diz Peter. – Não me pareces muito estável, nesta altura.

– *Eu* é que não estou estável?! – Solto uma gargalhada. – Acho que isso até tem piada, vindo de ti.

Peter comprime os lábios e cala-se.

Semicerro os olhos. Pergunto-lhe:

– E porque é que estás tão interessado no disco rígido?

– Eu não sou estúpido. Sei que contém mais do que os dados da simulação – responde.

– Não és estúpido, não. Pensas que se o entregares aos Eruditos eles te perdoarão a asneira e voltarás a cair nas boas graças deles.

– Não quero as boas graças deles – declara Peter, dando mais um passo em frente. – Se quisesse, não te teria ajudado no quartel-general dos Intrépidos.

Espeto-lhe o dedo indicador no peito, cravando-lhe a unha na pele.

– Só me ajudaste porque não quiseste que eu te desse outro tiro – declaro.

– Posso não ser um traidor às fações e um fã dos

Abnegados, mas ninguém me controla – replica, agarrando-me o dedo. – Muito especialmente os Eruditos.

Revirando a mão, para ele não me conseguir segurar, solto-a dos dedos dele. Tenho as mãos suadas.

– Não espero que compreendas – afirmo, limpando as mãos à bainha da minha camisola e aproximando-me da cómoda. – Tenho a certeza que se fossem os Cándidos e não os Abnegados a serem atacados até terias deixado que matassem a tua família com tiros entre os olhos e sem protestares. Mas eu não sou assim.

– Tem cuidado com o que vais dizer sobre a minha família, Empata. – Peter acompanha os meus movimentos enquanto me aproximo da cómoda, mas coloco-me de modo a ficar entre ele e as gavetas. Não vou revelar-lhe onde escondi o disco, pegando nele enquanto Peter aqui se encontra, mas também não quero deixar-lhe o caminho livre para ele lhe poder chegar.

Os olhos dele saltam para a cómoda atrás de mim, para o seu lado esquerdo, onde escondi o disco. FRANZO o sobrolho enquanto o observo e depois reparo numa coisa em que ainda não tinha reparado: num dos bolsos tem um objeto quadrado.

– Dá-me isso – digo-lhe. – Já.

– Não.

– Dá-me isso ou, seja lá como for, mato-te enquanto estiveres a dormir.

Peter faz um sorriso trocista.

– Se conseguisses ver como és ridícula quando te pões a ameaçar pessoas. Tal qual uma miúda a dizer-me que me estrangula com a corda de saltar.

Avanço para ele e ele recua, a caminho da porta.

– Não me chames «miúda».

– Chamo-te o que eu quiser.

Entro em ação, fazendo pontaria com o punho

esquerda ao ponto onde sei que lhe será mais doloroso: o ferimento de bala que tem no braço. Ele esquiva-se ao golpe mas, em vez de tentar outra vez, agarro-lhe muito simplesmente o braço e torço-o todo. Peter berra a plenos pulmões e, enquanto está distraído pela dor, dou-lhe um pontapé forte no joelho e ele cai ao chão.

O corredor enche-se de pessoas vestidas de cinzento, de preto, de amarelo e de vermelho. Peter ataca-me semiagachado e consegue esmurrar-me no estômago. Curvo-me sobre mim própria mas a dor não me imobiliza – da boca sai-me um som que é algo entre um grito e um gemido e o que faço é atirar-me a ele, com o meu cotovelo esquerdo erguido à altura do rosto para poder atingi-lo na cara.

Um dos Cordiais agarra-me pelos braços e afasta-me de Peter, quase me levantando do chão. A ferida do meu ombro lateja mas a adrenalina faz com que eu quase não a sinta. Tento novamente atingi-lo, enquanto procuro ignorar os rostos atónitos dos Cordiais e dos Abnegados – e de Tobias também – que me rodeiam e enquanto uma mulher se ajoelha junta de Peter, a dizer-lhe qualquer coisa num tom de voz reconfortante. Procuro ignorar os gemidos de dor dele e o sentimento de culpa que me revolve o estômago. Odeio-o. E nada mais me importa. Odeio-o.

– Tris, acalma-te! – diz Tobias.

– Ele tem o disco! – grito-lhe. – Roubou-mo! É ele que o tem!

Tobias aproxima-se de Peter, ignorando a mulher ajoelhada junto dele, e pousa-lhe o pé no peito para o impedir de se mexer. Depois baixa-se, mete a mão no bolso de Peter e retira o disco.

E de seguida diz-lhe, muito suavemente:

– Não vamos ficar num refúgio para sempre e isto não foi muito inteligente da tua parte. – Depois volta-se para mim. – Nem da tua. Queres que nos expulsem?

Olho em redor com uma expressão ameaçadora. O homem dos Cordiais que me agarrou começa a puxar-me para o corredor e eu tento livrar-me das mãos dele, gritando-lhe:

– Que acha que está a fazer?! Largue-me!

– Violou os termos do nosso acordo de paz – responde ele, com cortesia. – Temos de seguir o protocolo.

– Vai – diz-me Tobias. – Precisas de te acalmar.

Perscruto os rostos das pessoas que nos rodeiam. Ninguém contraria o que ele disse. Olham para mim. E eu tenho de aceitar que dois homens dos Cordiais me escoltem pelo corredor fora.

– Cuidado com o chão – diz-me um deles. – As tábuas aqui são um pouco irregulares.

Tenho a cabeça a latejar, que é um sinal de que já estou a ficar mais calma. O Cordial de cabelo grisalho abre uma porta à esquerda. Um sinal na porta diz «Sala dos Conflitos».

– Vão fechar-me aqui ou alguma coisa parecida? – pergunto-lhes, de sobrolho franzido. É uma coisa que os Cordiais são capazes de fazer: fecharem uma pessoa num sítio durante algum tempo para a ensinarem a fazer movimentos respiratórios purificadores ou a ter pensamentos positivos.

A sala tem uma iluminação tão viva e brilhante que eu tenho de semicerrar os olhos para conseguir ver. A parede do lado oposto tem janelas grandes que dão para o pomar. Apesar disso, a divisão parece pequena, talvez devido à pouca altura do teto que, como as paredes e o chão, está revestido com placas de madeira.

– Sente-se, por favor – diz o homem mais velho, apontando para o banco que está no meio da sala. Como todo o mobiliário da sede dos Cordiais, é feito de madeira não polida e sólida, como se ainda estivesse preso à terra.

Não me sento.

– A luta terminou – declaro. – Não voltarei a fazer isto. Aqui, pelo menos.

– Temos de seguir o protocolo – diz o homem mais novo. – Sente-se, por favor, e vamos debater o que aconteceu. Depois pode sair.

Falam com vozes suaves. Num tom de voz que não é murmurado como o dos Abnegados, que parecem andar sempre sem qualquer intenção de fazerem mal a uma mosca. As vozes são suaves, calmantes e expressam-se num tom de voz tranquilo – o que me faz perguntar a mim própria se ensinarão isso aqui aos iniciados. Como falar, andar, sorrir e estimular a paz.

Não quero sentar-me mas é o que faço, empoleirada na beira do banco para, se necessário, me levantar mais rapidamente. Diante de mim está o homem mais novo. Ouço um rangido atrás de mim. Olho por cima do ombro e vejo que o mais velho está a mexer em qualquer coisa numa bancada.

– O que está a fazer? – pergunto.

– Chá – responde ele.

– Não me parece que chá seja a solução para isto.

– Então diga-nos – intervém o homem mais novo, atraindo a minha atenção para as janelas. – Qual é que acha que seja a solução?

– Expulsar o Peter.

– Parece-me – diz-me o homem suavemente – que foi você que o atacou. Aliás, foi você que lhe deu um tiro no braço.

– E você não faz a menor ideia do que ele fez para o merecer. – Tenho novamente as faces vermelhas, a latejar ao ritmo do meu coração. – Ele tentou matar-me. E também já tentou matar outra pessoa. E furou um olho a mais alguém... com uma faca de manteiga. Ele é mau. E eu tinha mais do que o direito de...

Sinto uma dor aguda no pescoço. Uma parede de

pontos negros quase oculta o homem que está à minha frente e a já nem lhe vejo o rosto.

– Desculpe, minha querida – diz ele. – Estamos só a seguir o protocolo.

O homem mais velho empunha uma seringa, que ainda tem algumas gotas daquilo com que ele me injetou. São de um verde brilhante, da cor da relva. Pestanejo rapidamente e os pontos negros desaparecem mas o mundo continua a nadar à minha frente, como se eu estivesse a oscilar para trás e para a frente numa cadeira de balanço.

– Como é que se sente? – pergunta o homem mais novo.

– Sinto-me... – *Zangada*. Era o que eu ia dizer. Zangada com Peter, zangada com os Cordiais. *Mas isso não é verdade, pois não?* Sorrio. – Sinto-me bem. Sinto-me um pouco como... como se estivesse a flutuar. Ou a oscilar. E você? Como é que se sente?

– As tonturas são um efeito colateral do soro. Pode ter vontade de descansar esta tarde. E eu estou bem. Obrigado por perguntar – responde ele. – Agora pode ir-se embora, se quiser.

– Pode dizer-me onde é que encontro o Tobias? – pergunto. Quando me lembro do rosto dele, o afeto que sinto por Tobias ergue-se, borbulhante, dentro de mim e a única coisa que tenho vontade de fazer é beijá-lo. – O Quatro, quero eu dizer. Ele é bonito, não é? Não sei porque é que ele gosta tanto de mim. Eu não sou assim tão simpática, pois não?

– Não, na maior parte do tempo não – responde o homem. – Mas acho que poderia ser, se tentasse.

– Obrigada. É agradável da sua parte dizer isso.

– Acho que o encontrará no pomar – acrescenta ele. – Vi-o ir lá para fora depois da luta.

Dou uma pequena gargalhada.

– A luta. Que coisa tão parva... – digo.

E parece-me, de facto, uma coisa parva enfiar assim o punho no corpo de alguém. É como uma carícia, mas com demasiada força. Uma carícia é uma coisa muito mais simpática. Talvez devesse ter passado a minha mão pelo braço de Peter, em vez disso. Teria sido bem melhor para nós os dois. Os nós dos meus dedos não estariam agora a doer-me.

Ponho-me em pé e oriento-me até chegar à porta. Tenho de encostar-me à parede para me equilibrar mas a parede é firme e por isso eu não me importo. Vou a cambalear pelo corredor, a rir-me da minha incapacidade de manter o equilíbrio. Estou de novo tão desajeitada como era quando era mais nova. A minha mãe costumava sorrir e dizer-me: «Vê lá onde pões os pés, Beatrice. Não quero que te magoes.»

Saio para o exterior e o verde das árvores parece ainda mais verde, tão forte que quase o posso saborear. E talvez eu possa mesmo saboreá-lo e ele seja como a erva que quis mastigar quando era criança, só para perceber qual era o sabor. Quase caio nas escadas porque continuo a ver as coisas a andar à roda e desato a rir-me às gargalhadas ao sentir as cócegas que as ervas me causam nos pés descalços. Dirijo-me ao pomar.

– Quatro! – chamo. Mas porque é que estou a chamar por um número. Ah, já sei. Porque é o nome dele. Volto a chamá-lo. – Quatro! Onde estás?

– Tris? – pergunta uma voz vinda das árvores à minha direita. Até parece que é uma árvore que está a falar comigo. Rio-me mas é claro que é só o Tobias, escondido por baixo de um ramo.

Corro para ele e o chão inclina-se e eu quase caio. A mão dele toca-me na cintura e ajuda-me a recuperar o equilíbrio. O toque dele faz disparar um choque elétrico pelo meu corpo e sinto o meu interior a arder como se os dedos dele tivessem acendido esse fogo. Aproximo-

me mais de Quatro, empurrando o meu corpo contra o dele, e levanto a cabeça para o beijar.

– O que foi que eles... – começa Tobias, mas eu silencio-o com os meus lábios. Corresponde ao meu beijo mas demasiado depressa e eu suspiro.

– Isso foi um bocado fatela – digo-lhe. – Bem, não foi bem, mas...

Ponho-me em bicos dos pés para voltar a beijá-lo e ele pressiona os meus lábios com o dedo para me travar.

– Tris – diz-me ele –, o que foi que te fizeram? Estás a agir como uma maluquinha.

– Não é simpático dizeres uma coisa dessas – afirmo. – Puseram-me bem disposta, só isso. E agora eu quero mesmo beijar-te e portanto se tu te acalmasse...

– Não vou beijar-te. Vou é descobrir o que se passa.

Amuo, por instantes, mas depois sorrio quando as peças ficam todas arrumadas na minha cabeça.

– É por isso que gostas de mim! – exclamo. – Porque também não és muito simpático! Isso agora já faz mais sentido.

– Vem comigo – diz-me. – Vamos falar com a Johanna.

– Eu também gosto de ti.

– Isso é bom – declara Tobias, secamente. – Vamos lá. Oh, por amor de Deus! É melhor ser eu a levar-te.

Tobias pega em mim, com um braço por baixo dos meus joelhos e o outro a apoiar-me as costas. Agarro-me ao pescoço dele e dou-lhe um beijo na face. E depois descubro que a sensação do ar a bater-me nos pés é agradável e começo a agitá-los para cima e para baixo enquanto ele se dirige ao edifício onde trabalha Johanna.

Quando chegamos ao gabinete dela, Johanna está sentada a uma secretária com um monte de papéis pela frente, a roer uma borracha. Olha para nós e entreabre

os lábios. Uma madeixa de cabelo negro cobre-lhe a metade esquerda do rosto.

– Não devia esconder a sua cicatriz – digo-lhe. – Fica mais bonita quando não tem o cabelo na cara.

Tobias põe-me no chão com força de mais. O impacto agita-me e causa-me uma dor no ombro mas o som dos meus pés a bater no chão agrada-me. Rio-me mas nem Johanna nem Tobias se riem. É estranho.

– Que foi que lhe fizeram? – pergunta Tobias, com severidade. – Que raio é que lhe fizeram?!

– Eu... – Johanna olha para mim de sobrolho franzido. – Devem ter-lhe dado uma dose demasiado grande. Ela é pequena e provavelmente não consideraram a altura e o peso dela.

– Devem ter-lhe dado uma dose demasiado grande *de quê?* – insiste Tobias.

– A tua voz é agradável – declaro.

– Tris, por favor cala-te – diz-me ele.

– É o soro da paz – responde Johanna, finalmente. – Em doses pequenas tem um efeito suave e calmante e melhora a disposição. O único efeito secundário são as tonturas. Damo-lo aos membros da nossa comunidade que têm dificuldade em manter a paz.

Tobias funga, desdenhoso.

– Não me queira fazer passar por idiota. *Todos* os membros da sua comunidade têm dificuldade em manter a paz porque são todos humanos. Possivelmente põem-no na água que bebem, não é?

Johanna dobra as mãos e não responde.

– Percebe, com certeza, que não é esse o caso ou então este conflito nem teria ocorrido – acaba por dizer. – Mas o que quer que aqui façamos é feito em conjunto, como fação que somos. Se eu pudesse dar o soro a todos os habitantes da cidade, fá-lo-ia. E vocês não estariam na situação em que hoje se encontram se eu o tivesse feito.

– Oh, pois claro – replica Tobias. – Drogar toda a população é a melhor solução para o nosso problema. Que belo plano!

– O sarcasmo não é bonito, Quatro – diz Johanna, calmamente. – Eu lamento imenso o erro que foi dar uma dose demasiado grande a Tris, a sério que lamento. Mas ela violou os termos do nosso acordo e eu receio que, em resultado disso, já não possam permanecer aqui durante muito mais tempo. O conflito entre ela e o outro rapaz, o Peter, não é coisa que possamos esquecer.

– Não se preocupe – torna Tobias. – Tencionamos partir assim que for humanamente possível.

– Ótimo – diz Johanna, com um pequeno sorriso. – A paz entre os Cordiais e os Intrépidos só existe quando mantemos a distância.

– Isso explica muita coisa.

– Desculpe mas... que quer dizer com isso? Que está a insinuar?

– Que isso explica – responde Tobias, de dentes cerrados – porque é que, a pretexto da *neutralidade*, e como se isso fosse possível, nos tenham deixado morrer às mãos dos Eruditos!

Johanna suspira, mantendo a sua aparência calma, e olha pela janela, para o pequeno pátio de trepadeiras. As folhas já chegam aos cantos da janela, como se quisessem entrar e juntar-se à nossa conversa.

– Os Cordiais não fariam uma coisa dessas – afirmo. – Seria uma malvadez.

– É para mantermos a paz que não nos envolvemos... – começa Johanna.

– Paz. – Tobias diz a palavra quase como se a cuspisse. – Pois, tenho a certeza de que será tudo muito pacífico quando nós estivermos todos mortos ou de espinha curvada e submissos perante a ameaça do controlo mental, ou encurralados numa simulação que

nunca acaba.

O rosto de Johanna contorce-se e eu imito-a para tentar perceber como é ter uma cara como a dela. Mas não me parece lá muito bem. Não consigo é perceber o que a levou a fazê-lo.

– Não era eu que podia decidir – diz Johanna, lentamente. – Se pudesse, talvez esta conversa fosse diferente.

– Está a dizer que discorda deles?

– O que eu estou a dizer – responde Johanna – é que não me compete discordar publicamente da minha fação, mas que poderei discordar dela na privacidade do meu próprio coração.

– A Tris e eu partiremos dentro de dois dias – declara Tobias. – Espero que a sua fação não mude de ideias quanto à possibilidade de fazer deste complexo um refúgio.

– As nossas decisões não são facilmente alteradas. E o Peter?

– Terá de ocupar-se dele em separado – responde Tobias – porque ele não nos acompanhará.

Tobias pega-me na mão e a sensação da pele dele em contacto com a minha é agradável, embora ele tenha uma pele que não é suave nem macia. Sorrio a Johanna, como quem pede desculpa, mas a expressão dela não se altera.

– Quatro – diz ela, de repente –, se não quiser sentir... os efeitos do soro, talvez seja preferível evitar comer pão. E os seus amigos também.

Tobias agradece-lhe, por cima do ombro, enquanto descemos as escadas. E eu coloco os pés degrau sim, degrau não.

Capítulo Sete

Os efeitos do soro desaparecem cinco horas depois, quando o sol já está a pôr-se. Tobias fechou-me no quarto durante o resto do dia e vem ver como eu estou a cada hora que passa. Desta vez, quando ele entra, encontra-me sentada na cama e a olhar para a parede.

– Graças a Deus – desabafa, com a testa encostada à porta. – Já estava a começar a pensar que isso não passava e que eu teria de te deixar cá para... cheirares flores ou para fazeres o que quisesse enquanto isso estivesse a fazer efeito.

– Vou matá-los – replico. – Vou mesmo matá-los a todos.

– Não penses nisso. Estamos prestes a ir-nos embora, de qualquer modo – diz-me Tobias, fechando a porta atrás dele e tirando o disco do bolso das calças. – Pensei em escondermos isto atrás da tua cómoda.

– Era onde estava.

– Exatamente. E é por isso que o Peter não o vai procurar aqui outra vez. – Tobias afasta a cómoda da parede com uma mão e enfia o disco atrás do móvel com a outra.

– Porque é que eu não consegui lutar contra o soro da paz? – pergunto-lhe. – Se o meu cérebro é suficientemente esquisito para resistir ao soro da simulação, porque é que não resiste a este?

– Não sei, de facto – responde Tobias, sentando-se junto a mim na cama e ajeitando o colchão. – Talvez para lutar contra um soro seja necessário querer lutar.

– Bem, é óbvio que eu queria – replico, frustrada, mas sem conseguir ter a convicção de que é verdade o

que estou a dizer. Terei mesmo querido lutar contra ele? Ou achei agradável esquecer a zanga, a dor e tudo o mais durante algumas horas?

– Às vezes – diz Tobias, passando o braço por cima dos meus ombros – as pessoas só querem ser felizes, mesmo que a vida real não seja assim.

Ele tem razão. Mesmo agora, esta paz em que nós os dois nos encontramos advém de não falarmos das coisas – de Will, dos meus pais, de eu ter estado quase a dar-lhe um tiro na cabeça, de Marcus. Mas eu não me atrevo a perturbar esta sensação de paz com a verdade, porque é esta calma que me dá força.

– Talvez tenhas razão – digo-lhe, em voz baixa.

– Estás a aceitar o que eu estou a dizer?! – pergunta Tobias, de boca aberta, numa expressão de surpresa fingida. – Até parece que o soro te fez bem, afinal...

Dou-lhe um encontrão com toda a minha força.

– Retira o que disseste. Retira já o que disseste!

– Está bem, está bem! – Tobias levanta as mãos. – É só que... eu também não sou assim tão simpático, sabes? É por isso que eu gosto tanto de ti...

– Sai! – exclamo, apontando para a porta.

A rir-se para si próprio, Tobias dá-me um beijo na face e sai.

*

Ao fim da tarde ainda me sinto demasiado embaraçada pelo que aconteceu e por isso não vou jantar, passando o tempo nos ramos de uma macieira numa das extremidades do pomar, a apanhar maçãs maduras. Subo o mais alto que consigo para as apanhar, sentindo o ardor que o esforço me causa nos músculos. Já descobri que ficar parada abre pequenas brechas para o desgosto entrar, e por isso prefiro manter-me ocupada.

Estou a limpar a testa com a fralda da camisa, de pé num ramo, quando ouço o som. De início quase nem o ouço e depois há um ponto em que quase nem o distingo do zumbido feito pelas cigarras. Mas fico imóvel, e à escuta, e instantes depois já percebo a sua origem: são veículos motorizados.

Os Cordiais têm cerca de um dezena de camiões que utilizam para transportar os seus produtos mas só o fazem ao fim de semana. Sinto uma sensação de formigueiro na nuca. Se não são os Cordiais, serão provavelmente os Eruditos. Mas preciso de ter a certeza.

Agarro-me ao ramo por cima de mim com as duas mãos mas depois iço-me só com a força do meu braço esquerdo. Surpreende-me que ainda o consiga fazer. Fico encolhida, com os ramos e as folhas a revolverem-me o cabelo. Algumas maçãs caem para o chão quando me ajeito melhor. As macieiras não são muito altas; talvez não consiga ver muito mais longe.

Equilibrando-me com as mãos, utilizo os ramos mais próximos como degraus, subindo por entre o labirinto de ramos e de folhas que rodeia a copa da árvore. Lembro-me de como trepei pela roda gigante no pontão, com os músculos a tremer e as mãos a latejar. Agora estou ferida, mas sinto-me mais forte, e a subida parece ser mais fácil.

Os ramos começam a ficar mais finos e mais fracos. Humedeço os lábios e olho para o ramo seguinte. Preciso de subir o mais alto possível mas o ramo a que quero agarrar-me é curto e parece pouco firme. Ponho o pé nele, testando-lhe a resistência. Dobra-se mas aguenta-se. Começo a levantar-me para poder assentar também o outro pé e o ramo parte-se.

Caio, perdendo o fôlego, e é já no último instante que me agarro ao tronco da árvore. Não vou conseguir subir mais alto. Ponho-me em bicos dos pés e semicerro os

olhos enquanto me concentro no ponto de onde vem o som.

De início só vejo uma extensão de terra cultivada, um terreno deserto, uma cerca, e os campos e uma parte dos edifícios que ficam do outro lado dela. Mas depois já vejo os pontos em movimento que se aproximam do portão e que brilham com reflexos metálicos ao contacto com a luz: são carros com tejadilhos pretos e painéis solares, o que só quer dizer uma coisa – são os Eruditos.

Deixo o ar sair como um silvo por entre os dentes. Nem quero perder tempo a pensar. Ponho um pé em baixo e depois o outro e desço tão rapidamente que a casca da árvore começa a soltar-se e eu quase deslizo para o chão. Assim que aterro, começo a correr.

Conto as fileiras de árvores enquanto vou passando por elas. *Sete, oito*. Os ramos são mais baixos e eu passo a rasar debaixo deles. *Nove, dez*. Apoio o braço direito no peito e corro ainda mais depressa, sentindo o ferimento do meu ombro a latejar a cada passo que dou. *Onze, doze*.

Quando chego à décima terceira fileira, atiro o meu corpo para o lado direito e corro por entre as árvores. Aqui as macieiras estão mais juntas. Os ramos das várias árvores misturam-se, dando origem a um labirinto de folhas, ramos e maçãs.

Sinto picadas nos pulmões devido à falta de oxigénio mas já não estou longe do fim do pomar. O suor já me inunda as sobancelhas. Chego ao refeitório e abro a porta de rompante, abrindo caminho pelo meio de um grupo de Cordiais até o encontrar: Tobias está sentado ao fundo do refeitório com Peter, Caleb e Susan. Mal os vejo por entre os pontos escuros que me turvam a visão mas Tobias toca-me no ombro.

– São os Eruditos – digo, e não consigo acrescentar mais nada.

– A vir para cá? – indaga Tobias.

Aceno afirmativamente com a cabeça em resposta.

– Temos tempo de fugir?

Isso é que já não sei.

Nesta altura, os Abnegados na outra ponta da mesa começam a prestar-nos atenção e a rodear-nos.

– Porque é que precisamos de fugir? – pergunta Susan. – Os Cordiais decretaram que este local é um refúgio. E que não são permitidos conflitos.

– Os Cordiais vão ter problemas em aplicar essa política – diz Marcus. – Como é que se impede um conflito sem se entrar em conflito?

Susan acena afirmativamente com a cabeça.

– Mas não podemos ir-nos embora – diz Peter. – Não temos tempo. Eles vão ver-nos.

– A Tris tem uma arma – diz Tobias. – Podemos forçar a passagem. – E volta-se, para se dirigir ao dormitório.

– Esperem. Tenho uma ideia. – Observo a multidão dos Abnegados. – Disfarces. Os Eruditos não podem ter a certeza de que ainda cá estamos. Podemos fingir ser Cordiais.

– Então aqueles de nós que não estão vestidos como os Cordiais devem ir para os dormitórios – diz Marcus. – Quanto aos outros, soltem o cabelo e tentem imitar o comportamento deles.

Os Abnegados que estão vestidos de cinzento deixam o refeitório em grupo e atravessam o pátio em direção ao dormitório dos visitantes. Eu corro para o meu quarto, ponho-me de gatas e procuro a arma debaixo do colchão.

Só a encontro passados alguns segundos e, nessa altura, até sinto picadas na garganta e nem consigo engolir. Não quero tocar na arma, não quero ter de voltar a tocar nela.

Vamos, Tris. Enfio a arma na cintura das minhas

calças vermelhas. Felizmente estão-me largas nas ancas. Reparo nas embalagens da pomada e do medicamento para as dores que estão na mesa de cabeceira e enfio-os no bolso, para o caso de conseguirmos fugir.

E depois meto a mão entre a cómoda e a parede, à procura do disco.

Se os Eruditos nos apanharem – o que eu acho provável –, hão de revistar-nos e eu não quero entregar-lhes a simulação. O problema é que o disco também contém as imagens recolhidas durante o ataque. O registo das nossas perdas. E da morte dos meus pais. É o único objeto que me resta deles. E também é o único documento em que posso vê-los, porque os Abnegados não tiram fotografias.

Daqui a vários anos, quando as minhas recordações começarem a desvanecer-se, que terei eu que me permita lembrar de como eles eram? Os rostos dos meus pais vão alterar-se na minha memória e eu nunca mais os verei.

Não sejas estúpida. Isso não é importante.

Aperto o disco com tanta força que até me faz doer a mão.

Se não é, porque é que eu sinto que é tão importante?

– Não sejas estúpida – digo a mim própria, em voz alta. Cerro os dentes e pego no candeeiro da mesa de cabeceira. Arranco a ficha da tomada, atiro o abajur para cima da cama e agacho-me junto ao disco. Enquanto tento afastar as lágrimas dos olhos, pestanejando, bato com a base do candeeiro no disco e faço-lhe uma amolgadela.

Depois, torno a bater-lhe com o candeeiro, mais uma vez e outra e outra, até o disco se partir e se fragmentar em pedaços que se espalham pelo chão. Depois empurro os vários fragmentos para debaixo da cómoda com o pé, coloco novamente o candeeiro na mesa de cabeceira e vou para o corredor, limpando os olhos com

as costas da mão.

Minutos depois, deparo-me com uma pequena multidão de homens e mulheres de cinzento – e onde se encontra Peter – a remexer em pilhas de roupas amontoadas nos corredores.

– Tris – diz-me Caleb –, ainda estás de cinzento.

Puxo pela camisa cinzenta e olho para ele.

– É do Pai – respondo-lhe. Se a tirar, terei de a deixar para trás. Mordo o lábio para a dor me fazer concentrar. Tenho mesmo de livrar-me dela. É só uma camisa. É só isso.

– Vou vesti-la por baixo da minha – diz Caleb. – Nunca a verão.

Aceno afirmativamente com a cabeça e tiro uma camisola vermelha da pilha de roupa. É suficientemente grande para esconder o volume que faz a arma. Enfio-me numa sala vizinha para mudar de roupa e entrego a camisa cinzenta a Caleb quando regresso ao corredor. A porta para o exterior está aberta e vejo Tobias a meter roupas dos Abnegados no caixote do lixo.

– Achas que os Cordiais mentirão para nos proteger?

– pergunto-lhe, espreitando pela porta aberta.

– Para evitar um conflito? De certeza que sim.

Tobias vestiu uma camisa e um par de calças de ganga esfiapadas nos joelhos. É uma combinação que, nele, o torna ridículo.

– Que bonita camisa – digo-lhe.

Tobias franze o nariz ao olhar para mim e diz:

– Era a única coisa que me cobria a tatuagem do pescoço, está bem?

Sorrio nervosamente. Esqueci-me das minhas tatuagens, mas a camisola que escolhi esconde-as bem.

Os carros dos Eruditos entram no complexo. São cinco, no total, cinzentos metalizados e com tejadilhos pretos. Os motores parecem ronronar e as rodas fazem barulho ao percorrerem o solo irregular. Esgueiro-me

para dentro do edifício, deixando a porta aberta atrás de mim, enquanto Tobias põe o trinco no caixote do lixo.

Os cinco carros param ao mesmo tempo e as portas abrem-se, revelando pelo menos cinco homens e mulheres que envergam as roupas azuis dos Eruditos.

E logo de seguida cerca de quinze Intrépidos vestidos de preto.

Quando os Intrépidos se aproximam, vejo que têm braçadeiras de tecido azul que só podem ser testemunhos da obediência que eles devem aos Eruditos. À mesma fação que lhes escravizou as mentes.

Tobias pega-me pela mão e leva-me para o dormitório.

– Não pensei que a nossa fação pudesse ser tão estúpida – comenta. – Tens a arma contigo, não tens?

– Tenho – respondo. – Mas não garanto que com a mão esquerda a consiga disparar com precisão.

– Devias treinar – replica Tobias. Nunca deixa de ser um instrutor.

– Hei de treinar – declaro. – Se sobrevivermos – acrescento, estremecendo.

As mãos dele deslizam pelos meus braços nus.

– Balança-te um pouco ao caminhares – diz-me, beijando-me na testa – e finge que tens medo das armas deles – e dá-me outro beijo, entre as sobrancelhas – e faz de conta que és a florzinha atrofiada que nunca poderás ser – e beija-me a face – e correrá tudo bem.

– Certo – digo-lhe. As minhas mãos tremem quando o agarro pelo colarinho e depois puxo a boca dele para a minha.

Ouçoo um sino. Uma, duas, três vezes. É o sinal de chamamento para o refeitório, onde os Cordiais se reúnem nas ocasiões menos formais do que a reunião a que assistimos. E nós juntamo-nos à multidão de Abnegados-transformados-em-Cordiais.

Tiro os ganchos de cabelo a Susan. O estilo de penteado dela é demasiado austero para os Cordiais. Ela deita-me um sorriso breve de gratidão enquanto o cabelo lhe cai para os ombros. Nunca a tinha visto assim. Suaviza a impressão causada pelos seus maxilares quadrados.

Devo ser mais corajosa do que os Abnegados mas eles não parecem tão preocupados como eu estou. Sorriem entre si e caminham em silêncio... demasiado em silêncio. Meto-me entre eles e chamo a atenção de uma mulher mais velha com o cotovelo.

– Diga aos miúdos para brincarem às caçadinhas – peço-lhe.

– Caçadinhas?! – pergunta-me ela.

– Estão a parecer demasiado respeitosos e muito rígidos. Parecem mesmo uns empatas – respondo, encolhendo-me quando ouço o som da palavra que foi a minha alcunha entre os Intrépidos. – E nesta altura os miúdos dos Cordiais já estariam a armar confusão. Faça isso, está bem?

A mulher toca no ombro de um dos miúdos dos Abnegados e sussurra-lhe qualquer coisa e, segundos depois, um pequeno grupo de crianças avança a toda a velocidade pelo corredor, por entre os pés dos Cordiais, a gritar: «Apanhei-te! És tu!» e «Não, só tocaste foi na minha manga!»

Caleb alinha de imediato, tocando nas costas de Susan e fazendo-a dar gargalhadas. Eu tento descontrair-me, obrigando-me a dar passos mais oscilantes como Tobias sugeriu, baloiçando os braços ao virar a esquina. É espantoso como este fingimento, que nos faz parecer membros de outra fação, consegue mudar tudo... mesmo a minha maneira de andar. Deve ser por isso que é tão estranho que eu pudesse facilmente pertencer a três fações diferentes.

Aproximamo-nos dos Cordiais que vão à nossa frente

enquanto atravessamos o pátio que dá para o refeitório e dispersamo-nos entre eles. Mantenho Tobias no meu campo de visão porque não quero afastar-me muito dele. Os Cordiais não fazem perguntas e deixam-nos misturar-nos.

Dois Intrépidos traidores estão parados à entrada do refeitório, de armas empunhadas, e eu sinto-me paralisar. De repente torna-se tudo muito real para mim: estou desarmada e a ser escoltada para um edifício cercado pelos Eruditos e pelos Intrépidos e, se me descobrem, já não posso fugir. E abater-me-ão de imediato.

Ainda penso em tentar escapar-me. Mas para onde iria, para não me apanharem? Tento respirar normalmente. Já quase os deixei para trás... *Não olhes, não olhes.* Mais alguns passos... *Desvia os olhos, desvia os olhos.*

Susan enfia um braço no meu, dizendo-me:

– Estou a contar-te uma anedota e tu achas muita graça.

Cubro a boca com a mão e forço-me a soltar uma risada que me parece demasiado estridente e nada própria de mim mas que, a avaliar pelo sorriso que ela me deita, terá sido credível. Continuamos muito juntas, como fazem as raparigas dos Cordiais, olhando de relance para os Intrépidos e rindo-nos novamente. Até me espanto com a maneira como consigo fazer isto, atendendo à sensação que me invadiu e que me pesa como chumbo.

– Obrigada – digo-lhe, quando já estamos no interior.

– De nada – replica ela.

Tobias está sentado à minha frente do outro lado de uma das mesas mais compridas e Susan fica ao meu lado. Os outros Abnegados espalham-se por todo o refeitório e Caleb e Peter estão a poucos lugares de mim.

Tamborilo com os dedos nos joelhos enquanto espero que aconteça alguma coisa. Durante muito tempo ficamos onde estamos e eu finjo estar a ouvir uma rapariga dos Cordiais contar uma história à minha esquerda. Mas olho com frequência para Tobias e ele olha para mim, como se estivéssemos a atirar de um para o outro o medo que sentimos.

Finalmente, chega Johanna, acompanhada por uma mulher dos Eruditos. A camisola azul brilhante que enverga parece cintilar sobre a pele da recém-chegada, que é castanha escura. Examina a multidão presente no refeitório enquanto fala com Johanna. E eu até paro de respirar quando os olhos dela se cruzam com os meus – e deixo depois o ar sair quando ela olha para a pessoa seguinte. Não me reconheceu.

Pelo menos, por enquanto.

Alguém dá um murro no tampo de uma mesa e o silêncio instala-se. Chegámos ao momento. Ou Johanna nos entrega, ou não.

– Os nossos amigos Eruditos e Intrépidos andam à procura de algumas pessoas – começa Johanna. – Trata-se de vários membros dos Abnegados, três membros dos Intrépidos e um anterior iniciado dos Eruditos. – Faz uma pausa e sorri. – No interesse da mais completa cooperação entre as nossas duas fações, disse-lhes que as pessoas que procuravam estiveram de facto connosco mas que já partiram. Eles gostariam de ter autorização para revistar as nossas instalações, o que significa que devemos votar. Alguém se opõe a uma revista?

A tensão da voz dela sugere que quem se opõe deve manter-se de boca fechada. Não sei se os Cordiais o percebem, mas o certo é que ninguém se pronuncia. Johanna faz um aceno de cabeça à mulher dos Eruditos.

– Três de vocês ficam aqui – diz a mulher aos Intrépidos que se amontoam à entrada, a montar guarda. – Os restantes vão revistar todos os edifícios e

vêm cá avisar-nos se encontrarem alguma coisa. Vão.

E há tantas coisas que eles podem encontrar. Os fragmentos do disco rígido. Roupas que eu me esqueci de deitar fora. Uma ausência de bugigangas e de elementos decorativos nos nossos quartos que só pode levantar suspeitas. Fico como se sentisse diretamente o coração aos pulos no olhar com que sigo os movimentos dos três soldados Intrépidos que ficaram para trás e que agora percorrem as fileiras das mesas.

Sinto um formigueiro na nuca quando um deles passa por trás de mim, com passadas fortes e bem audíveis. E não é a primeira vez na minha vida que fico satisfeita por ser pequena e de aparência muito simples. Não atraio os olhares dos outros.

Mas Tobias sim. O orgulho dele sobressai na sua atitude, no modo como os seus olhos parecem dominar tudo o que vê. Não é uma característica dos Cordiais. Mas apenas dos Intrépidos.

A Intrépida que caminha na direção de Tobias repara logo nele. Semicerra os olhos à medida que se aproxima e depois para exatamente atrás dele.

Seria preferível que o colarinho da camisa de Tobias fosse mais alto. E que ele não tivesse tantas tatuagens. E que...

– Tens o cabelo demasiado curto para um Cordial – comenta ela.

... não tivesse cortado o cabelo como o fazem os Abnegados.

– Está calor – replica Tobias.

A desculpa até podia ser eficaz se ele soubesse dá-la mas o modo como falou foi ríspido e agressivo.

A mulher estende a mão e, com o dedo indicador, puxa para baixo o colarinho de Tobias para lhe ver a tatuagem.

E Tobias move-se.

Deita-lhe a mão ao pulso, puxando-a para a frente, e

ela perde o equilíbrio. Bate com a cabeça na beira da mesa e cai. Do outro lado do refeitório alguém dá um tiro, outra pessoa grita e todos mergulham para debaixo das mesas ou se agacham junto às bancadas.

Todos menos eu. Fico sentada onde estava antes de ouvir o tiro, agarrada à beira da mesa. Sei onde me encontro mas já não vejo o refeitório. O que vejo é o beco para onde fugi depois de a minha mãe ter morrido. Olho para a arma que tenho na mão e para a pele macia entre as sobrelhas de Will.

Um som que mal se ouve borbulha no interior da minha garganta. Teria sido um grito se os meus dentes não estivessem bem fechados. A minha recordação, breve como um relâmpago, dissipa-se mas eu ainda não consigo mexer-me.

Tobias agarra a mulher dos Intrépidos pela nuca e obriga-a a levantar-se. Já está a empunhar a pistola dela. E usa-a como escudo enquanto dispara por cima do ombro direito dela para o soldado Intrépido que está do outro lado do refeitório.

– Tris! – grita-me Tobias. – Dá uma ajuda!

Levanto a minha camisola o suficiente para chegar à coroa da minha pistola e os meus dedos entram em contacto com a superfície metálica. Parece tão fria que até sinto uma dor nas pontas dos dedos, mas isso é impossível porque está muito calor. Um Intrépido que está na ponta da mesa aponta-me um revólver. O buraco negro do cano da arma parece aumentar de tamanho à medida que vem ao meu encontro e só ouço o bater do meu coração.

Caleb lança-se para a frente e tira-me a pistola. Depois, segurando-a com as duas mãos, dispara para os joelhos do Intrépido, que está a pouco mais de um metro dele.

O Intrépido grita e cai, agarrado ao joelho, dando uma oportunidade a Tobias de lhe dar um tiro na

cabeça. A dor no joelho desaparece.

Tenho o corpo todo a tremer e não consigo controlar-me. Tobias ainda está a segurar a Intrépida pela garganta, apontando a arma à Erudita.

– Mais uma palavra – avisa Tobias – e disparo.

A boca da Erudita fica aberta mas dela já não sai nenhum som.

– Quem está connosco que comece a correr! – diz Tobias, enchendo o refeitório com a sua voz de comando.

E de imediato os Abnegados levantam-se de debaixo das mesas e dos bancos e correm para a porta. Caleb obriga-me a levantar e eu sigo-os também.

Vejo qualquer coisa – um movimento fugaz, um gesto. É a Erudita que está a empunhar uma pequena pistola, apontando-a a um homem de camisa amarela à minha frente. O instinto, e não a presença de espírito, empurra-me para frente. As minhas mãos embatem nas costas dele e a bala acerta na parede em vez de acertar nele, ou mesmo em mim.

– Baixa a arma – ordena Tobias, apontando o revólver à Erudita. – Eu tenho mesmo muito boa pontaria e tu não deves ter assim tanta.

Pestanejo várias vezes para tentar afastar a névoa que parece cobri-los. Peter olha para mim. Foi a vida dele que eu salvei. Não me agradece, e eu faço de conta que nem o vejo.

A Erudita larga a arma. Peter e eu caminhamos para a porta. Tobias segue-nos, às arrecuas, mantendo a arma apontada à Erudita. No último segundo, ao sairmos, fecha a porta com força e deixa-a lá dentro.

E nós largamos a correr.

Seguimos pelo corredor central do pomar, já a respirar com dificuldade. O ar da noite é pesado como um cobertor e cheira a chuva. Ouvimos gritos atrás de nós. Portas de carros a fecharem-se. Corro mais

depressa do que nunca, como se estivesse a respirar adrenalina em vez de ar. O ronronar dos motores persegue-me por entre as árvores. A mão de Tobias fecha-se na minha.

Atravessamos um milheiral numa fila muito comprida. Os carros já estão perto de nós. Os faróis penetram por entre os talos de milho, iluminando uma folha aqui e uma espiga ali.

– Separem-se! – grita uma voz que me parece ser a de Marcus.

Dividimo-nos e espalhamo-nos pelo campo como se fôssemos água. Agarro Caleb pelo braço. E ouço a respiração ofegante de Susan atrás dele.

Abrimos caminho pelo milheiral mesmo onde não há passagem. As folhas fortes cortam-me as faces e os braços. Vejo à minha frente as costas de Tobias. Ouço um ruído que parece ser o de qualquer coisa a cair e um grito. Há mais gritos à nossa volta, à minha esquerda, à minha direita. Tiros. Os Abnegados estão outra vez a morrer, como aconteceu quando eu fingi estar a sofrer os efeitos da simulação. E o que eu estou a fazer é fugir.

Chegamos finalmente à vedação. Tobias percorre-a, empurrando-a, até dar com um buraco. Força a abertura para Caleb, Susan e eu podermos passar. Antes de começarmos novamente a correr, olho para trás, para o milheiral de onde saímos. Vejo as luzes distantes dos faróis. Mas já não ouço nada.

– Onde estão os outros? – pergunta Susan, num murmúrio.

– Mortos – respondo.

Susan começa a chorar. Tobias puxa-me para junto dele, num gesto brusco, e começa a andar. O rosto arde-me devido aos cortes provocados pelas folhas mas tenho os olhos secos. Os Abnegados que agora morreram são mais um peso que me cai em cima.

Afastamo-nos da estrada de terra batida que os Eruditos e os Intrépidos utilizaram para chegarem ao complexo dos Cordiais, seguindo a linha do caminho de ferro até à cidade. Não há aqui nada onde nos possamos esconder, árvores ou edifícios que nos possam abrigar, mas pouco importa. Os Eruditos não podem passar a vedação com os carros e vão demorar algum tempo a chegar ao portão.

– Tenho... de... parar... – diz a voz de Susan atrás de mim, vinda do escuro.

E nós paramos. Susan deixa-se cair, a chorar, e Caleb agacha-se junto dela. Tobias e eu olhamos para a cidade, que está iluminada por não ser ainda meia-noite. Quero sentir qualquer coisa. Medo, cólera, desgosto. Mas não sinto, não sou capaz. O que me domina é a necessidade de continuar em movimento.

Tobias volta-se para mim e pergunta-me:

– O que se passou, Tris?

– Estás a falar de quê? – replico, sentindo-me envergonhada pelo quanto a minha voz soa fraca. Não sei se ele está a falar de Peter, do que aconteceu antes ou de qualquer outra coisa.

– Ficaste paralisada! Iam matar-te e tu ficaste ali parada! – Tobias já está a gritar. – Pensei que podia confiar em ti, pelo menos para salvars a tua própria vida!

– Eh! – intervém Caleb. – Deixa-a em paz por um bocadinho, está bem?

– Não – diz Tobias, a olhar para mim. – Ela não precisa de paz. – Mas a voz dele fica mais suave. – O que é que aconteceu?

Tobias ainda acredita que sou forte. Tão forte que não preciso da sua simpatia. Eu costumava pensar que ele tinha razão, mas agora já não sei. Pigarreio.

– Entrei em pânico – respondo. – Não volta a acontecer.

Tobias levanta uma sobrancelha.

– Não acontecerá mesmo – insisto, desta vez mais alto.

– Está bem – diz. Mas não parece nada convencido. – Temos de encontrar um local que seja seguro. Eles vão reagrupar-se e procurar-nos.

– Achas que eles se preocupam assim tanto connosco? – pergunto.

– Connosco? Sim – responde Tobias. – Nós éramos provavelmente os únicos de quem eles andavam atrás, para além do Marcus, que muito provavelmente já está morto.

Não sei como esperaria que ele o dissesse. Com alívio, talvez, porque Marcus, o pai dele e a ameaça de toda a sua vida, estará finalmente morto. Ou com pesar e tristeza porque o pai dele pode ter sido morto e às vezes o desgosto não faz muito sentido. Mas ele fala como se fosse um simples facto, como o caminho por onde seguimos ou as horas do dia.

– Tobias... – começo, mas depois percebo que não sei o que vou dizer a seguir.

– É altura de irmos – declara Tobias, já por cima do ombro.

Caleb ajuda Susan a levantar-se e é só graças a ele, e ao braço com que ele apoia as suas costas e a impele para a frente, que ela consegue andar.

Só nesta altura é que compreendo que a iniciação dos Intrépidos me ensinou uma lição essencial: como fazer para seguir em frente.

Capítulo Oito

Decidimos seguir a linha do comboio até à cidade porque nenhum de nós é bom a orientar-se. Eu salto de chulipa em chulipa, Tobias caminha por cima do próprio carril, raramente vacilando, e Caleb e Susan arrastam-se atrás de nós. Sobressalto-me e fico tensa a cada ruído que ouço e que não identifico, respirando fundo apenas quando percebo que é só o vento ou o chiar do sapato de Tobias no ferro. Gostaria que pudéssemos continuar a correr sem parar mas nesta altura já é um feito conseguir fazer com que as minhas pernas se mexam.

De repente ouço um rugido surdo que se ergue da linha.

Baixo-me e ponho as palmas das mãos no carril, fechando os olhos para me concentrar na sensação que o metal me transmite. A vibração é como um suspiro que me percorre o corpo todo. Espreito para o resto da linha, por entre os joelhos de Susan, e não vejo luzes de nenhum comboio, mas isso não quer dizer nada. O comboio até pode estar a circular sem luzes e sem apitar para não anunciar a sua chegada.

Vejo finalmente o brilho emitido por um pequeno comboio, ainda à distância mas a deslocar-se a grande velocidade.

– Aí vem ele – aviso. O esforço que faço para me levantar é gigantesco, até porque só quero é ficar sentada, mas o certo é que me levanto, limpando depois as mãos nas calças. – Acho que devíamos saltar para dentro dele.

– Mesmo que seja conduzido pelos Eruditos? –

pergunta Caleb.

– Se os Eruditos estivessem a conduzir o comboio, teriam ido nele até ao complexo dos Cordiais para nos procurarem – diz Tobias. – Acho que vale a pena correr o risco. Poderemos esconder-nos na cidade. Aqui é que estamos só à espera de sermos encontrados.

Sáímos todos da linha. Caleb diz a Susan como é que se deve subir para um comboio em movimento com todos os pormenores, como só um ex-Erudito o pode fazer. Vejo o primeiro vagão a aproximar-se. Ouço as batidas ritmadas do vagão sobre as chulipas, o murmúrio das rodas de metal sobre os carris de ferro.

Começo a correr quando o primeiro vagão passa por mim. Nem ligo à sensação de queimadura das minhas pernas. Caleb começa por ajudar Susan a subir para um vagão intermédio e depois sobe ele. Inspiro rapidamente e depois atiro o meu corpo para a direita, embatendo no interior do vagão ainda com as pernas de fora. Caleb agarra-me pelo braço esquerdo e puxa-me para dentro. E Tobias utiliza a pega para se içar logo a seguir a mim.

Olho para cima e até paro de respirar.

Há olhos a brilhar no escuro. E há silhuetas escuras sentadas no interior, em número muito superior a nós.

São os sem-faço.

*

O vento assobia dentro do vagão. Está toda a gente de pé e de armas empunhadas – à exceção de Susan e de mim, que estamos desarmadas. Um sem-faço com uma venda num olho tem uma pistola apontada a Tobias. Onde é que ele a arranjou?

Ao lado dele, uma sem-faço mais velha empunha uma faca, do género das que usamos para cortar o pão. Atrás deles, outra pessoa segura numa grande tábua

com a ponta de um prego voltada para fora.

– Nunca vi os Cordiais com armas – diz a sem-faço que empunha a faca.

O sem-faço armado parece-me conhecido. As roupas andrajosas que enverga são de diferentes cores: uma T-shirt preta por baixo de um blusão rasgado dos Abnegados, calças de ganga remendadas com fio vermelho e botas castanhas. O vestuário de todas as fações está bem representado no grupo que tenho diante de mim: as calças pretas dos Cândiaos com as camisas pretas dos Intrépidos, vestidos amarelos com *sweatshirts* azuis por cima. Muitas peças de roupa estão rasgadas ou sujas, mas algumas não. Devem ter sido roubadas recentemente.

– Eles não são Cordiais – diz o homem que tem a pistola. – São Intrépidos.

Nessa altura reconheço-o: é Edward, um dos rapazes que fez a iniciação comigo e que deixou os Intrépidos depois de Peter o ter atacado com uma faca de manteiga. É por isso que usa a venda. E eu lembro-me de lhe apoiar a cabeça, enquanto ele estava no chão a gritar, e de limpar depois o sangue que ele deixou no chão.

– Olá, Edward – digo-lhe.

Edward inclina a cabeça para mim, mas não baixa a arma. Diz apenas:

– Tris.

– Sejam lá quem vocês forem – intervém a mulher –, têm de sair deste comboio se quiserem ficar vivos.

– Por favor – diz Susan, com o lábio a tremer e os olhos a encherem-se de lágrimas. – Estamos a fugir... e os outros estão mortos e eu... – Começa outra vez a chorar. – Eu não consigo continuar...

Tenho de repente uma vontade, que é estranha, de bater com a cabeça na parede. Sinto-me pouco confortável quando ouço os outros a chorar. Talvez seja

egoísmo da minha parte.

– Estamos a fugir dos Eruditos – diz Caleb. – Se tivermos de sair, ser-lhes-á mais fácil encontrarem-nos. Por isso agradecemos que nos deixassem viajar convosco para a cidade.

– Ah, sim? – Edward inclina a cabeça para o lado. – E alguma vez fizeram alguma coisa por nós?

– Eu ajudei-te quando mais ninguém o fez – respondo. – Lembras-te?

– Tu, talvez. E os outros? – pergunta Edward. – Nem por isso.

Tobias dá um passo em frente e a arma de Edward fica quase encostada à garganta dele.

– O meu nome é Tobias Eaton – diz Tobias. – E não acho que queiras empurrar-me lá para fora.

O efeito do nome nas pessoas que estão no vagão é imediato e surpreendente: baixam as armas. E trocam olhares cheios de significado.

– Eaton? A sério? – Edward arqueia as sobrancelhas. – Tenho de confessar que não estava à espera desta. – Pigarreia. – Muito bem, podem vir. Mas quando chegarmos à cidade têm de acompanhar-nos. – E depois esboça um sorriso. – Conheço uma pessoa que anda à tua procura, Tobias Eaton.

*

Sentamo-nos os dois na porta do vagão, com as pernas de fora.

– Sabes quem é que anda à tua procura? – pergunto-lhe.

Tobias acena afirmativamente com a cabeça.

– Quem é, então?

– É difícil de explicar – responde. – Tenho de contar-te muitas coisas.

Encosto-me a ele e digo-lhe:

– Pois. Também eu.

*

Não sei quanto tempo já passou quando nos dizem para sairmos. Mas, quando o fazem, percebo que estamos na zona da cidade onde vivem os sem-faço, a cerca de quilómetro e meio do local onde morei. Reconheço cada um dos edifícios por onde passamos e que formavam o caminho que eu seguia quando ia a pé da escola para casa, se perdia o autocarro. O edifício com os tijolos partidos. O prédio que ampara o candeeiro da rua que caiu.

Ficamos os quatro à porta do vagão, a formar uma fila. Susan choraminga.

– E se nos magoarmos? – pergunta.

Agarro-lhe a mão e respondo:

– Vamos saltar juntas. Já fiz isto mais de uma dezena de vezes e nunca me magoei.

Susan acena com a cabeça e aperta-me a mão com tanta força que os dedos até me doem.

– Quando eu disser *três* – aviso. – Um. Dois. *Três*.

Salto e puxo por ela. Os meus pés embatem com força no chão e continuo em movimento, mas Susan cai e rola para o lado. Tem um joelho esfolado, mas parece estar bem. Os outros saltam sem dificuldades de maior. Incluindo Caleb, que, tanto quanto sei, ainda só tinha feito isto uma vez.

Não tenho a certeza de quem, entre os sem-faço, possa conhecer Tobias. Podem ser Drew ou Molly, que não conseguiram fazer a iniciação dos Intrépidos mas que no entanto não conheciam o verdadeiro nome de Tobias e, além disso, Edward até já os terá provavelmente matado, a julgar pela vontade que ele tinha de disparar sobre nós. Deve ser alguém dos Abnegados ou da escola.

Susan parece estar agora mais calma. Caminha sozinha, ao lado de Caleb, e as suas faces já estão a secar sem que apareçam novas lágrimas para as molhar de novo.

Tobias caminha a meu lado, tocando-me ligeiramente no ombro.

– Há já algum tempo que não vejo como está o teu ombro – diz-me. – Como é que ele está?

– Está bem. Trouxe o remédio para as dores, felizmente – respondo. É bom poder falar de um assunto pouco importante, apesar de uma ferida não ser tão pouco importante como isso. – Mas não me parece que esteja a conseguir dar-lhe sossego suficiente para ele sarar muito bem. Continuo a usar o braço ou a cair em cima dele.

– Terás muito tempo para tratar dele quando isto estiver acabado.

– Pois. – *Ou já não será importante que o ombro sare, penso, porque nessa altura estarei morta.*

– Toma – diz ele, tirando uma pequena faca do bolso de trás e passando-a para a minha mão. – À cautela...

Meto a faca no bolso. E fico ainda mais nervosa.

Os sem-faço conduzem-nos pela rua fora e voltam à esquerda, levando-nos para uma rua suja e muito estreita que cheira a lixo. À nossa frente as ratazanas correm em todas as direções a guinchar de medo e eu só lhes vejo as caudas, a desaparecerem por entre montes de lixo, caixotes vazios e caixas de cartão ensofadas. Respiro pela boca para não vomitar.

Edward para junto de um dos prédios de tijolos que estão em ruínas e empurra uma porta de ferro. Até estremeço, quase à espera de ver o edifício a desmoronar-se se ele empurrar com demasiada força. As janelas estão tão cobertas de porcaria que a luz quase nem consegue atravessar os vidros. Seguimos Edward até uma divisão cheia de humidade. E à luz

trémula de uma lanterna vemos... pessoas.

Pessoas sentadas junto a montes de roupa de cama. Pessoas a abrir latas de comida. Pessoas a beber água de garrafas. E crianças a correr por entre os grupos de adultos e sem estarem separadas pela cor da roupa – são os filhos dos sem-fação.

Estamos num armazém que é habitado por eles e os sem-fação, que deviam estar dispersos, isolados e fora de qualquer comunidade... estão juntos no seu interior. Reunidos como *uma fação*.

Não sei o que devia esperar deles, mas fico surpreendida ao vê-los com uma aparência tão normal. Não estão a lutar uns com os outros nem a evitar o contacto entre eles. Alguns dizem piadas, outros falam entre si em voz baixa. Gradualmente, porém, todos parecem chegar à conclusão que nós não pertencemos ali.

– Venham – diz Edward, curvando o dedo para nos chamar para junto dele. – Ela está aqui atrás.

Somos recebidos com olhares muito diretos e silêncios à medida que seguimos Edward para o interior do edifício que se supunha estar abandonado. E finalmente já não me contenho e tenho de perguntar-lhe:

– Que se passa aqui? Porque é que estão todos juntos assim?

– Pensavam que eles estavam todos dispersos? Ou nós, melhor dito. Bem, estiveram mas só durante algum tempo – responde Edward, por cima do ombro. – Andavam demasiado famintos para fazerem mais que procurar comida. Mas depois os Empatas começaram a dar-lhes comida, roupas, ferramentas, tudo. E eles ficaram mais fortes e esperaram. Era assim que estavam quando os encontrei e receberam-me bem.

Entramos num corredor escuro. Sinto-me bem no escuro e no ambiente silencioso que parece o dos túneis

do quartel-general dos Intrépidos. Mas com Tobias é diferente. Enrola e desenrola um fio solto da camisa à volta do dedo, para a frente e para trás, sem cessar. Ele conhece a pessoa com quem nos vamos encontrar mas eu não faço a menor ideia de quem seja. Como é que posso saber tão pouco sobre este rapaz que diz que me ama e que tem um nome suficientemente poderoso para nos manter vivos num comboio cheio de inimigos?

Edward para junto a uma porta de ferro e bate nela com o punho fechado.

– Olha... Disseste que eles estavam à espera? – indaga Caleb. – À espera de quê, precisamente?

– Do fim do mundo – responde Edward. – E o mundo já acabou.

A porta abre-se e aparece uma mulher de expressão severa, com um olho que não se mexe. O olho bom examina-nos.

– São dos que andam perdidos? – pergunta a Edward.

– Nem por isso, Therese – diz Edward, apontando com o polegar para Tobias, por cima do ombro. – Este é o Tobias Eaton.

Therese olha para Tobias durante alguns instantes e depois acena com a cabeça.

– E é mesmo. Esperem. – E fecha a porta.

Tobias engole em seco, a maçã de Adão para cima e para baixo.

– Tu sabes quem é que ela vai avisar, não sabes? – pergunta Caleb a Tobias.

– Caleb – replica Tobias –, faz o favor de te calares.

Para minha surpresa, o meu irmão faz desaparecer a sua curiosidade de Erudito.

A porta volta a abrir-se e Therese recua para nos deixar passar. Entramos numa velha sala de caldeiras e com máquinas que emergem tão de repente do escuro que embato nelas com os joelhos e os cotovelos. Therese guia-nos pelo labirinto de ferro em direção ao

fundo da divisão, onde pendem várias lâmpadas do teto a iluminar uma mesa.

É aí que se encontra de pé uma mulher de meia-idade. Tem cabelo preto encaracolado e pele cor de azeitona. A expressão dela é tão austera e tão cheia de ângulos que é quase feia. Mas há nela mais qualquer coisa.

Tobias agarra-me a mão. E nesse instante percebo que ele e a mulher têm narizes iguais – curvos, um bocadinho grande de mais para o rosto dela, mas que fica bem no rosto dele. Têm os mesmos maxilares salientes, um queixo distinto, um lábio superior mais grosso, orelhas largas. Só os olhos são diferentes: em vez de azuis, são tão escuros que até parecem pretos.

– Evelyn – diz Tobias, com um ligeiro tremor na voz.

Evelyn era o nome da mulher de Marcus e da mãe de Tobias. Agarro com menos força na mão de Tobias. Há poucos dias ainda estava a lembrar-me do funeral dela. Do *funeral* dela. E agora ela está de pé à minha frente, com olhos que são mais frios do que os de qualquer Abnegada que eu tenha conhecido.

– Olá – diz ela, rodeando a mesa sem tirar os olhos de Tobias. – Pareces mais velho.

– É natural. A passagem do tempo tende a fazer isso a uma pessoa.

Ele já sabia que a mãe estava viva. Há quanto tempo é que o terá descoberto?

Ela sorri e diz:

– Finalmente vieste...

– Mas não pelo motivo que pensas – interrompe Tobias. – Estávamos a fugir aos Eruditos e a única hipótese que tínhamos de escapar exigiu que dissesse o meu nome aos teus lacaios mal armados.

É evidente que mãe de Tobias deve tê-lo feito zangar-se com ela alguma vez. Mas eu não posso deixar de pensar que se descobrisse que a minha mãe estava viva,

depois de acreditar durante tanto tempo que ela estava morta, nunca lhe falaria da maneira como Tobias está agora a falar com a mãe, independentemente do que ela pudesse ter feito.

E a verdade desse pensamento entristece-me. Tento afastá-lo da minha mente e concentrar-me, em vez disso, no que está à minha frente. Na mesa atrás de Evelyn está um grande mapa com muitos sinais. É evidentemente um mapa da cidade, mas não consigo perceber a que se referem os sinais. Na parede, também atrás dela, está um quadro preto com um gráfico. Não consigo decifrar as informações que contém porque estão escritas num tipo de estenografia que eu não conheço.

– Estou a perceber – diz Evelyn, mantendo o sorriso que já tinha mas que agora não revela nenhum tipo de alegria. – Apresenta-me aos teus amigos refugiados, já agora.

Os olhos dela deslocam-se para as nossas mãos juntas. Tobias abre os dedos. É para mim que aponta em primeiro lugar:

– É a Tris Prior. O irmão é o Caleb. E a amiga deles é a Susan Black.

– Prior – diz ela. – Conheço vários Prior mas nenhum deles se chama Tris. Mas Beatrice...

– Bem – intervenho eu –, eu conheço vários Eatons vivos mas nenhum deles se chama Evelyn.

– Prefiro o nome de Evelyn Johnson. Em especial no meio de Abnegados.

– E Tris é o nome que *eu* prefiro – contraponho. – E nós não somos Abnegados. Nem todos, pelo menos.

Evelyn olha para Tobias.

– Tens uns amigos interessantes – diz.

– São contagens de população? – pergunta Caleb, que ainda está atrás de mim. Avança, de boca aberta. – E... o que é isto? Refúgios dos sem-facção? – Aponta para a

primeira linha do gráfico, onde está indicado um endereço: «Green House, 7». – Quer dizer... Estes locais assinalados no mapa são o quê? Refúgios, como este?

– Isso já são muitas perguntas – diz Evelyn, erguendo uma sobrancelha. Reconheço a expressão. É também uma expressão habitual em Tobias, tal como o seu desagrado por perguntas. – Por questões de segurança, não posso responder-te. De qualquer modo, já são horas de jantar.

Evelyn aponta para a porta. Susan e Caleb dirigem-se para ela, seguidos por mim e por Tobias e pela mãe dele, no fim. Voltamos a entrar no labirinto das máquinas.

– Eu não sou estúpida – diz Evelyn em voz baixa. – Sei que não queres nada comigo, embora não perceba porquê.

Tobias funga, com desdém.

– Mas faço-te novamente o convite – continua a mãe dele. – Dava-nos jeito a tua ajuda aqui e eu sei que tens a mesma opinião sobre o sistema das fações...

– Evelyn – interrompe Tobias –, eu escolhi os Intrépidos.

– Podemos sempre fazer outras escolhas.

– E o que é que te faz pensar que eu estou interessado em passar seja que tempo for *onde* tu estiveres? – contrapõe Tobias. Deixo de ouvir-lhe os passos e ando mais devagar para ouvir a resposta dela.

– Porque eu sou a tua mãe – diz Evelyn, numa voz que fica mais débil e que sugere uma estranha vulnerabilidade. – E porque tu és o meu filho.

– Tu não estás mesmo a perceber – diz Tobias. – Não tens a mais pequena ideia do que me fizeste. – E até parece que tem dificuldade em respirar. – Não quero juntar-me ao teu pequeno grupo dos sem-faço. Quero é sair daqui o mais depressa possível.

– O meu *pequeno* grupo é o dobro do grupo dos

Intrépidos – contrapõe Evelyn. – Era bom que levasse isto a sério porque as ações deste grupo podem ser decisivas para o futuro desta cidade.

E com estas palavras passa-lhe à frente e depois passa por mim. As palavras dela ecoam na minha mente: *O dobro do grupo dos Intrépidos*. Como é que chegámos a este ponto?

Tobias olha para mim, de sobrolho carregado.

– Há quanto tempo é que sabias? – pergunto-lhe.

– Há cerca de um ano. – Encosta-se à parede e fecha os olhos. – Ela enviou-me uma mensagem em código na linguagem dos Intrépidos, dizendo-me para ir ter com ela ao estaleiro do caminho de ferro. E eu fui, porque tinha curiosidade, e lá estava ela. Viva. Não foi um encontro muito feliz, como provavelmente perceberás.

– Porque é que ela deixou os Abnegados?

– Porque teve um caso amoroso. – Tobias abana a cabeça. – Não admira, porque o meu pai... – Tobias abana de novo a cabeça. – Bem, digamos que o Marcus não foi mais simpático com ela do que foi comigo.

– É por isso... É por isso que estás zangado com ela? Por ela lhe ter sido infiel?

– Não – responde Tobias num tom demasiado ríspido.

– Não, não é por isso que estou zangado.

Aproximo-me dele mas como se estivesse a aproximar-me de um animal selvagem, com passos lentos e cautelosos no piso de cimento.

– Então porquê? – insisto.

– Ela teve de deixar o meu pai e isso eu percebo – explica Tobias. – Mas porque é que não me levou?!

Fecho a boca, surpreendida.

– Ah, ela deixou-te com *ele*...

Com o pior inimigo dele, sozinho. Não admira que Tobias a deteste tanto.

– Pois. – Tobias bate no chão com a ponta do pé. – Pois deixou.

Os meus dedos procuram os dele e Tobias guia-os por entre os seus próprios dedos. Percebo que são perguntas a mais por agora e deixo o silêncio envolver-nos até ser ele a quebrá-lo.

– Parece-me – diz Tobias – que, para nós, os sem-faço são melhores como amigos do que como inimigos.

– Talvez. Mas qual será o custo dessa amizade?

Tobias abana a cabeça, antes de responder:

– Não sei. Mas poderemos não ter outra alternativa.

Capítulo Nove

Um dos sem-faço acendeu uma fogueira para podermos aquecer a nossa comida. Os que querem comer sentam-se em círculo em redor do grande recipiente de ferro onde o fogo arde, aquecendo primeiro as latas, passando depois as colheres e os garfos e finalmente as latas para que todos possam comer de tudo. Esforço-me por não pensar nas doenças que assim se espalham enquanto mergulho a minha colher numa lata de sopa.

Edward vem sentar-se no chão junto de mim e tira-me a lata de sopa das mãos.

– Portanto pertenceram todos aos Abnegados, não foi? – pergunta, metendo massa e um fragmento de cenoura na boca, e passando a lata à mulher que está à esquerda dele.

– Pertencemos – respondo. – Mas é evidente que o Tobias e eu nos transferimos e... – Ocorre-me, de repente, que não devo dizer a ninguém que Caleb chegou a juntar-se aos Eruditos. – O Caleb e a Susan são ainda Abnegados.

– E o Caleb é teu irmão. Livraste-te da tua família para te tornares uma Intrépida?

– Falas como os Cândidos – replico, irritada. – Importas-te de guardar as tuas apreciações para ti próprio?

Therese inclina-se para nós e explica:

– No início ele... pertencia aos Eruditos. E não aos Cândidos.

– Sim, eu sei – digo. – E eu...

– E eu também – interrompe-me Therese. – Tive de os

deixar, no entanto.

– Porquê?

– Eu não era suficientemente esperta. – Therese encolhe os ombros e tira das mãos de Edward uma lata de feijões guisados, enfiando a colher no interior. – Não obtive uma nota suficientemente alta na minha prova de inteligência durante a iniciação. E eles disseram-me: «Ou vais passar toda a tua vida a limpar os laboratórios de pesquisas ou te vais embora.» E eu vim-me embora.

Therese baixa os olhos e lambe a colher até ela ficar limpa. Tiro-lhe a lata de feijões e passo-a a Tobias, que está a olhar para as chamas.

– Há muitos Eruditos entre vocês? – pergunto.

Therese abana a cabeça.

– Não, na realidade a maioria vem dos Intrépidos – responde, com um aceno de cabeça para Edward, que lhe faz um sorriso forçado. – Em segundo lugar estão os Eruditos, depois os Cándidos e há alguns que vieram dos Cordiais. Não há ninguém que repreve na iniciação dos Abnegados e é por isso que temos tão poucos, além de um grupo que sobreviveu ao ataque e que veio ter connosco à procura de refúgio.

– Julgo que não devo ficar surpreendida por os Intrépidos serem em maior número – comento.

– Pois, de facto vocês têm uma das mais duras iniciações, e depois há a coisa da idade.

– A coisa da idade? – pergunto. Olho para Tobias. Está a ouvir o que dizemos e já parece quase normal, outra vez, com uma expressão pensativa nos olhos escuros que o fogo ilumina.

– Quando os Intrépidos chegam a um certo nível de deterioração física, pedem-lhes que se vão embora – diz Tobias. – De uma maneira ou de outra.

– E que outra maneira é essa? – Sinto o coração aos pulos, como se já soubesse a resposta que no entanto quero que me seja bem explicada.

– Digamos que, para alguns, a morte é preferível à condição de sem-faço – responde Tobias.

– Esses tipos são uns idiotas – afirma Edward. – Prefiro ser um sem-faço a ser um Intrépido.

– Então tiveste sorte em teres vindo aqui parar – replica Tobias, friamente.

– Sorte? – Edward funga, irritado. – Pois, tenho tanta sorte por ter só um olho...

– Acho que me lembro de ouvir rumores segundo os quais foste tu que provocaste o ataque – diz-lhe Tobias.

– Que estás tu a dizer? – pergunto. – Ele estava a ganhar, foi só isso. E o Peter ficou com ciúmes e foi por isso...

Vejo o sorriso de troça no rosto de Edward e calo-me. Talvez eu não saiba realmente tudo o que aconteceu durante a iniciação.

– Houve um incidente, que pode ter sido tomado como uma provocação – explica Edward –, em que o Peter não foi o vencedor. Mas isso não justificava uma faca no olho.

– Sobre isso não há discussão – declara Tobias. – Mas se te faz sentir melhor, ele levou um tiro no braço quase à queima-roupa durante o ataque desencadeado pela simulação.

E é de facto uma coisa que parece fazer Edward sentir-se melhor porque o sorriso dele alarga-se.

– E quem disparou? – pergunta. – Tu?

Tobias abana a cabeça, antes de responder:

– Foi a Tris.

– Muito bem – diz-me Edward.

Aceno afirmativamente com a cabeça mas sinto-me um pouco agoniada por ter alguém a agradecer-me esse gesto.

Mas não muito, no entanto. Porque afinal é de Peter que se trata.

Olho para as chamas que envolvem os pedaços de

madeira que as alimentam. Mexem-se e agitam-se como os meus pensamentos. Lembro-me da primeira vez que percebi que nunca tinha visto um Intrépido idoso. E de quando percebi que o meu pai já não teria idade para conseguir subir os trilhos escavados na rocha que saíam do Fosso. E agora compreendo mais do que gostaria de compreender.

– Sabes como é que as coisas estão, nesta altura? – pergunta Tobias a Edward. – Os Intrépidos aliaram-se todos aos Eruditos? Os Cêndidos fizeram alguma coisa?

– Os Intrépidos estão divididos – responde Edward, com a boca cheia. – Metade está no quartel-general dos Eruditos e a outra metade está no quartel-general dos Cêndidos. O que resta dos Abnegados está connosco. Ainda não se passou mais nada. Além do que vos aconteceu a vocês, julgo eu.

Tobias acena afirmativamente com a cabeça. Sinto-me um pouco aliviada por saber que metade dos Intrépidos, pelo menos, não são traidores.

Como mais algumas colheradas até sentir o estômago cheio. Depois Tobias vai buscar rolos de espuma e cobertores para dormirmos e eu procuro um canto desocupado onde possamos deitar-nos. Quando ele se curva para desapertar os sapatos vejo-lhe o símbolo dos Cordiais no fundo das costas. E quando ele se endireita aproximo-me e abraço-o, acariciando-lhe a tatuagem.

Tobias fecha os olhos. Faço votos para que o movimento das chamas nos oculte enquanto passo a minha mão pelas costas dele, tocando em cada uma das tatuagens sem as ver. Imagino o olho que tudo vê dos Eruditos, a balança desequilibrada dos Cêndidos, as mãos dadas dos Abnegados e o fogo dos Intrépidos. Com a outra mão toco-lhe nas chamas tatuadas na caixa torácica. Sinto-lhe o peso da respiração na minha face.

– Era bom que pudéssemos estar sós – diz Tobias.

– Também é quase sempre esse o meu desejo –

afirmo.

*

Adormeço ao som de vozes distantes. Nesta altura é-me mais fácil adormecer com ruído à minha volta. Posso concentrar-me nesse som e não nos pensamentos que, no silêncio, se apossariam de mim. O ruído e a atividade são o refúgio dos enlutados e dos culpados.

Acordo quando o fogo já está reduzido a um brilho difuso e só alguns dos sem-faço é que estão ainda a pé. E demoro alguns segundos a perceber por que motivo é que acordei: ouço as vozes de Evelyn e de Tobias a poucos metros de distância. Fico imóvel, na esperança de que não descubram que estou acordada.

– Tens de dizer-me o que se passa, se esperas que eu possa considerar a hipótese de vos ajudar – está Tobias a dizer. – Embora eu ainda não perceba porque é que precisas de mim.

Vejo a sombra de Evelyn projetada na parede, à luz da fogueira. É magra e forte como Tobias. Remexe os cabelos com os dedos enquanto fala.

– E o que é que queres saber, ao certo?

– Fala-me do gráfico. E do mapa.

– O teu amigo tinha razão ao pensar que o mapa e o gráfico indicam os nossos refúgios – começa Evelyn. – Mas estava enganado quanto à contagem da população... em parte. Os números não se referem a todos os sem-faço... mas só a alguns. E até acredito que deves adivinhar quais são.

– Não estou com disposição para adivinhas.

Evelyn suspira.

– São os Divergentes. Estamos a registar os Divergentes.

– E como é que sabem quem eles são?

– Antes do ataque provocado pela simulação, uma

parte da atividade de assistência dos Abnegados incluía a realização de testes aos sem-faço para identificar uma certa anomalia genética – explica Evelyn. – Por vezes, o teste incluía a repetição da prova de aptidão. Outras vezes era mais complexo do que isso. Mas eles explicaram-nos que suspeitavam que poderíamos ter a mais elevada taxa de Divergentes de qualquer um dos grupos.

– Não percebo. Porque é que...?

– Porque é que os sem-faço têm tantos Divergentes entre eles? – O tom de voz de Evelyn parece ser de troça. – É óbvio que aqueles que não se conseguem confinar a uma maneira específica de pensar abandonarão mais facilmente uma faço ou reprovarão nos processos de iniciação, não achas?

– Não era isso que eu ia perguntar. O que eu quero é saber por que motivo é que *vocês* se preocupam tanto com o número de Divergentes que existe.

– Os Eruditos andam à procura de mão de obra. E estão a utilizar temporariamente os Intrépidos. Mas vão precisar de mais e nós somos o grupo onde a poderão conseguir, se não perceberem que nós temos mais Divergentes do que qualquer das fações. E, só para o caso de não perceberem, eu quero saber quantas pessoas temos capazes de resistirem às simulações.

– Parece lógico – diz Tobias –, mas porque é que os Abnegados estavam tão interessados em encontrar os Divergentes? Não era para ajudar a Jeanine, pois não?

– Claro que não – responde Evelyn. – Mas também não conheço o verdadeiro motivo. Os Abnegados tinham relutância em fornecer informação que só serve para matar a curiosidade. Disseram-nos apenas o que pensavam que nós devíamos saber.

– É estranho – murmura Tobias.

– Talvez o devesse perguntar ao teu pai – sugere Evelyn. – Foi ele quem me falou na tua particularidade.

– Qual particularidade?

– Ele suspeitava de que fosses Divergente – responde Evelyn. – Estava sempre a observar-te. A tomar notas sobre o teu comportamento. Ele dava-te muita atenção. Foi por isso... Foi por isso que eu pensei que estivesse a salvo com ele. Mais do que comigo.

Tobias fica em silêncio.

– Mas agora percebo que devo ter-me enganado – acrescenta Evelyn.

Tobias continua em silêncio.

– Eu gostaria... – começa Evelyn.

– Nem penses em pedir desculpa! – A voz de Tobias até treme. – Não há nada que possas sarar com uma ou duas palavras, ou com um abraço, ou seja lá como for.

– Está bem – diz ela. – Pronto, não o farei.

– Porque é que os sem-faço estão a reunir-se? – pergunta Tobias. – O que é que tencionam fazer?

– Queremos dominar os Eruditos – responde Evelyn. – E quando nos livrarmos deles nada nos impedirá de controlarmos nós o Governo.

– Então é isso que esperam que eu vos ajude a fazer. Derrubar um governo corrupto e instalar no poder uma espécie de tirania dos sem-faço. – Tobias funga. – Nem pensar!

– Não queremos ser tiranos – diz ela. – Queremos estabelecer uma nova sociedade. Uma sociedade sem fações.

Sinto a boca seca. Um mundo sem fações? Um mundo em que ninguém sabe o que é ou onde melhor se encaixa? Nem o consigo imaginar. Só me ocorre caos e isolamento.

Tobias solta uma gargalhada.

– Pois – diz. – E como é que vão dominar os Eruditos?

– Há momentos em que as mudanças drásticas requerem medidas drásticas. – A sombra de Evelyn

ergue um ombro. – Calculo que isso implicará um nível elevado de destruição.

A palavra «destruição» faz-me estremecer. Há uma parte mais escura dentro de mim em que noto a ânsia que eu própria tenho por essa destruição, desde que os alvos sejam os Eruditos. Mas a palavra tem para mim um novo significado, agora que vi o que isso pode acarretar: corpos vestidos de cinzento caídos pelas ruas e por cima dos passeios, os líderes dos Abnegados abatidos a tiro nos seus próprios jardins, mesmo ao lado das suas caixas de correio. Encosto o rosto ao estrado em que estou deitada, com tanta força que me faz doer a testa, só para me libertar dessa recordação, para a expulsar da minha cabeça.

– Quanto ao facto de precisarmos de vocês... – torna Evelyn. – Para conseguirmos avançar com o plano, vamos precisar da ajuda dos Intrépidos. Eles têm as armas e a experiência de combate. E vocês podiam servir de intermediários.

– Achas que eu tenho alguma importância para os Intrépidos? É que não tenho. Sou só uma pessoa que não tem medo de muita coisa.

– Mas o que eu estou a sugerir-te é que te tornes importante. – Evelyn levanta-se e a sua sombra alonga-se do chão até ao teto. – Tenho a certeza de que podes encontrar uma maneira, se quiseses. Pensa nisso.

Puxa o cabelo encaracolado para trás e ata-o num carrapito.

– A porta está sempre aberta.

Tobias vem deitar-se junto a mim passados alguns minutos. Não quero confessar que estive a ouvi-los, mas gostaria de dizer-lhe que não confio em Evelyn ou nos sem-faço ou em alguém que fale tão despreocupadamente em destruir uma facção inteira.

Mas antes de conseguir reunir a coragem suficiente para falar, noto que a sua respiração se torna mais

calma e ele adormece.

Capítulo Dez

Passo a mão pela nuca para soltar o cabelo que aí se colou. Dói-me o corpo todo, a começar pelas pernas, que me ardem devido ao ácido láctico, mesmo quando não me mexo. E além disso não cheiro nada bem. Preciso mesmo de tomar banho.

Percorro o corredor até à casa de banho. Não sou a única pessoa que precisa de tomar banho – junto aos lavatórios está um grupo de mulheres, metade delas nuas e a outra metade completamente imperturbável por esse pormenor. Dirijo-me a um lavatório desocupado num canto e meto a cabeça debaixo da torneira, deixando a água fria correr por cima das minhas orelhas.

– Olá – diz Susan. Volto a cara para o lado. A água que me escorre pela face entra-me no nariz. Susan traz duas toalhas, uma branca e outra cinzenta, ambas esfiapadas nas pontas.

– Olá – respondo-lhe.

– Tenho uma ideia – diz-me ela. Voltando-me as costas, levanta uma toalha e bloqueia a minha visão do resto da casa de banho. Suspiro de alívio. Privacidade. Ou tanta quanto é possível ter.

Dispo-me rapidamente e pego no pedaço de sabão que está junto do lavatório.

– Como estás? – pergunta-me.

– Estou bem. – Sei que o pergunta porque assim o ditam as regras da sua fação. Mas preferia que ela falasse livremente comigo. – E tu, Susan?

– Estou melhor. A Therese disse-me que há um grupo grande de Abnegados nos refúgios dos sem-fação – diz

ela, enquanto eu esfrego o cabelo com sabão.

– Ah, sim? – Meto a cabeça outra vez debaixo da torneira e massajo o couro cabeludo com a mão esquerda para tirar o sabão. – E vais ter com eles?

– Vou – responde Susan. – A não ser que precises da minha ajuda.

– Agradeço a oferta, mas acho que é a tua fação que precisa mais de ti – afirmo, fechando a torneira. Era bom que não precisasse de me vestir. Está demasiado calor para as calças de veludo. Mas apanho a outra toalha do chão e seco-me apressadamente.

Visto a camisola vermelha que já tinha. Não me apetece vestir outra vez uma coisa tão suja mas não tenho alternativa.

– Parece-me que algumas das sem-fação têm mais roupa com elas – diz Susan.

– Talvez tenhas razão. Pronto, agora é a tua vez.

Fico a segurar a toalha enquanto Susan se lava. Os meus braços começam a doer-me passado algum tempo, mas se ela ignorou a dor para meu benefício eu também o posso fazer. A água salpica-me os tornozelos quando ela lava a cabeça.

– Nunca pensei que estivéssemos juntas numa situação destas – digo-lhe, instantes depois. – A tomar banho num lavatório de um edifício abandonado e a fugirmos aos Eruditos.

– Eu pensei que iríamos viver perto uma da outra – diz Susan. – Que fôssemos aos eventos sociais juntas. Que os nossos filhos fossem juntos para a paragem do autocarro.

Mordo o lábio ao ouvi-la dizer o que diz. É minha a culpa de essa possibilidade nunca se ter colocado, porque fui eu que escolhi outra fação.

– Desculpa, não era minha intenção dizer isto – acrescenta Susan. – Só tenho pena de não ter prestado muita atenção. Se fosse o caso, talvez tivesse percebido

o que estava a acontecer-te. Fui egoísta.

Rio-me.

– Susan, não há nada de errado no que fizeste.

– Já acabei – diz ela. – Passas-me a toalha?

Fecho os olhos e volto-me para ela poder pegar na toalha que servia de cortina. Quando Therese entra na casa de banho, a fazer uma trança, Susan pergunta-lhe se há mais roupas.

E quando saímos da casa de banho já trago vestidas umas calças de ganga e uma camisola preta que está tão larga na parte de cima que me desliza dos ombros, enquanto Susan veste calças de ganga largas e uma camisa branca dos Cordiais com um colarinho que abotoa até cima. Os Abnegados são pudicos ao ponto de andarem desconfortáveis.

Quando entro de novo na sala comum, vejo saírem alguns dos sem-fação com baldes de tinta e pincéis e fico a olhar para eles até a porta se fechar.

– Vão escrever uma mensagem para os outros refúgios – explica a voz de Evelyn, por detrás de mim. – Num dos painéis que existem na cidade. Utilizamos códigos feitos com informações pessoais: a cor preferida de alguém, o animal de estimação da pessoa quando era criança...

Não entendo por que motivo ela decidiu contar-me uma coisa sobre os códigos dos sem-fação até me voltar. Vejo-lhe então uma expressão que me é familiar e que foi a mesma que vi nos olhos de Jeanine quando ela disse a Tobias que tinha desenvolvido um soro que o podia controlar: orgulho.

– É inteligente – comento. – A ideia foi sua?

– Foi, de facto. – Encolhe os ombros, mas não me deixo iludir. Ela é tudo menos modesta. – Eu pertencia aos Eruditos antes de mudar para os Abnegados.

– Ah. Não aguentava uma vida de estudo, foi?

Mas Evelyn não morde o isco.

– Mais ou menos – responde. E depois faz uma pausa antes de prosseguir. – Calculo que o teu pai também os deixou pela mesma razão.

Quase me volto, para acabar com a conversa, mas as palavras dela criam uma espécie de pressão dentro da minha cabeça que até parece que ela está a espremer-me o cérebro com as mãos. Fico a olhar para ela.

– Não sabias? – Evelyn franze o sobrolho. – Desculpa. Esqueci-me que os membros das fações raramente conversam sobre as suas antigas fações.

– E então? – indago, com uma voz débil.

– O teu pai nasceu Erudito – diz Evelyn. – Os pais dele eram amigos dos pais da Jeanine Matthews, antes de morrerem. O teu pai e a Jeanine costumavam brincar juntos quando eram pequenos. Lembro-me de os ver a trocar livros na escola.

Imagino o meu pai, já adulto, sentado ao lado de Jeanine, também adulta, na mesa de almoço do meu antigo refeitório com um livro entre eles. A ideia é tão ridícula para mim que a minha reação é um misto de resmungo e de riso. Não pode ser verdade.

A questão é que...

Em primeiro lugar, ele nunca falou sobre a família dele ou sobre a infância.

Depois, ele nunca teve a postura calma de uma pessoa que tivesse crescido entre os Abnegados.

Além disso, o ódio que ele votava aos Eruditos era tão veemente que devia ter uma origem muito pessoal.

– Desculpa, Beatrice – diz Evelyn. – Não queria reabrir feridas já fechadas.

Franzo o sobrolho.

– Queria, sim.

– Que queres dizer com...?

– Ouça-me bem... – começo, baixando a voz. Olho para trás por cima do ombro, para ver se Tobias não está a ouvir-nos. Mas só vejo Caleb e Susan sentados no

chão a um canto, a passar um frasco de manteiga de amendoim. Não há sinal de Tobias. – Eu não sou estúpida. E percebo que está a tentar usá-lo. E é o que eu lhe vou dizer, se é que ele ainda não percebeu.

– Minha querida menina – replica Evelyn –, eu sou da família dele. Sou permanente. E tu és só temporária.

– Pois – contraponho. – A mãe dele abandonou-o e o pai batia-lhe. Como é que é possível que ele não seja leal ao próprio sangue, com uma família assim?!

Afasto-me, com as mãos a tremer, e sento-me no chão, junto de Caleb. Susan está agora noutra ponta da sala, a ajudar uma das sem-faço a fazer limpezas. O meu irmão passa-me o frasco de manteiga de amendoim. Lembro-me das fileiras de plantas de amendoim nas estufas dos Cordiais. Cultivam amendoins por serem ricos em proteínas e em matérias gordas, o que é importante, em especial para os sem-faço. Tiro com o dedo um pedaço de manteiga de amendoim e meto-o na boca.

Deverei contar-lhe o que Evelyn me disse? Não quero que ele pense que tem sangue dos Eruditos. Não lhe quero dar nenhum motivo para ele voltar para eles.

Por isso decido, de momento, manter a informação comigo.

– Queria falar contigo sobre uma coisa – diz-me Caleb.

Aceno afirmativamente com a cabeça, ainda às voltas com a manteiga de amendoim que se me colou ao céu da boca.

– A Susan quer ir ver os Abnegados – diz Caleb. – E eu também. E também quero ter a certeza de que nada de mal lhe acontece. Mas não queria deixar-te.

– Está tudo bem – asseguro-lhe.

– Porque é que não vens connosco? – pergunta ele. – Tenho a certeza de que os Abnegados te receberiam de volta de braços abertos.

Eu também tenho essa certeza, porque os Abnegados não alimentam ressentimentos. Mas estou ainda a lutar com o meu desgosto, e se regressasse à fação dos meus pais acabaria dominada por ele.

Abano a cabeça e digo-lhe:

– Tenho de ir ao quartel-general dos Cándidos para descobrir o que se passa. Não saber põe-me louca. – Forço um sorriso. – Mas tu deves ir. A Susan precisa de ti. Parece estar melhor mas ainda precisa de ti.

– Está bem – anui Caleb. – Mas tentarei regressar em breve para junto de ti. Tem cuidado, entretanto.

– E não tenho sempre?

– Não. Acho que a palavra adequada ao modo como ages é «imprudente».

Caleb aperta-me o meu ombro bom. Como mais um pedaço de manteiga de amendoim com a ponta do dedo.

Tobias regressa da casa de banho dos homens alguns minutos depois, com a camisa vermelha dos Cordiais substituída por uma T-shirt preta e o cabelo curto ainda a brilhar com a água. Os nossos olhares cruzam-se através da sala e eu percebo que está na hora de partir.

*

O quartel-general dos Cándidos é suficientemente grande para albergar um mundo inteiro. Ou, pelo menos, é o que me parece.

É um vasto edifício de cimento com vista para o que foi em tempos o rio. No sinal que ostenta já não está escrito «*Merchandise Mart*» mas «*Merchandise Mart*». A maioria das pessoas refere-se agora ao antigo centro comercial como «*Merciless Mart*» porque os Cándidos são implacáveis, mas honestos, e parecem ter adotado a designação de Centro da Sinceridade.

Não sei, no entanto, o que devo esperar, porque

nunca estive no interior. Tobias e eu ficamos parados diante das portas do edifício e olhamos um para o outro.

– Vamos a isto – diz ele.

Não consigo ver nada para além do meu reflexo nas portas de vidro. E o aspeto que tenho é de uma pessoa cansada e suja. Ocorre-me, pela primeira vez, que não precisamos de fazer nada. Podíamos esconder-nos com os sem-faço e deixar que os outros resolvam esta confusão toda. Podíamos passar à condição de *ninguéns*, juntos e a salvo de tudo o resto.

Tobias ainda não me contou a conversa que teve com a mãe na véspera, e não me parece que o vá fazer. Pareceu-me tão determinado em vir ao quartel-general dos Cândidos que até fico a pensar que pode estar a planear alguma coisa que não me inclua.

Nem sei porque entro por estas portas. Talvez eu tenha decidido que, se chegámos até aqui, vale a pena ver o que se passa. Mas suspeito que seja por querer saber o que é verdade e o que não é. Sou Divergente e por isso não sou ninguém, não há para mim nada que se pareça com «a salvo», e tenho mais algumas coisas em mente do apenas brincar às casinhas com Tobias. E, pelos vistos, ele também.

O átrio é grande e bem iluminado, com chão de mármore negro que vai até a um conjunto de elevadores. Um círculo de lajes de mármore branco no centro do átrio forma o símbolo dos Cândidos: uma balança em que os pratos não estão à mesma altura, simbolizando o peso da verdade relativamente ao peso das mentiras. E todo o espaço está a ferver de Intrépidos armados.

Uma mulher-soldado Intrépida aproxima-se de nós, voltando o cano da arma que traz a tiracolo diretamente para Tobias.

– Identifiquem-se – ordena. É jovem, no entanto, não

é suficientemente jovem para conhecer Tobias.

Os outros reúnem-se à volta dela. Alguns deles observam-nos com ar desconfiado e os restantes com curiosidade, mas o mais estranho de tudo é a expressão que lhes vejo nos olhos: conseguem identificar-nos. Eles podem conhecer Tobias mas como é que me reconhecem a mim?

– Sou o Quatro – diz Tobias e depois faz um aceno de cabeça para mim. – É a Tris. Somos ambos Intrépidos.

A mulher-soldado abre muito os olhos, mas não baixa a arma.

– Deem aqui uma ajuda, pode ser? – diz para os outros. Alguns Intrépidos dão um passo em frente mas fazem-no com cautela, como se fôssemos perigosos.

– Há algum problema? – pergunta Tobias.

– Estás armado?

– Claro que estou armado. Sou um Intrépido, não sou?

– Fiquem onde estão e ponham as mãos atrás da cabeça – ordena a Intrépida de repente e em tom brusco, como se esperasse que nós nos recusássemos a fazê-lo. Olho de relance para Tobias. Porque é que toda a gente age como se fôssemos atacá-los?

– Entrámos pela porta da frente – intervenho, falando lentamente. – Achas que o teríamos feito se tencionássemos atacar-vos?

Tobias não olha para mim. Limita-se a levar as pontas dos dedos à nuca. Imito-o, alguns instantes depois. Os soldados-Intrépidos cercam-nos. Um deles percorre as pernas de Tobias com as mãos enquanto outro retira a arma que ele tinha enfiado na cintura. Um terceiro, um rapaz de rosto redondo e faces rosadas, olha para mim como quem pede desculpa.

– Tenho uma faca no bolso de trás das calças – digo-lhe. – Põe-me as mãos em cima e farei com que te arrependas.

O rapaz murmura qualquer coisa parecida com um pedido de desculpa. Com dois dedos retira a faca do meu bolso pelo cabo, tendo o cuidado de não me tocar.

– O que se passa? – pergunta Tobias.

A Intrépida troca um olhar com os restantes.

– Desculpem – diz –, mas recebemos instruções para vos determos quando aqui chegassem.

Capítulo Onze

Os soldados-Intrépidos rodeiam-nos sem nos algemarem e conduzem-nos aos elevadores. Por mais que lhes pergunte por que motivo estamos detidos, ninguém responde e nem sequer olham para mim. Acabo por desistir e ficar calada, tal como Tobias.

Subimos ao piso três, onde nos levam para uma pequena sala com chão de mármore branco em vez de preto. O único mobiliário é um banco corrido ao longo da parede do fundo. Cada fação há de ter celas específicas para os desordeiros, mas eu nunca estive dentro de nenhuma.

A porta é fechada à chave depois de entrarmos e ficamos outra vez sozinhos.

Tobias senta-se no banco, de sobrolho carregado. Eu ando de um lado para o outro diante dele. Se Tobias tivesse alguma ideia sobre o porquê de aqui estarmos ter-me-ia dito, por isso não lho pergunto. Dou cinco passos para a frente e cinco passos para trás, mais cinco passos para a frente e cinco passos para trás, ao mesmo ritmo, esperando que isso me ajude a chegar a uma conclusão.

Se os Eruditos *não* dominaram os Cândidos – e Edward disse-nos que não o tinham feito – por que motivo os Cândidos nos prendem? Que foi que lhes fizemos?

Se os Eruditos não os dominaram, o único crime verdadeiro que nos restaria seria o de termos alinhado com os Eruditos. Mas eu fiz alguma coisa que pudesse ter essa interpretação? Mordo o lábio com tal força que a dor até me faz estremecer. Sim, fiz. Disparei contra

Will. Disparei contra um membro dos outros Intrépidos. Estavam a agir sob o efeito da simulação, mas talvez os Cândidos não o saibam ou não pensem que esse seja um motivo suficientemente forte.

– Podes fazer o favor de te acalmares? – diz-me Tobias. – Estás a pôr-me nervoso.

– Mas esta é a maneira de eu me acalmar.

Tobias inclina-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, a olhar para os ténis.

– A ferida que tens no lábio leva-me a discordar do que dizes.

Sento-me ao lado dele e levanto os joelhos de encontro ao peito, apoiando-os com um braço e deixando o braço direito imóvel. Tobias não diz nada durante algum tempo e eu aperto os joelhos com mais força. Sinto que quanto mais pequena for, mais segura fico.

– Às vezes fico preocupado por não confiares em mim – diz Tobias.

– Mas eu confio em ti – contraponho. – Claro que confio em ti. Porque haverias de pensar o contrário?

– É que me parece que há qualquer coisa que não me queres dizer. E eu contei-te coisas *a ti*... – Tobias abana a cabeça – ... que nunca disse a mais ninguém. Mas tens qualquer problema, e ainda não me contaste.

– Passou-se muita coisa. Sabes isso. E, de qualquer modo, o que se passa contigo? Eu podia perguntar-te o mesmo

Tobias toca-me na face e mete os dedos no meu cabelo. Ignorando a minha pergunta, tal como eu ignorei a dele.

– Se é só sobre os teus pais – torna Tobias, suavemente –, conta-me e eu acreditarei em ti.

Os olhos dele deviam revelar alguma apreensão devido à situação em que nos encontramos, mas estão calmos e escuros. Vê-los transporta-me a lugares que

me foram familiares. A lugares seguros onde seria fácil confessar que matei um dos meus melhores amigos e onde não teria medo do olhar que Tobias há de lançar-me quando descobrir o que eu fiz.

Cubro-lhe a mão com a minha.

– É só isso – digo-lhe, num tom débil.

– Está bem – replica Tobias. Toca nos meus lábios com os dele. E sinto a culpa a apertar-me o estômago.

A porta abre-se. E entram algumas pessoas: dois Cândidos com armas, um Cândido mais velho de pele escura, uma Intrépida que não conheço e, finalmente, Jack Kang, o representante dos Cândidos.

Pelo padrão da maioria das fações, Kang é um líder ainda jovem – tem só trinta e nove anos. Mas pelos padrões dos Intrépidos isso não é nada. Eric tornou-se um dos líderes dos Intrépidos aos dezassete anos. Mas esse talvez seja um dos motivos pelos quais as outras fações não levam muito a sério as nossas opiniões e as nossas decisões.

Jack é um homem atraente, com cabelo preto curto e olhos oblíquos mas afetuosos, como os de Tori, e maçãs do rosto salientes. Apesar da sua aparência agradável, não é conhecido pelos seus encantos, talvez por ser um dos Cândidos – eles encaram o encanto pessoal como enganador. Mas confio que ele nos diga o que se passa sem perder tempo com futilidades. O que já será alguma coisa.

– Disseram-me que ficaram confusos quanto ao porquê de terem sido detidos – começa Jack. Tem uma voz profunda mas estranhamente neutra, como se não conseguisse gerar um eco nem sequer no fundo de uma caverna vazia. – Isso, para mim, quer dizer que foram falsamente acusados ou que são muito bons a fingirem. A única...

– De que é que somos acusados? – pergunto eu, interrompendo-o.

– *Ele* é acusado de crimes contra a Humanidade. E *você* é acusada de ser cúmplice dele.

– Crimes contra a Humanidade?! – Tobias já começa a mostrar-se irritado. E deita a Jack um olhar de desagrado. – Como?!

– Vimos as imagens de vídeo do ataque. Era você quem dirigia a simulação – responde Jack.

– Mas como é que podiam ter visto as imagens? Nós retirámos os dados – diz Tobias.

– Vocês retiraram uma cópia dos dados. Todas as imagens recolhidas durante o ataque no quartel-general dos Intrépidos foram enviadas para outros computadores em toda a cidade – prossegue Jack. – E vimo-lo a dirigir a simulação enquanto *ela* foi quase espancada até à morte antes de se render. Depois pararam, puseram fim de forma bastante abrupta a esse conflito de namorados e roubaram juntos o disco rígido. Há um motivo plausível para isso: a simulação estava terminada e não queriam que lhes deitássemos as mãos.

Quase me rio às gargalhadas. O meu grande ato de heroísmo, a única coisa importante que fiz na minha vida... e eles pensam que eu estava a soldo dos Eruditos quando o fiz.

– A simulação não terminou – declaro. – Fomos *nós* que a travámos, seu...

Jack levanta a mão.

– Não estou interessado no que têm para me dizer agora. A verdade será revelada quando forem ambos interrogados sob o efeito do soro da verdade.

Christina tinha-me falado no soro da verdade. E contou-me nessa altura que a parte mais difícil da iniciação dos Cântidos era ter de responder a perguntas de carácter pessoal sob o efeito do soro da verdade e à frente de todos os membros da facção. E eu não preciso de ir procurar os meus segredos mais profundos e mais

sombrios para perceber que o soro da verdade é a última coisa que quero dentro de mim.

– O soro da verdade? – Abano a cabeça. – Não. Nem pensar.

– Tem alguma coisa a esconder? – pergunta Jack, arqueando as sobrancelhas.

Tenho é vontade de lhe dizer que qualquer pessoa com um mínimo de dignidade tenta sempre manter reservadas algumas coisas para si própria, mas não quero despertar nele mais suspeitas. Por isso abano a cabeça.

– Então está bem. – Jack olha para o relógio. – É agora meio-dia. O interrogatório começará às sete. Não tenham a preocupação de se prepararem. Não poderão esconder informações enquanto estiverem sob a influência do soro da verdade.

Volta-se e sai.

– Que tipo tão simpático – comenta Tobias.

*

Um grupo de Intrépidos armados escolta-me à casa de banho ao princípio da tarde. Demoro-me, deixando as mãos ficarem vermelhas debaixo da água quente que sai da torneira enquanto olho para a minha imagem refletida no espelho. Quando estava nos Abnegados e não me era permitido ver-me ao espelho, costumava pensar que muitas coisas podiam mudar na aparência das pessoas em apenas três meses. Mas agora eu só precisei de alguns dias para mudar.

Pareço mais velha. Talvez seja do cabelo curto ou porque tudo aquilo que aconteceu se cola a mim como uma máscara sobre o meu rosto. Em qualquer dos casos, pensei sempre que seria mais feliz quando deixasse de parecer uma criança. Mas agora o que sinto é um nó na garganta. Já não sou a filha que os meus

pais conheciam. E eles nunca me verão como agora sou.

Volto as costas ao espelho e empurro a porta para o corredor com as mãos sem lhe tocar com os dedos.

Quando os Intrépidos me deixam na cela, fico parada junto à porta. Tobias está como quando o vi pela primeira vez – cabelo curto, expressão austera e T-shirt preta. No passado, quando olhava para ele ficava excitada e nervosa. Lembro-me de quando lhe agarrei a mão, fora da sala de treino e apenas durante segundos, e de quando nos sentámos nas rochas junto do abismo, e sinto a dor causada pelo desejo que tenho de que as coisas voltem a ser como eram.

– Tens fome? – pergunta ele. Oferece-me uma sanduíche que está no prato a seu lado.

Pego nela e sento-me, encostando a cabeça ao ombro dele. Só nos resta esperar, e é o que fazemos. Comemos até não haver mais comida. Deixamo-nos ficar sentados até o corpo nos doer. Depois deitamo-nos no chão, lado a lado, de ombros encostados, a olhar para o mesmo ponto do teto branco.

– O que é que tens medo de dizer? – pergunta Tobias.

– Qualquer coisa. Tudo. Não quero passar outra vez pelas mesmas coisas.

Tobias acena afirmativamente com a cabeça. Fecho os olhos e finjo que durmo. Na cela não há relógio e por isso não posso contar os minutos que faltam para o interrogatório. Aliás, o tempo até poderia nem existir neste local, só que o sinto a pressionar-me à medida que as sete horas se aproximam cada vez mais, como se se eu estivesse a ser empurrada contra as lajes do chão.

Talvez o tempo não me parecesse pesar tanto se eu não tivesse esta culpa dentro de mim – a culpa de saber a verdade e de a meter num sítio onde ninguém, nem mesmo Tobias, a consegue ver. Talvez eu não devesse ter tanto medo de dizer alguma coisa porque a sinceridade vai fazer-me sentir mais leve.

Devo ter acabado por adormecer, porque acordo de repente ao ouvir o som da porta a abrir-se. Alguns Intrépidos entram e um deles diz o meu nome. E Christina abre caminho por entre eles e abraça-me. Os dedos dela quase me entram na ferida que tenho no ombro e eu até grito.

– Um tiro – digo-lhe. – No ombro. Ai.

– Oh, meu Deus! – Christina larga-me. – Desculpa, Tris.

Christina já não parece a rapariga de que eu me lembro. Tem o cabelo mais curto, como o de um rapaz, e a pele apresenta agora um tom acinzentado, em vez do castanho intenso que a caracterizava. Sorri, mas o sorriso não lhe chega aos olhos, que parecem cansados. Tento sorrir-lhe também, mas estou demasiado nervosa para o conseguir. Christina vai assistir ao meu interrogatório. Vai ouvir-me dizer o que fiz a Will. E nunca mais me perdoará.

A não ser que eu combata os efeitos do soro e engula a verdade. Se o conseguir fazer.

Mas é isso realmente o que quero? Deixar que a verdade fique dentro de mim para sempre, a apodrecer?

– Estás bem? Ouvi dizer que estavas aqui e pedi para te escutar – diz-me, enquanto saímos da cela. – Sei que não o fizeste. Não és uma traidora.

– Estou bem – digo-lhe. – E agradeço-te. E tu, como estás?

– Oh, eu... – A voz dela perde-se e Christina morde o lábio. – Alguém te disse... quer dizer, agora talvez não seja o momento certo mas...

– Que é? Que se passa?

– Hmm... O Will morreu durante o ataque – responde ela, olhando para mim com ar preocupado, de quem espera uma reação. Mas qual?

Ah. Não é natural que eu saiba que Will morreu. Eu podia fingir que me sinto emocionada, mas é provável

que não consiga ser convincente. É melhor confessar que já sabia. Mas não sei como poderei explicar-lhe sem lhe contar tudo.

De repente, sinto-me agoniada. Estarei realmente a tentar perceber qual é a melhor forma de enganar a minha amiga?!

– Já sei – respondo-lhe. – Vi pelos monitores quando estava na sala de controlo. Lamento imenso, Christina.

– Oh... – Christina acena com a cabeça. – Bem, fico... satisfeita por já saberes. Não queria dar-te a notícia assim, num corredor.

Uma risada muito breve. Um sorriso fugaz. Mas já não como antes.

Entramos num dos elevadores. Percebo que Tobias está a olhar para mim. Ele sabe que eu não vi o Will nos monitores, e não sabia que Will está morto. Olho em frente e faço de conta que o olhar dele não me está a pôr em chamas.

– Não se preocupem com o soro da verdade – diz Christina. – É fácil. Mal percebem o que está a acontecer quando estão sob o seu efeito. É só quando o efeito passa que sabem o que disseram. Eu passei por isso quando era miúda. É bastante comum nos Cándidos.

Os outros Intrépidos que estão no elevador entreolham-se. Em circunstâncias normais alguém a repreenderia por estar a falar da sua antiga fação, mas estas circunstâncias não são normais. Dificilmente se repetirá na vida de Christina uma situação em que ela tenha de escoltar a sua melhor amiga, agora suspeita de traição, para um interrogatório público.

– E todos os outros, estão bem? – pergunto-lhe. – O Uriah, a Lynn, a Marlene?

– Estão todos aqui – responde ela. – Exceto o irmão do Uriah, o Zeke, que está com os outros Intrépidos.

– O quê? – O Zeke, que me atou as correias para eu

descer pelo cabo, é um traidor?

O elevador para no décimo piso e os outros saem.

– Eu sei – diz Christina. – Ninguém estava à espera.

Pega-me pelo braço e leva-me para a porta. Caminhamos por um corredor de mármore preto – deve ser fácil uma pessoa perder-se no quartel-general dos Cândidos, já que parece tudo igual. Seguimos por outro corredor e atravessamos um conjunto de portas duplas.

Visto do exterior, o Centro da Sinceridade é um bloco quadrado e baixo com uma elevação estreita no centro. Do interior, essa porção elevada é uma divisão sem nada dentro que chega aos três andares de altura e que tem espaços vazios nas paredes em vez de janelas. Por cima de nós já vejo o céu, que está a escurecer e sem estrelas.

O chão, aqui, é de mármore branco com o símbolo dos Cândidos a negro no centro da divisão e as paredes estão iluminadas por filas de lâmpadas que emitem uma claridade amarela suave que faz cintilar o espaço todo. E onde cada voz faz eco.

A maioria dos Cândidos e os sobreviventes dos Intrépidos já aqui se encontram reunidos. Alguns estão sentados nos bancos corridos que circundam toda a sala. Não há, no entanto, lugar sentado para todos e os que não cabem nos bancos estão amontoados à volta do símbolo dos Cândidos. No seu centro, entre os dois pratos da balança, encontram-se duas cadeiras vazias.

Tobias estende-me a mão. Eu entrelaço os meus dedos nos dele.

Os Intrépidos que nos escoltam levam-nos ao centro da sala onde nos recebem, na melhor das hipóteses, com comentários sussurrados e, na pior, com ditos jocosos. Vejo Jack Kang sentado na primeira fila dos bancos corridos.

Um homem mais velho, de pele escura, dá alguns passos em frente com uma caixa preta nas mãos.

– O meu nome é Niles – anuncia – e eu serei o vosso interrogador. Tu – e aponta para Tobias – responderás em primeiro lugar. Portanto, se fizeres o favor de avançar...

Tobias aperta-me a mão e depois larga-a e eu fico com Christina na orla do símbolo dos Cântidos. O ar da sala é quente – é o calor húmido de um pôr do sol de verão –, mas eu tenho frio.

Niles abre a caixa preta. Contém duas seringas, uma para Tobias e outra para mim. Niles tira também um toalhete com antisséptico do bolso e oferece-o a Tobias. Nunca nos preocupámos com isso nos Intrépidos.

– O ponto onde damos a injeção está situado no teu pescoço – diz Niles.

A única coisa que ouço, enquanto Tobias aplica o antisséptico no pescoço, é o som que faz o vento. Niles avança e espeta a seringa no pescoço de Tobias, pressionando o líquido azulado e turvo para o interior das suas veias. A última vez que eu vi alguém a injetar algo em Tobias foi Jeanine, que o pôs sob o efeito de uma nova simulação que até era eficaz nos Divergentes. Ou, pelo menos, era nisso que ela acreditava. E eu pensei, nessa altura, que o tinha perdido para sempre.

Estremeço.

Capítulo Doze

– Vou fazer-te uma série de perguntas muito simples para te poderes habituar ao soro, enquanto ele ainda não começa a produzir os efeitos completos – diz Niles.
– Portanto, como te chamas?

Tobias está sentado com os ombros descaídos e a cabeça inclinada para a frente, como se o corpo fosse demasiado pesado para ele. Faz uma careta de desdém e agita-se na cadeira antes de responder por entre os dentes cerrados:

– Quatro.

Talvez não seja possível mentir quando se está sob o efeito do soro da verdade mas apenas selecionar a versão da verdade que se quer dizer: Quatro é o nome dele... mas não é bem o nome dele.

– Isso é uma alcunha – contrapõe Niles. – Qual é o teu verdadeiro nome?

– Tobias – responde ele.

Christina dá-me uma cotovelada:

– Sabias?

Faço que sim com a cabeça.

– Como se chamam os teus pais, Tobias?

Tobias abre a boca para responder e depois cerra os maxilares como se quisesse impedir as palavras de saírem.

– Qual é a importância disso? – pergunta.

Os Cândidos que me rodeiam murmuram entre si e alguns deles com manifestações de irritação. Olho para Christina com uma sobranceira arqueada.

– É extremamente difícil não responder de imediato às perguntas quando se está sob o efeito do soro da

verdade – explica ela. – Isto significa que ele tem uma vontade muito forte. E também que tem qualquer coisa a esconder.

– Talvez isso não tivesse importância até agora, Tobias – diz Niles –, mas agora já tem porque estás a resistir a responder à pergunta. Diz-me os nomes dos teus pais, se faz favor.

Tobias fecha os olhos e responde:

– Evelyn e Marcus Eaton.

Os apelidos são só um meio adicional de identificação, úteis para evitar confusões nos registos oficiais. Quando nos casamos, um dos esposos tem de ficar com o apelido do outro ou então têm ambos de tomar um apelido novo. Mesmo assim, embora possamos manter os nossos nomes de família quando mudamos de fação, raramente os mencionamos.

Neste caso toda a gente reconhece o apelido de Marcus. É bem perceptível no clamor que se ouve, depois de Tobias ter respondido. Todos os Cândidos sabem que Marcus é o mais influente dos membros do Governo e alguns deles devem ter lido o artigo divulgado por Jeanine sobre a crueldade com que Marcus tratou o filho. Foi uma das poucas coisas verdadeiras que ela disse. E agora todos sabem que Tobias é esse filho.

Tobias Eaton é um nome que impressiona.

Niles espera que a assistência volte a ficar em silêncio e continua:

– És uma transferência de fação, portanto. Sim ou não?

– Sim.

– Deixaste os Abnegados para ires para os Intrépidos?

– Claro – responde Tobias, agressivamente. – Não é óbvio?

Mordo o lábio. Ele devia acalmar-se. Está a deixar transparecer demasiado. Quanto mais relutante estiver em responder, mais decidido estará Niles a querer obter

a resposta.

– Um dos propósitos deste interrogatório é determinar a tua lealdade – diz Niles – e, por isso, tenho de perguntar-te: porque é que te transferiste?

Tobias deita a Niles um olhar de cólera e mantém a boca fechada. Passam-se segundos feitos de silêncio absoluto. Quanto mais ele tenta resistir ao soro mais difícil a situação se torna: começa a ficar corado, a respirar mais depressa e mais pesadamente. Magoa-me o que ele está a passar. Os pormenores da sua infância deviam ficar contidos no seu íntimo se era isso que ele queria. Os Cândidos são cruéis ao obrigarem-no a revelá-los e ao roubarem-lhe a liberdade.

– Isto é horrível – exclamo, com violência, para a Christina. – Tudo isto é errado.

– Porquê? – replica ela. – É uma pergunta muito simples.

Abano a cabeça.

– Não compreendes – digo-lhe.

Christina sorri-me:

– Tu gostas mesmo dele.

Estou demasiado concentrada em Tobias para lhe responder.

Niles volta à carga:

– Vou repetir a pergunta. É importante compreendermos a dimensão da tua lealdade para com a fação que escolheste. Portanto: porque é que te transferiste para os Intrépidos, Tobias?

– Para me proteger – responde Tobias. – Transferi-me para me proteger.

– Para te protegeres de quê?

– Do meu pai.

Todas as conversas que se ouviam na sala param de repente e o silêncio que se instala é pior do que os murmúrios que antes se ouviam. Penso que Niles vai continuar, mas não o faz.

– Agradecemos a tua sinceridade – diz, em vez disso. Os Cándidos repetem a mesma frase, em voz baixa. À minha volta ouvem-se as palavras «Agradecemos a tua sinceridade» em diferentes tons de voz, mais altos ou mais baixos, e a minha fúria começa a dissipar-se. As palavras que agora são murmuradas parecem servir para dar as boas-vindas a Tobias, para o acolher e para depois esquecer o seu segredo mais sombrio.

Não é a crueldade que os motiva, portanto, mas talvez um desejo de compreender. O que no entanto não me faz ter menos medo de ser sujeita ao soro da verdade.

– É à tua atual fação que deves lealdade, Tobias? – pergunta Niles.

– É a quem não apoiar o ataque aos Abnegados que devo lealdade – responde Tobias.

– A propósito – continua Niles –, acho que devemos agora concentrar-nos que aconteceu nesse dia. De que é que te lembras quando estiveste sob o efeito da simulação?

– No início eu não estive sob o efeito da simulação – diz Tobias. – Não deu resultado.

Niles solta uma pequena gargalhada.

– Que queres dizer com isso de não ter dado resultado?

– Uma das características que definem os Divergentes é o facto de as suas mentes serem resistentes a simulações – responde Tobias. – E eu sou Divergente. Portanto, não, não deu resultado.

Mais murmúrios. Christina toca-me com o cotovelo.

– E tu também és? – pergunta-me ela ao ouvido, para não fazer barulho. – Foi por isso que ficaste acordada?

Olho para ela. Passei os últimos meses com medo do rótulo *Divergente*, aterrorizada pela possibilidade de alguém descobrir o que sou. Mas já não serei capaz de o esconder mais. Aceno afirmativamente com a cabeça.

Foi como se os olhos dela inchassem e lhe transbordassem das órbitas . E eu tenho dificuldade em identificar a expressão dela. Choque? Medo?

Temor reverencial?

– Sabes o que isso significa? – pergunto-lhe.

– Ouvi falar, quando era miúda – responde, num sussurro respeitoso.

Temor reverencial, de facto.

– Como se fosse uma história fantástica – diz Christina. – «Há entre nós pessoas com poderes especiais!» Era assim que falavam...

– Bem, não é uma fantasia e também não é grande coisa – continuo. – É como a simulação da paisagem dos medos: sabemos que estamos acordados quando estamos sujeitos a ela e conseguimos manipulá-la. Só que para mim é uma coisa que acontece em todas as simulações.

– Mas, Tris – e Christina põe-me a mão no ombro –, isso é *impossível*.

No centro da sala Niles levanta as mãos, a tentar silenciar as vozes da multidão, mas ainda há muito murmúrios no ar – uns em tons de hostilidade, outros de terror e outros ainda de um medo respeitoso, como foi o caso de Christina. Até ao momento em que Niles se põe em pé e grita:

– Se não se calam, terão de sair!

E finalmente todos se calam. Niles volta a sentar-se e retoma o interrogatório:

– Portanto, quando dizes «resistente a simulações», que queres dizer com isso?

– Que, normalmente, ficamos conscientes durante as simulações – responde Tobias. Parece estar mais à vontade com o soro da verdade quando responde a perguntas concretas em vez das que têm implicações emocionais. E agora nem parece estar sob o efeito do soro da verdade, embora o corpo descaído e os olhos

errantes indiquem o contrário. – Mas a simulação do ataque era diferente por utilizar um tipo diferente de soro de simulação, com transmissores de maior alcance. É evidente que os transmissores de longo alcance não davam mesmo resultado com os Divergentes, porque eu despertei nessa manhã no pleno uso das minhas faculdades mentais.

– Estás a dizer que não estiveste sob o efeito da simulação *de início*. Podes explicar o que isso significa?

– Significa que me descobriram e que fui levado à presença da Jeanine e que ela injetou em mim uma versão do soro da simulação que era especificamente dirigido aos Divergentes. Durante essa simulação eu ainda estive consciente mas não me serviu de muito.

– As imagens de vídeo do quartel-general dos Intrépidos mostram que eras *tu* que dirigias a simulação – diz Niles num tom de voz mais pesado. – Como é que consegues explicar isso?

– Quando está em curso uma simulação, os olhos ainda conseguem ver e interpretar o que veem no mundo real mas o cérebro já não compreende os que os olhos estão a ver – explica Tobias, fechando os olhos por instantes. – Mas, num certo nível, o cérebro ainda sabe o que a pessoa está a ver e onde se encontra. A natureza desta simulação permitia-lhe registar as minhas reações emocionais aos estímulos exteriores e reagia em função da alteração da aparência desse estímulo. A simulação transformava os meus inimigos em amigos e os meus amigos em inimigos. Eu pensei que estava a bloquear a simulação. Mas, na realidade, estava a agir sob o efeito das instruções que recebia para a manter a funcionar.

Christina acena afirmativamente com a cabeça à medida que vai ouvindo a explicação dele. Sinto-me mais calma ao ver que o resto da assistência está a fazer a mesma coisa. É esta a vantagem do soro da verdade,

percebo agora: deste modo, o testemunho de Tobias é irrefutável.

– Vimos imagens do que veio a acontecer na sala de controlo – diz Niles –, mas elas são confusas. Descrevenos o que aconteceu, por favor.

– Houve alguém que entrou na sala e eu pensei que fosse um soldado-Intrépido que ia impedir-me de destruir a simulação. Eu estava a lutar com essa pessoa, que era uma rapariga, e... – Tobias faz uma careta e agita-se – ... ela parou de lutar e eu fiquei confuso. Mesmo que estivesse consciente, teria ficado confuso. Porque é que ela havia de render-se? Porque é que não me matava?

Os olhos dele percorrem a multidão até darem comigo. Sinto o coração a bater dentro da minha garganta, e depois nas minhas faces.

– Ainda não compreendo – prossegue Niles, num tom mais suave – como é que ela sabia que daria resultado.

Sinto o bater do meu coração nas pontas dos dedos.

– Julgo que as minhas emoções em conflito confundiram a simulação – responde Tobias. – E depois ouvi-lhe a voz. E isso, de algum modo, permitiu-me fazer frente à simulação.

Tenho os olhos a arder. Tenho tentado não pensar nesse momento, quando achei que ele já estava perdido para mim e que eu iria morrer em breve e não queria mais do que sentir o bater do coração dele. Esforço-me por não pensar nisso agora e pestanejo para afastar as lágrimas.

– Mas finalmente reconheci-a – continua Tobias. – Regressámos à sala de controlo e pusemos fim à simulação.

– E como se chama essa pessoa?

– Tris – responde. – Beatrice Prior, aliás.

– Já a conhecias antes de isso acontecer?

– Sim.

– E de onde?

– Fui o instrutor dela – responde. – E agora estamos juntos.

– Tenho uma última pergunta – diz Niles. – Entre os Cândidos, a pessoa tem de expor-se por completo antes de ser aceite na nossa comunidade. Considerando as circunstâncias tão terríveis em que nos encontramos, pedimos-te o mesmo. Portanto, Tobias Eaton... De que é que te arrependes mais na tua vida?

Observo-o, dos ténis muito usados aos dedos compridos, passando pelas sobranceiras direitas.

– Eu lamento... – Tobias inclina a cabeça para o lado e suspira. – Eu lamento ter feito a escolha que fiz.

– Que escolha?

– A opção pelos Intrépidos – responde. – Eu nasci para ser um Abnegado. E estava a pensar em deixar os Intrépidos e tornar-me um sem-faço. Mas depois conheci-a... e senti que talvez pudesse tornar mais relevante a minha decisão.

Conheceu-me...

Por momentos, é como se eu estivesse a olhar para uma pessoa diferente na pele de Tobias e cuja vida não é tão simples como eu pensava. Ele queria deixar os Intrépidos, mas ficou por minha causa. Nunca mo tinha dito.

– Escolher os Intrépidos para fugir ao meu pai foi um gesto de cobardia – declara Tobias. – Lamento ter sido cobarde. Significa que não sou digno da fação que escolhi. E lamentá-lo-ei sempre.

Penso que os Intrépidos vão soltar gritos de indignação e talvez mesmo atirarem-se a ele e espancá-lo até à morte. São capazes de fazer coisas mais estranhas ainda. Mas nada disso acontece. Ficam imóveis, num silêncio de pedra e com faces impassíveis, a observarem o jovem que não os traiu mas que nunca se sentiu um deles.

Ficamos todos em silêncio durante algum tempo. Não percebo quem é que começou a murmurar. É qualquer coisa que parece vir do nada e de ninguém em especial. Mas há alguém que diz, baixinho: «Agradecemos a tua sinceridade». E todos os outros o secundam.

– Agradecemos a tua sinceridade – diz a multidão.

Mas eu não me junto a essa voz coletiva.

Fui eu que o obriguei a ficar na fação de onde ele queria sair. Não o mereço.

E talvez ele deva conhecer a minha opinião.

*

Niles está no centro da sala com a seringa. As luzes que o iluminam fazem cintilar a seringa. Esperam todos, os Intrépidos e os Cândidos, que eu avance e lhes conte toda a minha vida.

Volto a pensar o mesmo: *Talvez eu consiga resistir ao soro*. Mas não sei se o devo tentar fazer. Para as pessoas que eu amo pode ser melhor eu ser transparente.

Caminho com movimentos rígidos até ao centro da sala enquanto Tobias se afasta. Quando nos cruzamos, ele pega-me na mão e aperta-me os dedos. E depois desaparece e só fico eu, com Niles e a seringa. Limpo o lado do pescoço com o toalhete antisséptico, mas recuo quando ele estende a mão com a seringa.

– Prefiro ser eu própria a fazê-lo – declaro, estendendo a mão. Nunca mais deixarei ninguém injetar-me, depois de ter deixado Eric injetar-me com o soro da simulação no fim da minha última prova. Não é por ser eu a fazê-lo que consigo alterar o líquido da seringa, mas desta maneira serei eu pelo menos o instrumento da minha própria destruição.

– E sabes como deves fazê-lo? – indaga Niles, levantando uma das suas espessas sobrancelhas.

– Sei.

Niles dá-me a seringa. Posiciono-a por cima da veia no pescoço, insiro a agulha e pressiono o êmbolo. Mal sinto a picada. Estou mais do que dominada pela adrenalina.

Uma pessoa aproxima-se com um caixote de lixo e eu atiro a seringa lá para dentro. E logo a seguir sinto os efeitos do soro. O sangue que me circula nas veias parece ganhar o peso do chumbo. E quase caio ao encaminhar-me para a cadeira. Niles é obrigado a agarrar-me pelo braço e a levar-me para lá.

O meu cérebro fica silencioso instantes depois. *Em que estava eu a pensar?* Em qualquer coisa que nem parece ter importância. Já nada importa, à exceção da cadeira que está debaixo de mim e do homem sentado à minha frente.

– Como te chamas? – pergunta ele.

No momento em que ele faz a pergunta, a resposta sai-me logo dos lábios:

– Beatrice Prior.

– Mas dás pelo nome de Tris.

– Dou.

– Como se chamam os teus pais, Tris?

– Andrew e Natalie Prior.

– Também és uma transferência de facção. Sim ou não?

– Sim – respondo. Mas há um pensamento novo que me sussurra qualquer coisa no fundo da minha mente. *Também?! Também* refere-se a alguém e, neste caso, o alguém é Tobias. FRANZO o sobrolho enquanto tento recordar-me do rosto dele, mas é difícil obrigar a sua imagem a entrar na minha mente. Mas não é tão difícil que eu não o consiga fazer. Consigo vê-lo, e depois vejo uma imagem muito rápida dele sentado na mesma cadeira em que eu estou sentada.

– Vieste dos Abnegados? E escolheste os Intrépidos?

– Sim – respondo mais uma vez. Desta vez, as

palavras saem-me de forma abrupta. Não sei porquê, no entanto.

– E porque te transferiste?

A pergunta é mais complexa, mas ainda sei a resposta. *Não era suficientemente boa para pertencer aos Abnegados* é a resposta que tenho na ponta da língua. Mas há uma outra frase que a substitui: *Queria ser livre*. Ambas as respostas são verdadeiras. Quero dizer as duas. Aperto os braços da cadeira enquanto faço por me lembrar de onde me encontro e do que está a acontecer. Vejo pessoas à minha volta, mas não sei porquê.

Fico tensa e em esforço, como me acontecia na escola quando estava quase a lembrar-me da resposta à pergunta de um teste sem conseguir trazê-la à minha mente. Costumava então fechar os olhos e visualizar a página do livro onde estava a resposta. Faço um esforço, durante alguns segundos, mas não consigo. Não consigo mesmo lembrar-me.

– Não era suficientemente boa para pertencer aos Abnegados – afirmo – e queria ser livre. Por isso escolhi os Intrépidos.

– E porque é que não eras suficientemente boa?

– Porque era egoísta – respondo.

– Eras mesmo egoísta? E agora já não és?

– Claro que sou. A minha mãe dizia que toda a gente é egoísta – declaro –, mas tornei-me menos egoísta nos Intrépidos. Descobri que havia pessoas pelas quais eu estava disposta a lutar. E até a morrer.

A resposta surpreende-me. Mas porquê? Primo os lábios. Porque é verdadeira, é por isso. Se a dou aqui é porque deve ser verdadeira.

Este pensamento devolve-me o elo que me faltava para a cadeia de pensamentos que eu procurava. Estou aqui a ser sujeita a uma prova de deteção de mentiras. Tudo o que digo é verdade. Sinto uma gota de suor a rolar pela minha nuca.

Prova de deteção de mentiras. Soro da verdade. Tenho de me lembrar disto. É fácil uma pessoa perder-se na sinceridade.

– Tris, podes fazer o favor de nos dizeres o que aconteceu no dia do ataque?

– Acordei – respondo – e estava toda a gente sob o efeito da simulação. Por isso fingi que também estava, até encontrar o Tobias.

– O que é que aconteceu depois de vocês ficarem separados?

– A Jeanine tentou matar-me, mas a minha mãe salvou-me. A minha mãe tinha sido Intrépida e sabia usar uma arma de fogo. – O meu corpo sente-se agora mais pesado, mas já não me sinto com frio. Há qualquer coisa em movimento dentro do meu peito que é pior do que a tristeza e do que o arrependimento.

E sei o que se segue. A minha mãe morreu e eu matei Will. Disparei contra ele e matei-o.

– Ela distraiu a atenção dos soldados-Intrépidos para eu poder fugir e eles mataram-na – acrescento.

Alguns deles correram atrás de mim e eu matei-os. Mas há Intrépidos na multidão que me rodeia, Intrépidos. Matei alguns dos Intrépidos, não devia falar disso aqui.

– Continuei a fugir – prossigo. – E... – *E o Will perseguiu-me. E eu matei-o.* Não, não. Sinto o suor que me escorre do cabelo. – E encontrei o meu irmão e o meu pai – acrescento, com voz tensa. – Concebemos um plano para destruir a simulação.

As pontas dos braços da cadeira cravam-se nas palmas das minhas mãos. Retive parte da verdade. Decerto que é uma coisa que conta como engano.

Lutei contra o soro. E ganhei, por breves momentos.

Devia sentir-me triunfante. Mas o que sinto é o peso do que fiz a esmagar-me de novo.

– Infiltrámo-nos no complexo dos Intrépidos e fomos, o meu pai e eu, até à sala de controlo – continuo. – Ele

repeliu os soldados-Intrépidos e o preço disso foi a sua própria vida. Cheguei à sala de controlo e era aí que se encontrava o Tobias.

– O Tobias disse que o atacaste mas depois paraste. Porque é que o fizeste?

– Porque percebi que um de nós teria de matar o outro, e eu não o queria matar.

– E desististe?

– Não! – respondo, com brusquidão. Abano a cabeça.
– Não, não exatamente. Lembrei-me de uma coisa que tinha feito na minha paisagem dos medos durante a iniciação dos Intrépidos... numa simulação, houve uma mulher que me pediu para eu matar a minha família e, em vez disso, deixei-a disparar sobre mim. Nessa altura deu resultado. E eu pensei... – Levo os dedos à cana do nariz e aperto-a. Está a começar a doer-me a cabeça, o meu controlo desapareceu e os meus pensamentos transformam-se diretamente em palavras. – Eu estava muito agitada mas a única coisa em que conseguia pensar era que havia mais qualquer coisa, que havia uma força... E que eu não podia matá-lo e portanto tinha de tentar.

Sinto lágrimas nos olhos e pestanejo.

– Nunca estiveste então sob o efeito da simulação?

– Não. – Primo os olhos com as mãos, limpando deste modo as lágrimas para não me caírem pelas faces onde toda a gente as pode ver. – Não – repito. – Não, sou Divergente.

– Só para que isto fique bem esclarecido – torna Niles –, estás a dizer-me que quase foste morta pelos Eruditos... e que depois conseguiste forçar a entrada no quartel-general dos Intrépidos... e que a seguir destruístes a simulação?

– Sim – respondo.

– Acho que falo em nome de todos – diz Niles –, se disseres que foste digna do título de Intrépida.

Do lado esquerdo da sala erguem-se gritos e eu vejo os punhos levantados no ambiente escuro da sala. É a minha facção, a chamar-me.

Mas eles estão enganados. Eu não sou corajosa. Não sou corajosa porque matei Will e não o confesso. Nem o consigo confessar...

– Beatrice Prior – diz Niles –, de que é que te arrependes mais na tua vida?

De que é que me arrependo? Não me arrependo de escolher os Intrépidos ou de deixar os Abnegados. Não me arrependo de ter disparado sobre os guardas que se encontravam à porta da sala de controlo porque era importante afastá-los.

– Arrependo-me...

Os meus olhos deixam o rosto de Niles e vagueiam pela sala e fixam-se em Tobias. Está impassível, os lábios fechados numa linha muito direita, o olhar inexpressivo. Tem os braços cruzados e as mãos seguram-nos com tanta força que os nós dos dedos estão brancos. Christina está a seu lado. Sinto um aperto no peito e não consigo respirar.

Tenho de dizer-lhes. Tenho de dizer a verdade.

– O Will – digo.

É quase como se respirasse, como se conseguisse expulsar o ar que se acumulava dentro de mim. A partir daqui já não posso voltar atrás.

– Disparei sobre o Will – declaro – enquanto ele estava sob o efeito da simulação. Matei-o. Ele ia matar-me mas fui eu que o matei. Era meu amigo.

Will, com a ruga entre as sobrancelhas, com os olhos verdes como um aipo e a capacidade de citar de memória o manifesto dos Intrépidos. Sinto uma dor tão intensa no estômago que até gemo. Dói-me recordá-lo. Faz-me doer o corpo todo.

E há mais qualquer coisa, algo bem pior de que nem me apercebi antes. Eu estava disposta a morrer em vez

de matar Tobias, mas esse pensamento nunca me ocorreu quando se tratou de Will. Não precisei de mais do que uma fração de segundo para me decidir a matá-lo.

Sinto-me completamente nua. Não percebi que usava os meus segredos como uma armadura até eles terem desaparecido, e agora todos me podem ver como realmente sou.

– Agradecemos a tua sinceridade – dizem eles.
Com exceção de Christina e de Tobias.

Capítulo Treze

Levanto-me da cadeira. Já não me sinto tão tonta. O efeito do soro já está a desaparecer. A multidão agita-se e eu procuro uma porta. Não costumo fugir das coisas, mas desta vez gostaria de poder fazê-lo.

Toda a gente começa a sair ordeiramente da sala, à exceção de Christina. Mantém-se no mesmo lugar, as mãos transformadas em punhos que começam a abrir-se. Os olhos dela cruzam-se com os meus mas é como se nem me visse. São olhos que parecem nadar em lágrimas e, no entanto, não a vejo chorar.

– Christina – digo-lhe, mas a única palavra em que consigo pensar (*Desculpa*) soa mais a um insulto do que a um arrependimento. *Desculpa* é uma coisa que se pede quando se dá uma cotovelada em alguém ou quando se interrompe outra pessoa. E eu quero ir muito além disso.

– Ele estava armado – digo-lhe. – Ia disparar sobre mim. Ele estava sob o efeito da simulação.

– Mataste-o – diz ela. O que ela diz parece ganhar um volume muito maior como se a palavra se expandisse dentro da sua própria boca antes de ela a conseguir dizer. Christina olha para mim como se não me reconhecesse e depois volta-me as costas.

Uma rapariga mais nova, com a mesma cor de pele e a mesma altura, dá-lhe a mão. É a irmã mais nova dela. Conheci-a há muitos anos, no Dia das Visitas. O soro da verdade faz com que as silhuetas delas pareçam nadar, ou talvez sejam as minhas lágrimas que provocam esse efeito.

– Estás bem? – pergunta Uriah, emergindo da

multidão e tocando-me no ombro. Não o via desde o ataque mas não consigo arranjar coragem para o cumprimentar.

– Sim.

– Olha – Uriah aperta-me o ombro –, fizeste o que tinhas de fazer, certo? E foi para nos salvares de sermos escravos dos Eruditos. Ela vai acabar por perceber. Quando o desgosto começar a dissipar-se.

Nem consigo fazer que sim com a cabeça. Uriah sorri-me e sai. Alguns Intrépidos tocam-me quando passam por mim e murmuram palavras que soam a gratidão ou a cumprimentos ou a afirmações de que está tudo bem. Outros distanciam-se e observam-me com olhos semicerrados e expressões de desconfiança.

Os corpos vestidos de preto transformam-se numa mancha indistinta à minha frente. Sinto-me vazia. Revelei tudo.

Tobias está junto de mim. Preparo-me para a reação dele.

– Recuperei as nossas armas – diz-me, dando-me a minha faca.

Enfio-a no meu bolso de trás sem olhar para ele.

– Podemos falar sobre isto amanhã – diz ele. Calmamente. E Tobias é um perigo quando está assim calmo.

– Está bem.

O braço dele cobre-me os ombros. A minha mão encontra a anca dele e puxo-o mais para mim.

Agarro-me a ele com força enquanto nos dirigimos para o elevador.

*

Tobias arranja-nos duas camas de campanha no fundo de um corredor. Deitamo-nos com as nossas cabeças separadas apenas por centímetros e ficamos em

silêncio.

Quando tenho a certeza de que ele já está a dormir, saio sem ruído de debaixo dos cobertores e avanço pelo corredor fora, evitando os Intrépidos que aí dormem, até encontrar a porta que dá para a escada.

Enquanto subo degrau após degrau, sentindo os músculos a arder e os meus pulmões a ansiarem por ar, sinto um momento de alívio pela primeira vez em vários dias.

Posso conseguir correr bem em terreno plano, mas subir escadas já é outra coisa. Massajo os tendões para aliviar uma câibra ao passar o décimo-segundo piso e tento recuperar parte do ar que perdi. E até consigo sorrir à sensação de queimadura que me sobe das pernas e do peito. Estou a usar a dor para aliviar a dor. Não faz muito sentido.

Quando chego ao décimo-oitavo piso, as minhas pernas parecem ter-se liquefeito. Arrasto-me até à sala onde fui interrogada. Agora está deserta, mas os bancos que rodeiam todo o anfiteatro ainda aqui estão, tal como a cadeira em que me sentei. Vejo a lua que brilha por detrás de uma neblina feita de nuvens sobrepostas.

Pouso as mãos nas costas da cadeira. É simples: de madeira, sem decorações, e range um pouco. É estranho como um objeto tão banal foi essencial para a minha decisão de destruir um dos meus relacionamentos mais importantes e ferir outro.

Já é suficientemente mau ter abatido Will a tiro sem ter sido suficientemente rápida a encontrar outra solução. Agora vou ter de viver com o que todos pensam a meu respeito, além dos meus próprios pensamentos, e com o facto de nada – nem mesmo a opinião que tenho de mim própria – ser igual a partir deste momento.

Os Cândidos enaltecem a verdade, mas nunca falam do seu preço.

As costas da cadeira fazem-me doer as palmas das mãos. Estava a apertar a madeira com mais força do que pensava. Olho para ela por instantes e depois levanto-a, equilibrando-a de pernas para cima no meu ombro bom. Procuro uma escada, ou mesmo um escadote, que me ajude a subir, mas só vejo as bancadas que se erguem do solo.

Vou até à bancada mais elevada e ergo a cadeira acima da minha cabeça. Mal chega ao rebordo por baixo de um dos espaços abertos que servem de janelas. Salto, empurrando a cadeira para a frente, e ela desliza para o rebordo. Dói-me o ombro – não devia estar a fazer esforços com ele –, mas tenho outras coisas em mente.

Salto outra vez e agarro-me ao rebordo, içando-me com braços trémulos. Levanto uma perna e arrasto o resto do corpo para cima. E aproveito para aí descansar por instantes, a respirar pesadamente.

Penho-me em pé no rebordo, baixo do arco que costumava ser uma janela, e olho para a cidade. O rio morto circunda o edifício e desaparece. A ponte, que já perdeu parte da sua tinta vermelha, expande-se por cima da superfície lamacenta. No outro lado encontram-se edifícios, na sua maioria vazios. Até custa a acreditar que tenham habitado nesta cidade pessoas em número suficiente para os encher.

Entrego-me, por momentos, à recordação do interrogatório. A inexpressividade de Tobias e a cólera que depois revelou e que só travou para bem da minha sanidade mental. O olhar vazio de Christina. Os murmúrios: «Agradecemos a tua sinceridade.» É fácil dizê-lo quando o que eu fiz não os afeta.

Agarro na cadeira e atiro-a para o outro lado do rebordo. Solto um grito débil. Que se transforma depois num berro e logo a seguir vejo-me de pé na janela inexistente do Centro da Sinceridade, num grito que

não tem fim enquanto a cadeira voa em direção ao solo e a garganta me arde devido ao esforço. E depois a cadeira embate no solo e explode como um esqueleto frágil. Sento-me no rebordo, encostada à ombreira da janela e fecho os olhos.

E penso em Al.

Quanto tempo terá ele ficado numa posição destas antes de se atirar para o Fosso no quartel-general dos Intrépidos?

Deve ter sido ainda durante bastante tempo, com certeza que a fazer uma lista de todos os atos terríveis que praticara – e um deles foi ter-me quase matado –, mas também de todos os gestos bons, heroicos e corajosos, para depois concluir que estava cansado. Não apenas de viver, mas de existir. De ser o Al.

Abro os olhos e observo os fragmentos da cadeira que mal avisto no solo. Acho que pela primeira vez compreendo o Al. Estou cansada de ser a Tris. Fiz coisas más. Não posso desfazê-las e agora são uma parte daquilo que eu sou. E na maior parte do tempo até parecem ser a única coisa que eu sou.

Inclino-me para a frente, para o ar, agarrando-me a um dos lados da janela com uma mão. Mais alguns centímetros e o meu peso arrastar-me-á para o solo. E já não poderei parar.

Mas não o posso fazer. Os meus pais morreram porque me amavam. Se eu morrer sem um bom motivo estarei a pagar o sacrifício deles da pior maneira, por muito mau que seja aquilo que eu fiz.

– Deixa que seja a culpa a ensinar-te como deves portar-te na próxima vez – diria o meu pai.

– Eu amo-te. Incondicionalmente – diria a minha mãe.

Há uma parte de mim que gostaria de os varrer de vez da minha mente para nunca mais ter de chorar por eles. Mas a outra parte receia o que poderei vir a ser se

não mantiver comigo a recordação que trago deles.

Com os olhos enevoados pelas lágrimas, volto à sala dos interrogatórios.

*

Regresso à minha cama quando já é de dia. Tobias está levantado. Volta-se e caminha para os elevadores e eu sigo-o porque sei que é isso que ele quer. Entramos e ficamos lado a lado. Ouço uma campainha.

O elevador desce até ao segundo piso e eu começo a tremer. É um tremor que começa nas mãos e que me sobe depois pelos braços e pelo peito até se expandir por todo o meu corpo e eu ficar incapaz de lhe pôr fim. Ficamos no espaço a meio dos elevadores, mesmo por cima de outro símbolo dos Cándidos: a balança de pratos desequilibrados. O símbolo que está também desenhado a meio da coluna vertebral dele.

Tobias não olha para mim durante muito tempo. Mantém os braços cruzados e a cabeça baixa até eu não aguentar mais, até eu sentir que vou gritar. Devia dizer qualquer coisa, mas não sei bem o quê. Não posso pedir-lhe que me desculpe, porque só disse a verdade e não posso transformá-la numa mentira. Não posso justificar-me.

– Não me contaste – afirma Tobias. – Porquê?

– Porque não... – Abano a cabeça. – Não sabia como havia de o fazer.

Tobias faz um sorriso trocista.

– Mas isso até é bastante *fácil*, Tris...

– Ah, pois – declaro, com um aceno de cabeça. – É *tão fácil*. A única coisa que tinha de fazer era ir ter contigo e dizer-te: «A propósito, matei o Will e a culpa está a dar cabo de mim e o que é que há para o pequeno-almoço?» Era isto? Era isto que querias? – E, de repente, sinto que é tudo demasiado para mim. Os

meus olhos enchem-se-me de lágrimas. – Porque não tentas *tu* matar um dos teus melhores amigos e enfrentar depois as consequências?

Cubro o rosto com as mãos. Não quero que ele me veja outra vez a chorar. Toca-me no ombro.

– Tris – diz Tobias, com uma voz mais suave desta vez. – Desculpa. Não devo fingir que compreendo. – Debate-se por instantes com qualquer dilema. – Só desejaria que tivesses podido confiar em mim o suficiente para me contares essas coisas.

Mas eu confio em ti – é isto que quero dizer-lhe. O problema é que não é verdade: eu não confiei que ele me amasse apesar de todas as coisas terríveis que eu fiz. Não confio suficientemente em ninguém para deixar que isso aconteça, mas o problema não é dele, é meu.

– Quer dizer – torna Tobias –, eu tive de saber *pelo Caleb* que tu quase te afogaste num tanque cheio de água. Isso não te parece um pouco estranho?

E isto quando eu estava prestes a pedir-lhe que me desculpasse.

Limpo as minhas faces com força com as pontas dos dedos e fito-o.

– Há outras coisas mais estranhas – contraponho, tentando um tom de voz mais despreocupado. – Como descobrir que a mãe do próprio namorado que se supunha estar morta ainda está viva, por *a ver pessoalmente*. Ou escutar por acaso os planos dele para se aliar com os sem-fação e ele nunca o contar. Isto é que me parece um pouco estranho.

Tobias tira a mão do meu ombro.

– E não finjas que isto é só um problema meu – continuo. – Se não confio em ti, o certo é que tu também não confias em mim.

– Pensei que pudéssemos falar disso mais tarde – contrapõe ele. – Tenho de contar-te já tudo?

Sinto-me tão frustrada que nem consigo falar durante

alguns segundos. Sinto a cara muito quente.

– Meu Deus, *Quatro!* – exclamo. – Não tens de contar-me já tudo mas *eu* tenho de contar-te já tudo? Não compreendes como isso é estúpido?!

– Em primeiro lugar, não uses esse nome como se ele fosse uma arma contra mim – diz Tobias, apontando-me um dedo. – Em segundo lugar, eu não estava a fazer planos para me aliar aos sem-fação, mas só a refletir sobre isso. Se eu tivesse tomado uma decisão ter-te-ia dito qualquer coisa. E, em terceiro, seria diferente se tivesses realmente tido a intenção de alguma vez me contares o que aconteceu ao Will, mas é evidente que não tinhas.

– Mas eu disse-te o que aconteceu ao Will! – contraponho. – E não foi devido ao soro da verdade. Fui eu. Eu disse-o porque o decidi fazer.

– Que estás tu a dizer?

– Eu estava bem acordada. Apesar do efeito do soro. Podia ter mentido. Podia ter-to escondido. Mas não o fiz porque pensei que merecias saber a verdade.

– Que maneira de mo dizeres, no entanto! – exclama Tobias, com ar de troça. – À frente de mais de cem pessoas! Que coisa tão íntima!

– Oh, portanto não te chega que te tenha dito. Tinha de ser no cenário apropriado?! – Arqueio as sobrelanceiras. – Na próxima vez queres que também faça chá e que arranje uma iluminação à maneira?

Tobias emite um som de frustração e volta-me as costas, começando a andar de um lado para o outro. Quando depois se volta para mim, tem manchas vermelhas nas faces. É a primeira vez que o vejo assim.

– Às vezes, Tris, não é fácil estar contigo – diz-me, desviando o olhar.

Quero dizer-lhe que sei que não é fácil, mas que também não teria conseguido sobreviver durante esta última semana sem a companhia dele. Mas não consigo

fazer mais do que ficar a olhar para ele, sentindo o coração a latejar nos meus ouvidos.

Não posso dizer-lhe que preciso dele. Não posso precisar dele, ponto final. Ou, melhor, não podemos precisar um do outro porque ninguém sabe de quanto tempo é que cada um de nós dispõe nesta guerra.

– Desculpa – digo-lhe, esvaziada já de toda a cólera. – Devia ter sido sincera contigo.

– É isso? É só o que tens a dizer? – Tobias franze o sobrolho.

– Que mais queres que eu diga?

Tobias abana a cabeça e responde:

– Nada, Tris. Nada.

Vejo-o afastar-se. Sinto que se abriu dentro de mim um espaço vazio e que está a alargar-se tão rapidamente que não tardará a destruir-me.

Capítulo Catorze

– Ora muito bem, que raio estás tu aqui a fazer? – pergunta-me uma voz que não reconheço.

Estou sentada num colchão num dos corredores. Vim aqui fazer qualquer coisa, mas quando cheguei acabei por me perder nos meus pensamentos, e por isso acabei por me sentar. Olho para cima e vejo Lynn, que conheci quando ela me pisou os dedos dos pés num elevador do edifício Hancock. Está a olhar para mim com as sobrancelhas arqueadas. O cabelo já lhe está a crescer. Ainda está curto, mas já não permite que se veja o crânio.

– Estou sentada – respondo. – Porquê?

– Que coisa ridícula. – Lynn suspira. – Recompõe-te. És uma Intrépida e já é altura de agires como tal. Estás a dar-nos má fama entre os Cândidos.

– E posso saber como?

– Agindo como se não nos conhecesses.

– Só estou a fazer um favor à Christina.

– A Christina! – Lynn funga. – É uma cachorrinha perdida de amores. As pessoas morrem. É o que acontece na guerra. Ela vai acabar por perceber.

– Pois, as pessoas morrem... mas nem sempre são mortas pelo nosso melhor amigo.

– Esquece lá isso. – Lynn volta a suspirar, impaciente.

– Anda!

Não vejo nenhum motivo para dizer que não. Ponho-me em pé e sigo-a através de vários corredores. Lynn caminha com passos rápidos e é-me difícil acompanhá-la.

– Onde é que está o teu assustador namorado? –

pergunta.

Faço um trejeito como se tivesse provado qualquer coisa azeda.

– Ele não é assustador – declaro.

– Claro que não. – Lynn faz um sorriso irónico.

– Não sei onde ele está.

Lynn encolhe os ombros.

– Bem, também podes arranjar-lhe um beliche. Estamos a tentar esquecer-nos dos filhos da mãe dos Intrépidos-Eruditos. A reorganizar-nos.

Rio-me.

– Filhos da mãe dos Intrépidos-Eruditos, hem?

Lynn empurra uma porta e ficamos paradas numa sala muito grande que me faz lembrar o átrio do edifício. Não é uma surpresa que o chão seja preto com o símbolo branco dos Cândidos, de grandes dimensões, bem no centro da sala, mas a grande quantidade de beliches que aí se encontra quase o cobre por inteiro. Há Intrépidos de ambos os sexos e crianças por todo o lado; não se vê um único Cândido.

Lynn leva-me para o lado esquerdo da sala e para o interior das fileiras de beliches. Olha para o rapaz que está sentado na cama de baixo, que é uns anos mais novo do que nós e que está a tentar desfazer um nó dos atacadores dos sapatos.

– Hec – diz Lynn –, vais ter de arranjar outra cama.

– O quê? Não, nem pensar! – replica o rapaz, sem olhar para cima. – Não vou mudar-me *outra vez* só por queres ficar a conversar até tarde com uma das tuas estúpidas amigas.

– Ela não é minha amiga – diz Lynn, com severidade. E eu quase me rio. – Hec, esta é a Tris. Tris, este é o meu irmão mais novo, Hector.

Ao ouvir o meu nome, o rapaz endireita-se e fica a olhar para mim, de boca aberta.

– Tenho muito gosto em conhecer-te – digo-lhe.

– Tu és uma *Divergente* – replica ele. – A minha mãe diz para não me aproximar de ti porque podes ser perigosa.

– Pois, ela é uma *Divergente* monstruosa e assustadora que vai fazer a tua cabeça explodir só com o poder da mente– diz-lhe Lynn, espetando-lhe o dedo indicador entre os olhos. – Não me digas que acreditas mesmo em todas essas histórias para crianças sobre os *Divergentes*.

Hec fica muito vermelho e pega em algumas das suas coisas que estão num monte junto à cama. Custa-me que ele tenha de se mudar, mas vejo-o depois atirar as coisas que levou para outra cama mais próxima. Não foi para longe, portanto.

– Eu podia tê-lo feito – digo. – Ir dormir para ali, quer dizer.

– É, eu sei. – Lynn sorri. – Mas ele merece. Disse que o Zeke é um traidor mesmo à frente do Uriah. Não é que não seja verdade, mas não é preciso portar-se como um idiota a esse respeito. Penso que os *Cândidos* andam a influenciá-lo. Pensa que pode dizer o que quer. Eh, Mar!

Marlene espreita por detrás de um dos beliches e sorri-me com os dentes todos.

– Olá, Tris – diz-me. – Sê bem-vinda. Como vai isso, Lynn?

– Podes conseguir que algumas das raparigas mais baixas nos deem algumas peças de roupa? – pergunta-lhe Lynn. – Mas que não sejam só camisolas ou camisas. Calças de ganga, roupa interior, talvez um par de sapatos que tenham a mais?

– Claro – diz Marlene.

Ponho a faca na cama de baixo.

– A que «histórias para crianças» é que estavas a referir-te? – pergunto a Lynn.

– Às coisas que se contam sobre os *Divergentes*.

Como se fossem pessoas com poderes mentais especiais. Ora! – Lynn encolhe os ombros. – Eu sei que tu acreditas nisso, mas eu não.

– Então como é que explicas que eu tenha ficado acordada durante as simulações? – indago. – Ou que tenha conseguido resistir por completo a uma delas?

– Penso que os líderes escolhem as pessoas à sorte e que escolhem as simulações em função dessas pessoas.

– E porque é que o fariam?

Lynn agita a mão mesmo diante dos meus olhos.

– Para nos distrair – responde. – Andamos tão preocupados com os Divergentes, como é o caso da minha mãe, que nos esquecemos de nos preocuparmos sobre o que os líderes andam a fazer. É só um tipo diferente de controlo mental.

Os olhos dela estudam os meus. Pergunto a mim própria se ela se lembrará da última vez em que foi mentalmente controlada. Durante a simulação que desencadeou o ataque.

Eu tenho estado tão obcecada com o que aconteceu aos Abnegados que quase me esqueci do que aconteceu aos Intrépidos. Centenas de Intrépidos descobriram, ao acordar, que estavam negativamente marcados pelos homicídios que tinham cometido sem terem consciência disso.

Opto por não discutir com ela. Se Lynn quer acreditar numa conspiração governamental, não me parece que consiga convencê-la do contrário. Terá de ser ela própria a descobri-lo.

– Já tenho aqui roupa – diz Marlene, parando à frente do nosso beliche. Traz um monte de roupa preta da altura do tronco dela, que me entrega depois com uma expressão de orgulho. – Até consegui convencer a tua irmã a oferecer um vestido, por se sentir culpada por trazer tanta roupa. Ela trouxe três vestidos!

– Tens uma irmã? – pergunto a Lynn.

– Tenho – responde. – De dezoito anos. Foi colega de iniciação do Quatro.

– Como se chama?

– Shauna – responde Lynn, olhando para Marlene. – Eu tinha-lhe dito que nenhuma de nós iria precisar de vestidos tão cedo mas, como de costume, não me deu ouvidos.

Lembro-me de Shauna. Foi uma das pessoas que me amparou quando fizemos a descida do edifício Hancock por um cabo.

– Acho que será mais fácil lutar com um vestido – diz Marlene, tamborilando com os dedos numa face. – Dá-nos maior liberdade de movimentos para as pernas. E que importância tem que as pessoas nos vejam as cuecas quando estamos a limpar-lhes o sebo?

Lynn cala-se, como se reconhecesse a inteligência do argumento sem, no entanto, conseguir aceitá-lo.

– Que história é essa de mostrar as cuecas? – pergunta Uriah, contornando um beliche. – Seja o que for, alinho.

Marlene dá-lhe um murro amigável no braço.

– Há um grupo que vai esta noite ao edifício Hancock – diz Uriah. – Deviam vir todas. Partimos às dez.

– Fazer descidas por cabo? – pergunta Lynn.

– Não. Vigilância. Consta que os Eruditos mantêm as luzes acesas durante a noite, o que torna mais fácil espreitar pelas janelas deles. E ver o que andam a fazer.

– Eu vou – declaro.

– Eu também – diz Lynn.

– O quê? Oh! Pois eu também vou – afirma Marlene, a sorrir para Uriah. – Vou buscar comida. Queres vir?

– Claro – responde ele.

Marlene diz-nos adeus ao afastar-se. Costumava andar com passos mais soltos, como se saltasse. Mas agora os passos dela são mais suaves, talvez mais elegantes, mas sem a alegria quase infantil que parecia

caracterizá-la. Que terá ela feito enquanto esteve sujeita à simulação?

Lynn faz beicinho.

– Que se passa? – pergunto.

– Nada – responde ela, com brusquidão. E depois abana a cabeça. – Aqueles dois têm andado sempre juntos, e só os dois, nos últimos tempos.

– Ele precisa de todos os amigos que puder arranjar, parece-me – observo. – Depois do que se passou com o Zeke.

– Pois foi. Que pesadelo. Um dia estava aqui e no outro... – Lynn suspira. – Por muito que se treine alguém para ser corajoso, nunca se sabe com certeza se o conseguimos ou não até acontecer alguma coisa a sério.

Os olhos dela concentram-se nos meus. Nunca tinha reparado que são de um castanho dourado invulgar. E agora que o cabelo já começou a crescer-lhe e que já não se lhe vê só o crânio também reparo no nariz delicado e nos lábios cheios. Lynn é muito bonita, mesmo sem o tentar ser. Invejo-a por momentos, mas depois penso que ela deve odiar o seu próprio aspeto e que pode ter sido por isso que rapou o cabelo.

– *Tu* és uma pessoa corajosa – declara. – Não precisas de me ouvir dizê-lo porque já o sabes. Mas quero que saibas que eu o percebo.

Está a oferecer-me um elogio, mas ainda sinto que o faz como se me batesse com qualquer coisa.

– Mas não estragues tudo – avisa.

*

Algumas horas mais tarde, depois de já ter almoçado e dormido uma sesta, sento-me na minha cama para mudar a ligadura do meu ombro. Dispo a T-shirt e deixo só o meu top. À minha volta há muitos

Intrépidos, por entre os beliches, a rirem-se das piadas que vão dizendo. Estou a acabar de pôr a pomada quando ouço uma gargalhada estridente. Uriah anda a correr por entre os beliches com Marlene ao ombro. E ela, de rosto afogueado, acena-me quando passa por nós.

Lynn, que está sentada no beliche do lado, funga e comenta:

– Não percebo como ele pode andar a namorar quando estão a acontecer tantas coisas.

– Que há de ele fazer? Andar de um lado para o outro com ar zangado? – contraponho, apertando a ligadura no ombro com a outra mão. – Talvez possas aprender qualquer coisa com a atitude dele.

– Olha quem fala – diz Lynn. – Andas sempre com ar desanimado. Devíamos chamar-te Beatrice Prior, a Rainha da Tragédia.

Ponho-me em pé e dou-lhe um murro no braço, com mais força do que se estivesse a brincar mas mais suavemente do que se fosse a sério, dizendo-lhe:

– Ora cala-te.

Sem olhar para mim, Lynn dá-me um empurrão no braço e empurra-me para a cama, declarando:

– Não recebo ordens de Empatas.

Noto-lhe o ligeiro trejeito de aborrecimento e evito sorrir.

– Estás pronta? – pergunta ela.

– Onde é que vão? – indaga Tobias, esgueirando-se por entre o beliche dele e o meu e parando à nossa frente. Sinto a boca seca. Não falei com ele durante o dia todo e não sei o que hei de esperar. As coisas continuarão assim, estranhas, ou conseguiremos voltar ao normal?

– Vamos ao topo do edifício Hancock espiar os Eruditos – responde Lynn. – Queres vir?

Tobias olha para mim e responde:

– Não, tenho coisas para fazer aqui. Mas tenham cuidado.

Aceno afirmativamente com a cabeça. Eu sei porque é que ele não quer vir – Tobias tenta evitar as alturas, se isso for possível. Toca-me no braço e detém-me por instantes. Fico tensa – ele ainda não me tinha tocado desde a nossa discussão – e depois solta-me.

– Encontramo-nos depois – murmura. – Cuidado com as parvoíces.

– Obrigada pelo voto de confiança – replico, franzindo o sobrolho.

– Não era isso que eu queria dizer – explica Tobias. – Tenta não deixar que alguém faça alguma parvoíce. Eles dão-te ouvidos.

Tobias inclina-se para mim como se fosse beijar-me mas depois parece pensar melhor e endireita-se, mordendo o lábio. É um gesto quase insignificante mas que eu ainda interpreto como uma rejeição. Desvio o olhar e apresso-me a ir atrás de Lynn.

Caminhamos as duas pelo corredor que dá para os elevadores. Alguns dos Intrépidos já começaram a marcar as paredes com quadrados coloridos. O quartel-general dos Cândidos é para eles um labirinto e querem saber por onde andam. Eu só sei chegar aos locais essenciais: o dormitório improvisado, o refeitório, o átrio e a sala dos interrogatórios.

– Porque é que se vieram todos embora do quartel-general dos Intrépidos? – pergunto. – Os traidores não estão lá, pois não?

– Não, foram para o quartel-general dos Eruditos. Nós viemo-nos embora porque é no nosso quartel-general que está a maioria das câmaras de vigilância da cidade – explica Lynn. – Sabíamos que os Eruditos poderiam conseguir ter acesso às imagens e que nos levaria uma eternidade a encontrar as câmaras todas, e foi por isso que pensámos que era melhor sairmos de lá.

- Foi inteligente.
- Temos os nossos momentos.

Lynn prime o botão do primeiro piso. E eu olho para as nossas imagens refletidas nas portas. Ela é mais alta do que eu apenas alguns centímetros e embora a camisola e as calças largas o tentem dissimular, dá para perceber que o corpo dela tem as curvas todas nos sítios certos.

- Que foi? – pergunta-me ela, com ar zangado.
- Porque rapaste a cabeça?

– Por causa da iniciação – responde Lynn. – Adoro os Intrépidos, mas os rapazes dos Intrépidos não veem as raparigas como uma ameaça durante o período da iniciação. Fiquei farta. E pensei que se não parecesse tanto uma rapariga eles deixariam de olhar para mim dessa maneira.

– Acho que podias ter utilizado para teu benefício o facto de seres subestimada.

– Sim? E depois?! Fingia que desmaiava de cada vez que me aparecesse pela frente uma coisa assustadora? – Lynn revira os olhos. – Achas que a minha dignidade é zero, ou quê?

– Penso é que um dos principais erros cometidos pelos Intrépidos é recusarem-se a utilizar a astúcia – respondo. – Nem sempre é necessário bater na cara das pessoas para mostrar que se é forte.

– Talvez devesses passar a andar vestida de azul a partir de agora – diz ela –, se vais começar a portar-te como uma Erudita. Além disso, tu fazes a mesma coisa, embora sem rapares a cabeça.

Saio do elevador quando as portas se abrem antes de ter a oportunidade de dizer alguma coisa de que venha a arrepender-me mais tarde. Lynn é rápida a perdoar mas também é rápida a encolerizar-se, como a maioria dos Intrépidos. Como eu, à exceção de ser rápida a perdoar.

Como já é hábito, alguns Intrépidos com armas de maiores dimensões estão a andar de um lado para o outro junto às portas do edifício, atentos a potenciais intrusos. E perto delas está um pequeno grupo de Intrépidos mais novos que inclui Uriah, Marlene, Shauna, que é a irmã de Lynn, e Lauren, que orientou os iniciados-Intrépidos, tal como Quatro orientou os que vieram transferidos de outras fações durante a iniciação. Uma das suas orelhas cintila quando ela move a cabeça – tem *piercings* de alto a baixo.

Lynn para de repente e eu piso-a. Ela pragueja.

– Que bem que falas – diz Shauna, deitando-lhe um sorriso. Não são muito parecidas, à exceção da cor do cabelo, que é castanho-claro e que, no caso de Shauna, lhe dá pela linha do maxilar, tal como o meu.

– Sim, o meu objetivo é falar bem – replica Lynn.

Shauna passa-lhe um braço pelos ombros. É estranho ver Lynn na companhia de uma irmã – melhor, ver Lynn na companhia seja de quem for. Shauna olha de relance para mim e o sorriso desaparece-lhe do rosto. E depois desvia o olhar. Parece desconfiada.

– Olá – digo-lhe eu, porque não há muito mais a dizer.

– Olá – responde ela, sem mudar de atitude.

– Oh, meu Deus, a Mãe também já te influenciou, foi?! – Lynn cobre a cara com uma mão. – Shauna...

– Lynn... Cala-te, para variar – replica Shauna, a olhar para mim. Parece tensa, como se pensasse que eu vou atacá-la a qualquer momento. Com os meus poderes mentais especiais, claro.

– Ah, Tris – intervém Uriah, salvando-me. – Conheces a Lauren?

– Sim – diz Lauren, antes de eu poder responder. A voz é incisiva e nítida, e se não fosse característica dela até pareceria estar a repreendê-lo. – Ela esteve na minha paisagem dos medos a praticar durante a

iniciação. Deve conhecer-me melhor do que devia, portanto.

– A sério? Pensei que as transferências iam para a paisagem dos medos do Quatro durante a iniciação – diz Uriah.

– Como se ele deixasse alguém fazer isso – diz Lauren, fungando.

Sinto uma impressão suave e terna dentro de mim. A *mim* ele deixou-me lá ir.

Vejo qualquer coisa azul por cima do ombro de Lauren e esforço-me por ver melhor.

E depois as armas começam a disparar.

As portas de vidro explodem numa nuvem de fragmentos cortantes. Soldados-Intrépidos com braçadeiras azuis enchem o passeio à nossa frente, empunhando armas que nunca vimos antes e que têm dispositivos nos canos que emitem raios finos de luz azul.

– Traidores! – grita alguém.

Os Intrépidos puxam das armas quase todos ao mesmo tempo. Como não tenho nenhuma, agacho-me atrás da barreira formada pelos Intrépidos leais, enquanto os meus sapatos esmagam pedaços de vidro e eu retiro a faca do meu bolso traseiro.

Há pessoas a caírem no chão à minha volta. São os membros da minha facção. Os meus melhores amigos. Todos eles tombam – mortos ou muito feridos – à medida que o som ensurdecedor dos tiros me enche os ouvidos.

E de repente fico imóvel. Um dos focos azuis está assente no meu peito. Atiro-me para o lado para sair da mira da arma mas não consigo mover-me com rapidez suficiente.

A arma dispara. E eu caio.

Capítulo Quinze

A dor diminui e transforma-se numa moinha que não me larga. Levo a mão ao peito, por dentro do blusão, e procuro a ferida.

Mas não estou a sangrar. No entanto, o impacto do tiro deitou-me ao chão e, por isso, hei de ter sido atingida por alguma coisa. Passo a mão pelo ombro e sinto um alto duro onde a pele costumava ser suave.

Ouçó um objeto a bater no chão muito perto da minha cabeça, e vejo um cilindro de metal do tamanho da minha mão a rodopiar até parar muito perto de mim. Das duas extremidades começa a sair um fumo branco antes de eu o conseguir empurrar para longe. A tossir, atiro-o para o fundo do átrio. Mas não é único cilindro. Estão por todo o lado, a encher o espaço todo com um fumo que não queima nem faz arder os olhos. Aliás, só obscurece a visão antes de se evaporar por completo.

Para que foi isto?!

À minha volta, estendidos no chão, estão soldados-Intrépidos de olhos fechados. Franço o sobrolho enquanto observo Uriah – não parece estar a sangrar. Não lhe vejo nenhuma ferida perto de órgãos vitais, o que significa que ele não está morto. Portanto, o que é que o terá posto inconsciente? Olho por cima do ombro esquerdo e vejo Lynn caída numa posição estranha e semienrolada. Também está inconsciente.

Os Intrépidos traidores entram no átrio de armas empunhadas. E eu opto por fazer o que sempre faço quando não estou certa do que se passa: ajo como os outros. Baixo a cabeça e fecho os olhos. Sinto o coração

a bater mais depressa quando os passos dos Intrépidos se encaminham na minha direção, a ranger no chão de mármore. Mordo a língua para silenciar um grito de dor quando um deles me pisa a mão.

– Não consigo perceber porque é que não lhes damos a todos um tiro na cabeça – diz um deles. – Se não têm um exército, somos nós que vencemos.

– Ora, Bob, não podemos matá-los *todos* – diz uma voz seca.

Sinto um arrepio que me põe os cabelos da nuca em pé. Reconheceria esta voz em qualquer lado. É de Eric, um dos líderes dos Intrépidos.

– Se não houver gente, não haverá ninguém para criar condições mais prósperas – acrescenta Eric. – De qualquer modo, a tua função não é fazer perguntas. – Levanta a voz. – Metade vai pelos elevadores, a outra metade pelas escadas, à esquerda e à direita! Rápido!

A poucos metros de mim, à minha esquerda, está uma arma. Se abrisse os olhos, podia deitar-lhe a mão e dar-lhe um tiro antes de ele perceber o que se passava. Mas não sei se consigo tocar na arma sem entrar outra vez em pânico.

Fico à espera de ouvir os últimos passos desaparecerem nos elevadores e nas escadas antes de abrir os olhos. Todos os que se encontram caídos no átrio parecem estar inconscientes. O gás com que nos atingiram deve ter qualquer propriedade capaz de induzir uma simulação ou eu não seria a única pessoa acordada. Não faz sentido – não parece ser o tipo de simulação que já conheço – mas também não tenho muito tempo para pensar no assunto.

Pego na faca e ponho-me em pé, tentando não ligar à dor que sinto no ombro. Corro para um dos Intrépidos traidores que morreu no confronto e que está junto da porta. É uma mulher, talvez de meia-idade, com algumas madeixas grisalhas. Tento não olhar para o

buraco de bala que tem na cabeça mas a luz débil faz brilhar uma superfície branca que parece osso e eu sinto um vômito.

Pensa. Não me interessa quem ela era ou como se chamava ou que idade tinha. Só me interessa a braçadeira azul que está no braço dela. E é nisso que tenho de concentrar-me. Enfio o dedo na braçadeira e puxo-a mas o tecido não se solta. Parece estar mesmo preso ao blusão preto. Tenho de lhe tirar o blusão, também.

Corro o fecho do meu blusão, dispo-o e cubro-lhe o rosto para não ter de o ver. Depois abro o fecho do blusão dela e tiro-o, primeiro pelo braço esquerdo e a seguir pelo direito, rangendo os dentes quando o liberto do peso do corpo dela.

– Tris!

Volto-me, o blusão dela numa mão, a faca na outra. E guardo a faca, porque os invasores Intrépidos não as tinham e eu não quero que reparem muito em mim.

Mas é Uriah.

– És Divergente? – pergunto. Nem tenho tempo para me surpreender.

– Sou – responde ele.

– Veste um desses blusões!

Uriah agacha-se junto de um dos outros Intrépidos traidores. Este é mais novo e ainda nem tem idade para ser Intrépido. Retraio-me à visão do rosto que a morte tornou ainda mais branco. Uma pessoa tão jovem não devia estar morta. E nem sequer devia estar aqui, para começar.

Com o rosto vermelho de fúria, enfio-me no blusão da mulher enquanto Uriah despe o seu, sem conter a sua surpresa.

– Os únicos que estão mortos são estes – afirma, em voz baixa. – Não achas estranho?

– Deviam saber que nos defenderíamos a tiro, mas de

qualquer modo vieram – afirmo. – Vamos guardar as perguntas para depois. Temos de ir lá acima.

– Lá acima? Mas porquê? – indaga Uriah. – Devíamos era fugir daqui.

– Queres fugir antes de saberes o que se passa? – Franzo o sobrolho. – Quando os Intrépidos que estão lá em cima vão ser apanhados de surpresa?

– E se alguém nos reconhece?

Encolho os ombros.

– Temos de esperar que isso não aconteça.

Corro para as escadas e ele segue-me. Quando ponho o pé no primeiro degrau, pergunto-me o que é que tenciono fazer. Deve haver mais Divergentes neste edifício, mas saberão eles que o são? E saberão escondê-lo? E que posso eu ganhar ao ir meter-me no meio de um exército de Intrépidos traidores?

A resposta está bem escondida dentro de mim: estou a ser imprudente. Não vou ganhar nada. E possivelmente até morrerei.

Mas, e isso é o mais perturbador, não estou realmente preocupada.

– Eles vão continuar a subir – afirmo, enquanto tento recuperar o fôlego. – Por isso, devias... ir para o terceiro piso. Diz-lhes para se retirarem. Sem fazer barulho.

– E tu onde é que vais?

– Para o piso dois – respondo. Enfio o ombro na porta que dá para o segundo piso. Sei bem o que vou fazer: procurar Divergentes.

*

Enquanto sigo pelo corredor, por cima de pessoas inconscientes vestidas de preto e branco, recordo-me de um verso da canção que as crianças dos Cândia costumavam cantar quando pensavam que ninguém

estava a ouvi-las:

Os Intrépidos são os mais cruéis dos cinco,

Destroem-se uns aos outros...

Nunca me pareceu mais verdadeiro do que agora, ao ver os Intrépidos traidores induzirem uma simulação que põe as pessoas inconscientes e que não é muito diferente daquela que os forçou a matar os Abnegados há menos de um mês.

Somos, aliás, a única facção que se pode dividir desta maneira. Os Cordiais não permitiriam um cisma. Ninguém entre os Abnegados seria tão egoísta. Os Cândidos discutiriam entre eles até encontrarem uma solução comum. E até os Eruditos nunca fariam uma coisa tão ilógica. Somos, de facto, a mais cruel das cinco facções.

Passo por cima de um braço que sai de um monte de panos e de uma mulher que ficou com a boca aberta e canto baixinho o verso seguinte da canção:

Os Eruditos são os mais frios dos cinco,

O conhecimento é uma coisa cara...

Pergunto a mim própria quando é que Jeanine terá percebido que os Eruditos e os Intrépidos poderiam ser uma combinação mortífera. A crueldade e a lógica fria, parece, podem conseguir quase tudo, incluindo pôr facção e meia a dormir.

Enquanto avanço vou examinando os corpos tombados e os seus rostos, à procura de movimentos respiratórios irregulares, de pálpebras que se agitem, de qualquer coisa que sugira que as pessoas caídas no chão estão só a fingir-se inconscientes. Mas até agora estão todos a respirar de forma regular e as pálpebras mantêm-se imóveis. Talvez nenhum dos Cândidos seja Divergente.

– Eric! – ouço alguém gritar ao fundo do corredor. Até sustenho a respiração quando o vejo avançar para onde estou. Tento não me mexer. Se eu me mexer ele

olhará para mim e reconhecer-me-á. Tenho a certeza. Olho para baixo, com tanto esforço e tão tensa, que até fico a tremer. *Não olhes para mim não olhes para mim não olhes para mim...*

Eric passa ao meu lado e volta à esquerda. Eu devia continuar a procurar, e o mais rapidamente possível, mas a curiosidade impele-me para diante, para quem chamou por Eric. Foi um grito que me pareceu urgente.

Quando levanto os olhos, vejo um soldado-Intrépido curvado por cima de uma mulher ajoelhada, que tem uma blusa branca e uma saia preta e as mãos na nuca. O sorriso de Eric, mesmo de perfil, parece sempre transmitir uma expressão de avidez.

– É Divergente – diz. – Muito bem. Leva-a para os elevadores. Decidiremos depois quais os que devem ser mortos e quais os que levaremos.

O soldado-Intrépido segura na mulher pelo rabo de cavalo e começa a andar para os elevadores, arrastando-a. A mulher grita e depois consegue pôr-se em pé, embora curvada. Tento engolir em seco, mas é como se sentisse bolas de algodão da garganta.

Eric continua pelo corredor fora, na direção oposta à minha, e eu faço por não olhar quando a Cândida passa por mim, aos tropeções, com o cabelo ainda preso no punho do soldado-Intrépido. Já sei agora como o terror funciona: deixo-o controlar-me por alguns segundos e depois forço-me a agir.

Um... dois... três...

Avanço com um novo propósito. Estar a ver se todas as pessoas estão conscientes é uma coisa que demora tempo de mais. Quando me aproximo da pessoa seguinte que está inconsciente, piso-lhe com força o dedo mínimo. Não reage, nem com uma contração. Passo à próxima e piso-lhe o dedo com força, com o calcanhar. Também não reage.

Ouçó alguém gritar noutro corredor: «Mais um!».

Fico frenética. Salto por cima de homens, mulheres, crianças, adolescentes e idosos, pisando dedos, estômagos ou tornozelos à procura de reações de dor. Mal lhes vejo os rostos, mas também não obtenho reações. Estou verdadeiramente a jogar às escondidas com os Divergentes mas o certo é que eu não sou a única pessoa que é isso.

E finalmente acontece. Piso o dedo mínimo de uma rapariga dos Cándidos e o rosto dela contorce-se. O movimento é breve – é uma tentativa impressionante de dissimular a dor – mas é o suficiente para me chamar a atenção.

Olho por cima do ombro para ver se há alguém por perto, mas todos os soldados-Intrépidos desapareceram deste corredor. Procuro a escada mais próxima e vejo que há uma saída a cerca de três metros, num corredor lateral à minha direita. Agacho-me junto da cabeça da rapariga.

– Olha, miúda – digo-lhe no tom mais baixo que consigo arranjar. – Está tudo bem. Eu não sou um deles.

Ela abre os olhos, mas não muito.

– Há umas escadas, a cerca de três metros daqui – continuo. – Eu aviso-te quando ninguém estiver a ver e depois tens de correr para lá, compreendes?

Ela acena afirmativamente com a cabeça.

Levanto-me e volto-me, devagar. Uma Intrépida traidora está à minha esquerda, a olhar para o outro lado e a tocar com o pé num Intrépido caído. Dois dos traidores estão atrás de mim e a rirem-se. Um deles, mesmo à minha frente, parece estar a voltar-se para mim mas depois levanta a cabeça e afasta-se pelo corredor fora.

– Agora – digo à rapariga.

E ela levanta-se e corre para a porta que dá para as escadas. Só deixo de olhar para ela quando a porta se fecha e vejo a minha imagem refletida numa das

janelas. Mas não estou sozinha num corredor de pessoas adormecidas, ao contrário do que pensava. Eric está mesmo atrás de mim.

*

Olho para o reflexo dele no vidro e ele olha para mim. Eu podia largar a correr. Se me movesse com suficiente rapidez, ele poderia não ter a presença de espírito necessária para me tentar agarrar. Mas também sei, mesmo ao pensar nisso, que eu não conseguirei correr mais depressa do que ele. E também não poderei dar-lhe um tiro, porque não estou armada.

Volto-me, levantando ao mesmo tempo o cotovelo e projetando-o contra o rosto dele. Apanho-lhe o queixo mas não com força suficiente para causar dano. Ele agarra-me o braço esquerdo com uma mão e encosta o cano da pistola à minha testa, sorrindo-me e dizendo-me:

– Não compreendo como é que podes ser tão estúpida que tenhas vindo para aqui desarmada.

– Mas sou suficientemente inteligente para fazer isto – contraponho, pisando-lhe com toda a força o pé em que lhe enfiei uma bala há menos de um mês. Eric berra, de rosto contorcido, e bate-me no queixo com a pistola. Cerro os dentes para travar um gemido, e sinto o sangue a escorrer-me pelo pescoço no ponto onde ele me feriu.

Durante este tempo, os dedos da mão com que ele me aperta o braço não afrouxam. Mas o facto de ele não ter disparado quando tinha o cano da arma na minha testa indica uma coisa: ele ainda não está autorizado a matar-me.

– Fiquei surpreendido ao descobrir que ainda estavas viva – diz Eric. – Tendo em atenção que fui eu que disse à Jeanine para construir o tanque com água,

especialmente para ti.

Tento pensar no que posso fazer que seja suficientemente doloroso para o obrigar a largar-me. E tinha pensado numa joelhada entre as pernas dele com toda a força quando Eric me rodeia, agarrando-me os dois braços por trás e, pela pressão do seu corpo, impedindo-me quase de mexer os pés. As unhas dele cravaram-se-me na pele e eu ranjo os dentes, devido à dor e à sensação nauseante que me provoca o peito dele nas minhas costas.

– A Jeanine pensou que seria fascinante estudar uma das reações dos Divergentes a uma versão ao vivo de uma simulação – explica ele, empurrando-me para a frente e forçando-me a andar. A respiração dele faz-me cócegas no pescoço. – E eu concordei. Sabes que o engenho, que é uma das qualidades que valorizamos nos Eruditos, requer criatividade.

Eric volta as mãos e sinto-lhe os calos dos dedos a rasparem-me os braços. E eu consigo mover ligeiramente o meu corpo para a esquerda, enquanto caminho, tentando posicionar um dos meus pés entre os pés dele. E noto, com um prazer feroz, que ele está a coxear.

– Às vezes, a criatividade parece uma perda de tempo, uma coisa ilógica... a não ser que seja norteadada por um objetivo maior. Neste caso, o objetivo é a acumulação de conhecimentos.

Paro, por instantes, apenas para levantar o meu calcanhar com força pelo meio das pernas dele. Da garganta de Eric eleva-se um grito estridente que depois se cala enquanto as mãos ficam frouxas por alguns segundos. Nesse momento, eu volto-me o mais depressa que consigo e solto-me. Não sei para onde possa fugir mas tenho de me afastar a correr, tenho de...

Eric agarra-me pelo cotovelo, puxa-me para trás e

enfia o polegar no meu ombro ferido, revirando-o até a dor me fazer escurecer a visão e eu ter de gritar o mais que posso.

– Parecia-me que me lembrava de ter visto nas tuas imagens do tanque que tinhas sido ferida no ombro – diz-me ele –, e de facto tinha razão.

Os meus joelhos fraquejam e ele agarra-me pela gola sem quase olhar para mim, arrastando-me depois para os elevadores. O tecido do blusão aperta-me a garganta, sufocando-me, e eu sigo-o aos tropeções. Todo o meu corpo lateja devido à dor.

Quando chegamos aos elevadores, obriga-me a ajoelhar junto à Cândida que eu vira antes. Ela e mais quatro estão sentados entre as duas filas dos elevadores, sob a ameaça das armas dos Intrépidos.

– Quero uma arma em cima dela o tempo todo – ordena Eric. – Não só a apontar para ela mas *encostada* a ela.

Um dos soldados-Intrépidos encosta o cano da arma à minha nuca, onde a extremidade deixa um círculo de gelo. Observo Eric e vejo-lhe os olhos húmidos.

– Que se passa, Eric? – pergunto-lhe, arqueando as sobrancelhas. – Tens medo de uma miúda?

– Eu não sou estúpido – responde-me, passando as mãos pelo cabelo. – Podes ter conseguido atacar-me ao fingires ser uma miúda inocente, mas não vai dar para voltares a fazer o mesmo. És o melhor cão de ataque que eles têm. – Eric inclina-se para mim. – E é por isso que eu vou tratar das coisas para poderes ser abatida o mais cedo possível.

Um dos elevadores abre-se e um soldado-Intrépido empurra Uriah – que tem os lábios ensanguentados – para o grupo dos Divergentes. Uriah olha para mim mas eu não lhe consigo decifrar a expressão para ficar a saber se ele conseguiu fazer o que lhe pedi ou se a tentativa dele fracassou. Se está aqui, no entanto, isso

significa que fracassou. Agora vão poder encontrar todos os Divergentes que se encontram no edifício e a maioria de nós vai morrer.

Eu devia estar com medo. Mas o que sinto é uma gargalhada histérica a borbulhar dentro de mim porque acabo de me lembrar de uma coisa.

Posso não conseguir pegar numa arma de fogo. Mas tenho uma faca no bolso de trás.

Capítulo Dezasseis

Faço deslizar a minha mão para trás, centímetro a centímetro, para o soldado que está com a arma apontada na minha direção não desconfiar. A porta do elevador volta a abrir-se e dele saem mais Divergentes com mais alguns soldados-Intrépidos. A Cândida que está ao meu lado geme. Tem cabelos presos nos lábios, agora humedecidos pela saliva ou pelas lágrimas.

A minha mão alcança o canto do meu bolso traseiro. Mantenho-a aí firme, sentindo os dedos a estremecer de antecipação. Tenho de esperar pelo momento mais apropriado, quando Eric se aproximar.

Concentro-me na minha própria respiração e na sua mecânica, imaginando o ar a encher cada parte dos meus pulmões enquanto inspiro, e lembrando-me depois, ao expelir o ar, como o meu sangue, oxigenado e não oxigenado, viaja para o meu coração e sai dele.

É mais fácil pensar em biologia do que na fila de Divergentes sentados entre os elevadores. Um jovem Cândido que não deve ter mais de onze anos está sentado à minha esquerda. Parece ser mais corajoso do que a mulher que está no meu lado direito – olha fixamente para o soldado-Intrépido que tem pela frente, sem pestanejar.

O ar entra e sai. O sangue é empurrado para todas as extremidades – o coração é um músculo poderoso, o mais forte de todos os músculos do corpo em termos de longevidade. Aproximam-se entretanto mais Intrépidos, que dão conta do êxito obtido na limpeza de vários pisos do Centro da Sinceridade. Há centenas de pessoas inconscientes, atingidas por qualquer coisa que não são

balas, e eu não faço a menor ideia do que aconteceu.

Mas agora é no coração que penso. Não já no meu mas no de Eric e do vazio que se instalará no seu peito quando o coração dele deixar de bater. Apesar do muito que o odeio, não quero realmente matá-lo, pelo menos com uma faca que lhe abra um buraco de onde eu possa ver a vida dele a fugir-lhe. Mas tenho uma hipótese de fazer uma coisa que é útil, e se quero atingir os Eruditos no seu ponto mais sensível terei de lhes tirar um dos líderes.

Reparo entretanto que nenhum dos Intrépidos trouxe a rapariga a quem eu disse para fugir, o que significa que ela deve ter mesmo conseguido escapar. Isso é bom.

Eric leva as mãos atrás das costas e começa a andar de um lado para o outro, diante da fila dos Divergentes.

– Tenho ordens para levar só dois de entre vocês para o quartel-general dos Eruditos, para lhes serem feitos testes – diz Eric. – Os restantes serão executados. E há várias maneiras de determinar quais os que nos serão menos úteis.

Eric abranda ao chegar perto de mim. Distendo os dedos, preparando-os para agarrarem o cabo da faca, mas ele não se chega suficientemente perto. Continua a andar e para diante do rapaz que está à minha esquerda.

– O cérebro só para de se desenvolver aos vinte e cinco anos – diz ele. – Por isso, a tua qualidade de Divergente ainda não está completamente desenvolvida.

Empunha a arma e dispara.

Um grito estrangulado solta-se do meu corpo quando o rapaz tomba e eu fecho os olhos. Sinto todos os músculos do meu corpo a quererem ir em seu auxílio mas contenho-me. *Espera, espera, espera.* Obrigo-me a abrir os olhos e pestanejo para afastar as lágrimas.

Mas o meu grito conseguiu fazer com que acontecesse uma coisa: Eric está diante de mim, a sorrir. Consegui atrair-lhe a atenção.

– Tu também és bastante jovem – diz ele. – Não estás completamente desenvolvida, nem nada que se pareça.

Dá mais um passo na minha direção. E as pontas dos meus dedos aproximam-se mais um centímetro do cabo da faca.

– A maioria dos Divergentes obtém dois resultados nas provas de aptidão. Alguns só obtém um. Nenhum chegou ao ponto de obter três, não devido à questão de ser ou não apto, mas simplesmente porque para chegar a esse resultado é preciso recusar uma das escolhas. – Eric aproxima-se ainda mais.

Inclino a cabeça para trás para olhar para ele, para o metal que lhe reluz no rosto, para os seus olhos vazios.

– Os meus superiores suspeitam que tu obtiveste dois resultados, Tris – continua. – Não acreditam que sejas assim tão complexa, mas apenas uma mistura em partes iguais dos Abnegados e dos Intrépidos, egoísta ao ponto de seres idiota. Ou serás antes corajosa ao ponto de seres idiota?

Fecho a mão em torno do cabo da faca e aperto-o. Ele inclina-se para a frente.

– Só aqui entre nós, no entanto... *Eu* até acho que tu poderias ter obtido três porque és o tipo de pessoa casmurra que se recusa a fazer uma simples escolha só porque lhe disseram para a fazer. Será isso? Quererás esclarecer-me? – pergunta.

Lanço-me a ele, tirando a mão do bolso. E fecho os olhos quando levanto contra ele a mão que tem a faca. Não lhe quero ver o sangue.

Sinto a faca a entrar-lhe no corpo e depois tiro-a. O meu corpo estremece agora ao ritmo do meu coração. Tenho a nuca inundada de suor. Abro os olhos quando Eric tomba e depois – caos.

Os soldados-Intrépidos não estão a empunhar armas capazes de matar mas apenas prontas para disparar aquilo com que nos alvejaram anteriormente e por isso têm de deitar as mãos às suas armas reais. E enquanto o fazem, Uriah lança-se contra um deles e esmurra-o com força no queixo. Os olhos do soldado ficam vazios e ele cai, inconsciente. Uriah tira-lhe a arma e começa a disparar contra os soldados que estão mais próximos.

Levo a mão à arma de Eric, tão agitada pelo pânico que mal consigo ver, e ao olhar para cima até me parece que o número de Intrépidos duplicou. Ressoam tiros por todo lado e eu atiro-me para o chão enquanto toda a gente larga a correr em todas as direções. Os meus dedos tocam no cano de uma arma e estremeço. As minhas mãos estão demasiado fracas para que eu a consiga agarrar.

Um braço pesado rodeia-me os ombros e atira-me com força contra a parede. O meu ombro direito parece estar em chamas e vejo o símbolo dos Intrépidos tatuado num pescoço. Tobias volta-se, agachando-se junto a mim para me proteger dos tiros, e começa a disparar.

– Diz-me se houver alguém atrás de mim! – pede-me.

Espreito por cima do ombro de Tobias, fechando as mãos em torno da camisola dele.

Há de facto mais Intrépidos à nossa volta, mas são Intrépidos sem as braçadeiras azuis. São os Intrépidos leais a minha própria fação. Que veio salvar-nos. Mas como é que estão acordados?

Os Intrépidos traidores afastam-se dos elevadores a correr. Não estavam preparados para um ataque vindo assim de todos os lados. Alguns tentam ripostar mas a maioria foge para as escadas. Tobias continua a disparar até ficar sem munições e o gatilho começar a produzir um som seco. As lágrimas turvam-me a visão e as minhas mãos ainda não conseguem usar uma arma.

Grito por entre os dentes cerrados, frustrada. Não posso ajudar. Sou uma inútil.

Eric geme, ainda no chão. Está vivo, por enquanto.

Os tiros atenuam-se. Sinto a mão molhada. O vermelho que vejo diz-me que está coberta de sangue. De Eric. Limpo-a às calças e pisco os olhos para afastar as lágrimas. Tenho um zumbido a soar nos meus ouvidos.

– Tris – diz-me Tobias –, já podes baixar a faca.

Capítulo Dezassete

E Tobias conta-me:

Quando os Eruditos chegaram à base das escadas no átrio, um deles, uma rapariga, não acompanhou os outros até ao segundo andar. Em vez disso, correu para os pisos mais elevados do edifício. Aí chegada, ajudou um grupo de Intrépidos leais, entre os quais se encontrava Tobias, a escapar por uma escada de incêndio que os Intrépidos traidores não tinham bloqueado. O grupo reuniu-se no átrio e dividiu-se em quatro, que atacaram ao mesmo tempo pelas escadas, cercando os Intrépidos traidores que se tinham reunido à volta dos elevadores.

Os traidores não estavam preparados para fazer frente a essa resistência. Pensavam que toda a gente estaria inconsciente, à exceção dos Divergentes, e fugiram.

A Erudita era Cara, a irmã mais velha de Will.

*

Com um suspiro, deixo o blusão escorregar pelos braços abaixo e examino o meu ombro. Tenho um disco de metal do tamanho da unha do meu dedo mindinho colado à pele. À volta há uma rede azulada, como se alguém tivesse injetado tinta azul nas veias minúsculas mesmo sob a pele. Franzindo o sobrolho, tento arrancá-lo, o que me provoca uma dor aguda.

Cerrando os dentes, insiro a ponta da faca entre o disco e a pele e forço-o a separar-se do meu corpo. Tenho de conter o grito que me sai da garganta quando sinto a dor a dilacerar-me e tudo fica escuro à minha

volta. Mas continuo a fazer força, o mais que posso, até o disco se soltar parcialmente da pele e permitir que o segure com os dedos. O disco tem uma agulha presa à sua parte de baixo.

Reprimo um vômito, agarro o disco com as pontas dos dedos e puxo-o uma última vez. Desta vez a agulha solta-se. É tão comprida como o mais pequeno dos meus dedos e está manchada de sangue. Ignoro o sangue que me corre pelo braço e levanto o disco e a agulha contra o candeeiro por cima do lavatório.

A julgar pela tinta azul no meu braço e na agulha, devem ter-nos injetado com qualquer coisa. Mas o que é? Um veneno? Um explosivo?

Abano a cabeça. Se queriam matar-nos, a maioria já estava inconsciente e teria sido suficiente dar-nos um tiro. O produto com que nos injetaram não estava concebido para nos matar.

Ouçõ bater à porta. Mas nem sei porquê. Estou numa casa de banho pública, afinal.

– Tris, estás aí? – pergunta a voz abafada de Uriah.

– Estou – respondo.

Uriah tem melhor aspeto do que há uma hora. Lavou o sangue que tinha na boca e recuperou alguma da cor do rosto. Sinto-me impressionada pelo aspeto agradável dele – as suas feições são todas proporcionadas, os olhos são escuros e vivos, e a pele é de um castanho que parece bronzeado. E ele deve ter sido sempre assim. Só os rapazes que já em muito novos eram bonitos podem ter um sorriso assim arrogante.

Não é como Tobias, que quase fica logo tímido quando sorri, como se o surpreendesse o facto de alguém se dar ao trabalho de olhar para ele.

Sinto a garganta a doer-me. E pouso a agulha e o disco na beira do lavatório.

Uriah olha para mim e depois para a agulha e finalmente para o fio de sangue que me corre do ombro

para o pulso.

– Que nojo – diz.

– Não estava a prestar atenção, desculpa – replico. Pouso a agulha e com uma toalha de papel limpo o sangue do braço. – Como estão os outros?

– A Marlene está a dizer piadas, como é costume. – O sorriso de Uriah alarga-se, criando uma covinha na face. – A Lynn está a resmungar. Mas olha... Foste tu que arrancaste isso do teu próprio braço? – Uriah aponta para a agulha. – Meu Deus, Tris. Tu não tens terminações nervosas nem nada que se pareça?

– Acho que preciso de um penso.

– Achas? – Uriah abana a cabeça. – Devias pôr também um pouco de gelo na cara. Bem, estão todos a acordar agora. Lá fora parece um manicómio.

Apalpo o maxilar. Sinto ainda o impacto no ponto onde a arma de Eric me atingiu. Vou ter de aplicar a pomada na cara para não ficar com uma nódoa negra.

– E o Eric? Está morto? – pergunto. Não sei que resposta é que quero receber: se um sim, se um não.

– Não. Alguns Cêndidos decidiram prestar-lhe cuidados médicos. – Uriah faz uma careta para o lavatório. – Por qualquer coisa que tem a ver com o tratamento honroso de prisioneiros. O Kang está a interrogá-lo em privado nesta altura. Não nos quer lá, a perturbar-lhe a paz ou seja o que for.

Fungo em sinal de desdém.

– Pois. De qualquer modo, ninguém percebe isto – continua ele, encostado ao outro lavatório. – Porque é que atacaram aqui e dispararam estas coisas contra nós e nos puseram a dormir? Porque é que não se limitaram a matar-nos?

– Não faço a menor ideia – respondo. – A única vantagem que eu vejo nisto é que os ajuda a descobrir quem é Divergente e quem não é. Mas não há de ter sido essa a única razão que os levou a fazerem isto.

– Não percebo porque é que nos perseguem. Quer dizer, quando estavam a tentar controlar mentalmente um exército, claro. Mas agora? Parece-me inútil.

Franzo o sobrolho enquanto aplico uma nova toalha de papel no ombro para estancar o sangue. Mas ele tem razão. Jeanine já tem um exército. Porque é que precisa de matar os Divergentes agora?

– A Jeanine não quer matar toda a gente – afirmo, falando lentamente. – Ela sabe que isso seria ilógico. Sem uma facção, qualquer que ela seja, a sociedade não consegue funcionar. Porque cada facção treina os seus membros para tarefas específicas. O que ela quer é *controlar tudo*.

Olho para a minha reflexão no espelho. Tenho o maxilar inchado e marcas de unhas nos braços. Que coisa tão revoltante.

– Ela deve estar a planear outra simulação – continuo. – Como antes. Mas, desta vez, ela quer ter a certeza de que toda a gente está debaixo dessa influência... ou morta.

– Mas a simulação só dura algum tempo – diz Uriah. – E não serve para nada a não ser que se queira alcançar algo de específico.

– É verdade – reconheço, com um suspiro. – Não sei, não percebo isto. – Pego na agulha. – Nem percebo o que isto é. Se fosse como as injeções que induziam a outra simulação teria apenas esse uso. Portanto, qual era a vantagem de dispararem sobre nós com estas coisas para nos porem a dormir? Não faz sentido nenhum.

– Não sei, Tris, mas neste momento temos de ocupar-nos de um edifício enorme cheio de gente em pânico. Portanto, vamos pôr-te aí um penso. – Uriah faz uma pausa. – E podes fazer-me um favor?

– O que é?

– Não digas a ninguém que sou Divergente. – Uriah

morde o lábio. – Shauna é minha amiga e eu não quero que ela fique de repente com medo de mim.

– Claro – respondo, com um sorriso forçado. – Não conto a ninguém.

*

Fico acordada toda a noite, a tirar agulhas de um número interminável de braços. Com algumas horas disto já não consigo tentar mostrar-me gentil. E já as arranco à força.

Fico a saber que o jovem Cândido que Eric matou com um tiro na cabeça se chamava Bobby e que a condição de Eric é considerada estável, e que das centenas de pessoas do Centro da Sinceridade só oitenta é que não têm agulhas espetadas no corpo. Desses, setenta são Intrepédios, e Christina é um deles. E penso durante toda a noite em agulhas, soros e simulações que tentam penetrar na mente dos meus inimigos.

De manhã já não há mais agulhas para eu arrancar e vou para o refeitório a esfregar os olhos. Jack Kang anunciou que haveria uma assembleia ao meio-dia e eu talvez consiga dormir um pouco depois de comer.

Mas quando entro no refeitório dou de caras com Caleb.

O meu irmão vem a correr ter comigo e abraça-me com cuidado. Solto um suspiro de alívio. Pensei que já tivesse chegado ao ponto em que não preciso mais do meu irmão mas julgo que esse ponto nem existe. Deixo-me descontraír no conforto dos braços dele e vejo depois Tobias, a espreitar por cima do ombro de Caleb.

– Estás bem? – pergunta-me o meu irmão. – Mas o teu queixo...

– Não é nada – respondo. – Está só inchado.

– Ouvi dizer que apanharam vários Divergentes e que começaram a abatê-los. Graças a Deus que não te

apanharam.

– Bem, por acaso apanharam. De qualquer modo só mataram um. – Aperto a cana do nariz para aliviar alguma da pressão que sinto na cabeça. – Mas eu estou bem. Quando é que chegaste?

– Há cerca de dez minutos. Vim com o Marcus – responde. – Sendo o nosso único líder político, ele achou que era seu dever estar aqui – só há cerca de uma hora é que soubemos do ataque. Um dos sem-faço viu os Intrépidos invadirem o edifício mas as notícias demoram algum tempo a circular entre os sem-faço.

– O Marcus está vivo? – indago. Na realidade não o vimos ser morto quando fugimos do complexo dos Cordiais, mas eu parti do princípio de que ele... bem, nem sei o que senti. Dececionada, talvez, porque o odeio pelo modo como ele tratou o Tobias? Ou aliviada por o último dos líderes dos Abnegados ainda estar vivo? E será possível sentir as duas coisas?

– Ele e o Peter fugiram e regressaram à cidade a pé – explica Caleb.

Não me sinto nada aliviada por saber que Peter ainda está vivo.

– E onde é que o Peter está, afinal? – pergunto.

– Onde se poderia esperar que estivesse – responde Caleb.

– Com os Eruditos. – Abano a cabeça. – Que... – Mas nem consigo encontrar uma palavra suficientemente forte para o descrever. Parece que preciso de aumentar o meu vocabulário.

Caleb contorce o rosto, sem falar, e depois acena com a cabeça e toca-me no ombro.

– Tens fome? Queres que te vá buscar alguma coisa?

– Sim, por favor – respondo. – Já volto. Preciso de falar com o Tobias.

– Tudo bem. – Caleb aperta-me o braço e afasta-se, possivelmente a caminho da fila do refeitório, que já

mede quilómetros. Tobias e eu ficamos a olhar um para o outro, ainda à distância.

E depois ele aproxima-se lentamente.

– Estás bem? – pergunta.

– Acho que vou vomitar se tiver de responder a essa pergunta mais uma vez – declaro. – Não tenho uma bala na cabeça, pois não? Portanto estou bem.

– O teu maxilar está tão inchado que pareces ter uma refeição inteira metida na boca, e apunhalaste o Eric – diz Tobias, de sobrolho franzido. – Não posso perguntar-te se estás bem?

Suspiro. Devia falar-lhe no Marcus mas não quero fazer isso aqui, com tanta gente à nossa volta. E acabo por responder:

– Sim, estou bem.

Tobias mexe o braço como se estivesse a pensar em tocar-me, decidindo no entanto não o fazer. Depois reconsidera e passa-me o braço pelas costas, puxando-me para ele.

E de repente eu penso que talvez deva deixar que sejam os outros a correr todos os riscos e a agir de forma egoísta para poder manter-me perto de Tobias sem o magoar. A única coisa que me apetece fazer é enterrar o rosto no pescoço dele e esquecer tudo o resto.

– Desculpa ter demorado tanto tempo a vir ter contigo – sussurra-me ele, com o rosto encostado ao meu cabelo.

Suspiro e toco-lhe nas costas com as pontas dos dedos. Podia ficar assim até a exaustão me pôr inconsciente, mas não devo fazê-lo. Não posso fazê-lo. Endireito-me e digo-lhe:

– Preciso de falar contigo. Podemos ir para um sítio mais sossegado?

Tobias faz que sim com a cabeça e saímos do refeitório. Um dos Intrépidos por quem ele passa grita-

lhe:

– Olhem, é o *Tobias Eaton*!

Já quase me tinha esquecido do interrogatório e do nome que ele revelou a todos os Intrépidos.

E outro grita:

– Vi o teu papá hoje, Eaton! Vais esconder-te?

Tobias endireita-se e fica muito tenso, como se alguém estivesse a apontar-lhe uma arma ao peito em vez de o saudar.

– Eh, vais esconder-te, ó cobarde?

Algumas pessoas à nossa volta riem-se. Eu pego em Tobias pelo braço e levo-o para os elevadores antes de ele poder reagir. Está com cara de quem quer bater em alguém. Ou fazer pior do que isso.

– Ia dizer-te: ele veio com o Caleb – informo-o. – Ele e o Peter conseguiram fugir aos Cordiais...

– De que estavas à espera, então? – replica ele, mas quase suavemente. A sua voz parece independente dele, e como que flutuando entre nós os dois.

– Não é o tipo de notícia que se dê no meio de um refeitório – digo.

– Tens razão.

Esperamos pelo elevador em silêncio, com Tobias a roer o lábio e a olhar para o ar. Fica assim até chegarmos ao piso dezoito, que está deserto. O silêncio que aí predomina rodeia-me e envolve-me como o abraço de Caleb e acalma-me. Sento-me numa das bancadas que ficam na extremidade da sala dos interrogatórios e Tobias puxa a cadeira de Niles para se sentar à minha frente.

– Não havia duas cadeiras destas? – pergunta ele, com ar confundido.

– Sim... Mas... hum... atirei-a pela janela – respondo.

– Que estranho – comenta Tobias, sentando-se. – De que é que querias falar? Ou é sobre o Marcus?

– Não, não era. E tu... estás bem? – pergunto, à

cautela.

– Não tenho uma bala na cabeça, pois não? – replica Tobias, a olhar para as próprias mãos. – Portanto, estou mais do que bem. E gostaria de falar de outra coisa qualquer.

– Quero falar contigo sobre as simulações – digo. – Mas há outra coisa, primeiro: a tua mãe pensava que a Jeanine iria começar por atacar os sem-faço. É óbvio que estava enganada, e eu não sei porquê. Não me parece que os Cândidos estivessem preparados para a guerra ou alguma coisa do género...

– Bem, pensa – diz Tobias. – Pensa bem, como se fosses uma Erudita.

Olho para ele.

– O que foi? Se não puderes fazê-lo, nós também não conseguimos.

– Está bem. Hmm... só podia ser porque os Intrépidos e os Cândidos seriam os alvos mais lógicos. Porque... os sem-faço estão espalhados por vários locais enquanto nós estamos todos no mesmo sítio.

– Certo – diz Tobias. – Mas também... quando a Jeanine atacou os Abnegados, deitou a mão a todos os dados que estavam na posse deles. A minha mãe disse-me que os Abnegados tinham recolhido informações sobre os Divergentes que existem no seio dos sem-faço, o que significa que depois do ataque a Jeanine deve ter descoberto que a proporção de Divergentes entre os sem-faço é mais elevada do que entre os Cândidos. O que os torna um alvo pouco lógico.

– Muito bem. Fala-me agora do soro outra vez. Divide-se em algumas partes, não é?

– Em duas – responde Tobias com um aceno de cabeça. – O transmissor e o líquido que induz a simulação. O transmissor envia informações para o cérebro a partir do computador e vice-versa e o líquido altera o cérebro para o pôr num estado de simulação.

Faço que sim com a cabeça.

– E o transmissor só serve para uma simulação, não é? O que lhe acontece depois disso?

– Dissolve-se – responde Tobias. – Tanto quanto sei, os Eruditos não conseguiram criar um transmissor que sirva para mais de uma simulação, embora a simulação do ataque tenha durado muito mais do que qualquer outra que tenha visto antes.

As palavras «tanto quanto sei» permanecem no meu pensamento. Jeanine passou a maior parte da sua vida adulta a desenvolver os soros. Se ainda anda atrás dos Divergentes, deve continuar obcecada com a criação de versões mais avançadas daquela tecnologia.

– Isto vem a propósito de quê, Tris? – pergunta Tobias.

– Já viste isto? – pergunto-lhe, apontando para o penso que me cobre o ombro.

– Não de perto – responde. – O Zeke e eu andámos a transportar feridos para o piso quatro durante toda a manhã.

Levanto uma borda do penso e mostro-lhe a ferida causada pela picada – que felizmente já não sangra – e a mancha de tinta azul que não parece estar a dissolver-se. Depois meto a mão no bolso e tiro a agulha que estava enfiada no meu braço, dizendo-lhe:

– Quando eles atacaram não estavam a tentar matar-nos. Estavam a disparar sobre nós com estas coisas.

A mão dele toca-me na porção de pele em torno da ferida que ficou manchada. Não o tinha notado ainda, talvez por ter estado a acontecer à minha frente, mas Tobias parece-me diferente do que era durante a iniciação. Deixou a barba crescer um pouco e tem o cabelo um pouco mais comprido do que lhe vi até agora, o que o torna mais castanho do que preto.

Pegando na agulha, bate com o dedo no disco de metal que a suporta.

– Isto deve ser oco. E era onde devia estar essa coisa azul que tens no braço. O que aconteceu depois de teres sido atingida?

– Eles atiraram cilindros que deitavam gás e ficou toda a gente a dormir. Toda a gente menos eu, o Uriah e todos os que fossem Divergentes.

Tobias não parece ficar surpreendido. Semicerrou os olhos.

– Sabias que o Uriah é Divergente?

Tobias encolhe os ombros.

– Claro. Eu também dirigi a simulação dele.

– E nunca me disseste!

– Informação privilegiada – responde Tobias. – E perigosa.

Sinto-me de repente furiosa – que mais é que ele me vai esconder? – mas tento conter-me. É natural que ele não me tivesse dito que Uriah é Divergente. Só estava a respeitar a privacidade dele. Tem lógica.

Pigarreio.

– Salvaste as nossas vidas, sabes? – digo-lhe. – O Eric andava a dar-nos caça.

– Acho que já passámos a fase de saber quem é que salvou a vida de quem – replica Tobias, observando-me demoradamente.

– De qualquer modo – prossigo, quebrando o silêncio –, depois de termos percebido que estava toda a gente a dormir, o Uriah subiu pelas escadas para avisar as pessoas que se encontravam nos pisos de cima e eu fui ao piso dois para perceber o que estava a acontecer. O Eric tinha reunido os Divergentes todos junto dos elevadores e estava a tentar decidir quais é que levaria com ele. Ele disse que só estava autorizado a levar duas pessoas. Nem sei porque é que iria levar alguém.

– É estranho.

– Tens alguma ideia?

– O que eu acho é que a agulha serviu para introduzir

um transmissor nos vossos corpos – responde Tobias – e o gás era uma versão em aerossol do líquido que altera o cérebro. Mas porquê...? – Franze as sobrancelhas, fazendo aparecer uma ruga entre elas. – Ah. Só se ela quis pôr toda a gente a dormir para descobrir quem eram os Divergentes.

– Achas mesmo que essa foi a única razão para sermos alvejados com os transmissores?

Tobias abana a cabeça e olha para mim fixamente. O azul dos olhos dele é tão escuro e tão familiar que sinto que me podia absorver. E por um momento até desejo que isso pudesse suceder, para fugir daqui e de tudo o que tem estado a acontecer.

– Parece-me que tu já sabes – declara Tobias –, mas queres que eu te contradiga. E eu não o vou fazer.

– Eles criaram um transmissor de longa duração – afirmo.

Tobias acena afirmativamente com a cabeça.

– Portanto estamos agora todos ligados, para recebermos múltiplas simulações – acrescento. – Todas as que a Jeanine quiser.

Tobias acena de novo com a cabeça.

Quando volto a respirar até sinto que treme o ar que me sai da boca.

– Isto é mesmo mau, Tobias.

*

No corredor do lado de fora da sala dos interrogatórios, Tobias para e encosta-se à parede.

– Então tu atacaste o Eric – diz. – Mas quando? Durante o ataque ou quando se encontravam junto aos elevadores?

– Junto aos elevadores.

– Há uma coisa que eu não compreendo – continua Tobias. – Estavas lá em baixo. Podias ter fugido. Mas,

em vez de o fazeres, decidiste meter-te sozinha no meio de um grupo de Intrépidos armados. E até aposto que nem estavas armada.

Comprimo os lábios.

– Foi isso? – pergunta ele.

– O que é que te faz pensar que eu não tinha uma arma? – pergunto, de sobrolho carregado.

– Desde o ataque que não tens conseguido pegar numa arma de fogo – responde Tobias. – Percebo porquê: por causa desse problema com o Will. Mas...

– Não tem nada a ver com isso.

– Não? – Tobias arqueia as sobrelhas.

– Fiz o que devia ter feito.

– Pois. Mas é altura de parares – declara ele, largando a parede para se aproximar mais de mim. Os corredores dos Cândidos são largos, suficientemente largos para o espaço que eu quero manter entre nós. – Devias ter ficado com os Cordiais. Devias ter-te mantido longe de tudo isto.

– Não, não devia – contraponho. – Julgas que és tu que sabes o que é melhor para mim? Não fazes a menor ideia. Ia dando em doida com os Cordiais. Aqui já me sinto... de novo sã.

– O que é estranho, considerando que tens andado a agir como se fosses uma psicopata – replica Tobias. – Não é um ato de coragem escolher a posição em que tu ontem te puseste. É mais do que estúpido... é suicida. A tua própria vida não te preocupa?

– Claro que preocupa! – afirmo. – Eu estava a tentar fazer uma coisa útil.

Tobias fica calado, a olhar para mim.

– Tu és mais do que Intrépida – diz-me depois, em voz baixa. – Mas se quiseses ser como eles, a meter-te em situações ridículas por nenhum motivo e a retaliar contra os teus inimigos sem atenderes ao que é ético, continua. Pensei que fosses melhor do que isso, mas

parece que me enganei!

Fecho as mãos e depois os maxilares, com força.

– Não devias insultar os Intrépidos – digo-lhe. – Aceitaram-te quando não tinhas mais nenhum sítio para onde ires. Deram-te um bom trabalho. E todos os teus amigos.

Encosto-me à parede, de olhos postos no chão. As lajes do chão do Centro da Sinceridade são sempre brancas e pretas e aqui o padrão é axadrezado. Se desfocar o olhar, vejo exatamente aquilo em que os Cándidos não acreditam: cinzento. É possível que Tobias e eu também não acreditemos que o cinzento exista. Muito possível.

O peso que carrego em mim é muito superior ao que o meu esqueleto pode suportar, e tanto que eu devia era cair.

– Tris.

Continuo a olhar para baixo.

– Tris!

Olho finalmente para ele.

– É que não quero mesmo perder-te – declara.

Ficamos assim por alguns minutos. Não digo o que penso: que ele é capaz de ter razão. Há uma parte de mim que quer perder-se, que faz tudo para eu poder ir ter com os meus pais e com o Will, para não ter de suportar mais o desgosto de os perder. E que quer ver o que há depois disso.

*

– Portanto, és irmão dela? – pergunta Lynn. – Dá para ver quem ficou com os melhores genes.

Rio-me da expressão no rosto de Caleb, que tem a boca ligeiramente contraída e os olhos muito abertos.

– Quando é que tens de regressar? – pergunto-lhe, com uma cotovelada.

Dou uma dentada na sanduíche que Caleb me trouxe do refeitório. Enerva-me tê-lo por perto, permitindo que se misturem os meus tristes arrependimentos relativamente à minha vida de família com os meus tristes arrependimentos da minha vida como Intrépida. Que pensará o meu irmão dos meus amigos e da minha fação? E o que pensará dele a minha fação?

– Em breve – responde ele. – Não quero que ninguém se preocupe.

– Não tinha percebido que a Susan mudou o nome para “Ninguém” – comento, levantando uma sobrancelha.

– Ah-ah – diz ele, com uma careta.

As pequenas provocações entre irmãos deviam ser uma coisa habitual, mas para nós não são. Os Abnegados desencorajavam tudo o que pudesse fazer alguém sentir-se desconfortável, o que incluía este tipo de brincadeiras.

Sinto como somos cautelosos na nossa relação, agora que estamos a descobrir uma maneira diferente de nos darmos, à luz das nossas novas fações e da morte dos nossos pais. Sempre que olho para ele compreendo que ele é a única família que me resta e sinto-me desesperada e ansiosa por mantê-lo junto de mim e por fechar a brecha que existe ainda entre nós.

– A Susan é outra fugitiva dos Eruditos? – pergunta Lynn, enterrando o garfo no feijão verde. Uriah e Tobias ainda se encontram na fila para o almoço, à espera atrás de duas dezenas de Cândidos que estão demasiado entretidos a discutirem uns com os outros na pressa de pegarem a sua comida.

– Não. Ela era nossa vizinha quando éramos miúdos. Pertence aos Abnegados – respondo.

– E tu andas com ela? – pergunta Lynn a Caleb. – Não achas que isso é uma decisão um pouco estúpida? Quer dizer, quando tudo isto acabar, vocês vão encontrar-se

em fações diferentes, a viverem em sítios completamente diferentes...

– Lynn – intervém Marlene, tocando-lhe no ombro –, cala-te, está bem?

Do outro lado do refeitório vejo qualquer coisa azul que me chama a atenção. É Cara, que acabou de chegar. Pouso a sanduíche, já sem apetite, e olho para ela sem levantar a cabeça. Ela dirige-se para o canto mais longínquo do refeitório, onde se encontram algumas das mesas com Eruditos refugiados. A maioria já trocou as roupas azuis por outras brancas e pretas. Mas ainda conservam os óculos. Tento concentrar-me em Caleb, mas ele também está a olhar para os Eruditos.

– Eu já não posso voltar para os Eruditos tal como *aqueles* também não podem – diz Caleb. – Quando isto acabar, já não terei fação.

Pela primeira vez noto que ele fica triste quando fala dos Eruditos. Não tinha percebido como lhe deve ter sido difícil tomar a decisão de os deixar.

– Podias ir para junto deles – digo-lhe, indicando-lhe os refugiados.

– Não os conheço. – Caleb encolhe os ombros. – Só lá estive durante um mês, lembras-te?

Uriah larga o tabuleiro em cima da mesa, com uma careta.

– Ouvi alguém a referir-se ao interrogatório do Eric enquanto estava na fila. Parece que ele não sabia *quase nada* acerca do plano da Jeanine – diz.

– O quê? – Lynn bate com o garfo na mesa. – Mas como é que isso é possível?!

Uriah encolhe os ombros e senta-se.

– Não me surpreende – diz Caleb.

Voltam-se todos para ele.

– O que foi? – Caleb cora. – Seria uma estupidez confiar todo um plano a uma só pessoa. É infinitamente

mais inteligente dar a cada pessoa com quem se trabalha alguns fragmentos desse plano. Desse modo, se houver uma traição, a perda não é muito grande.

– Ah – murmura Uriah.

Lynn pega no garfo e recomeça a comer.

– Ouvi dizer que os Cândidos fizeram gelado – diz Marlene, voltando a cabeça para a fila. – Do género «é chato termos sido atacados, mas pelo menos há sobremesa», sabem como é?

– Até já me sinto melhor – comenta Lynn, secamente.

– Mas não deve ser tão bom como o bolo dos Intrépidos – diz Marlene, com ar pesaroso. Suspira, e um fio de cabelo castanho cai-lhe para os olhos.

– Tínhamos um bolo bem bom – digo a Caleb.

– E nós tínhamos bebidas gaseificadas – replica ele.

– Ora... mas tinham uma plataforma que dava para um rio subterrâneo? – pergunta Marlene, agitando as sobrancelhas. – Ou uma sala onde podiam enfrentar todos os vossos pesadelos ao mesmo tempo?

– Não – responde Caleb – e, para ser sincero, não me sinto mal por isso.

– *Mari...quinhas...* – cantarola Marlene.

– Os pesadelos *todos*? – pergunta Caleb, com uma expressão muito atenta. – Como é que isso funciona? Quer dizer, os pesadelos são produzidos pelo computador ou pelo cérebro?

– Oh, meu Deus. – Lynn deixa cair a cabeça nas mãos. – Aí vamos nós...

Marlene lança-se numa descrição pormenorizada das simulações e eu ouço a voz dela e a de Caleb rodearem-me enquanto acabo de comer a sanduíche. E depois, apesar do barulho dos talheres e do rugido provocado por dezenas de conversas ao mesmo tempo, pouso a cabeça na mesa e adormeço.

Capítulo Dezoito

– Calem-se, todos!

Jack Kang levanta as mãos e a multidão fica silenciosa. É preciso ter talento para fazer uma coisa destas.

Eu estou de pé entre o grupo de Intrépidos que chegaram mais tarde, quando já não havia lugar para eles. Vejo um clarão – é um relâmpago. Esta não é a melhor altura para fazer uma reunião num local onde as janelas não passam de buracos mas este é o maior salão que eles têm.

– Sei que muitos de entre vós se sentem confusos e agitados pelo que aconteceu ontem – começa Jack. – Ouvi muitos relatos de uma grande variedade de pontos de vista e fiquei com uma impressão do que me parece ser mais certo e daquilo que requer maior investigação.

Prendo o cabelo molhado atrás das orelhas. Acordei dez minutos antes da hora marcada para a reunião e corri para o chuveiro. Embora ainda me sinta cansada já estou mais atenta.

– E o que me parece requerer maior investigação – prossegue Jack – são os Divergentes.

Jack Kang também parece cansado. Tem olheiras escuras e o cabelo curto está levantado em alguns pontos, como se ele tivesse passado a noite a puxá-lo. Apesar do calor sufocante que reina na sala, tem uma camisa de mangas compridas abotoada nos punhos. Devia estar a pensar noutra coisa qualquer quando se vestiu esta manhã.

– Quem for Divergente, avance, por favor, para vos podermos ouvir – decreta.

Olho de relance para Uriah. A situação pode ser perigosa. Devo esconder a minha condição de Divergente. Admiti-la equivale a receber uma sentença de morte. Mas não faz sentido escondê-la agora, quando já toda a gente sabe o que eu sou.

Tobias é o primeiro a avançar. Fura por entre a multidão, voltando-se inicialmente de lado para avançar com maior facilidade e depois, quando se afastam para o deixar passar, aproxima-se de Jack Kang com os ombros bem direitos.

E eu também avanço, dizendo às pessoas que estão diante de mim: «Com licença». E elas afastam-se como se eu as tivesse ameaçado de lhes cuspir veneno para cima. Também há outras pessoas a avançar, algumas das quais vestidas com as roupas brancas e pretas dos Cântidos. Mas são poucas. E entre elas está a rapariga que ajudei.

Apesar da notoriedade que Tobias agora tem entre os Intrépidos e do meu novo título de A Rapariga que Apunhalou o Eric, não somos nós quem mais chama a atenção. É Marcus que a merece na íntegra.

– Tu, Marcus? – pergunta Jack quando Marcus para no centro do salão, em cima do prato mais baixo da balança desenhada no chão.

– Sim – responde Marcus. – Compreendo que estejam preocupados, todos vocês. Nunca tinham ouvido falar dos Divergentes até há uma semana e agora a única coisa que sabem é que eles são imunes a algo a que vocês são suscetíveis, e isso é assustador. Mas posso assegurar-vos que não têm nada a recear da nossa parte.

Enquanto fala, Marcus inclina a cabeça para o lado e eu compreendo de imediato porque é que as pessoas gostam dele. Ele é alguém que consegue levar os que o escutam a acreditar que se lhe confiarem os seus problemas ele será capaz de os resolver.

– Parece-me claro – diz Jack – que os Eruditos nos atacaram para encontrarem os Divergentes. Sabes porquê?

– Não, não sei – responde Marcus. – Talvez quisessem apenas identificar-nos. Pode ser uma informação útil para eles, se tencionam utilizar de novo as suas simulações.

– A intenção deles *não* foi essa. – As palavras saem-me da boca antes de eu decidir pronunciá-las. A minha voz parece estridente e débil por comparação com as de Marcus e de Jack, mas agora já é demasiado tarde para parar. – Queriam matar-nos. Têm estado a matar-nos desde há muito antes de isto começar.

As sobranceiras de Jack unem-se e tocam-se. Ouço centenas de sons minúsculos, de gotas de chuva a baterem no telhado. O salão escurece como que por efeito do que acabei de dizer.

– Isso parece-se um pouco com uma teoria da conspiração – diz Jack. – Que motivos teriam os Eruditos para vos matarem?

A minha mãe tinha-me dito que as pessoas temiam os Divergentes porque nós não podíamos ser controlados. Pode ser verdade, mas o medo do que não é controlável não é um motivo suficientemente concreto para dar a Jack Kang como explicação para o facto de os Eruditos nos quererem mortos. O meu coração começa a bater muito depressa quando percebo que não vou conseguir responder à pergunta dele.

– Eu... – começo.

Mas Tobias interrompe-me:

– Obviamente que não sabemos. Mas há quase uma dezena de mortes misteriosas registadas entre os Intrépidos ao longo dos últimos seis anos, e existe uma correspondência entre essas pessoas e os resultados irregulares das provas de aptidão e das simulações da fase de iniciação.

Cai mais um relâmpago e o salão ilumina-se. Jack abana a cabeça.

– Isso pode ser intrigante, mas essa coincidência não é uma prova – declara.

– Um líder dos Intrépidos abateu uma criança dos Cândidos com um tiro *na cabeça* – interrompo. – Ouviu algum relato sobre *isso*? Pareceu-lhe ser «merecedor de investigação»?

– Na realidade ouvi – responde Jack. – E matar uma criança a sangue-frio é um crime horrível que não pode deixar de ser punido. Felizmente que temos o seu autor detido e que o podemos levar a julgamento. Mas devemos ter presente, *não obstante*, que os soldados-Intrépidos não demonstraram ter a intenção de nos fazer mal, porque não nos mataram enquanto estávamos inconscientes.

Ouçó murmúrios de irritação à minha volta.

– A invasão pacífica deles sugere-me que pode ser viável negociar um acordo de paz com os Eruditos e com os outros Intrépidos – prossegue Jack – e por isso vou pedir a Jeanine Matthews uma reunião para debatermos esta possibilidade o mais depressa possível.

– Mas a invasão deles não foi «pacífica» – contraponho. De onde estou consigo ver a boca de Tobias e reparo que ele está a sorrir. Inspiro fundo e recomeço. – Só porque não vos mataram a todos com um tiro na cabeça não significa que as suas intenções fossem honrosas. Porque é que acha que eles cá vieram? Só para andarem a correr pelos vossos corredores, porem-vos a dormir para depois se irem embora?

– Parto do princípio de que eles vieram cá à procura de pessoas como vocês – responde Jack. – E embora a vossa segurança me preocupe, não penso que possamos atacá-los só por eles quererem matar uma parte da nossa população.

– Matar-vos não é a coisa pior que eles podem fazer-vos. Mas controlar-vos é – afirmo.

Os lábios de Jack curvam-se, numa expressão divertida. *Divertida...*

– Ah, sim? – diz ele. – E como é que o farão?

– Eles alvejaram-vos com agulhas – diz Tobias. – Agulhas que têm transmissores de simulações. E as simulações podem controlar-vos. É isso.

– Nós sabemos como as simulações funcionam – replica Jack. – O transmissor não é um implante permanente. Se tencionavam controlar-nos, tê-lo-iam feito de imediato.

– Mas... – começo.

Jack interrompe-me, com uma voz suave:

– Sei que tem andado sob grande tensão, Tris, e que prestou um grande serviço à sua facção e aos Abnegados. Mas penso que a sua experiência traumática poderá ter prejudicado a sua capacidade de ser completamente objetiva. E eu não posso desencadear um ataque com base nas especulações de uma miúda.

Fico paralisada, como se fosse uma estátua, incapaz de acreditar que ele possa ser tão estúpido. Com as faces a arder. «Miúda», chamou-me ele. Uma miúda que anda tão tensa que chega a ser paranoica. Não é o meu retrato, mas agora é aquilo que os Cândidos pensam que eu sou.

– Não é você que toma as decisões por nós, Kang – diz Tobias.

Os Intrépidos dão gritos de acordo à nossa volta. E alguém grita:

– Você não é o líder da nossa facção!

Jack espera que os gritos se atenuem e diz:

– Isso é verdade. E, se quiserem, estejam à vontade para atacar o quartel-general dos Eruditos, mas sozinhos. Se o fizerem não terão o nosso apoio e, deixem-me lembrar-vos, são em muito menor número e

não estão preparados.

Ele tem razão. Não podemos atacar os Intrépidos traidores e os Eruditos sem o apoio dos Cândidos. Seria um banho de sangue se o tentássemos fazer. Jack Kang tem o poder na mão. E agora todos o sabemos.

– Bem me parecia – continua ele, com alguma arrogância. – Muito bem, vou contactar a Jeanine Matthews e ver se podemos negociar a paz. Há alguma objecção?

Nós só podemos atacar sem os Cândidos, penso, se tivermos connosco os sem-faço.

Capítulo Dezanove

À tarde junto-me a um grupo de Cândidos e de Intrépidos que estão a apanhar os fragmentos das janelas partidas do átrio do edifício. Concentro-me no percurso que faço com a vassoura, mantendo os olhos na poeira que se junta aos estilhaços. Os meus músculos recordam-se do movimento antes do resto de mim, mas quando olho para baixo o que vejo em vez das lajes de mármore preto são ladrilhos brancos vulgares, o fundo de uma parede pintada de um cinzento claro e, depois, fios de cabelo louro cortados pela minha mãe e o espelho escondido por detrás de um painel na parede.

O meu corpo fraqueja e tenho de me apoiar no cabo da vassoura para me aguentar de pé.

Uma mão toca-me no ombro e eu encolho-me. Mas é só uma Cândida, uma rapariga muito nova, que me fita de olhos muito abertos.

– Estás bem? – pergunta ela, em voz alta mas num tom indiferente.

– Estou, sim – respondo. Talvez agressivamente. E apresso-me a tentar corrigir-me. – Estou cansada, é só isso. Obrigada.

– Acho que estás a mentir – diz ela.

Vejo um penso parcialmente tapado pela manga que deve servir para tapar a ferida feita pela agulha. A ideia desta rapariga tão jovem sob a influência de uma simulação cria-me náuseas. Nem consigo olhar para ela e volto-me.

E nessa altura vejo-os: um Intrépido traidor a ajudar uma mulher que tem uma perna ensanguentada. Vejo a madeixa cinzenta no cabelo dela e a ponta do nariz

curvo dele e a braçadeira azul dos Intrépidos traidores um pouco abaixo dos ombros de ambos e reconheço-os: Tori e Zeke.

Tori está a tentar caminhar mas tem de arrastar uma perna, que parece incapaz de mexer. E tem uma mancha húmida e escura por cima de quase toda a superfície da coxa.

Os Cándidos param de varrer e olham para eles. Os Intrépidos que estão de guarda junto dos elevadores correm para a entrada de armas empunhadas. As pessoas que estão a varrer recuam para os deixarem passar mas eu fico onde estou, a sentir o calor que me invade à medida que Zeke e Tori se aproximam da entrada.

– Estão armados? – pergunta alguém.

Tori e Zeke chegam ao que eram as portas e ele levanta uma das mãos ao ver a fila de Intrépidos de armas empunhadas. A outra mão mantém-se a segurar a cintura de Tori.

– Ela precisa de cuidados médicos – diz Zeke. – Urgentemente.

– Mas porque é que havemos de prestar cuidados médicos a traidores? – pergunta um Intrépido com cabelo louro muito fino e dois *piercings* no lábio, sem baixar a arma. No antebraço tem uma mancha de tinta azul.

Tori geme e eu meto-me entre os dois Intrépidos para chegar junto dela. Ela apoia a mão, que está cheia de sangue, na minha, e Zeke deixa-a deitar-se no chão com um resmungo.

– Tris – diz ela, com um olhar confuso.

– É melhor saíres daqui, miúda – diz o Intrépido louro.

– Não – replico. – Baixa a arma.

– Bem te disse que os Divergentes são doidos – murmura um dos outros Intrépidos armados para uma

mulher ao lado dele.

– Não me importo que a levem para cima e que a amarrem a uma cama para a impedirem de andar aos tiros – exclama Zeke, irritado –, mas não a deixem a esvair-se em sangue à porta do quartel-general dos Cândidos!

Alguns Intrépidos acabam por avançar e levantam-na.

– Para onde... é que a levamos? – pergunta um deles.

– Procurem a Helena – diz Zeke –, uma enfermeira dos Intrépidos.

Os homens dizem que sim e levam-na para os elevadores. O meu olhar cruza-se com o de Zeke.

– Que aconteceu? – pergunto-lhe.

– Os Intrépidos traidores descobriram que estávamos a recolher informações da parte deles – explica Zeke. – Tori tentou fugir mas atingiram-na a tiro quando vinha a correr. Ajudei-a a chegar aqui.

– É uma bela história – diz o Intrépido louro. – Queres contá-la sob a influência do soro da verdade?

Zeke encolhe os ombros.

– Está bem – diz, e estende os braços, de pulsos unidos, num gesto teatral. – Levem-me já, se estão assim tão ansiosos.

Depois olha para qualquer coisa por cima do meu ombro e começa a andar. Volto-me e vejo Uriah, que vem a correr dos elevadores. E está a sorrir.

– Ouvi dizer que eras um nojento de um traidor – diz Uriah.

– Pois, talvez – replica Zeke.

E colidem os dois num abraço que quase me parece doloroso, batendo-se mutuamente nas costas e rindo-se às gargalhadas com os punhos fechados no meio deles.

– Nem acredito que não nos tenham dito – afirma Lynn, abanando a cabeça. Está sentada do outro lado da mesa, à minha frente, de braços cruzados e com uma das pernas levantada.

– Ora, não fiques tão irritada – diz Zeke. – Eu nem o devia dizer ao Uriah ou à Shauna. E dá cabo da ideia de ser espião contar a toda a gente que o somos.

Estamos sentados numa sala do quartel-general dos Cândidos designada por Sítio das Reuniões, nome que os Intrépidos se habituaram a pronunciar de maneira trocista sempre que podem. É um espaço largo e aberto, com cortinas pretas e brancas penduradas nas paredes e um círculo formado por pódios no centro. À volta dos pódios há mesas redondas grandes. Lynn contou-me que eles fazem aqui debates mensais, para passarem o tempo, e também serviços religiosos uma vez por semana. Mas mesmo quando não há acontecimentos dessa natureza, a sala está normalmente cheia.

Zeke foi ilibado pelos Cândidos há cerca de uma hora, depois de um breve interrogatório no piso dezoito. Não foi um momento tão sinistro como os interrogatórios a que eu e Tobias fomos sujeitos, em parte por não haver imagens de vídeo que implicassem Zeke em atos suspeitos e em parte porque Zeke consegue ser divertido mesmo sob o efeito do soro da verdade. E se calhar ainda mais nessa circunstância. De qualquer modo, viemos para «uma festa de “Afim não és um nojentito de um traidor!”», como Uriah lhe chamou.

– Pois, mas o certo é que temos estado a insultar-te desde o ataque da simulação – diz Lynn. – E agora sinto-me uma idiota por causa disso.

Zeke põe o braço por cima dos ombros de Shauna e diz-lhe:

– Mas tu és uma idiota, Lynn. Faz parte do teu encanto.

Lynn atira-lhe um copo de plástico, a que Zeke se esquiva. Mas a água ainda o apanha num olho antes de se espalhar pela mesa.

– Bem, mas como eu ia dizendo... – prossegue Zeke, esfregando o olho –, eu estava sobretudo a organizar a fuga em segurança de dissidentes dos Eruditos. É por isso que há aqui um grande grupo de Eruditos e outro mais pequeno no quartel-general dos Cordiais. Mas a Tori... não faço a menor ideia do que ela andava a fazer. Desaparecia horas a fio e quando aparecia era como se estivesse prestes a explodir. Não admira que ela tenha acabado por chamar a atenção para nós.

– E como é que *tu* arranjaste essa missão? – pergunta Lynn. – Nem és nada de especial.

– Foi mais por estar onde estava depois da simulação que levou ao ataque. Mesmo no meio de um grupo de Intrépidos traidores. E decidi ir com eles – explica. – Quanto à Tori, não sei.

– Ela era uma transferência dos Eruditos – digo.

Mas o que já não digo, porque tenho a certeza de que ela não queria que alguém soubesse, é que Tori devia andar prestes a explodir no quartel-general dos Eruditos porque eles tinham assassinado o seu irmão, por ser Divergente.

E ela tinha-me dito que estava à espera de uma oportunidade para se vingar.

– Ah – diz Zeke. – Como é que soubeste?

– Bem, todas as pessoas que se transferem de uma facção para outra têm um clube secreto – respondo, reclinando-me na cadeira. – Reunimo-nos sempre na terceira terça-feira de cada mês.

Zeke resmunga.

– E onde é que está o Quatro? – pergunta Uriah, olhando para o relógio. – Começamos sem ele?

– Não podemos – diz Zeke. – Ele é que tem A Informação.

Uriah faz que sim com a cabeça, como se isso significasse alguma coisa. Mas depois para e olha para ele:

– Mas que informação?

– A informação sobre o pequeno encontro pacificador do Kang com a Jeanine – responde Zeke –, obviamente.

Avisto Christina no outro lado da sala, com a irmã. Estão ambas a ler qualquer coisa.

Sinto o meu corpo ficar tenso. Cara, a irmã mais velha de Will, atravessa a sala a caminho da mesa de Christina. E eu baixo a cabeça.

– Que se passa? – pergunta Uriah, espreitando por cima do ombro de Zeke. Fico com vontade de bater-lhe.

– Para com isso! – digo-lhe. – Não queres ser ainda mais óbvio?! – Inclino-me para a frente, cruzando os braços por cima da mesa. – É a irmã do Will que ali está.

– Pois, eu falei com ela uma vez acerca de deixar os Eruditos, enquanto eu lá estava – diz Zeke. – Ela disse que viu uma Abnegada a ser morta enquanto ela estava numa missão ao serviço da Jeanine, e que não tinha estômago para aguentar mais.

– E tens a certeza de que ela não é só uma espia dos Eruditos? – pergunta Lynn.

– Lynn, ela salvou metade da nossa facção desta coisa – diz Marlene, tocando no penso que tem no braço, no ponto onde os Intrépidos traidores a alvejaram. – Bem, metade de metade da nossa facção.

– Em alguns círculos chamam a isso *um quarto*, Mar – comenta Lynn.

– De qualquer modo, que importa se ela é uma traidora? – pergunta Zeke. – Não estamos a planear nada que ela possa ir contar-lhes. E com certeza que não a incluiríamos, se estivéssemos.

– Mas já há muitas informações que ela pode obter aqui – diz Lynn. – Quantos somos, por exemplo, ou

quantos de nós é que não são suscetíveis às simulações.

– Não estavam a vê-la quando ela me disse que se vinha embora – insiste Zeke. – Eu acredito nela.

Cara e Christina levantaram-se e estão a sair da sala.

– Já volto – declaro. – Tenho de ir à casa de banho.

Espero até Cara e Christina terem saído e sigo-as, meio a andar meio a correr. Abro lentamente uma das portas, para não fazer barulho, e depois fecho-a também devagar quando saio. Fico parada num corredor escuro que cheira a lixo – deve ser aqui que fica a conduta do lixo dos Cândidos.

Ouçó duas vozes femininas que vêm do outro lado do corredor e aproximo-me, sem ruído, até conseguir ouvi-las melhor.

– ... simplesmente não aguento vê-la aqui – diz uma delas, a soluçar. É Christina. – Não consigo deixar de imaginar... o que ela fez... Não consigo compreender como ela o pôde fazer.

O choro de Christina dá cabo de mim.

Cara demora a responder e diz:

– Mas eu compreendo.

– O quê?! – exclama Christina, com um soluço.

– Tens de perceber isto: nós somos treinados para ver as coisas da maneira mais lógica possível – explica Cara. – Não penses, por isso, que estou a ser insensível. Aquela rapariga estava provavelmente doida de medo e com certeza que não podia avaliar as situações da maneira correta nesse momento... se é que alguma vez foi capaz de o fazer.

Arregalo os olhos. *Que...* – ainda percorro mentalmente a lista dos insultos que conheço, e que é comprida, antes de conseguir concentrar-me no que dizem.

– Além disso, a simulação tornou-a incapaz de argumentar com ele e por isso, quando ele a ameaçou, ela reagiu como tinha sido treinada pelos Intrépidos

para reagir: disparou a matar.

– Que estás tu então a dizer? – replica Christina, amargamente. – Devemos esquecer o que aconteceu porque é perfeitamente natural?

– Claro que não – diz Cara. A voz treme-lhe um pouco, no entanto, e ela repete o que já disse, desta vez num tom mais calmo. – *Claro* que não.

– E depois pigarreia. – Só que tens de andar perto dela e eu preferia que isso fosse mais fácil para ti. Não tens de a perdoar. Aliás, até te digo que nem percebo por que motivo é que foste amiga dela, para começar. Ela pareceu-me sempre um pouco imprevisível.

Fico mais tensa, à espera de ouvir Christina dizer que está de acordo com ela mas, para minha surpresa – e alívio –, não é o que acontece.

E Cara continua:

– Bem, também não tens de a perdoar, de qualquer maneira, mas devias tentar compreender que o que ela fez não foi por maldade, mas sim por medo. Desse modo, podes olhar para ela sem te sentires tentada a dar-lhe um murro naquele nariz exceccionalmente comprido.

Levo automaticamente a mão ao nariz. Christina dá uma pequena gargalhada, com um som que parece mais próprio de quem levou um murro pesado no estômago.

Recuo até à porta e regresso ao Sítio das Reuniões.

Apesar de Cara ter sido desagradável – e o comentário dela sobre o meu nariz foi um golpe baixo –, consigo sentir-me grata pelo que ela disse.

*

Tobias emerge de uma porta escondida por uma cortina branca. Afasta-a da cara com um gesto de irritação e vem ter connosco à nossa mesa do Sítio das Reuniões, sentando-se a meu lado e declarando:

– O Kang vai encontrar-se com um representante da Jeanine Matthews às sete da manhã.

– Um representante?! – surpreende-se Zeke. – Não é ela própria que vai?

– Pois... para ficar bem à vista de toda a gente e poder ser o alvo de um grupo de pessoas irritadas e armadas? – troça Uriah. – Gostava mesmo de a ver a tentar fazer isso. A sério que gostava.

– Kang, o Inteligente, vai ao menos levar consigo uma escolta de Intrépidos?

– Vai – responde Tobias. – Alguns dos membros mais velhos ofereceram-se para o fazer. O Bud diz que vai ficar atento e que depois conta.

Olho para ele de sobrolho franzido. Como é que ele sabe tantas coisas? E como é que anda de repente a portar-se como se fosse um líder dos Intrépidos, depois de andar dois anos a esquivar-se a essa função?

– Portanto, a verdadeira questão agora – diz Zeke, fechando as mãos em cima da mesa – é saber, se fossem Eruditos, o que iriam *vocês* dizer numa reunião desta natureza?

Olham todos para mim. Cheios de expectativa.

– Que é? – pergunto.

– Tu és Divergente – responde Zeke.

– O Tobias também.

– Pois, mas não foi considerado apto para ser um Erudito.

– E como é que sabes que eu fui?

Zeke levanta um ombro e responde:

– Parece o mais provável. Não parece o mais provável?

Uriah e Lynn concordam com a cabeça. Os lábios de Tobias remexem-se, como se ele fosse sorrir e, no último momento, o evitasse. Sinto que uma pedra se afundou no meu estômago.

– Vocês têm todos os cérebros a funcionar, tanto

quanto me pareceu da última vez – contraponho. – Também podem pensar como os Eruditos.

– Mas não temos miolos especiais de *Divergente*! – exclama Marlene. Toca na minha cabeça com a ponta do dedo e faz força, sem me magoar. – Vá lá, faz a tua magia.

– Não há nada de mágico nos Divergentes, Mar – admoesta-a Lynn.

– E, se há, não devíamos estar a consultá-la – diz Shauna. É a primeira coisa que lhe ouço desde que nos sentámos. E nem olha para mim ao dizê-lo. Só franze o sobrolho para a irmã mais velha.

– Shauna... – começa Zeke.

– Deixa-me! – replica ela, voltando o olhar zangado para ele. – Não achas que uma pessoa apta para várias fações pode ter um problema de lealdade? Se ela foi considerada apta para os Eruditos, como é que podemos ter a certeza de que até nem está a trabalhar para eles?

– Não sejas ridícula – diz Tobias, com uma voz ameaçadora.

– Não estou a ser ridícula. – Shauna dá uma palmada na mesa. – Eu sei que pertenço aos Intrépidos porque tudo o que fiz na prova de aptidão mo disse. Sou leal à minha fação por esse motivo... porque não posso ir para mais sítio nenhum. Mas ela? E tu? – Shauna abana a cabeça. – Não sei a quem é que és leal. E não vou fazer de conta que está tudo bem.

Levanta-se e, quando Zeke lhe estende a mão, repele-o. E depois encaminha-se em passos decididos para uma das portas. Vejo-a sair e fechar a porta e espero que a cortina preta fique outra vez imóvel.

Sinto-me muito tensa, como se estivesse prestes a gritar, mas Shauna já não está connosco para me poder ouvir.

– Não há *magia* nenhuma – declaro, com fervor. – Só têm de se interrogar sobre qual será a reação mais

lógica a uma determinada situação.

Olham todos para mim e ficam à espera.

– A sério – continuo. – Se eu estivesse nessa situação, diante de Jack Kang e de um grupo de guardas Intrépidos, provavelmente não recorreria à violência, pois não?

– Bem, poderias recorrer, se tivesses os teus próprios guardas Intrépidos. E depois só é necessário dar um tiro... *bang*, ele morre e os Eruditos ficam na maior – conclui Zeke.

– Quem quer que enviem para falar com o Jack Kang não vai ser um miúdo Erudito escolhido ao calhas – afirmo. – Vai ser alguém importante. Seria um gesto estúpido disparar contra Jack Kang e arriscarem-se a perder quem quer que enviem como representante da Jeanine.

– Estás a ver? – pergunta Zeke. – É por isso que precisamos de ti para fazeres a análise da situação. Se fosse eu, matá-lo-ia. Valeria a pena correr o risco.

Aperto a cana do nariz. Já me dói a cabeça.

– Está bem – digo.

Tento pôr-me na posição de Jeanine Matthews. Já sei que ela não vai negociar com Jack Kang. Para que o faria ela? Ele não tem nada que lhe possa oferecer. E ela só precisa de utilizar a situação para seu próprio benefício.

– Penso – começo – que a Jeanine Matthews vai tentar manipulá-lo. E que ele fará tudo para proteger a sua facção, mesmo que para isso seja necessário sacrificar os Divergentes.– Faço uma pausa, recordando-me de como ele destacou a influência da facção dele, por oposição a nós, durante a reunião. – Ou os Intrépidos. Portanto, temos mesmo de saber o que eles dizem nessa reunião.

Uriah e Zeke entreolham-se. Lynn sorri, mas não é o sorriso habitual nela. Não lhe alastra aos olhos, que

agora ainda parecem mais dourados mas frios como sempre.

– Portanto, vamos ouvir o que eles dizem – propõe ela.

Capítulo Vinte

Olho para o relógio. São sete da tarde. Faltam só doze horas até podermos saber o que Jeanine tem a dizer a Jack Kang. Já olhei para o relógio mais de uma dúzia de vezes na última hora, como se isso pudesse fazer o tempo andar mais depressa. Estou ansiosa por fazer qualquer coisa – seja o que for menos estar sentada no refeitório com Lynn, Tobias e Lauren, a tentar jantar e a deitar olhares discretos a Christina, que está sentada numa das outras mesas com a sua própria família, que pertence aos Cândidos.

– Às vezes pergunto a mim própria se conseguiremos voltar a ser como éramos, quando tudo isto acabar – diz Lauren. Tem estado a conversar com Tobias sobre os métodos de treino dos iniciados-Intrépidos já há pelo menos cinco minutos. Deve ser a única coisa que eles têm em comum.

– Se é que vai restar alguma das fações depois de tudo isto ter acabado – diz Lynn, enquanto transforma o puré de batata num rolo.

– Não me digas que vais comer uma sanduíche de puré de batata – digo-lhe.

– E se for?!

Um grupo de Intrépidos passa entre a nossa mesa e a que está mais próxima. São um pouco mais velhos do que Tobias. Uma das raparigas tem cinco cores diferentes no cabelo e tem tantas tatuagens nos braços que eu nem consigo ver-lhe a pele. Um dos rapazes inclina-se para Tobias, que está de costas voltadas para eles, e sussurra-lhe: «Cobarde».

Alguns dos outros fazem a mesma coisa, deixando a

palavra «Cobarde» sair-lhes por entre os dentes cerrados mesmo aos ouvidos de Tobias, sem pararem. Tobias para de comer, a faca encostada a uma fatia de pão com um pedaço de manteiga, e olha para a mesa.

Eu espero que ele expluda, tensa.

– Que idiotas – comenta Lauren. – E os Cordiais... a obrigarem-te a contar a história da tua vida à frente de toda a gente... também são uns idiotas.

Tobias não responde. Pousa a faca e a fatia de pão e levanta-se. Os olhos vagueiam pela sala e concentram-se num ponto do outro lado do refeitório.

– Isto tem de parar – diz ele, de modo bem audível e começa a andar em direção ao ponto para onde estava a olhar antes de eu conseguir perceber o que se passa. Mas já sei que não vai ser nada bom.

Tobias serpenteia por entre as mesas e as pessoas como se a sua forma fosse mais líquida do que sólida e eu apresso-me a ir atrás dele, aos tropeções, pedindo desculpa às pessoas que vou afastando do meu caminho.

E depois vejo quem é a pessoa a quem Tobias se vai dirigir – Marcus. Está numa mesa com alguns dos Cândidos mais velhos.

Tobias estica o braço e agarra-o pela nuca, arrancando-o da cadeira. Marcus abre a boca para dizer qualquer coisa, o que é um erro, porque Tobias esmurra-o com força nos dentes. Uma pessoa grita mas ninguém corre a ajudar Marcus. Estamos num espaço repleto de Intrépidos, afinal de contas.

Tobias empurra Marcus para o meio do refeitório, onde um espaço vazio entre as mesas revela o símbolo dos Cândidos. Marcus cai de joelhos sobre o desenho de um dos pratos da balança, com as mãos a cobrir o rosto, o que me impede de ver os estragos provocados por Tobias.

Tobias empurra Marcus para o chão e pressiona a

garganta do pai com o calcanhar do sapato. Marcus bate na perna de Tobias enquanto o sangue lhe escorre dos lábios mas, mesmo que estivesse a utilizar o máximo da sua força, nunca conseguiria ser tão forte como o filho. Tobias desaperta o cinto e tira-o das presilhas.

Depois tira o pé da garganta de Marcus e levanta o cinto, avisando-o:

– É para o teu próprio bem.

É a frase que, lembro-me bem, Marcus diz sempre a Tobias na paisagem dos medos.

E depois o cinto voa e atinge Marcus no braço. O rosto dele está vermelho e ele cobre a cabeça antes do golpe seguinte, que o atinge nas costas. À minha volta só ouço as gargalhadas que vêm das mesas dos Intrépidos mas eu não me rio, não consigo rir-me disto.

E só depois é que tomo finalmente consciência do que está a acontecer e corro para Tobias, e agarrando-o pelo ombro e dizendo-lhe:

– Para! Tobias, para já com isto!

Espero ver-lhe uma expressão de fúria nos olhos mas quando Tobias se volta para mim não é o que vejo. O seu rosto está perfeitamente normal e a respiração dele é regular. Não foi um impulso que o levou a fazer isto.

O que fez foi premeditado.

Tobias larga o cinto e mete a mão no bolso. Do interior tira um fio de prata com um anel pendurado. Marcus está deitado de lado, a respirar com dificuldade. Tobias larga o anel no chão, mesmo ao lado da cara dele. É feito de um metal mortício e manchado – é uma aliança de casamento dos Abnegados.

– É da minha mãe – diz Tobias –, que te manda cumprimentos.

E depois Tobias volta-lhe as costas, e eu preciso de alguns segundos para conseguir voltar a respirar. E quando o faço vou a correr atrás de Tobias sem sequer

olhar para Marcus, que continua no chão, encolhido sobre si próprio. E só consigo alcançar Tobias quando ele já vai no corredor.

– Para que foi *aquilo*? – pergunto-lhe.

Tobias prime o botão de chamada do elevador sem olhar para mim.

– Tinha de ser – responde.

– Tinha de ser... porquê?

– Que se passa? Tens pena *dele*, agora? – Tobias volta-se para mim de sobrolho carregado. – Sabes quantas vezes ele me fez isto?! Como é que pensas que aprendi a bater em alguém com o cinto?

Sinto-me de repente muito frágil, como se fosse desfazer-me em mil pedaços. Pareceu-me de facto ensaiado, como se Tobias tivesse praticado cada pequeno movimento na sua cabeça e recitado as palavras à frente de um espelho. Claro que sabia tudo de cor – foi ele, afinal, que esteve sempre do outro lado.

– Não – respondo, baixando a voz. – Não, não tenho pena dele nem nada que se pareça.

– Então o que é, Tris? – A voz dele está enrouquecida e pode ser por isso que me sinto tão frágil. – Não tens andado nada preocupada com o que eu faço ou digo durante a última semana e agora... o que é que isto tem de diferente?

Estou quase com medo dele. Não sei o que hei de dizer, ou fazer, relativamente este lado imprevisível que nele se revela e que agora está aqui bem à vista, a borbulhar por baixo da superfície a cada coisa que ele faz e que é parecido com a parte mais cruel da minha própria pessoa. Há uma guerra dentro de cada um de nós. Às vezes, ajuda-nos a manter-nos vivos. Outras vezes ameaça destruir-nos.

– Nada – respondo.

O elevador faz um sinal sonoro ao chegar. Tobias

entra e prime o botão de fechar as portas, que nos separam de imediato. Olho para a superfície de metal polida e tento pensar no que se passou nos últimos dez minutos.

«Isto tem de parar», tinha ele dito. E o «isto» era o ridículo resultante do interrogatório onde confessara ter-se juntado aos Intrépidos para fugir ao pai. E depois foi espancar Marcus, e à vista de toda a gente, para os Intrépidos verem bem o que ele estava a fazer.

Mas porquê? Para recuperar o orgulho? Não, o ato foi demasiado premeditado para isso.

*

De regresso ao refeitório, vejo um Cândido a acompanhar Marcus até à casa de banho. Marcus caminha devagar mas não está curvado, o que me leva a pensar que Tobias não o magoou muito. Vejo a porta fechar-se atrás deles depois de entrarem.

Já estava esquecida do que ouvira no complexo dos Cordiais a propósito da informação pela qual o meu pai arriscara a vida. Ou, pelo menos, *era o que se pensava*. Talvez não seja boa ideia confiar em Marcus. E eu até prometi a mim própria que não voltaria a fazer-lhe perguntas sobre o assunto.

Deixo-me ficar do lado de fora da casa de banho até o Cândido sair e depois entro antes que a porta possa ser fechada por dentro. Marcus está sentado no chão junto ao lavatório, com um monte de toalhas de papel encostadas à boca. E não parece ficar nada feliz ao ver-me.

– O que é? Vens cá vangloriar-te? – pergunta-me. – Vai-te embora.

– Não – declaro.

– E o que é que eu venho aqui fazer?

Marcus olha para mim, na expectativa:

– Então?

– Pensei que pudesse precisar de ser lembrado de uma coisa – digo-lhe. – O que quer que deseje obter da Jeanine não o conseguirá obter sozinho nem só com a ajuda dos Abnegados.

– Acho que já falámos sobre isso. – A voz dele está abafada pelas toalhas de papel. – Só a noção de que *tu* poderias ajudar faz-me...

– Não sei onde é que foi buscar a ilusão de que eu sou inútil mas é a que tem – contraponho, secamente. E não estou interessada em ouvi-la. A única coisa que quero dizer é que quando quiser deixar de se iludir e começar a sentir-se desesperado por ser demasiado incompetente para resolver isto sozinho, já sabe a quem deve dirigir-se.

E saio no momento exato em que o Cândido regressa com um saco de gelo.

Capítulo Vinte e Um

Estou diante dos lavatórios da casa de banho das mulheres, no piso que os Intrépidos acabaram de reivindicar como seu, com uma pistola na palma da mão. Foi Lynn quem a pôs lá há poucos minutos. Pareceu-me ficar admirada por eu não fechar a mão em torno da arma e guardá-la depois num coldre ou entalá-la na cintura das calças. Deixei-a ficar onde ela a pôs e fui para a casa de banho antes de começar a entrar em pânico.

Não sejas estúpida. Não posso fazer o que vou fazer sem uma arma. Seria uma loucura. Por isso terei de resolver este problema, que não me larga, dentro dos próximos cinco minutos.

Enrolo o dedo mindinho em torno do punho da pistola e depois, um a um, os restantes dedos. O peso é-me familiar. O dedo indicador rodeia o gatilho. Expiro.

Começo a levantar a mão que segura na arma, levando a mão esquerda ao seu encontro para a amparar. Afasto a arma do meu corpo, de braços estendidos, tal como Quatro me ensinou quando era esse o único nome dele. Usei uma pistola destas para defender o meu pai e o meu irmão dos Intrépidos que estavam sob o efeito da simulação. Usei-a para impedir que Eric desse um tiro na cabeça de Tobias. Uma arma não é má por natureza. É apenas uma ferramenta.

Vejo um movimento na imagem que o espelho transmite e, antes de o conseguir evitar, olho para o meu reflexo. *Foi assim que lhe apareci, penso. Foi assim que ele me viu quando lhe dei um tiro.*

Gemendo como um animal ferido, largo a arma e

amparo o meu estômago com os braços. Quero chorar, porque sei que isso me fará sentir melhor, mas não consigo obrigar as lágrimas a aparecerem. Agacho-me na casa de banho, a olhar para os azulejos brancos do chão. Não consigo fazer isto. Não posso levar a pistola comigo.

Aliás, nem devia ir. Mas vou.

– Tris? – Alguém bate à porta. Ponho-me em pé e descruzo os braços quando a porta se abre lentamente e Tobias entra. – O Zeke e o Uriah disseram-me que também iam espiar o Jack.

– Ah.

– E vais?

– Porque é que hei de dizer-te? Tu não me dizes nada sobre os *teus* planos.

As sobranceiras dele encrespam-se.

– Que queres tu dizer com isso? – pergunta.

– Estou a falar de quando espancaste o teu pai à frente de todos os Intrépidos por nenhum motivo em especial. – Aproximo-me dele. – Mas há um motivo, não há? Porque tu não te descontrolaste, pois não? Não é como se ele tivesse feito alguma coisa para te provocar. Por isso tem de haver um motivo!

– Precisava de demonstrar aos Intrépidos que não sou covarde – declara Tobias. – É só isso. Foi só isso.

– E porque é que tu...? – Mas calo-me.

Porque é que Tobias precisaria de se afirmar perante os Intrépidos? Só lhe é útil se quiser ser bem-visto por eles. E só se quiser tornar-se um dos líderes dos Intrépidos. Lembro-me da voz de Evelyn, nas sombras do refúgio dos sem-faço: «O que eu estou a sugerir-te é que te *tornes* importante.»

Tobias quer que os Intrépidos se aliem aos sem-faço, e sabe que a única maneira de o conseguir é ser ele a fazê-lo.

Mas o porquê de ele não ter sentido a necessidade de

partilhar este plano comigo é um mistério à parte. E antes de eu poder perguntar seja o que for, ele insiste:

– Então, vais espíá-lo ou não?

– Que importância tem isso?

– Estás outra vez a meter-te numa situação perigosa sem razão nenhuma – afirma Tobias. – Tal como quando te atiraste aos Eruditos apenas... com uma *faca de bolso* só para te protegeres.

– Mas eu tenho uma razão. E é bem sólida. Não saberemos o que se está a passar a não ser que possamos escutá-los, e nós precisamos mesmo de saber o que se passa.

Tobias cruza os braços. Ele não tem uma aparência muito robusta, como têm outros rapazes dos Intrépidos. E algumas raparigas poderão prestar só atenção ao modo como as orelhas dele se destacam tanto da cabeça ou à curvatura da ponta do nariz, mas para mim...

Forço-me a engolir o resto do pensamento. Ele veio aqui para me repreender. Tem andado a esconder-me algumas coisas. Seja qual for a nossa relação neste momento, não posso dar-me ao luxo de pensar em como me sinto atraída por ele. Só me tornará mais difícil fazer o que tem de ser feito. Que é, neste momento, ir ouvir o que Jack Kang tem a dizer aos Eruditos.

– Já não estás a cortar o cabelo como os Abnegados – digo-lhe. – É para pareceres mais Intrépido?

– Não mudes de assunto – replica ele. – Já há quatro pessoas que os vão escutar. Não precisas de ir também.

– Estás a insistir para eu ficar cá? – Subo o tom de voz. – Eu não sou o tipo de pessoa que se deixa ficar sentada à espera que sejam os outros a correr todos os riscos!

– Se és o tipo de pessoa que não parece dar valor à própria vida... alguém que nem consegue pegar numa pistola e dar um tiro... – Tobias inclina-se para mim. –

Sim, devias ficar sentada e deixar que sejam os outros a correr todos os riscos.

A voz calma dele repercute-se dentro de mim como se fosse o bater de um segundo coração. Só retenho as palavras «não parece dar valor à própria vida», que se repetem sem cessar.

– E o que é que tu vais fazer? – pergunto. – Fechar-me na casa de banho? Porque essa será a única maneira de me impedires de ir.

Tobias leva a mão à testa e deixa-a deslizar pela face. Nunca lhe vi uma expressão tão abatida como esta.

– Não quero impedir-te de ir. Quero é que sejas tu própria a impedir-te – corrige. – Mas se vais ser tão imprudente, também não me podes impedir de ir contigo.

*

Ainda está escuro, mas por pouco tempo, quando chegamos à ponte, que tem dois tabuleiros, com pilares de pedra em cada extremidade. Descemos as escadas que existem junto a um dos pilares de pedra e prosseguimos, ao nível do rio, sem fazer ruído. As poças de água brilham quando os raios de sol as iluminam. O sol já está a aparecer no horizonte. E nós temos de pôr-nos em posição.

Uriah e Zeke estão nos edifícios que ficam de cada lado da ponte para poderem ver melhor e cobrir-nos à distância. Têm melhor pontaria do que Lynn ou Shauna, que veio porque Lynn lhe pediu, apesar da sua explosão no Sítio das Reuniões.

Lynn é a primeira a avançar, com as costas encostadas à pedra enquanto progride ao longo da parte mais baixa dos pilares da ponte. Eu sigo-a, com Shauna e Tobias atrás de mim. A ponte está apoiada em quatro estruturas de ferro curvas que a prendem à

parede de pedra e por um labirinto intrincado de vigas que passam pelo tabuleiro de baixo. Lynn enfia-se por uma das estruturas de ferro e sobe rapidamente, sempre por cima da proteção fornecida pelas vigas, avançando para o meio da ponte.

Deixo Shauna passar à minha frente, porque não sei trepar tão bem. Sinto o meu braço esquerdo estremecer quando tento equilibrar-me no cimo da estrutura de ferro. E sinto também a mão fria de Tobias na minha cintura, a segurar-me.

Baixo-me para caber no espaço entre a parte inferior da ponte e as vigas que estão por baixo de mim. E não consigo avançar muito. Tenho de parar com os pés assentes numa viga e o meu braço esquerdo noutra. E vou ter de ficar assim durante muito tempo.

Tobias desliza por uma das vigas e põe uma perna por baixo de mim. É suficientemente comprida para ir do ponto onde me encontro até uma segunda viga. Respiro fundo e deito-lhe um sorriso de agradecimento. É praticamente a primeira vez que nos reconhecemos desde que saímos do Centro da Sinceridade.

Ele sorri-me também, mas de uma forma sombria.

Aguardamos em silêncio. Deito o ar fora pela boca e tento controlar os tremores dos meus braços e das minhas pernas. Shauna e Lynn parecem estar a comunicar sem falar, fazendo-se mutuamente caretas que eu não consigo interpretar e acenando com as cabeças e sorrindo quando parecem chegar a um entendimento. Nunca pensei em como poderia ser se tivesse uma irmã. Caleb e eu seríamos mais próximos se ele fosse uma rapariga?

A cidade está tão sossegada de manhã cedo que os passos fazem eco quando se aproximam da ponte. Ouço o som atrás de mim, o que significa que os recém-chegados são Jack e os Intrépidos que lhe servem de escolta e não os Eruditos, que ainda não chegaram. Os

Intrépidos sabem que estamos aqui, embora Jack não o saiba. Se ele olhar para baixo com mais atenção ou durante mais tempo, poderá ver-nos através da malha metálica que tem debaixo dos pés. Tento respirar o mais silenciosamente possível.

Tobias olha para o relógio e levanta o braço para me mostrar as horas. São exatamente sete.

Levanto os olhos e tento ver o que se passa na teia de ferro por cima da minha cabeça. E depois ouço-o:

– Olá, Jack.

É Max, o homem que indicou Eric como um dos líderes dos Intrépidos a pedido de Jeanine, e que acrescentou práticas de crueldade e de brutalidade à iniciação dos Intrépidos. Nunca falei com ele diretamente mas o som da voz dele dá-me arrepios.

– Max – diz Jack. – Onde está a Jeanine? Pensei que ela tivesse, pelo menos, a cortesia de aparecer.

– Jeanine e eu dividimos as nossas responsabilidades de acordo com as nossas forças – responde Max. – O que significa que eu tomo todas as decisões de caráter militar. E penso que isso se aplica àquilo que estamos aqui a fazer.

Franzo o sobrolho. Nunca ouvi Max a falar durante muito tempo, mas há qualquer coisa nas palavras que ele emprega e no seu ritmo que me parece... *dissonante*.

– Está bem – diz Jack. – Eu vim aqui para...

– Devo informá-lo de que isto não é uma negociação – diz Max. – Para se poder negociar temos de estar em níveis iguais e você, Jack, não está.

– Que quer dizer com isso?

– Que a vossa facção é a única facção descartável. Os Cândidos não nos dão proteção, provisões ou inovação tecnológica. Por isso, e para nós, vocês são descartáveis. E também não têm feito muito para merecerem o favor dos Intrépidos que acolheram – continua Max –, tornando-se por isso completamente

vulneráveis e completamente inúteis. Recomendo-lhe por isso que façam exatamente o que vou dizer-vos.

– Seu filho da mãe – rosna Jack por entre os dentes cerrados. – Como se atreve...

– Vá lá, não vale a pena irritar-se – diz Max.

Mordo o lábio. Devo confiar no meu instinto, e o meu instinto diz-me que há aqui qualquer coisa errada. Nenhum Intrépido digno desse nome diria uma coisa destas, aparentemente apaziguadora. Nem reagiria tão calmamente a um insulto. Max está a falar como se fosse outra pessoa. Está a falar como se fosse Jeanine.

Sinto um formigueiro na nuca. Isto tudo faz sentido. Jeanine nunca confiaria que ninguém, e muito menos um Intrépido instável, falasse em nome dela. A melhor solução seria dar a Max um auricular. E o sinal que um auricular pode receber tem de estar a ser emitido, no máximo, a uns quatrocentos metros.

Chamo a atenção de Tobias e levo a minha mão ao ouvido, sem fazer barulho. E depois indico um ponto acima de mim que é o mais perto que posso chegar de Max. Tobias franze o sobrolho, por instantes, mas acaba por acenar afirmativamente com a cabeça, embora eu fique sem saber se ele me compreendeu.

– Tenho três exigências – diz Max. – Em primeiro lugar, devem entregar-nos o líder dos Intrépidos que mantêm prisioneiro. Em segundo lugar, devem aceitar uma busca no vosso quartel-general feita pelos nossos soldados para podermos trazer os Divergentes. Em terceiro lugar, forneçam-nos os nomes daqueles que não foram injetados com o soro das simulações.

– Porquê? – pergunta Jack num tom azedo. – De que é que estão à procura? E para que é que precisam desses nomes? Que tencionam fazer com essas pessoas?

– O propósito da nossa busca é o de localizar e retirar os Divergentes que se encontram nas vossas instalações. Quanto aos nomes, isso já não lhe diz respeito.

– Não me diz respeito?! – Ouço passos por cima de mim e espreito por entre a rede metálica. Pelo que vejo, Jack tem o colarinho da camisa de Max bem preso na mão fechada.

– Largue-me – diz Max –, ou mando os meus soldados disparar.

Franzo o sobrolho. Se Jeanine está a falar pela boca de Max, tem de ser capaz de o ver para saber que Jack o agarrou pelo colarinho. Inclino-me para a frente e espreito para os edifícios do outro lado da ponte. À minha esquerda, o rio desvia-se e há um edifício baixo em vidro na margem. É aí que ela deve estar.

Começo a recuar, subindo em direção à estrutura de metal que suporta a ponte e às escadas que me levarão à avenida chamada Wacker Drive. Tobias segue-me de imediato e Shauna toca no ombro de Lynn. Mas Lynn está ocupada com outra coisa.

E eu estava demasiado ocupada a pensar em Jeanine. Por isso, não reparei que Lynn tinha pegado na arma e que começava a subir para a plataforma da ponte. Shauna abre a boca de espanto e os olhos abrem-se-lhe ainda mais quando Lynn se lança para a frente, agarrando-se à beira do tabuleiro da ponte e apoiando o braço que tem a arma antes de premir o gatilho.

Max abre a boca e vacila, levando a mão ao peito e recuando com passos hesitantes. Quando tira a mão do peito, vejo-a escurecida pelo sangue.

Já não penso em subir. Deixo-me cair na lama, em baixo, logo seguida por Tobias, Lynn e Shauna. As minhas pernas afundam-se no lodo e os meus pés começam a fazer ruídos de sucção quando os levanto. Os sapatos saem-me dos pés mas eu continuo até chegar ao cimento. Ouço tiros e vejo as balas a enfiarem-se na lama muito perto de mim. Atiro-me para o muro que existe debaixo da ponte para não poderem ver-me e alvejar-me.

Tobias encosta-se também à parede, tão perto de mim que o queixo dele flutua por cima da minha cabeça e eu sinto-lhe o peito contra os meus ombros. A servir-me de escudo.

Agora posso regressar a correr para o quartel-general dos Cándidos e para a segurança temporária que ele me oferece. Ou posso ir ao encontro de Jeanine no que deverá ser a situação mais vulnerável em que ela alguma vez se encontrará.

Não há escolha possível.

– Vamos! – exclamo. Largo a correr pelas escadas, seguida pelos outros Intrépidos. No tabuleiro inferior da ponte, os nossos Intrépidos estão a disparar contra os Intrépidos traidores. Jack está a salvo, curvado sob a proteção do braço de um Intrépido. Corro ainda mais depressa. Atravesso a ponte a correr, sem olhar para trás. Já consigo ouvir os passos de Tobias. É o único que consegue acompanhar-me.

Já avisto o edifício de vidro. E depois ouço mais passos e mais tiros. Desvio-me de um lado para o outro, enquanto corro, tornando mais difícil aos Intrépidos traidores acertarem em mim.

Já estou perto do edifício de vidro. Mas ainda me faltam alguns metros. Cerro os dentes e esforço-me ainda mais. Quase já nem sinto as pernas. Nem o solo por baixo de mim. Mas quando estou prestes a alcançar as portas vejo um movimento no beco à minha direita. Mudo de direção e deixo-me levar pelos meus pés.

Há três pessoas a correr no beco. Uma é loura. A outra é alta. E a terceira é o Peter.

Tropeço e quase caio.

– Peter! – grito. Ele levanta a arma e, atrás de mim, Tobias levanta também a dele. Estamos a poucos metros dele e detemo-nos, num impasse. Atrás de Peter, a mulher loura – Jeanine, provavelmente – e o Intrépido traidor que é a pessoa mais alta desaparecem

numa esquina. Embora não tenha um plano nem esteja armada, o que quero é correr atrás deles, e talvez o fizesse se Tobias não me pusesse a mão no ombro para me manter imóvel. – És um traidor! – digo a Peter. – Eu sabia, eu *sabia*!

Ouçõ um grito. É de uma voz feminina e é de angústia.

– Parece que os vossos amigos precisam de vocês – diz Peter com um sorriso fugaz. Ou então está simplesmente a arreganhar os dentes. Mantém a arma voltada contra nós. – Podem escolher, portanto. Podem deixar-nos sair daqui e ir ajudá-las, ou podem morrer enquanto tentam seguir-nos.

Quase grito. Sabemos ambos o que eu vou fazer.

– Espero que morras – digo-lhe.

E depois recuo, encostando-me a Tobias que recua comigo, até chegarmos ao fim do beco e só aí nos voltarmos para começarmos a correr.

Capítulo Vinte e Dois

Shauna está caída no chão, de borco, com sangue a alastrar na camisola. Lynn está ajoelhada a seu lado. A olhar para ela. E sem fazer nada.

– A culpa foi minha – murmura. – Não devia ter disparado contra ele. Não devia...

Olho para a mancha de sangue da camisola de Shauna. Foi uma bala que a atingiu pelas costas. Não consigo perceber se está, ou não, a respirar. Tobias põe-lhe dois dedos no pescoço e acena afirmativamente com a cabeça.

– Temos de levá-la daqui – diz, em seguida. – Lynn, olha para mim. Eu vou pegar nela para a levar e vai doer-lhe muito, mas é a única opção que temos.

Lynn faz que sim a cabeça. Tobias abaixa-se junto de Shauna e enfia-lhe as mãos por baixo dos braços. Levanta-a e Shauna geme. Apresso-me a ir ajudá-lo a pôr o corpo inerte de Shauna dela por cima do ombro de Tobias. Sinto um aperto na garganta e tusso para aliviar a pressão.

Tobias põe-se em pé com um grunhido e juntos caminhamos em direção ao Centro da Sinceridade – Lynn à frente, de arma em punho, e eu atrás. Caminho às arreas, atenta ao que se passa atrás de nós, mas não vejo ninguém. Penso que os Intrépidos traidores retiraram. Mas preciso de ter a certeza.

– Eh! – grita alguém. É Uriah, que se aproxima a correr. – O Zeke teve de ir ajudá-los a trazerem o Jack... oh, não! – Para. – Oh, não! Shauna?!

– Agora não – diz Tobias, abruptamente. – Volta ao Centro da Sinceridade e arranja um médico.

Mas Uriah não sai do mesmo sítio.

– Uriah! Vai! Já! – O grito faz-se ouvir em toda a sua crueza sem que mais nenhum ruído o atenua. Uriah volta-se, finalmente, e regressa a correr ao Centro da Sinceridade.

São só quinhentos metros até ao edifício mas o caminho parece interminável devido aos grunhidos de Tobias, à respiração irregular de Lynn e à certeza de que Shauna está a esvaír-se em sangue. Vejo os músculos das costas de Tobias a expandirem-se e a contraírem-se com o esforço que faz para respirar e nem consigo ouvir os nossos passos – só o som do meu coração a bater. Quando chegamos à entrada, sinto-me na iminência de vomitar, de desmaiar ou de gritar a plenos pulmões.

Uriah, um Erudito com o cabelo penteado todo para um lado a esconder a calvície e Cara vêm ter connosco à entrada. Abrem um lençol no chão, onde Tobias deita Shauna, e o médico começa de imediato a ocupar-se dela, cortando-lhe a camisola nas costas. Eu volto-me logo. Não quero ver a ferida causada pela bala.

Tobias está diante de mim, o rosto corado de cansaço. Queria que me amparasse nos braços dele, como aconteceu depois do ataque ao edifício, mas ele não o faz e eu sei que não o devo forçar.

– Não vou fingir que sei o que se passa contigo – diz-me ele. – Mas se voltas a arriscar outra vez a tua vida sem que isso faça sentido...

– Eu não estou a arriscar a minha vida sem sentido. Estou a tentar *sacrificar-me*, como os meus pais teriam feito, como...

– Mas tu não és os teus pais. És uma rapariga de dezasseis anos...

Cerro os dentes.

– Como é que te *atreves*... – começo.

– ... que não compreende que o valor de um

sacrifício reside na sua *necessidade* e não no desperdício da própria vida! E se tu fazes isso outra vez, acaba-se tudo entre nós.

Não esperava ouvi-lo dizer uma coisa destas.

– Estás a fazer-me um ultimato? – Tento falar baixo para os outros não ouvirem.

Tobias abana a cabeça.

– Não, estou só a comunicar-te um facto – declara. Os lábios dele estão transformados numa linha reta. – Se voltares a pôr a tua própria vida em perigo, e outra vez sem motivo, passarás a ser só uma Intrépida viciada em adrenalina e sempre ansiosa por uma nova dose, e eu não vou contribuir para isso. – As palavras saem-lhe dos lábios como se fossem cuspidas, ditas de forma bem amarga. – Eu amo a Tris, a Divergente que toma decisões à margem da lealdade das facções e que não é um arquétipo do que é ser-se membro de uma facção. Mas a Tris que está a tentar fazer tudo para se destruir... a essa não posso amar.

Tenho vontade de gritar. Não por estar zangada, mas porque ele pode ter mesmo razão. Sinto as mãos a tremer, e agarro a bainha da minha camisola para as tentar acalmar.

Tobias encosta a testa dele à minha e fecha os olhos.

– Acredito que ainda estejas aí dentro – diz-me, com a boca encostada à minha. – Volta para mim.

Depois beija-me ao de leve e eu fico demasiado atónita para o tentar impedir.

E com isso regressa para junto de Shauna e eu fico em pé junto à balança dos Cândidos, sem saber o que fazer.

*

– Há quanto tempo.

Deixo-me cair na cama diante da de Tori. Ela está

sentada com uma perna para cima, apoiada numa pilha de almofadas.

– É verdade – afirmo. – Como é que se sente?

– Como se tivesse levado um tiro. – Baila-lhe um sorriso nos lábios. – Ouvi dizer que conheces a sensação.

– Conheço. É porreira, não é? – Só consigo pensar na bala que se alojou nas costas de Shauna. Pelo menos, Tori e eu conseguimos recuperar das nossas feridas.

– Conseguiste descobrir alguma coisa de interessante na reunião a que foi o Jack? – pergunta Tori.

– Algumas coisas. Sabe como poderemos fazer uma reunião de todos os Intrépidos?

– Posso arranjar maneira. Uma das vantagens de ser artista de tatuagens nos Intrépidos é... conhecer-se praticamente quase toda a gente.

– Certo. E com o prestígio adicional de ser uma espia.

Tori torce os lábios.

– Pois, já quase me tinha esquecido.

– E conseguiu descobrir alguma coisa?

– A minha missão tinha como objetivo prioritário a Jeanine Matthews. – Tori olha para as próprias mãos. – Como ela passa os dias. E, muito mais importante, onde é que os passa.

– Não é no gabinete dela, portanto?

Tori não responde de início.

– Acho que posso confiar em ti, Divergente. – Olha de lado para mim. – Ela tem um laboratório privado no piso mais elevado. Protegido por medidas de segurança completamente loucas. Foi quando eu estava a tentar ir lá que descobriram o que eu era.

– Estava a tentar ir lá – repito. Os olhos dela desviam-se dos meus. – Não para espiar, calculo.

– Pensei que fosse mais... *apropriado* que Jeanine Matthews não ficasse viva por muito mais tempo.

Vejo-lhe uma espécie de sede no olhar, a mesma que lhe vi quando ela me falou no irmão, na sala das traseiras do espaço das tatuagens. Antes do ataque desencadeado pela simulação eu podia ter-lhe chamado sede de justiça, ou mesmo de vingança, mas agora já consigo identificá-la como sede de sangue. E, por muito que isso me assuste, até compreendo a sensação.

E isso deveria provavelmente assustar-me ainda mais.

– Vou tratar de organizar essa reunião – diz Tori.

*

Os Intrépidos estão reunidos no espaço entre as filas de beliches e as portas, mantidas fechadas por um lençol muito enrolado, que foi a melhor fechadura que os Intrépidos conseguiram arranjar. Não duvido que Jack Kang vai ceder às exigências de Jeanine. E nós aqui já não estamos seguros.

– Quais foram as condições? – pergunta Tori. Está sentada numa cadeira instalada entre os beliches, com a perna ferida esticada em frente dela. É a Tobias que se dirige, mas ele não parece estar a prestar atenção. Continua encostado a um dos beliches, de braços cruzados, a olhar para o chão.

Pigarreio e respondo:

– Foram três: entregar o Eric aos Eruditos. Indicar os nomes de todos os que não foram atingidos pelas agulhas durante o último ataque. E entregar os Divergentes no quartel-general dos Eruditos.

Olho para Marlene. E ela sorri-me, com ar triste. Sente-se decerto preocupada por causa de Shauna, que ainda está com o médico dos Eruditos. Lynn, Hector, os pais e Zeke estão com ela.

– Se o Jack Kang chegar a acordo com os Eruditos nós não podemos ficar aqui – diz Tori. – Portanto, para onde iremos?

Penso no sangue que manchava a camisola de Shauna e desejo poder regressar aos pomares dos Cordiais, ouvir o ruído do vento nas folhas e sentir os troncos das árvores nas minhas mãos. Nunca tinha pensado que poderia querer lá voltar. Não pensei que esse desejo pudesse existir dentro de mim.

Fecho os olhos por instantes e quando os abro regresso à realidade, e os Cordiais já fazem parte de um sonho.

– Para casa – diz Tobias, levantando finalmente a cabeça. Toda a gente lhe presta atenção. – Devemos recuperar o que é nosso. Podemos destruir as câmaras de segurança do nosso quartel-general para os Eruditos não nos verem. Devemos voltar para casa.

Alguém expressa o seu acordo com um grito, logo depois imitado por outra pessoa. É como as coisas são decididas entre os Intrépidos: com acenos de cabeça e gritos. Nesses momentos deixamos de parecer indivíduos. Fazemos todos parte da mesma mente.

– Mas, antes disso – diz Bud, que já trabalhou com Tori no espaço das tatuagens e que agora se mantém junto dela com a mão pousada nas costas da cadeira –, precisamos de tomar uma decisão relativamente ao Eric. Se o deixamos aqui com os Eruditos ou se o executamos.

– Eric é um Intrépido – diz Lauren, fazendo girar com as pontas dos dedos a argola que tem no lábio. – Isso significa que somos *nós* que decidimos o que lhe acontece. E não os Cândidos.

Desta vez, sou eu que dou um grito – um grito que me sai do corpo, como se ele tivesse vontade própria – para mostrar que estou de acordo com os outros.

– De acordo com a lei dos Intrépidos, só os líderes dos Intrépidos é que podem executar alguém – recorda Tori. – Todos os nossos cinco antigos líderes são traidores Intrépidos. Portanto, penso que é altura de

escolhermos novos líderes. A lei diz que precisamos de mais do que um e de um número ímpar. Se têm sugestões, deem-nas agora e, se for necessário, votaremos.

– Tu! – grita alguém.

– Muito bem – diz Tori. – Mais alguém?

Marlene rodeia a boca com as mãos e grita:

– A Tris!

O meu coração salta e começa a bater muito depressa. Mas, para minha surpresa, ninguém se mostra em desacordo e também ninguém se ri. Em vez disso, até há pessoas que abanam afirmativamente com a cabeça, tal como fizeram quando se ouviu o nome de Tori. Observo a multidão e vejo Christina. Está de braços cruzados e nem parece reagir à proposta do meu nome.

Pergunto a mim própria como me verã. Com certeza que como alguém que eu não vejo em mim. Alguém que é capaz de fazer coisas e que tem força. Uma pessoa que eu não consigo ser neste momento, mas que hei de conseguir ser.

Tori olha para Marlene com um aceno de cabeça e examina a multidão, à espera de outra proposta.

– Harrison – diz alguém. Não sei quem seja até alguém dar uma palmada no ombro de um homem de meia-idade que tem um rabo de cavalo louro e que sorri. Reconheço-o: foi o Intrépido que me chamou «miúda» quando Zeke e Tori vieram do quartel-general dos Eruditos.

Os Intrépidos ficam em silêncio por instantes.

– Eu proponho o Quatro – declara Tori.

Além de alguns murmúrios de irritação que se ouvem no fundo da sala, ninguém se manifesta contra. Já ninguém lhe chama covarde, depois de ele ter atacado Marcus no refeitório. Fico a pensar na reação que teriam se soubessem que o gesto tinha sido

premeditado.

Agora ele já pode obter precisamente aquilo que tinha a intenção de obter. A menos que eu o impeça.

– Só precisamos de três líderes – diz Tori. – Teremos de votar.

Eles nunca teriam pensado em mim se eu não tivesse interrompido a simulação do ataque. E talvez nem me tivessem considerado como candidata se eu não tivesse apunhalado Eric junto aos elevadores, ou ido para debaixo da ponte. Quanto mais descuidada sou, mais popular me torno entre os Intrépidos.

Tobias olha para mim. Mas eu não posso ser popular entre os Intrépidos porque ele tem razão – eu não sou uma Intrépida. Sou Divergente. Sou o que quiser ser. E não posso escolher ser *isto*. Tenho de manter-me à distância.

– Não – declaro. Pigarreio antes de o dizer com uma voz mais firme e mais audível. – Não, não precisam de votar. Eu não aceito a indicação do meu nome.

Tori olha para mim, arqueando as sobrancelhas, e pergunta-me:

– Tens a certeza, Tris?

– Sim – respondo. – Não quero. Tenho a certeza.

E depois, sem discussão e sem qualquer formalismo, Tobias é escolhido como um dos líderes dos Intrépidos. E eu não.

Capítulo Vinte e Três

Ainda não decorreram dez segundos sobre a escolha dos nossos líderes e ouve-se uma espécie de campainha – um toque longo, dois mais curtos. Guiada pelo meu ouvido direito, procuro o som e percebo que vem da parede, onde existe um altifalante suspenso do teto. Há outro no lado oposto da sala.

E de seguida a voz de Jack Kang cerca-nos:

– A todos os ocupantes do quartel-general dos Cândidos: atenção. Há poucas horas encontrei-me com um representante de Jeanine Matthews. Ele recordou-me de que nós, os Cândidos, estamos numa posição débil e de que a nossa sobrevivência depende dos Eruditos, e avisou-me de que se tenciono manter a minha facção em liberdade devo satisfazer algumas exigências.

Olho para o altifalante, atónita. Não devia ficar surpreendida por o líder dos Cândidos ser assim tão direto, mas o certo é que não esperava uma comunicação pública.

– Para poder corresponder a estas exigências, peço a todos que se dirijam ao Sítio das Reuniões para indicarem se têm, ou não, um implante – acrescenta Jack Kang. – Os Eruditos ordenaram também que lhes entregássemos todos os Divergentes. Não sei com que objetivo.

A voz dele parece apática e indiferente. É a de um homem derrotado. *Bem, ele foi mesmo derrotado. Por ser demasiado fraco para ripostar, penso.*

Uma coisa que os Intrépidos sabem e que os Cândidos desconhecem é como lutar, mesmo quando isso parece

ser inútil.

A comunicação de Jack Kang termina com os mesmos três toques com que começou. Os Intrépidos apressam-se a meter os seus pertences em sacos. Alguns Intrépidos mais jovens cortam o lençol que prendia a porta, gritando qualquer coisa a propósito de Eric. O cotovelo de alguém que não identifico empurra-me contra a parede, onde me deixo ficar enquanto vejo o pandemónio a intensificar-se.

Há, por outro lado, uma coisa que os Cándidos sabem e que os Intrépidos desconhecem: como refrear o entusiasmo.

*

Os Intrépidos formam um semicírculo em redor da cadeira dos interrogatórios onde Eric se encontra sentado. Nesta altura parece mais morto do que vivo. Está de cabeça baixa, com o suor a brilhar-lhe na testa pálida. Olha para Tobias, de viés, e as pestanas parecem desaparecer-lhe nas sobranceiras. Tento manter os meus olhos concentrados nos dele mas o sorriso que ele ainda faz – com os piercings afastados quando os lábios se alargam para os lados – é quase demasiado horrível de se ver.

– Queres que eu te diga quais foram os crimes que cometeste? – pergunta-lhe Tori. – Ou preferes ser tu a enumerá-los?

A chuva começa a bater nos lados do edifício e a escorrer pelas paredes. Estamos na sala dos interrogatórios, no último piso do Centro da Sinceridade. A tempestade desta tarde ouve-se mais aqui. As explosões dos trovões e os clarões dos relâmpagos põem-me os cabelos da nuca em pé, como se a eletricidade me dançasse por cima da pele.

Gosto do cheiro das ruas molhadas pela chuva. Aqui

em cima nota-se menos mas, assim que isto chegar ao fim, os Intrépidos descerão as escadas a correr e deixarão para trás o Centro da Sinceridade e as ruas molhadas serão a única coisa que eu vou cheirar.

Já temos connosco a nossa bagagem. A minha é um saco improvisado, feito com um lençol e uma corda. Tem as minhas roupas e um par de sapatos extra. Vesti o blusão que roubei à Intrépida traidora. Quero que Eric o veja se olhar para mim.

Eric examina durante alguns segundos os rostos que o rodeiam e depois os olhos dele fixam-se nos meus. Entrelaça os dedos e pousa-os cautelosamente em cima do estômago, declarando:

– Gostaria que fosse *ela* a enumerá-los. Como foi ela que me apunhalou, é óbvio que os conhece.

Não sei que jogo quer ele jogar ou qual a vantagem que vê em provocar-me, em especial neste momento, antes de ser executado. A atitude dele é de arrogância mas noto que os dedos lhe tremem quando os movimenta. Até Eric há de ter medo de morrer.

– Não a metas nisto – adverte Tobias.

– Porquê? Por andares a comê-la?! – Eric faz um sorriso trocista. – Ah, espera. As Empatas não fazem esse tipo de coisas. Só cortam o cabelo e apertam-se os sapatos mutuamente.

A expressão de Tobias não se altera. E eu acho que sei porquê: Eric não quer saber de mim para nada, mas sabe como atingir Tobias, e de que maneira. E uma das maneiras de atingir Tobias com mais força é atingir-me a mim.

É isto que eu mais quero evitar: que os meus altos e baixos sejam os altos e baixos de Tobias. É por isso que não posso deixar que ele me defenda agora.

– Quero que seja ela a enumerá-los – repete Eric.

E eu começo, na voz mais neutra que consigo fazer:

– Conspiraste com os Eruditos. És responsável pela

morte de centenas de Abnegados... – E à medida que prossigo já não consigo manter a voz neutra e as palavras saem-me da boca como veneno. – Traíste os Intrépidos. Mataste uma criança com um tiro na cabeça. És um fantoche grotesco da Jeanine Matthews.

O sorriso dele esbate-se.

– Mereço morrer? – pergunta.

Tobias abre a boca para intervir. Mas eu respondo antes de ele o poder fazer:

– Sim.

– É justo – diz Eric. Os olhos escuros dele estão vazios, como se fossem poços secos ou noites sem estrelas. – Mas terás o direito de o decidir, Beatrice Prior? Como decidiste o destino do outro rapaz... que se chamava como? Will?

Não respondo. Ouço o meu pai a perguntar-me: «O que te faz pensar que tens o direito de dar um tiro a alguém?» Foi quando nos dirigíamos para a sala de controlo do quartel-general dos Intrépidos. Ele disse-me que havia uma maneira correta de fazer as coisas e que eu precisava de a descobrir. Sinto qualquer coisa que me bloqueia a garganta, como se fosse uma bola de cera, tão grossa que mal consigo engolir e tenho dificuldade em respirar.

– Cometeste todos os crimes que, entre os Intrépidos, são punidos com a pena de morte – diz-lhe Tobias. – E nós temos realmente o direito de te executar, segundo as nossas leis.

Tobias agacha-se junto às três pistolas que estão aos pés de Eric. Uma a uma, esvazia-as de balas. Quase tilintam, ao tocarem no solo, antes de reboarem até aos pés de Tobias, que pega na arma do meio, inserindo uma bala na primeira cavidade.

Depois começa a movimentar as armas no chão, à volta, à volta, até os meus olhos deixarem de conseguir seguir a que tem a bala. Pega seguidamente nas três

pistolas e oferece uma a Tori e outra a Harrison.

Tento lembrar-me do ataque desencadeado pela simulação e do que ele significou para os Abnegados. De todos os inocentes vestidos de cinzento tombados pelas ruas. Nem sequer havia Abnegados em número suficiente para se ocuparem dos cadáveres, e por isso muitos deles ainda devem estar onde caíram. E isso não poderia ter acontecido sem Eric.

Lembro-me do jovem Cândido, abatido sem uma hesitação, e de como estava paralisado quando tombou junto a mim.

Talvez não sejamos nós a decidir se Eric vive ou morre. Talvez tenha sido ele a decidi-lo, ao fazer essas coisas tão terríveis.

Mesmo assim, ainda tenho dificuldade em respirar.

Olho para ele sem lhe querer mal, sem o odiar e sem o temer. As argolas do seu rosto cintilam e um caracol de cabelo sujo cai-lhe para os olhos.

– Esperem – diz ele. – Tenho um pedido.

– Não aceitamos pedidos de criminosos – diz Tori. Está de pé, apoiada só numa perna, há vários minutos. A voz dela expressa o cansaço que sente e é natural que queira pôr fim a isto para se poder sentar. Para ela, esta execução é só uma maçada.

– Eu sou um líder dos Intrépidos – diz Eric. – A única coisa que quero é que seja o Quatro a disparar.

– Mas *porquê?* – pergunta Tobias.

– Para poderes viver com o sentimento de culpa – responde Eric. – De saberes que me usurpaste o lugar e que depois me deste um tiro na cabeça.

Acho que compreendo. Ele quer ver as pessoas a irem-se abaixo – sempre quis, quando por exemplo pôs a câmara de vídeo na sala onde eu ia ser executada quando estive prestes a afogar-me, e talvez muito antes disso. E ele acredita que se Tobias o tiver de matar vê-lo-á humilhado antes de fechar os olhos para sempre.

É nojento.

– Não terei nenhum sentimento de culpa – assegura Tobias.

– Então não terás nenhum problema em fazê-lo – insiste Eric, com um sorriso.

Tobias pega numa das balas.

– Diz-me uma coisa – torna Eric, numa voz muito calma – que sempre tive curiosidade em saber. É o teu papá que te aparece sempre na paisagem dos medos?

Tobias enfia a bala na pistola sem sequer olhar para ele.

– Não gostaste da pergunta? – prossegue Eric. – Porquê? Receias que os Intrépidos venham a mudar de opinião a teu respeito? E que percebam que embora só tenhas quatro medos não deixas de ser um cobarde? – Depois endireita-se e põe as mãos nos braços da cadeira.

Tobias aponta a pistola na direção dele, mantendo-a alinhada com o seu próprio ombro esquerdo.

– Eric – diz –, tenta ser corajoso.

Prime o gatilho.

Eu fecho os olhos.

Capítulo Vinte e Quatro

O sangue tem uma cor estranha. É de um vermelho mais escuro do que se poderia pensar.

Olho para a mão de Marlene, que está agarrada ao meu braço. As unhas dela são curtas e irregulares, porque as rói. Ela empurra-me para a frente e eu percebo que estou a caminhar porque me sinto em movimento mas, na minha cabeça, estou ainda imóvel diante de Eric e ele continua vivo.

Mas ele morreu como Will. Caído para a frente como Will.

Pensei que a sensação de ter a garganta inchada desaparecesse quando ele estivesse morto, mas não foi isso que aconteceu. E preciso de respirar bem fundo para absorver o ar de que necessito. Ainda bem que a multidão que me rodeia faz tanto barulho porque assim ninguém me consegue ouvir. Dirigimo-nos para a saída. Harrison vai à frente do grupo, transportando Tori às cavalitas como se ela fosse uma criança. E ela ri-se, com os braços à volta do pescoço dele.

Tobias pousa a mão nas minhas costas. Sei que o faz porque o vi aproximar-se e percebi que o fez, e não por lhe sentir a mão. Não sinto mesmo nada, neste momento.

As portas abrem-se para o lado de fora. E paramos a tempo de evitar chocar com Jack Kang e o grupo de Cândidos que o seguiu até aqui.

– O que foi que fizeram? – pergunta ele. – Disseram-me mesmo agora que o Eric desapareceu da cela onde estava detido.

– Ele encontrava-se sob a nossa jurisdição – diz Tori.

– Fizemos-lhe um julgamento e depois foi executado. Devia estar-nos grato por isso.

– Mas porquê... – O rosto de Jack fica vermelho. O sangue é mais escuro do que as faces coradas embora seja o sangue que as faz coradas. – Porque é que eu havia de agradecer-vos?

– Porque também queria que ele fosse executado, não é verdade? Como ele matou uma das vossas crianças. – Tori inclina a cabeça para o lado, de olhos muito abertos e com uma expressão de inocência. – Bem, já tratámos do assunto por si. Agora desculpe, mas estamos de saída.

– De saída?! – balbucia Jack.

Se nos formos embora, ele será incapaz de corresponder a duas das exigências que Max lhe transmitiu. A ideia aterroriza-o e isso torna-se-lhe bem visível no rosto.

– Não posso deixar que o façam – declara.

– Não há nada que *deixar* – intervém Tobias. – Se não se afastar, seremos forçados a passar por cima de si e não *por si*.

– Mas vocês vieram para cá à procura de aliados – contrapõe Jack, com ar severo. – Se fizerem isto, teremos de alinhar com os Eruditos, garanto-vos, e nunca mais terão em nós um aliado.

– Não precisamos de vos ter como aliados – afirma Tori. – Somos Intrépidos.

Toda a gente se põe aos gritos e o certo é que esses gritos conseguem penetrar a névoa que sinto na cabeça. O grupo põe-se de imediato em marcha. Os Cândidos que estão no corredor soltam gritos de medo e apressam-se a atirar-se para o lado enquanto ocupamos todo o espaço disponível, como água a irromper de um cano rebentado, uma massa líquida de Intrépidos a ocupar o espaço vazio.

Marlene solta-me o braço. Corro pelas escadas

abaixo, mesmo nos calcanhares dos Intrépidos que me precedem, ignorando os encontrões e os cotovelos dos outros e os gritos que ecoam à minha volta. Sinto-me outra vez uma iniciada a descer as escadas do Centro logo a seguir à Cerimónia da Escolha. As pernas ardem-me com o esforço, mas não há problema.

Chegamos ao átrio. Um grupo de Cândidos e de Eruditos estão aí à espera, incluindo a Divergente louca que foi arrastada pelos cabelos para os elevadores, a rapariga que eu ajudei a fugir e Cara. Olham para a massa de Intrépidos que passa por eles com expressões de impotência.

Cara vê-me e agarra-me pelo braço, puxando-me para trás.

– Onde é que vão?

– Para o quartel-general dos Intrépidos – respondo, tentando libertar o braço sem que ela o permita. Não olho diretamente para ela. Não consigo, neste momento.

– Vão ter com os Cordiais – digo-lhe. – Eles prometeram que todas as pessoas que para lá fossem ficariam em segurança. Aqui é que ninguém ficará seguro.

Cara solta-me, como se me empurrasse para longe dela.

No exterior, o chão parece-me escorregadio ao toque dos meus ténis e o meu saco de roupas bate-me nas costas quando abrindo o passo. Sinto a chuva na cabeça e nas costas. Os meus pés chapinham em poças de água e fico com as calças ensopadas.

Inspiro o cheiro das ruas molhadas e faço de conta que é a única coisa que existe à minha volta.

*

Fico de pé junto ao parapeito, a olhar para o abismo.

A água bate na parede de rocha por baixo de mim, mas não tem altura suficiente para me molhar os pés.

A cerca de cem metros, Bud está a distribuir armas de bolas de tinta enquanto outra pessoa entrega as respetivas munições. Os cantos menos visíveis do quartel-general dos Intrépidos vão ficar cobertos por tintas de muitas cores que bloquearão as lentes das câmaras de vigilância.

– Olá, Tris – diz-me Zeke, vindo ter comigo ao parapeito. Tem os olhos vermelhos e inchados mas oferece-me um pequeno sorriso.

– Olá. Conseguieste, portanto.

– É verdade. Esperámos até a Shauna ficar estável e depois trouxemo-la para aqui. – Zeke esfrega um dos olhos com o polegar. – Não queria transportá-la mas... já não era seguro ficar com os Cândidos. Obviamente.

– E como é que ela está?

– Não sei. Sobrevive, mas a enfermeira pensa que pode ficar paralisada da cintura para baixo. Isso não me incomoda muito mas... – Zeke ergue um dos ombros. – Como é que ela pode ser uma Intrépida se não puder andar?

Olho para o outro lado do Fosso, onde algumas crianças dos Intrépidos se perseguem umas às outras, a atirar bolas de tinta às paredes. Uma das bolas rebenta e espalha tinta amarela pela pedra.

Penso no que Tobias me disse quando passámos a noite com os sem-faço, a propósito dos Intrépidos mais velhos que têm de abandonar a fação por já não estarem fisicamente aptos. E lembro-me da canção dos Cândidos que nos chama a fação mais cruel.

– Mas ela pode – afirmo.

– Tris, ela nem vai poder mover-se de um lado para o outro.

– Garanto-te que poderá. – Levanto a cabeça e olho para ele. – Pode arranjar uma cadeira de rodas e

alguém pode empurrá-la pelos trilhos até ao Fosso e há um elevador no edifício lá em cima. – Aponto para cima das nossas cabeças. – Ela não precisa de ser capaz de andar ou de descer por um cabo ou de disparar uma pistola.

– Ela não vai querer que eu a empurre. – A voz dele estremece. – Nem que eu pegue nela ou que a transporte nos braços.

– A Shauna vai ter de ultrapassar isso. E tu irias permitir que ela abandonasse os Intrépidos por um motivo tão estúpido como não ser capaz de caminhar?

Zeke fica em silêncio por instantes, a olhar para o abismo. Observa-me o rosto e pestaneja, como se estivesse a pesar-me e a medir-me.

Depois volta-se para mim, curva-se e abraça-me. Já passou tanto tempo desde que alguém me abraçou que eu até me sinto tensa. Mas depois descontraio-me e deixo o gesto transmitir calor ao meu corpo que as roupas molhadas quase congelaram.

– Vou dar uns tiros – diz, largando-me. – Queres vir?

Encolho os ombros e corro atrás dele pelo Fosso. Bud dá a cada um de nós uma arma de bolas de tinta e eu carrego a minha. O peso, a forma e o material são tão diferentes dos de um revólver que não me custa empunhá-la.

– Já temos o Fosso e o subsolo controlados – diz Bud.
– Têm de ocupar-se do Rochedo.

– Do Rochedo?

Bud aponta para o edifício de vidro por cima de nós. Vê-lo faz-me sentir como se tivesse sido picada por uma agulha. A última vez em que estive neste preciso lugar e a olhar para o teto tinha por objetivo destruir a simulação. E o meu pai acompanhava-me.

Zeke já está a subir pelo trilho. Forço-me a segui-lo, com um pé à frente do outro. É difícil caminhar, porque estou a respirar com dificuldade, mas o certo é que

consigo. Quando chego às escadas, a pressão que sentia no peito já quase desapareceu.

Quando chegamos ao Rochedo, Zeke ergue a arma e faz pontaria a uma das câmaras mais próximas do teto. Dispara e a tinta verde espalha-se por uma das janelas, depois de o tiro falhar a câmara.

– Ooh – comento, encolhendo-me. – Ai, ai...

– Ah, sim? Gostava de te ver a acertar em cheio logo à primeira.

– A sério?

Ergo a minha própria arma, apoiando-a no meu ombro esquerdo em vez do direito. A arma transmite-me uma sensação estranha à mão esquerda, mas ainda não consigo suportar o seu peso na mão direita. Olho pela mira para a câmara e depois semicerro os olhos para olhar para a lente. Ouço uma voz a sussurrar-me, dentro de mim: «Inspira. Faz pontaria. Expira.» Preciso de alguns segundos para perceber que é a voz de Tobias porque foi ele que me ensinou a disparar. Primo lentamente o gatilho e a bola de tinta acerta na câmara, espalhando tinta azul pela lente.

– Pronto. Agora já viste. E com a mão esquerda.

Zeke murmura qualquer coisa num resmungo que não parece simpático.

– Eh! – grita uma voz alegre. A cabeça de Marlene aparece por cima do chão de vidro, com tinta na testa e que lhe deixou uma sobrancelha roxa. Com um sorriso matreiro, faz pontaria a Zeke, atingindo-o numa perna, e depois a mim. A bola de tinta atinge-me no braço e faz-me arder a pele.

Marlene ri-se e refugia-se sob o vidro. Zeke e eu entreolhamo-nos e depois corremos atrás dela. Marlene ri-se às gargalhadas enquanto corre pelo trilho escavado na rocha, por entre um bando de miúdos. Disparo contra ela mas só consigo atingir a parede. Marlene dispara contra um rapaz que está junto do

parapeito – é Hector, o irmão mais novo de Lynn. Parece ficar chocado, de início, mas depois riposta e a bola de tinta que ele dispara embate, não em Marlene, mas na pessoa que está junto dela.

Sons de explosões secas cortam o ar quando todas as pessoas que estão no Fosso começam a disparar umas contra as outras, jovens e menos jovens, com as câmaras de vídeo momentaneamente esquecidas. Desço o trilho a correr, no meio de gargalhadas e de gritos. Juntamo-nos em grupos e formamos equipas que depois se voltam umas contra as outras.

Quando a luta começa a acalmar, vejo que as minhas roupas estão mais coloridas do que pretas. E decido manter a camisola assim para não me esquecer do motivo que desde o início me levou a escolher os Intrépidos: não é por serem perfeitos, mas por estarem vivos. E por serem livres.

Capítulo Vinte e Cinco

Alguns de nós invadem as cozinhas e aquecem os alimentos aí armazenados e que ainda se podem comer e, com isso, conseguimos ter uma refeição quente ao jantar. Fico sentada na mesma mesa que antes ocupava com Christina, Al e Will. Sinto um aperto na garganta. Como é que chegámos a este ponto em que estamos reduzidos a metade?

Sinto que a responsabilidade é minha. A minha capacidade de perdoar poderia ter salvado Al, mas eu não a usei. A minha lucidez poderia ter poupado Will, mas eu não a consegui encontrar.

Antes de poder afundar-me de mais no meu sentimento de culpa, Uriah pousa o tabuleiro a meu lado. Está cheio de carne guisada e de bolo de chocolate. Olho para a enorme porção de bolo que ele trouxe.

– Havia bolo?! – pergunto, a olhar para o meu tabuleiro, que enchi de forma mais racional.

– Sim, houve alguém que o trouxe. Encontraram algumas embalagens de uns preparados instantâneos no fundo da despensa e cozinham-nos – explica Uriah. – Podes dar umas trincas.

– Umas trincas? Estás a pensar em comer essa montanha de bolo sozinho?!

– Estou. – Uriah parece surpreendido. – Porquê?

– Nada, deixa estar.

Christina senta-se no outro lado da mesa, o mais distante de mim que consegue. Zeke pousa o tabuleiro junto dela. Lynn também se junta depois a nós, com Hector e Marlene. Vejo um movimento fugaz debaixo

da mesa e reparo como a mão de Marlene se junta à de Uriah por cima do joelho dele. Os dedos dos dois entrelaçam-se. Estão obviamente a tentar mostrar que não há nada entre eles, mas não deixam de olhar um para o outro.

Sentada à esquerda de Marlene, Lynn está com cara de quem provou qualquer coisa azeda enquanto vai metendo comida na boca.

– Vais apanhar o comboio? – pergunta Uriah. – Ainda acabas por vomitar se continuas a comer assim tão depressa.

Lynn volta-se para ele, irritada:

– Vou vomitar, de qualquer modo, se vocês os dois continuarem a fazer olhinhos um ao outro o tempo todo.

As orelhas de Uriah ficam vermelhas.

– Estás a falar de quê? – contrapõe.

– Não sou parva nenhuma, nem eu nem os outros. Porque é que não vão curtir de vez e acabam com isso?

Uriah fica estupefacto. Mas Marlene, porém, olha com ar severo para Lynn e, inclinando-se, dá a Uriah um beijo prolongado nos lábios, deixando os dedos deslizar em redor do pescoço dele e por baixo do colarinho da camisa.

E eu reparo que me caíram todas as ervilhas do garfo, que estava já a caminho da minha boca.

Lynn agarra no tabuleiro e levanta-se abruptamente da mesa.

– Mas o que foi isto? – pergunta Zeke.

– Não faço ideia – responde Hector. – Mas ela está sempre zangada por qualquer coisa. Já desisti de tentar perceber.

Uriah e Marlene ainda mantêm as cabeças muito juntas. E estão a sorrir um para o outro.

Forço-me a olhar para o meu prato. É sempre estranho ver duas pessoas que conhecemos em

separado ficarem juntas de repente, embora não seja esta a primeira vez que o vejo. Ouço um ruído metálico e vejo que Christina está a raspar o prato com o garfo, parecendo absorta.

– Quatro! – chama Zeke, acenando. Parece ficar aliviado. – Anda cá, temos aqui lugar.

Tobias pousa a mão no meu ombro que não está ferido. Tem os nós dos dedos arranhados e o sangue ainda não secou.

– Desculpem, mas não posso ficar. – E inclina-se para mim. – Podes acompanhar-me?

Levanto-me, dizendo adeus a todas as pessoas que estão a olhar para nós – que, aliás, é só Zeke, porque Christina e Hector estão a olhar para os seus próprios pratos e Uriah e Marlene estão a falar baixinho entre eles. Acompanho Tobias e saímos do refeitório.

– Onde é que vamos?

– Para o comboio – responde. – Tenho uma reunião e gostava de ter-te comigo para me ajudares a interpretar a situação.

Subimos por um dos trilhos escavados nas paredes rochosas do Fosso, a caminho das escadas que nos levam ao Rochedo.

– E porque é que tu queres que seja eu a...?

– Porque és melhor nisso do que eu sou.

A isto já não consigo responder-lhe. Subimos a escada e caminhamos pelo chão de vidro. Ao sairmos, passamos pela sala escura onde eu tive de enfrentar a minha paisagem dos medos. A avaliar pela seringa a um canto, alguém esteve aqui recentemente.

– Estiveste hoje na tua paisagem dos medos? – pergunto-lhe.

– O que é que te faz pensar isso? – Os olhos escuros dele perscrutam os meus. Depois empurra a porta da frente e o ar quente do verão rodeia-me. Não há vento.

– Tens os nós dos dedos feridos e alguém esteve a

usar a sala.

– Era exatamente o que eu estava a dizer. És de longe mais perspicaz do que a maioria. – Tobias olha para o relógio. – Disseram-me para apanhar o das 8h05. Anda.

Sinto um assomo de esperança. Talvez não tenhamos de discutir desta vez. Talvez as coisas voltem finalmente a ficar melhor entre nós.

Caminhamos ao longo da linha. Quando fizemos isto pela última vez ele quis mostrar-me que as luzes estavam acesas na sede dos Eruditos e dizer-me que eles andavam a planear um ataque aos Abnegados. Agora fico com a ideia de que vamos encontrar-nos com os sem-fação.

– E também sou suficientemente perspicaz para saber que fugiste à pergunta – digo-lhe.

Tobias suspira.

– Sim, estive na minha paisagem dos medos – confessa. – Quis ver se alguma coisa tinha mudado.

– E mudou. Não foi?

Tobias afasta o cabelo do rosto e evita-me o olhar. Não sabia que o cabelo dele era tão espesso. Era difícil percebê-lo quando o usava cortado rente, com o corte dos Abnegados, mas agora já tem uns cinco centímetros de comprimento e quase forma uma franja. Fá-lo parecer menos ameaçador e mais como a pessoa que eu conheci em privado.

– Mudou – responde ele. – Mas o número continua a ser o mesmo.

Ouçõ o comboio à minha esquerda mas a luz que costuma ter à frente está apagada. Assim às escuras parece uma coisa estranha e furtiva.

– O quinto vagão! – grita Tobias.

Começamos ambos a correr. Localizo o quinto vagão e agarro a pega da parede com a mão esquerda, puxando o mais que posso. Tento atirar as minhas pernas para o interior, mas não consigo levantá-las por

completo e ficam perigosamente perto das rodas. Grito e acabo por raspar o joelho no chão ao atirar-me para dentro do comboio.

Tobias vem ter comigo e agacha-se à minha frente. Agarro-me ao joelho, de dentes cerrados.

– Deixa-me ver – diz ele, enrolando-me a perna da calça até acima do joelho. Os dedos dele deixam-me picadas invisíveis de frio na pele e a única coisa em que penso é em agarrar a camisa dele com o meu punho e puxá-lo para mim, para ele me beijar. E depois em colar-me a ele. Mas não posso fazer isso, porque todos os nossos segredos criam entre nós um espaço intransponível.

Olho para o joelho e vejo-o cheio de sangue.

– É superficial – diz ele. – Vai sarar depressa.

Aceno afirmativamente com a cabeça. Já me dói menos. Tobias enrola melhor a perna da calça acima do meu joelho. E eu deito-me de costas, a olhar para o teto.

– *Ele* ainda está lá, na tua paisagem dos medos, não está? – pergunto-lhe.

Parece que alguém acendeu um fósforo por detrás dos olhos dele.

– Está, mas já não da mesma maneira – responde Tobias.

Ele disse-me uma vez que a sua paisagem dos medos não mudara desde o primeiro momento em que a percorreu, ainda na fase da iniciação. Se neste caso mudou, por mais pequeno que seja o pormenor, já é alguma coisa.

– Mas tu agora fazes parte dela – acrescenta ele, baixando os olhos para as mãos, de sobrolho franzido. – Em vez de ter de matar aquela mulher, como era habitual, tenho de ver-te a morrer. Sem o conseguir evitar.

As mãos tremem-lhe. Tento pensar em qualquer coisa

que eu possa dizer e que lhe seja útil como «Não vou morrer», mas não sei se isso vai acontecer. Vivemos num mundo perigoso e eu não estou tão agarrada à vida que faça qualquer coisa para sobreviver. Não posso dar-lhe essa certeza.

Tobias olha para o relógio e diz:

– Vão chegar a todo o momento.

Levanto-me e vejo Evelyn e Edward parados junto à linha. Começam a correr antes de o comboio passar por eles e saltam com a mesma facilidade de movimentos de Tobias. Devem ter andado a praticar.

Edward sorri-me com ar de troça. A venda dele hoje tem cosido um X azul bem visível.

– Olá – diz Evelyn. Olha só para Tobias, como se eu nem estivesse presente.

– Bom sítio para nos encontrarmos – afirma Tobias. Já é quase noite e vejo apenas silhuetas de edifícios recortadas contra um céu azul-escuro e algumas luzes a brilharem junto ao lago. Devem pertencer ao quartel-general dos Eruditos.

O comboio segue por um caminho que não costuma percorrer – para a esquerda, para longe das luzes brilhantes dos Eruditos e a caminho da zona abandonada da cidade. O silêncio que começa a invadir o vagão indica que o comboio está a abrandar.

– Pareceu-me ser o mais seguro – explica Evelyn. – Querias um encontro, portanto.

– Sim, gostava de discutir a hipótese de uma aliança.

– Uma aliança – repete Edward. – E quem é que te deu a autoridade para o fazeres?

– Ele é um líder dos Intrépidos – declaro. – E por isso está autorizado a fazê-lo.

Edward arqueia as sobranceiras, parecendo ter ficado impressionado. Os olhos de Evelyn acabam por vir ao encontro dos meus, mas apenas por uns segundos antes de ela voltar a deitar um sorriso a Tobias.

– É interessante – comenta. – E *ela*? Também é uma líder dos Intrépidos?

– Não – responde Tobias. – Ela está aqui para me ajudar a determinar se devo ou não confiar em ti.

Evelyn faz um trejeito de contrariedade. Tenho vontade de lhe fazer uma careta e de lhe gritar «Ora toma!». Mas contento-me com um pequeno sorriso.

– Claro que nós estaremos de acordo com uma aliança... mas com um determinado conjunto de condições – diz Evelyn. – A garantia de um lugar, igual ao que os outros ocuparem, no governo que se forme depois de os Eruditos serem destruídos, e o controlo completo do arquivo de dados dos Eruditos depois do ataque. É claro que eles...

– O que é que querem fazer com os dados dos Eruditos? – interrompo.

– Destruí-los, obviamente. A única maneira de tirar o poder aos Eruditos é tirar-lhes o conhecimento.

Tenho vontade de lhe responder que está a ser tonta. Mas há qualquer coisa que me impede de o fazer. Sem a tecnologia das simulações, sem os dados que eles têm relativos às outras fações e sem a importância que dão ao progresso tecnológico, o ataque aos Abnegados não teria existido. E os meus pais estariam vivos.

Mesmo que consigamos matar Jeanine, poderemos confiar nos Eruditos e acreditar que eles não voltarão a atacar-nos e a tentar controlar-nos? Julgo que não.

– E que receberíamos nós em troca, nessas circunstâncias? – pergunta Tobias.

– A nossa mão de obra, de que muito necessitam, para conquistarem o quartel-general dos Eruditos e um lugar no governo connosco, em pé de igualdade.

– Tenho a certeza de que a Tori também exige o direito de livrar o mundo da Jeanine Matthews – torna Tobias, em voz baixa.

Arqueio as sobranceiras. Não sabia que o ódio que

Tori tem contra Jeanine era do conhecimento geral. Ou talvez não seja. Tobias deve saber algumas coisas sobre ela que os outros não sabem, agora que ele e Tori são líderes.

– Tenho a certeza de que isso se pode arranjar – replica Evelyn. – A mim pouco me importa quem a mata. Eu quero-a é morta.

Tobias olha de relance para mim. Gostaria de poder dizer-lhe por que me sinto tão dividida... e de explicar-lhe que eu, surpreendentemente, tenho reservas quanto à ideia de aniquilar por inteiro os Eruditos. Mas não sei como dizê-lo, mesmo que tivesse tempo para pensar. Tobias volta-se para Evelyn.

– Então estamos de acordo – afirma. Estende a mão e Evelyn aperta-a.

– Devíamos reunir-nos dentro de uma semana – acrescenta ela. – Num território neutro. A maioria dos Abnegados deixou-nos ficar livremente no setor deles, a organizar-nos, enquanto eles limpam o terreno após o ataque.

– A maioria... – repete Tobias.

Evelyn não reage.

– Parece-me que o teu pai ainda tem a lealdade de muitos deles, o que é pena, e que lhes recomendou que nos evitassem quando veio de visita, há alguns dias. – Evelyn faz um sorriso amargo. – E eles estiveram de acordo, como já tinham estado quando ele os convenceu a condenarem-me ao exílio.

– Eles condenaram-te ao exílio?! – surpreende-se Tobias. – Pensei que tivesses sido tu a *ir-te embora*.

– Não, os Abnegados estavam dispostos a perdoar e a aceitar uma reconciliação, como seria natural. Mas o teu pai tem uma grande influência sobre eles, como sempre teve. E eu decidi partir em vez de suportar a indignidade do exílio público.

Tobias parece estupefacto.

Edward, que esteve a espreitar para o exterior, exclama:

– Chegou a altura!

– Vemo-nos daqui a uma semana – diz Evelyn.

E quando o comboio desce ao nível da rua, Edward salta. Evelyn segue-o, segundos depois. Tobias e eu ficamos no comboio, a ouvir o silvo que ele faz nas linhas, sem falarmos.

– Porque é que me trouxeste se já estavas disposto a fazer a aliança? – pergunto-lhe, aborrecida.

– Tu não me impediste de a fazer.

– E o que é que devia fazer? Levantar as mãos e acenar-te? – Olho para ele de sobrolho franzido. – Não estou a gostar disto.

– Mas tem de ser feito.

– Não acho – contraponho. – Tem de haver outra maneira...

– Mas que outra maneira? – inquire Tobias, cruzando os braços. – Tu não gostas dela, é o que é. Nem nunca gostaste, desde que a conheceste.

– Claro que não gosto! Ela abandonou-te!

– Eles condenaram-na ao *exílio*! E se eu decidir perdoar-lhe, deves fazer um esforço por fazer o mesmo! Fui eu o miúdo abandonado e não tu.

– A minha opinião não tem a ver com isso. Não confio nela. E penso que ela está a tentar manipular-te.

– Bem, não és tu que tens de o decidir.

– Então para que foi que me trouxeste?! – Cruzo os braços, como se o imitasse. – Ah, pois... para eu interpretar a situação para ti. Bem, eu interpretei-a e só porque tu não gostas do que eu decidi não significa que...

– Esqueci-me de como os teus preconceitos te obscurecem o raciocínio. Se me lembrasse disso, talvez nem te tivesse trazido.

– Os *meus* preconceitos... E os *teus*? E o facto de tu

pensares que todas as pessoas que odeiam o teu pai tanto como tu são potenciais aliadas?

– Isto não tem a ver com ele!

– Claro que tem! Ele sabe algumas coisas, Tobias. E nós devíamos tentar descobrir quais são.

– Voltamos a esse assunto? Pensei que já estivesse resolvido. Ele *mente*, Tris.

– É? – Arqueio as sobrancelhas. – Pois olha que a tua mãe também. Achas que os Abnegados condenariam alguém ao exílio? Eu acho que não.

– Não fales dessa maneira sobre a minha mãe.

Vejo luz à distância. É o Rochedo.

– Está bem. – Aproximo-me da porta do vagão. – Não o farei.

Salto, dando alguns passos a correr para manter o equilíbrio. Tobias salta depois de mim mas eu não lhe dou hipótese de vir ter comigo – caminho apressadamente para o edifício, desço as escadas e regresso ao Fosso, à procura de um local para dormir.

Capítulo Vinte e Seis

Alguém me sacode para eu acordar.

– Tris! Levanta-te!

É uma ordem. E eu não a questiono. Atiro as pernas para fora da cama e deixo uma mão empurrar-me para a porta. Estou descalça e o solo é irregular. Arranha-me os dedos dos pés e os calcanhares. Pestanejo para tentar ver quem é que está a arrastar-me. É Christina. Quase me arranca o braço esquerdo com a força que está a fazer.

– O que é que aconteceu? – pergunto. – Que se passa?

– Cala-te e corre!

Vamos a correr para o Fosso e o clamor do rio acompanha-me à medida que subo o trilho. A última vez em que Christina me arrancou à cama foi para ver o corpo de Al a ser retirado do abismo. Ranjo os dentes e tento não pensar nisso. Não pode ter acontecido outra vez. Não pode.

Já estou ofegante. Christina corre mais depressa do que eu. Alcançamos o chão de vidro do Rochedo. Christina bate com a palma da mão no botão do elevador e entra mesmo antes de as portas estarem completamente abertas, levando-me com ela. Dá um murro no botão que fecha as portas e depois no que indica o último piso.

– É uma... – diz ela. – É uma simulação. E não é toda a gente, são só... alguns. – Apoia as mãos nos joelhos e respira fundo várias vezes. – Uma delas disse qualquer coisa sobre os Divergentes.

– Mas o quê? – pergunto. – E sob o efeito de uma simulação?

Christina faz que sim com a cabeça.

– A Marlene... – responde. – Mas não parecia ser ela, no entanto... A voz dela era demasiado... monótona.

As portas abrem-se e eu sigo-a pelo corredor até à porta que tem o sinal de «ACESSO AO TELHADO».

– Christina, porque é que vamos ao telhado? – pergunto-lhe.

Mas ela não me responde. As escadas que dão para o telhado cheiram a tinta antiga. Há *graffiti* dos Intrépidos nas paredes de blocos de cimento, feitos com tinta preta. O símbolo dos Intrépidos. Iniciais ligadas pelo sinal de mais: *RG + NT*, *BR + FH*. Casais que agora já devem ser idosos e que até podem estar já separados. Toco no peito para sentir o bater do meu coração. Está tão rápido que até me surpreendo por ainda poder respirar.

A noite está fria. Fico com pele de galinha nos braços. Os meus olhos já se adaptaram à escuridão e no outro lado do telhado vejo três pessoas que estão voltadas para mim, mesmo na borda. Uma é a Marlene, a outra é o Hector e a terceira não conheço. É uma miúda dos Intrépidos que não deve ter mais de oito anos, com uma madeixa verde no cabelo.

Estão imóveis, apesar de o vento estar a soprar com força e a revolver-lhes o cabelo, colando-o à testa deles, aos olhos e à boca. As roupas também se agitam sob a força do vento mas eles continuam sem se mexer.

– Saiam daí – diz-lhes Christina. – Não façam nenhuma estupidez. Vamos...

– Não te conseguem ouvir – digo-lhe em voz baixa, enquanto nos aproximamos deles. – Nem ver-te.

– Devíamos saltar para os agarrar. Eu apanho o Hec e tu...

– Arriscamo-nos a empurrá-los do telhado se o fizermos. Mas tenta ficar junto da miúda, se for preciso.

... *Porque ela é demasiado jovem para isto*, penso, sem

ter coragem de o dizer porque isso significaria que Marlene já tem idade para o fazer.

Olho para ela. Os olhos de Marlene estão inexpressivos como se fossem pedras pintadas ou esferas de vidro. Sinto que essas pedras me entram pela garganta e se depositam no meu estômago, prendendo-me ao chão. Não tenho maneira nenhuma de a tirar da beira do telhado.

Finalmente Marlene abre a boca e declara:

– Tenho uma mensagem para os Divergentes – declara. A voz sai-lhe sem emoção. A simulação está a utilizar as suas cordas vocais mas rouba-lhes as flutuações naturais causadas pelas emoções humanas.

Desvio o olhar de Marlene para Hector. Hector que tinha tanto medo do que sou porque a mãe lhe disse para ter. Lynn ainda deve estar à cabeceira de Shauna, na esperança de que ela possa mexer as pernas quando acordar. E Lynn não pode perder o irmão.

Dou um passo em frente para ouvir a mensagem que me é dirigida.

– Isto não é uma negociação – diz a simulação pela voz de Marlene, fazendo-a mexer os lábios e causando-lhe vibrações na garganta. – É um aviso: isto voltará a acontecer de dois em dois dias, até que um de entre vós se vá entregar no quartel-general dos Eruditos.

Isto. Isto que estamos a ver.

Marlene dá um passo atrás e eu atiro-me para a frente mas não na direção dela. Não na direção da Marlene que deixou Uriah disparar contra um queque que ela colocou na sua própria cabeça. Que reuniu um monte de roupa para mim. Que sempre, mas sempre, me recebeu com um sorriso. Não é Marlene que eu tento alcançar.

No momento em que ela e a outra rapariga saltam da beira do telhado, eu atiro-me a Hector.

Agarro o que as minhas mãos encontram: um braço,

a roupa dele. A superfície irregular do telhado arranha-me os joelhos quando o peso dele me puxa para baixo. Não tenho força suficiente para o levantar. E apenas murmuro «Ajudem-me» porque nem sequer consigo falar mais alto.

Christina já está junto ao meu ombro. Ajuda-me a içar o corpo frouxo de Hector para o telhado. Os braços pendem-lhe para o lado, sem vida. A rapariga está caída de costas a poucos metros, ainda no telhado.

E a simulação termina. Hector abre os olhos, que ganham vida.

– Ai – diz ele. – Que se passa?

A miúda choraminga e Christina aproxima-se dela, a dizer qualquer coisa que eu não percebo, numa voz reconfortante.

Fico de pé, a tremer dos pés à cabeça. Aproximo-me cautelosamente da beira do telhado e olho para baixo. A rua não está bem iluminada mas consigo ver a silhueta esbatida de Marlene no pavimento.

Tento respirar... mas que interessa agora respirar?

Volto costas à cena, ouvindo o coração a bater como se estivesse na minha cabeça. Os lábios de Christina estão a mexer-se, mas eu não lhe presto atenção. Dirijo-me para a porta e desço as escadas, percorro o corredor e entro no elevador.

As portas fecham-se e enquanto desço até ao solo, como fez Marlene depois de eu ter decidido não a salvar, grito e rasgo a minha roupa com as mãos. Sinto a garganta dorida e noto que tenho arranhões nos braços, onde não esgatanhei a roupa, mas mesmo assim continuo a gritar.

O elevador para, com um *ding!* As portas abrem-se.

Ajeito a camisola, aliso o cabelo e saio.

Tenho uma mensagem para os Divergentes.

Eu sou Divergente

Isto não é uma negociação.

Pois não.

É um aviso.

Já percebi.

Isto voltará a acontecer de dois em dois dias...

Não, isto não vai voltar a acontecer nem mais uma única vez.

... até que um de entre vós se vá entregar no quartel-general dos Eruditos.

É o que vou fazer.

Capítulo Vinte e Sete

Atravesso a multidão que se concentrou junto ao abismo. Está muito barulho no Fosso e não é apenas por causa do rugido do rio subterrâneo. Preciso de silêncio e por isso refugio-me no corredor que dá para os dormitórios. Não quero ouvir o que Tori vai dizer em louvor de Marlene nem juntar-me aos gritos e aos brindes com que os Intrépidos vão celebrar a vida e a coragem dela.

Esta manhã Lauren informou-nos de que tínhamos falhado na neutralização de algumas das câmaras existentes nos dormitórios dos iniciados, onde dormiam Christina, Zeke, Lauren, Marlene, Hector e Kee, a miúda do cabelo verde. Foi assim que Jeanine percebeu quem é que ela estava a conseguir controlar com a simulação. Não duvido que Jeanine escolheu os Intrépidos mais jovens porque sabia que as suas mortes nos afetariam mais.

Paro num corredor que me é desconhecido e encosto a testa à parede. A rocha é irregular e transmite-me uma sensação de frio que é agradável. Ouço os Intrépidos a gritar, lá para trás, as vozes abafadas pela espessura das pedras.

Ouço uma pessoa a aproximar-se e olho na sua direção. É Christina, ainda vestida com a mesma roupa da véspera, que para a poucos metros de mim.

– Olá – diz-me ela.

– Não estou com disposição nenhuma para me sentir ainda mais culpada nesta altura – declaro. – Portanto, vai-te embora. Por favor.

– Só quero dizer uma coisa e depois vou-me embora.

Tem os olhos inchados e a voz parece a de uma pessoa com sono, o que pode ser provocado pelo cansaço ou por algum álcool que tenha bebido ou as duas coisas. Mas o olhar dela é muito direto e isso só pode significar que ela está bem consciente do que vai dizer. Afasto-me da parede.

– Eu nunca tinha visto este tipo de simulação até agora – começa. – Do exterior, sabes? Mas ontem... – Abana a cabeça. – Tu tinhas razão. Não nos conseguem ouvir, não nos conseguem ver. Como o Will...

Christina parece sufocar ao pronunciar-lhe o nome. Para, inspira, engole em seco. Pestaneja. E depois olha outra vez para mim.

– Disseste que tiveste de o fazer ou que ele dispararia sobre ti e eu não acreditei. Mas agora acredito e... vou tentar perdoar-te. Era isto... Era o que queria dizer-te.

Em parte sinto-me aliviada. Ela acredita em mim, ela está a tentar perdoar-me, apesar de não ser fácil.

Mas o meu sentimento predominante é a cólera. O que é que ela pensava, até este momento? Que eu quis mesmo matar Will, que era um dos meus melhores amigos?! Ela devia ter acreditado em mim desde o início, devia ter *sabido* que eu não o teria feito se tivesse sido capaz de encontrar outra opção.

– Que feliz que fico por finalmente teres obtido uma *prova* de que não sou uma pessoa capaz de assassinar a sangue-frio. Além da minha palavra, claro. Mas porque é que haverias de acreditar? – Dou uma gargalhada forçada, tentando mostrar-me despreocupada. Christina abre a boca mas eu continuo a falar, incapaz de me controlar. – E é melhor que te apresses com essa coisa de me perdoares porque já não temos muito tempo...

A minha voz vai-se abaixo e eu não consigo conter-me. Começo a chorar. Encosto-me à parede, à procura de um apoio qualquer e sinto-me a deslizar para o chão quando as minhas pernas dão de si.

Os meus olhos estão demasiado enevoados para a ver mas sinto-a quando ela me abraça e o faz com tanta força que até me magoa. Christina cheira a óleo de coco e parece muito forte, exatamente como o foi durante o período da iniciação ao entrar para os Intrépidos, quando a penduraram por cima do abismo presa apenas pelas pontas dos dedos. Nessa altura – que também não foi há muito tempo – ela fez-me sentir fraca, mas agora a força dela faz-me sentir que eu também posso ser forte.

Ficamos ajoelhadas no chão de pedra e eu agarro-a com a mesma força com que ela me agarra.

– Já está – afirma ela. – Era o que queria dizer-te: que já perdoei.

*

Nessa noite, quando entro no refeitório, todos os Intrépidos se calam. Não os censuro. Sendo uma Divergente, tenho o poder de deixar Jeanine matar um deles. E a maioria deve preferir que eu me sacrifique. Ou talvez se sintam horrorizados por eu não o fazer.

Se fôssemos os Abnegados não haveria um único Divergente aqui sentado.

Por instantes nem sei para onde hei de ir ou por onde. Mas depois Zeke chama-me para a mesa em que ele está, com um ar sombrio, e eu oriento os meus pés para essa direção. Mas Lynn apanha-me antes de eu lá chegar.

Esta Lynn está diferente da Lynn que eu sempre conheci. Já não tem nos olhos o mesmo brilho feroz. Está pálida e tem de morder o lábio para dissimular o tremor que o agita.

– Hmm... – diz. Olha para a esquerda, para a direita, para todos os lados menos para mim. – Eu sinto... eu sinto realmente a falta da Marlene. Conhecia-a há tanto

tempo e... – Abana a cabeça. – A questão é que... não fiques a pensar que estou a querer dizer alguma coisa acerca da Marlene... – acrescenta, como se estivesse a repreender-me – ... mas... obrigada por salvars o Hector.

Lynn oscila entre um pé e o outro, olhando ainda para todos os lados. Depois abraça-me com um braço, agarrando-me a camisola com a mão. Sinto a dor em todo o meu ombro. Mas calo-me.

Ela larga-me, funga e regressa à mesa onde estava sentada como se nada tivesse acontecido. Vejo-a afastar-se e depois vou-me sentar.

Zeke e Uriah estão sentados ao lado um do outro numa mesa onde não está mais ninguém. O rosto de Uriah parece o de alguém adormecido, como se ainda não estivesse completamente acordado. Tem uma garrafa castanho-escura à frente e vai bebendo pequenos goles dela.

Tento mostrar-me cautelosa. Salvei Hec... mas isso significa que não consegui salvar Marlene. Mas Uriah nem olha para mim. Puxo a cadeira que está em frente a ele e sento-me na ponta.

– Onde está a Shauna? – pergunto. – Ainda está no hospital?

– Não, está ali – diz Zeke, com um aceno de cabeça para a mesa onde Lynn se foi sentar. Vejo Shauna, tão pálida que parece quase transparente, sentada numa cadeira de rodas. – Não devia estar fora da cama, mas a Lynn está em muito mau estado e ela está a fazer-lhe companhia.

– Mas se queres saber porque é que elas estão ali e eu aqui... É que a Shauna descobriu que eu sou Divergente – diz Uriah, arrastando a voz. – E não quer que eu lhe pegue isso.

– Oh.

– Ficou toda passada comigo, também – declara Zeke,

com um suspiro. – «Como é que sabes que o teu irmão não está a conspirar contra nós? Tens andado a vigiá-lo?» O que eu não daria para poder pregar um murro em quem andou a envenenar-lhe a cabeça!

– Não tens de dar nada – diz Uriah. – A mãe dela está ali sentada. Vai lá e chega-lhe.

Sigo o olhar dele até encontrar uma mulher de meia-idade com madeixas azuis no cabelo e brincos que lhe encham as orelhas. É bonita, tal como Lynn.

Tobias entra no refeitório pouco depois, seguido por Tori e por Harrison. Tenho andado a evitá-lo. Não falei com ele desde a discussão que tivemos, antes de Marlene...

– Olá, Tris – diz Tobias, em voz baixa, quando está suficientemente perto de mim para eu o poder ouvir. A voz rouca dele transporta-me a locais calmos.

– Olá – digo-lhe, numa voz sumida que nem parece pertencer-me.

Tobias senta-se ao meu lado e põe o braço nas costas da minha cadeira, inclinando-se para mim. Não olho para ele – *recuso-me* a olhar para ele.

Mas olho para ele.

Vejo-lhe os olhos escuros – um azul muito próprio dele – que são capazes de nos isolar do resto do refeitório, de me reconfortarem e também de me recordarem que estamos mais afastados um do outro do que eu gostaria.

– Não vais perguntar-me se estou bem? – pergunto-lhe.

– Não, porque tenho a certeza de que não estás nada bem. – Tobias abana a cabeça. – E tenho de pedir-te que não tomes nenhuma decisão até conversarmos sobre o assunto.

É tarde de mais, penso. A decisão está tomada.

– Até termos *todos* conversado sobre isto, queres tu dizer – intervém Uriah –, porque é um assunto que nos

toca a todos. Sou de opinião de que ninguém deve ir entregar-se.

– Ninguém?! – repito.

– Exato! – responde Uriah, franzindo o sobrolho. – Acho é que devemos atacar.

– Pois – contraponho, com pouca firmeza. – Vamos provocar a mulher que pode forçar metade das pessoas que aqui estão a suicidarem-se. Parece uma grande ideia.

Fui demasiado ríspida. Uriah despeja o que lhe resta da garrafa pela boca abaixo e depois bate com a garrafa no tampo da mesa com tanta força que até receio que a parta.

– Não fales nisso assim – rosna ele.

– Desculpa – digo-lhe. – Mas tu sabes que eu tenho razão. A melhor maneira de garantir que metade da nossa facção não morre é sacrificar uma vida.

Não sei o que devia ter esperado. Talvez Uriah, que sabe demasiado bem o que acontecerá se um de nós não for ter com os Eruditos, se dê como voluntário. Mas ele baixa os olhos. Não tem vontade.

– Tori, Harrison e eu decidimos aumentar a segurança – diz Tobias. – E temos a esperança de que haja mais gente a ter a noção de que estamos a ser atacados e, desse modo, sermos capazes de os impedir. Se não der resultado pensaremos noutra solução. E não se fala mais nisto. E mais ninguém vai fazer o que quer que seja, por agora. Está bem?

E olha para mim, arqueando as sobrancelhas.

– Está bem – respondo, sem o fitar diretamente.

*

Depois do jantar tento regressar ao dormitório onde tenho dormido, mas acabo por não conseguir entrar. E o que faço é vagar pelos corredores, a passar os

dedos pela superfície de pedra das paredes e a ouvir o eco dos meus passos.

Sem que tivesse essa intenção acabo por passar pelo bebedouro onde Peter, Drew e Al me atacaram. Soube que era o Al pelo cheiro dele e – ainda consigo ter presente aquele cheiro a citronela. E agora associo-o não ao meu amigo, mas à sensação de impotência que senti enquanto eles me arrastavam para o abismo.

Ando mais depressa, de olhos muito abertos para me ser mais difícil reviver mentalmente o ataque. Tenho de sair daqui, de afastar-me dos locais onde o meu amigo me atacou, onde Peter apunhalou Edward, de onde um exército de amigos cegos iniciou a sua marcha em direção ao setor dos Abnegados e onde começou toda esta loucura.

E vou diretamente para o último local onde me senti em segurança: para o pequeno apartamento de Tobias. E sinto-me de imediato mais calma quando chego à porta, que não está completamente fechada. Empurro-a com o pé. Ele não está, mas eu não me vou embora. Sento-me na cama e pego na manta, enfiando o rosto no tecido e inspirando o seu cheiro. Já quase desapareceu, no entanto, visto que há muito tempo que ele não dorme aqui.

A porta abre-se e Tobias entra. Os meus braços perdem as forças e a manta cai-me no colo. Como é que lhe explico a minha presença aqui? Eu deveria estar zangada com ele.

Tobias não se mostra irritado comigo, mas os lábios estão tão tensos que eu percebo que é o que ele sente.

– Não sejas idiota – diz-me ele.

– Idiota?!

– Mentiste. Disseste que não irias para o quartel-general dos Eruditos e estavas a mentir, e ires para lá fará de ti uma idiota. Portanto... não o faças.

Largo a manta e ponho-me em pé.

– Não vamos tentar tornar isto simples, porque não é – declaro. – Sabes tão bem como eu que é esta a maneira correta de proceder.

– Escolheste *este* momento para te portares como uma Abnegada? – A voz dele enche o quarto, provocando-me picadas de medo no peito. A cólera dele parece-me demasiado repentina. Demasiado estranha. – Todo o tempo que passaste a insistir que eras egoísta de mais para eles e agora, quando o que está em jogo *é a tua vida*, tens de armar-te em heroína? Que é que se passa contigo?

– E *contigo*?! Morreram pessoas. Saltaram do telhado de um edifício! E eu posso evitar que isso volte a acontecer!

– És demasiado importante para simplesmente... morreres. – Tobias abana a cabeça. Nem sequer olha direito para mim. Os olhos dele saltam do meu rosto para a parede atrás de mim ou para o teto por cima de mim ou para qualquer coisa que não eu. E fico tão atónita que nem consigo zangar-me.

– Eu não sou importante – afirmo. – Ficarão todos bem sem mim.

– Que interessam os outros?! *Eu* não te interessa?

Tobias baixa a cabeça e cobre o rosto com as mãos. Tem os dedos a tremer.

Depois atravessa o quarto em apenas duas passadas e cola os lábios aos meus. A delicada pressão deles apaga tudo o que aconteceu nos últimos meses e eu volto a ser a rapariga sentada nas rochas do abismo, a sentir a espuma das águas nos tornozelos, a que o beijou nessa altura pela primeira vez. Sou de novo a rapariga que o agarrou pela mão no corredor só porque lhe apeteceu.

Retraio-me, a mão no peito dele para o manter à distância. O problema é que eu sou também a rapariga que matou Will e que mentiu a esse respeito, e que optou entre Hector e Marlene e que fez mais mil coisas

entretanto. E tudo isto eu não consigo apagar.

– Tu ficarás bem – digo-lhe, sem olhar para ele. Olho é para a T-shirt dele entre os meus dedos e para a tinta preta que lhe rodeia o pescoço. Mas não para o rosto. – De início, não. Mas seguirás em frente e farás o que tens a fazer.

Tobias passa o braço pela minha cintura e puxa-me para ele.

– Estás a mentir – diz-me, antes de me beijar outra vez.

Isto é errado. É errado esquecer aquilo em que me transformei e deixá-lo beijar-me quando sei o que vou fazer.

Mas é o que quero. Oh, se quero.

Ponho-me em bicos dos pés e envolvo-o nos meus braços. Ponho uma mão nas omoplatas dele e a outra por cima da nuca. Sinto a sua respiração na palma da minha mão, o corpo a expandir-se e a contrair-se e sei como ele é forte, firme e imparável. É tudo aquilo que eu preciso de ser e que não consigo, não consigo...

Tobias recua, levando-me com ele, e eu tropeço. Ao fazê-lo, os sapatos saem-me dos pés. Ele senta-se na beira da cama e eu fico de pé diante dele e estamos finalmente olhos nos olhos.

Ele toca-me no rosto e cobre-me as faces com as mãos, fazendo deslizar as pontas dos dedos pelo meu pescoço, adaptando as mãos às curvas suaves das minhas ancas.

Não posso parar.

Colo a minha boca à boca dele e saboreio-lhe o gosto a água e cheiro-lhe o aroma de ar puro. A minha mão desce-lhe do pescoço para as costas e para debaixo da camisola. Ele beija-me com mais intensidade.

Eu sabia que ele era forte. Mas não sabia até que ponto, até lhe sentir os músculos das costas ficarem tensos baixo da pressão dos meus dedos.

Para!, ordeno a mim própria.

De repente, é como se tivéssemos pressa, os dedos dele a percorrerem-me o tronco por baixo da minha camisola, as minhas mãos agarradas a ele e a lutarem para o puxarem ainda mais para mim. Nunca desejei alguém desta maneira, nem tanto.

Tobias inclina a cabeça para trás, para os olhos dele poderem encontrar os meus debaixo das pálpebras quase fechadas.

– Promete – sussurra. – Promete-me que não vais. Por mim. Fá-lo por mim.

Poderei fazê-lo? Poderei ficar aqui, reconciliada com ele, deixando que outros morram por mim? Olhando para ele, acredito por instantes que o poderei fazer. E depois vejo Will. O vinco entre as sobrancelhas dele. Os olhos vazios tolhidos pela simulação. O corpo que cai.

Fá-lo por mim, pedem-me os olhos escuros dele.

Mas se eu não for para o quartel-general dos Eruditos, quem é que irá? Tobias? É o tipo de coisa que ele é capaz de fazer.

Sinto uma dor aguda no peito quando lhe minto:

– Está bem.

– Promete – diz ele, franzindo o sobrolho.

A dor espalha-se por todo o meu corpo – está tudo misturado: a culpa, o terror e o desejo.

– Prometo.

Capítulo Vinte e Oito

Tobias adormece sem me largar, agarrado a mim como se ele próprio fosse uma prisão capaz de salvar as nossas vidas. Mas eu aguardo, mantida bem desperta pelo choque dos corpos a tombar no pavimento, até o abraço dele afrouxar e a respiração ficar calma.

Não o deixarei ir ter com os Eruditos quando voltar a acontecer, quando morrer mais alguém. Não, não deixarei.

Solto-me de mansinho dos braços dele. Enfio uma das *sweatshirts* para poder levar comigo o cheiro que lhe pertence. Enfio os pés nos sapatos. Não levo armas nem objetos para o recordar.

Detenho-me à porta para olhar para ele, quase escondido por baixo da manta, forte e em paz.

– Amo-te – digo muito baixinho, como se testasse as palavras. E deixo a porta fechar-se atrás de mim.

Chegou o momento de pôr tudo como deve ser.

Dirijo-me ao dormitório onde, no passado, dormiam os iniciados-Intrépidos. O dormitório é parecido com aquele em que eu dormi quando era também uma iniciada: comprido e estreito, com beliches de cada um dos lados e um quadro preto numa parede. Uma luz azul a um canto, onde ninguém se preocupou em apagar as classificações que foram escritas a giz no quadro e onde o nome de Uriah está em primeiro lugar.

Christina dorme na parte de baixo de um beliche, em cuja cama de cima se encontra Lynn. Não quero assustá-la, mas não há outra maneira de a acordar senão cobrir-lhe a boca com a mão. Ela desperta com um sobressalto, abrindo muito os olhos até perceber

que sou eu. Levo o dedo aos lábios e faço-lhe sinal para me seguir.

Vou até ao fim do corredor e dobro uma esquina. O corredor está iluminado por uma luz de emergência, manchada de tinta, por cima de uma das saídas. Christina está descalça e contorce os dedos dos pés para os proteger do frio.

– Que se passa? – pergunta. – Vais a algum lado?

– Sim, vou... – Tenho de mentir ou ela tentará impedir-me. – Vou ver o meu irmão. Ele ficou com os Abnegados, lembraste?

Christina semicerra os olhos.

– Desculpa ter-te acordado – digo-lhe –, mas há uma coisa que eu precisava que tu fizesses. É mesmo importante.

– Está bem, Tris, mas isto é estranho. Tens a certeza de que não...

– Tenho. Ouve-me bem. O momento do ataque desencadeado através da simulação não foi produto do acaso. Aconteceu nessa altura porque os Abnegados iam fazer uma coisa... que eu não sei o que era mas que tinha a ver com uma informação importante, e agora é a Jeanine que está na posse dessa informação.

– O quê? – Christina franze o sobrolho. – Não sabes o que eles iam fazer? E sabes que informação é essa?

– Não. – O que estou a dizer deve parecer realmente disparatado. – O que se passa é que eu não consegui descobrir muita coisa sobre isto porque quem conhece bem o assunto é o Marcus Eaton e ele não me diz nada. Eu sei... que é aí que se encontra o motivo para o ataque. O motivo é mesmo esse. E nós precisamos de o saber.

Não sei que mais hei de acrescentar, mas Christina já está a dizer-me que sim.

– O motivo que levou a Jeanine a obrigar-nos a atacar pessoas inocentes – murmura, em tom amargo. –

Sim, temos de conhecê-lo.

Quase me tinha esquecido: *ela* esteve sob o efeito da simulação. Quantos Abnegados é que ela terá matado, guiada pela simulação? Como é que se terá sentido quando acordou desse sonho e percebeu que era uma assassina? Nunca lhe perguntei e nunca lhe perguntarei.

– Preciso da tua ajuda e rapidamente. Preciso de alguém que convença o Marcus a cooperar, e acho que tu o consegues fazer.

Christina inclina a cabeça para o lado e fica a olhar para mim.

– Tris – diz ela. – Não faças nenhuma estupidez.

Faço um sorriso forçado.

– Porque é que as pessoas me dizem isso tantas vezes?

Christina agarra-me pelo braço.

– Não estou a brincar, Tris.

– Já te disse. Vou visitar o Caleb. Regresso dentro de alguns dias e podemos pensar numa estratégia nessa altura. Só achei que era melhor alguém mais saber disto antes de eu me ir embora. À cautela. Está bem?

Christina ainda está a agarrar-me pelo braço. Mas depois larga-me.

– Está bem – diz.

Dirijo-me para a saída. E contenho-me, ainda, até as lágrimas começarem a correr livremente quando já estou longe.

Foi a última conversa que alguma vez terei com ela, e só lhe disse mentiras.

*

Quando me encontro no exterior, cubro a cabeça com o capuz da *sweatshirt* de Tobias. Ao chegar ao fim da rua olho para todos os lados, à procura de sinais de vida. Mas o mundo parece deserto.

O ar frio causa-me picadas nos pulmões e, quando expiro, transforma-se numa nuvem de vapor encaracolada. Já não falta muito para o inverno. Será que os Eruditos e os Intrépidos ainda estarão em conflito nessa altura, à espera de saber qual é o grupo que destrói o outro? Ainda bem que não vou ter de assistir a isso.

Antes de escolher os Intrépidos nunca me ocorriam pensamentos destes. Quanto mais não fosse, tinha a certeza de que iria ter uma vida longa. Mas agora já não há certezas, à exceção do meu destino, que é aquele que eu escolhi.

Caminho pelas sombras dos edifícios, esperando que os meus passos não atraiam a atenção de ninguém. Nesta zona da cidade não há iluminação pública, mas a Lua está suficientemente brilhante para me permitir deslocar-me à vontade.

Passo por baixo da linha do caminho de ferro. Ouço-a estremecer com o movimento feito por um comboio que se aproxima. Tenho de andar mais depressa se quero lá chegar antes de alguém reparar que me vim embora. Contorno uma fenda enorme que atravessa a rua e salto por cima de um candeeiro caído.

Não pensei na distância que teria de percorrer quando parti. E o meu corpo não demora a aquecer devido ao esforço de andar e de estar sempre a olhar por cima do ombro, e de evitar os vários obstáculos do caminho. Ando mais depressa, quase em passo de corrida.

Não demoro a chegar a uma parte da cidade que já conheço. As ruas estão aqui mais bem conservadas, bem limpas e menos esburacadas. Vejo ao longe a luz que emite a sede dos Eruditos, cuja iluminação viola as nossas leis de conservação de energia. Não sei o que farei quando lá chegar. Pedirei para falar com Jeanine? Ou fico à espera que alguém me reconheça?

As pontas dos meus dedos deslizam por uma janela do edifício que está atrás de mim. O momento aproxima-se. Sinto o corpo a tremer, agora que estou mais perto, o que me dificulta o andar. Também estou a respirar com dificuldade. Deixo de tentar manter-me em silêncio e o ar entra com mais força nos meus pulmões e volta a sair. Que irão fazer-me quando eu lá chegar? Que planos terão para mim até eu deixar de lhes ser útil e me puderem matar? Não duvido que acabarão por matar-me. Concentro-me em avançar, em mover as minhas pernas apesar de elas me parecerem pouco dispostas a suportar o meu peso.

E nessa altura dou por mim diante do edifício dos Eruditos.

Lá dentro há grupos de pessoas vestidas com camisas azuis sentadas à volta de mesas, a trabalhar em computadores, curvadas sobre livros ou a passar folhas de papel de um lado para o outro. Algumas dessas pessoas são seres humanos decentes que não compreendem o que a sua fação está a fazer, mas também não penso que me preocuparia muito com a sorte deles se eu visse o edifício a desmoronar-se e a cair-lhes em cima.

Chegou o último momento em que ainda posso voltar para trás. Hesito e o ar frio morde-me a cara e as mãos. Posso ir-me embora. Posso ir refugiar-me no complexo dos Intrépidos. E ter esperança, rezar e desejar que mais ninguém morra por causa do meu egoísmo.

Mas não posso ir-me embora porque nessa altura a culpa, o peso da morte de Will e dos meus pais e agora da morte de Marlene destruirá os meus ossos e tornará a minha respiração impossível.

Avanço lentamente para o edifício e empurro as portas.

Esta é a única maneira de não sufocar.

Durante alguns instantes, depois de os meus pés tocarem no chão de madeira e de eu parar diante do gigantesco retrato de Jeanine Matthews que está na parede do lado oposto, ninguém me presta atenção, nem sequer os dois Intrépidos traidores que estão junto à entrada. Dirijo-me à receção, onde um homem de meia-idade com uma calva só no topo da cabeça está a folhear alguns papéis. Pouso as mãos à frente dele.

– Se faz favor... – começo.

– Só um momento – diz ele, sem olhar para mim.

– Não.

E agora ele já levanta a cabeça para olhar para mim, com os óculos tortos e cara de quem vai dar-me uma reprimenda. Mas as palavras que ele ia usar parecem ficar-lhe entaladas na garganta. Olha para mim de boca aberta, os olhos a saltarem-lhe do meu rosto para a *sweatshirt* preta que tenho vestida.

No estado de terror em que me encontro, as expressões que ele faz até me parecem divertidas. Sorrio um pouco e escondo as mãos, que tremem.

– Acho que a Jeanine Matthews me quer ver – explico. – Agradeço-lhe, por isso, que lhe transmita esta informação.

O homem faz um sinal aos Intrépidos traidores que estão junto à porta mas também não é necessário. Os guardas já repararam, finalmente. Os outros soldados-Intrépidos também já se aproximam e fico rodeada por todos eles, que não me dirigem a palavra nem me tocam. Perscruto-lhes os rostos, tentando parecer o mais calma que é possível.

– Divergente? – pergunta um deles, por fim, enquanto o homem da receção pega no recetor do sistema de comunicações do edifício.

Se fechar as mãos com força consigo evitar que elas

tremam. Aceno afirmativamente com a cabeça.

Os meus olhos caem agora nos Intrépidos que estão a sair do elevador no lado esquerdo e quase abro a boca de espanto – é Peter quem aí vem.

Pela minha cabeça passam mil reações possíveis, que vão desde lançar-me à garganta dele até dizer qualquer tipo de piada, ou até começar a chorar. E não consigo determinar qual é a mais apropriada. Por isso fico imóvel, a observá-lo. Jeanine deve ter sabido que era eu que aqui estava e escolheu Peter para me vir buscar. É a única explicação.

– Temos instruções para te levarmos para cima – diz Peter.

Quero dizer alguma coisa agressiva ou mostrar-me descontraída mas o único som que me escapa é um ruído vagamente afirmativo que tenho dificuldade em extrair da minha garganta inchada. Peter encaminha-se para os elevadores e eu sigo-o.

Percorremos vários corredores de aparência impecável. Apesar de estarmos a subir escadas, sinto-me como se estivesse a mergulhar nas entranhas da terra.

Esperava que me levassem à presença de Jeanine, mas não é o que fazem. Paramos de andar quando chegamos a um pequeno corredor com várias portas de metal de cada lado. Peter tecla um código para abrir uma das portas e os Intrépidos traidores rodeiam-me, ombro a ombro, formando um túnel estreito que devo percorrer para entrar por essa porta.

Acho-me numa sala pequena, de um metro e oitenta por um metro e oitenta. O chão, as paredes e o teto têm os mesmos painéis luminosos da sala das provas de aptidão que emitiam uma luz débil. Em cada canto está uma câmara.

Cedo ao pânico, finalmente.

Olho para todos os cantos, para as câmaras, e luto

contra o grito que está a formar-se no meu estômago, no meu peito e na minha garganta e que invade todas as partes do meu corpo. Sinto de novo a culpa e o desgosto a destruírem-me por dentro e a lutarem entre si pelo domínio do meu ser. Mas o terror que sinto é mais forte do que esses sentimentos. Inspiro, conservando o ar nos pulmões. O meu pai disse-me uma vez que era a forma de controlar os soluços. E eu perguntei-lhe se podia morrer no caso de sustar a respiração.

– Não – respondeu-me ele. – Os instintos do teu corpo dominá-lo-ão e forçar-te-ão a respirar.

Que pena, de facto. Dava-me jeito ter uma maneira de sair daqui. A ideia dá-me vontade de rir. E, depois, de gritar.

Enrolo-me para poder encostar o rosto aos joelhos. Tenho de pensar num plano. Se conseguir fazer um plano já não terei tanto medo.

Mas não há plano possível. Não há fuga possível do interior mais recôndito do quartel-general dos Eruditos nem de Jeanine, nem tão-pouco daquilo que fiz.

Capítulo Vinte e Nove

Esqueci-me do relógio.

Minutos ou horas depois, quando o pânico se atenua, é o que mais lamento. Nem é o ter vindo aqui, para começar – porque me pareceu ser a escolha mais óbvia –, mas o meu pulso nu, o que faz com que seja impossível saber há quanto tempo me encontro aqui sentada. Doem-me as costas, o que é alguma indicação, embora pouco rigorosa.

Passado algum tempo, levanto-me e caminho de um lado para o outro, estendendo os braços acima da cabeça. Hesito em fazer alguma coisa enquanto as câmaras aqui estão, mas elas também não conseguem mostrar mais do que a minha imagem a tocar nas pontas dos meus pés.

Essa ideia põe-me as mãos a tremer, mas eu não tento afastá-la do meu pensamento. Em vez disso digo a mim própria que sou uma Intrépida e que o medo não me é estranho. Morrerei aqui. E talvez muito em breve. É só isso.

Mas há outras maneiras de pensar no assunto. Prestarei a minha homenagem aos meus pais ao morrer como eles. E se é verdade tudo aquilo em que eles acreditavam no que se refere à morte, hei de juntar-me a eles, seja lá onde for.

Abano as mãos enquanto caminho. Ainda tremem. Preciso de saber que horas são. Sei que cheguei quando já passava pouco da meia-noite. Deve ser de madrugada agora, talvez quatro ou cinco horas. Ou talvez não tenha passado tanto tempo e eu tenha essa impressão por ter estado sem fazer nada.

A porta abre-se e eu fico, finalmente, frente a frente com a minha inimiga e os guardas-Intrépidos que ela tem ao seu serviço.

– Olá, Beatrice – diz Jeanine. Está vestida com o azul dos Eruditos e usa os óculos dos Eruditos, e tem o ar de superioridade dos Eruditos que o meu pai me ensinou a odiar. – É exatamente quem eu pensava que iria aparecer.

No entanto, não a odeio quando olho para ela. Não sinto nada, aliás, apesar de saber que ela é responsável por um sem-número de mortes, incluindo a de Marlene. Essas mortes existem na minha mente como uma cadeia de equações sem sentido e eu sinto-me paralisada e incapaz de as resolver.

– Olá, Jeanine – replico, porque é a única coisa que me vem à cabeça.

Desvio o olhar dos olhos de um cinzento-pálido de Jeanine para os Intrépidos que a acompanham. Peter está ao lado direito dela e à esquerda está uma mulher com rugas em cada um dos lados da boca. Mais atrás está um homem calvo com um crânio quase quadrado. Franzo o sobrolho.

Como é que Peter foi parar a uma posição tão privilegiada, como guarda-costas de Jeanine Matthews? Que lógica é esta?

– Gostava de saber que horas são – declaro.

– Sim? Isso é interessante – diz ela.

Devia saber que ela não iria dizer-me as horas. Todas as informações que ela recebe são enquadradas na sua estratégia e ela não me dirá as horas até decidir que dar-me a informação pedida lhe é mais útil do que não a dar.

– Tenho a certeza de que os meus companheiros Intrépidos estão dececionados – torna Jeanine – por ainda não ter tentado arrancar-me os olhos.

– Isso seria uma estupidez.

– É verdade. Mas seria coerente com a sua tendência comportamental que é «agir primeiro e pensar depois».

– Tenho dezasseis anos – replico, com uma careta de teimosia. – E as pessoas mudam.

– Que refrescante que isso é. – Jeanine consegue anular o efeito de todas as frases que deveriam ser pronunciadas com determinadas inflexões. – Vamos dar uma volta? – pergunta-me. E, recuando, aponta-me a porta. A última coisa que quero é sair desta sala e ir para um destino incerto. Mas não posso hesitar. Saio, com a Intrépida de olhar severo à minha frente. E Peter segue-me.

O corredor é comprido e é quase branco. Voltamos numa esquina e continuamos por outro que é exatamente como o primeiro.

Há mais dois corredores. Já me sinto tão desorientada que nem consigo imaginar como será o caminho de regresso. Mas depois o cenário muda: o túnel branco vai dar a uma sala muito grande onde há Eruditos, homens e mulheres, vestidos com casacos azuis muito compridos, sentados em mesas, alguns com ferramentas nas mãos, outros a misturar líquidos de várias cores e outros ainda a olharem para ecrãs de computadores. Quase diria que estão a misturar o soro das simulações, mas custa-me limitar o trabalho dos Eruditos apenas às simulações.

Muitos deles interrompem o que estão a fazer para nos observarem enquanto atravessamos uma zona mais larga entre as mesas. Ou, melhor, para *me* observarem. Alguns sussurram, mas a maioria fica em silêncio. É tudo tão sossegado, aqui.

Saio por uma porta atrás da Intrépida traidora e paro tão abruptamente que Peter esbarra em mim.

A sala é tão larga como aquela que atravessámos mas só tem um objeto: uma grande mesa metálica junto à qual se encontra uma máquina que eu vagamente

reconheço. É um monitor cardíaco. Por cima dela está pendurada uma câmara. Estremeço, contra vontade. Porque já sei o que vai acontecer.

– Estou muito contente por ser a Beatrice, em especial, a estar aqui – diz-me Jeanine. Passa por mim e encosta-se à mesa, com os dedos dobrados sobre o rebordo. – Devido aos resultados da prova de aptidão que fez, claro. – O cabelo louro dela, que usa muito colado ao crânio, reflete a luz ambiente e atrai a minha atenção. – Mesmo entre os Divergentes é de certo modo um caso estranho, por se ter mostrado apta para três fações: os Abnegados, os Intrépidos e os Eruditos.

– Como...? – A minha voz enrouquece e tenho de obrigar a pergunta a sair-me da boca. – Como é que sabe?

– Tudo a seu tempo – responde Jeanine. – Devido a esses resultados, percebi que é um dos Divergentes mais fortes, o que lhe conto não como elogio mas para explicar o meu propósito. Se quero desenvolver uma simulação que a mente dos Divergentes não consiga bloquear, devo estudar o Divergente que seja mais forte para aperfeiçoar a tecnologia. Está a perceber?

Nem respondo. Ainda estou a olhar para o monitor cardíaco que está ao lado da mesa.

– Portanto, e enquanto for possível, os meus colegas cientistas e eu iremos estudá-la. – Jeanine sorri. – E depois, quando o meu estudo chegar ao fim, será executada.

Já sabia. E se já sabia, porque é que os meus joelhos fraquejam e o meu estômago se contorce? Porquê?

– A execução terá lugar aqui. – Jeanine passa os dedos pela mesa. – Em cima desta mesa. Pensei que lhe interessasse ver o cenário.

Jeanine quer estudar a minha reação. Mal consigo respirar. Costumava pensar que a crueldade exige maldade, mas não é assim. Jeanine não tem motivo

para agir com maldade. Mas é cruel porque não se importa com as consequências do que faz, desde que isso a fascine. E eu tanto podia ser um puzzle como uma máquina avariada que ela queira consertar. Para isso, está disposta a abrir-me a cabeça só para ver como o meu cérebro funciona. E eu morrerei aqui, e esse será o seu único gesto de misericórdia.

– Eu sabia o que iria acontecer quando aqui chegasse – declaro. – Isso é só uma mesa. E agora gostaria de regressar ao meu quarto.

*

Não compreendo o passar do tempo, em especial como antes o sentia quando podia saber as horas. Por isso, quando a porta se abre outra vez e Peter entra na minha cela, continuo sem saber que horas são, mas já percebi que estou exausta.

– Vamos, Empata – ordena ele.

– Não sou uma Abnegada – afirmo, esticando os braços por cima da minha cabeça e deixando-os roçar a parede. – E agora que és um laçao dos Eruditos não podes chamar-me «Empata». É incorreto.

– Já disse para irmos.

– Então, não fazes nenhum comentário malicioso? – Levanto os olhos para ele, fingindo-me surpreendida. – Não dizes «És idiota por vires cá e o teu cérebro deve ser tão deficiente como divergente»?

– Nem vale a pena dizer isso, pois não? – replica Peter. – E agora podes levantar-te ou deixar-me arrastar-te para o corredor. A escolha é tua.

Sinto-me mais calma. Peter foi sempre grosseiro para mim e esta atitude é um elemento familiar.

Levanto-me e saio. Reparo que o braço de Peter que eu alvejei já parece estar bom e que não o traz ao peito.

– Trataram-te do ferimento?

– Sim – responde ele. – Agora vais ter de descobrir outra fraqueza que possas explorar. É pena é que eu não as tenha. – Agarra-me pelo meu braço são e puxa por mim, começando a andar mais depressa. – Estamos atrasados.

Apesar do comprimento e do vazio do corredor, os nossos passos não fazem grande eco. É como se alguém me tivesse tapado os ouvidos com as mãos e eu só agora tivesse notado. Tento fixar os corredores que percorremos, mas acabo por lhes perder a conta passado algum tempo. Chegamos ao fim de um deles e voltamos à esquerda, entrando numa divisão mal iluminada que faz lembrar um aquário. Uma das paredes é feita de um vidro espelhado pelo interior que deve funcionar como janela do outro lado.

Na outra parede está uma máquina muito grande, com uma espécie de gaveta capaz de acolher um ser humano. Reconheço-a do meu manual da História das Fações, do capítulo sobre os Eruditos e a Medicina. É uma máquina de ressonância magnética, que vai tirar fotografias ao meu cérebro.

Sinto um relâmpago dentro de mim. Já não o sinto há tanto tempo que quase nem o reconheço – é a minha curiosidade.

Uma voz – a voz de Jeanine – faz-se ouvir através dos intercomunicadores:

– Deite-se, Beatrice.

Olho para a gaveta do tamanho de uma pessoa que me enfiará na máquina e respondo:

– Não.

Jeanine suspira.

– Se não o fizer por si própria, temos maneiras de a obrigar.

Peter está de pé a meu lado. Mesmo com um braço ferido, era mais forte do que eu. Imagino a mão dele em mim, a obrigar-me a aproximar-me da máquina, a

empurrar-me para a superfície de metal da gaveta, a apertar por cima do meu corpo, e com muita força, as correias que pendem da máquina.

– Vamos fazer um acordo – proponho. – Se eu cooperar, deixam-me ver o resultado do meu exame.

– Irá cooperar, quer goste ou não.

Levanto um dedo e corrijo:

– Isso não é verdade.

Olho para o espelho. Não é tão difícil fazer de conta que estou a falar com Jeanine se falar com a minha própria imagem. O meu cabelo é louro como o dela. Temos ambos pele muito clara e olhares severos. É um pensamento tão perturbador que até me perco por instantes e acabo por ficar em silêncio, de dedo no ar.

Tenho a pele muito clara, o cabelo muito louro e posso ser fria. Tenho curiosidade em ver as imagens do meu cérebro. Sou como Jeanine. E posso não ligar a esse fator, posso pôr tudo em dúvida, eliminá-lo... ou usá-lo a meu favor.

– Isso não é verdade – insisto. – Por maior número de restrições que use, não conseguirá manter-me tão imóvel como quer que eu fique para que as imagens sejam claras. – Pigarreio. – Quero ver os resultados deste exame. Vai matar-me de qualquer forma, portanto não me parece que seja realmente importante que eu venha a saber mais coisas sobre o meu cérebro antes de você o fazer.

Silêncio.

– E porque é que está tão interessada em saber mais?
– pergunta Jeanine.

– Tenho a certeza de que compreende, melhor do que ninguém. Como tenho aptidões iguais para os Eruditos, os Intrépidos e os Abnegados...

– Está bem. Pode vê-los. Deite-se.

Dirijo-me à máquina e deito-me. O metal é frio como gelo. A gaveta desliza e eu fico dentro da máquina. O

ambiente é completamente branco. Quando eu era pequena era assim que pensava no céu: que era só feito de luz branca. Agora sei que não é verdade, porque a luz branca é ameaçadora.

Ouçõ o som ritmado de batidas e fecho os olhos, lembrando-me de que um dos obstáculos na minha paisagem dos medos era constituído por batidas nas minhas janelas e por homens de órbitas vazias que me tentavam raptar. Faço de conta que o som das batidas provém de um coração que bate, ou de um tambor. Ou do rio que embate nas paredes de pedra do abismo, no quartel-general dos Intrépidos. Ou dos pés que batem no chão durante a cerimónia que assinala o fim da iniciação. Ou dos que descem as escadas depois da Cerimónia da Escolha.

Não sei quanto tempo é que já passou desde que as batidas cessaram e gaveta desliza para o exterior. Sento-me e esfrego o pescoço com as pontas dos dedos.

A porta abre-se e vejo Peter que está no corredor. Faz-me sinal e diz-me:

– Vem. Podes ver agora as imagens.

Salto da gaveta e vou ter com ele. Quando já estamos no corredor, Peter abana a cabeça, enquanto olha para mim.

– Que é?!

– Não sei como é que consegues sempre obter o que queres.

– Pois, o que eu queria era realmente estar numa cela no quartel-general dos Eruditos. E também ser executada, claro.

Falo de alto, como se as execuções fizessem parte do meu dia a dia. Mas pronunciar a palavra «executada» faz-me estremecer. Finjo que estou com frio, apertando os braços com as mãos.

– E não foi o que aconteceu? – replica Peter. – Quer dizer, vieste de facto para cá por tua própria vontade.

Não me parece que tenhas um instinto de sobrevivência muito bom.

Peter digita alguns números num teclado que está junto a uma porta e abre-a. Entro na sala que está do outro lado da parede espelhada. A sala está cheia de ecrãs e de luz, que se reflete nas lentes dos óculos dos Eruditos. No outro lado da sala há uma porta que se fecha. Diante de um dos ecrãs está uma cadeira giratória que ainda roda. Houve alguém que acabou de sair.

Peter está muito perto de mim... pronto a imobilizar-me se eu decidir atacar alguém. Mas não vou atacar ninguém. Até onde é que poderia ir se o fizesse? Um, dois corredores? Depois acabaria por me perder. Não conseguiria sair daqui mesmo que não houvesse uma série de guardas a impedir-me de sair.

– Mostre-as ali – diz Jeanine, apontando para um ecrã maior existente na parede do lado esquerdo. Um dos cientistas-Eruditos toca nas teclas do seu computador e na parede aparece uma imagem. É o meu cérebro.

Não sei o que é que estou a ver. Sei como é a imagem de um cérebro e, em traços gerais, quais são as funções de cada uma das regiões do cérebro, mas não sei qual é a diferença entre o meu e os outros. Jeanine tamborila com os dedos no queixo e contempla a imagem durante muito tempo.

E diz, finalmente:

– Digam à menina Beatrice qual é a função do córtex pré-frontal.

– É a região do cérebro que fica atrás da testa, digamos assim – explica uma cientista. Não parece muito mais velha do que eu e os óculos redondos e grandes que usa tornam-lhe os olhos maiores. – Organiza os pensamentos e as ações para a pessoa alcançar os seus objetivos.

– Exatamente – diz Jeanine. – Digam-me agora o que observam no córtex pré-frontal lateral da menina Beatrice.

– É grande – diz um cientista que tem pouco cabelo.

– Especificamente – diz Jeanine, como se estivesse a repreendê-lo.

Estou numa aula, percebo agora, porque uma sala que tenha mais do que um Erudito transforma-se uma sala de aula. E Jeanine é, de entre todos, a professora mais apreciada. Estão todos a olhar para ela, com olhos muito abertos e muito ansiosos, de bocas abertas, prontos a impressioná-la.

– É muito maior do que a média – diz o homem que tem pouco cabelo, corrigindo-se.

– Já é melhor – declara Jeanine, inclinando a cabeça para o lado. – De facto, é o maior córtex pré-frontal lateral que vi até hoje. E no entanto o córtex órbito-frontal até é singularmente pequeno. O que é que estes dois factos indicam?

– O córtex órbito-frontal é o centro que gere as recompensas no cérebro. As pessoas que revelam um comportamento orientado para a obtenção de recompensas têm um córtex órbito-frontal maior – diz outro cientista. – E isso significa que a menina Beatrice tem um comportamento que não é muito orientado pela procura de recompensas.

– E não é só isso. – Jeanine esboça um sorriso. A luz azul que provém dos ecrãs faz brilhar as maçãs do rosto e a testa dela mas ensombra-lhe os olhos. – Isto não fornece apenas indicações sobre o comportamento dela, mas também sobre os seus desejos. Ela não se move pela obtenção de recompensas. Mas é extraordinariamente hábil a dirigir os pensamentos e as ações para os seus objetivos. O que explica a sua tendência para um comportamento nocivo mas altruísta, e talvez a sua capacidade para fugir às

simulações. Em que medida é que isto altera o nosso trabalho relativamente ao novo soro das simulações?

– Devemos pensar em eliminar alguma, mas não toda, da atividade do córtex pré-frontal – diz a cientista dos óculos redondos.

– Exatamente – diz Jeanine. Volta-se finalmente para mim, os olhos a brilharem de prazer. – Então é o que faremos. Menina Beatrice, isto correspondeu ao que esperava do nosso acordo?

Tenho a boca tão seca que até sinto dificuldade em engolir.

Que acontecerá se eliminarem a atividade do meu córtex pré-frontal? Se causarem estragos na minha capacidade de tomar decisões? E se este soro der resultado e eu ficar escrava das simulações como todos os outros? E se me esquecer inteiramente da realidade?

Não fazia a menor ideia de que toda a minha personalidade e todo o meu ser pudessem ser assim desconsiderados como simples subprodutos da minha anatomia. E se eu for na realidade apenas uma pessoa com um córtex pré-frontal muito grande... e nada mais?

– Sim – respondo. – Correspondeu.

*

Regresso em silêncio à minha cela, acompanhada por Peter. Voltamos à esquerda e vejo um grupo de pessoas na outra ponta do corredor. É o mais comprido dos corredores que percorremos, mas o que vejo faz diminuir a distância.

Tem dois Intrépidos traidores a segurá-lo pelos braços e uma pistola encostada à nuca – é Tobias, com sangue a escorrer-lhe de uma face e a manchar de vermelho a sua camisa branca. Tobias, Divergente como eu, prestes a ser lançado para esta fornalha em

que eu vou arder.

Peter agarra-me pelos ombros e segura-me.

– Tobias – sussurro, como se fosse o meu último suspiro.

O Intrépido traidor que tem a arma empurra Tobias na minha direção. Peter também tenta empurrar-me, mas os meus pés mantêm-se firmemente presos ao chão. Vim para cá para que mais ninguém morresse. Vim para cá para proteger o maior número possível de pessoas. E preocupa-me mais a segurança de Tobias do que a de qualquer outra pessoa. Portanto, porque é que eu estou aqui se ele também está? E para quê?

– Que foi que fizeste? – murmuro.

Ele está a poucos metros de mim mas não a uma distância que lhe permita ouvir-me. Quando passa por mim estende a mão. Agarra a minha e aperta-a. Aperta-a e larga-a. Tem os olhos vermelhos. E está lívido.

– Que foi que fizeste? – Desta vez, a pergunta já me sai da garganta como se fosse um rugido.

Lanço-me na direção dele, lutando contra as mãos de Peter que me apertam cada vez mais.

– Que foi que fizeste? – grito-lhe.

– Tu morres e eu morro, também – responde Tobias, olhando para mim por cima do ombro. – Pedi-te que não o fizesses. Tomaste a tua decisão. As consequências são estas.

E depois desaparece na esquina seguinte. O que eu vejo dele e dos Intrépidos traidores que o levam são o brilho do cano da pistola e o sangue que tem na orelha, devido a uma ferida que não lhe vi antes.

Quando ele desaparece, desaparece também o meu ânimo. Paro de me debater e deixo as mãos de Peter empurrarem-me para a minha cela. Caio no chão assim que entro, à espera de ver a porta fechar-se e de me libertar da presença de Peter. Mas não é o que acontece.

– Porque é que ele aqui veio? – pergunta Peter.

Olho para ele e respondo:

– Porque é idiota.

– Pois, parece que sim.

Encosto a cabeça à parede.

– Ele pensou que podia salvar-te? – Peter funga, divertido. – É mesmo coisa de quem nasceu Empata.

– Não me parece – replico. Se Tobias tinha a intenção de salvar-me, teria pensado melhor no assunto. E teria vindo acompanhado. Não entraria sozinho no quartel-general dos Eruditos.

Sinto os olhos a encherem-se-me de lágrimas e nem tento pestanejar para me ver livre delas. Em vez disso, deixo-as servirem-me de cortinas para olhar para o que me rodeia e que começa a tornar-se difuso. Nunca teria chorado na presença de Peter há alguns dias, mas agora já não me importo. Ele é o menos importante dos meus inimigos.

– Acho que ele veio morrer comigo – declaro. E levo a mão à boca para sufocar o choro. Se conseguir continuar a respirar poderei parar de chorar. Não precisava nem queria que ele morresse comigo. Queria que ele ficasse em segurança. *Que idiota*, penso, sem que o coração me acompanhe nessa opinião.

– Isso é ridículo – diz Peter. – Não faz nenhum sentido. Ele tem dezoito anos e há de encontrar outra namorada depois de tu morreres. E se não sabe isso é estúpido.

As lágrimas correm-me pelas faces, de início quentes e depois frias. Fecho os olhos.

– Se pensas que é só disso que se trata... – acrescento, tentando acalmar-me –... tu é que estás a ser estúpido.

– Pois. Está bem.

Os sapatos dele chamam quando ele se volta. Vai-se embora.

– Espera! – Levanto os olhos para a silhueta dele, cujo rosto até já tenho dificuldade em distinguir. – Que é que lhe vão fazer? O mesmo que estão a fazer-me a mim?

– Não sei.

– Podes tentar saber? – Limpo as faces com as mãos, sentindo-me frustrada. – Podes ao menos tentar saber se ele está bem?

– E porque é que eu havia de fazer isso? Porque é que eu hei de fazer alguma coisa por ti?

E a porta desliza e fecha-se.

Capítulo Trinta

Li não sei onde que o choro desafia as explicações científicas. Que as lágrimas servem apenas para lubrificar os olhos. E que não há um motivo real para as glândulas lacrimais produzirem um excesso de lágrimas no auge de uma emoção.

Mas eu penso que choramos para libertar a nossa parte animal sem perdermos a nossa humanidade. Porque dentro de mim está uma fera que rosna e ruga e se esforça por alcançar a liberdade, por recuperar Tobias e, acima de tudo, a vida. E por mais que tente eu não a posso matar.

E é por isso que choro, e com as mãos nos olhos.

*

Esquerda, direita, direita. Esquerda, direita, esquerda. Direita, direita. São as esquinas por onde voltamos, por esta ordem, do nosso ponto de partida – a minha cela – até ao nosso destino.

Desta vez é uma outra sala. Onde se encontra uma cadeira parcialmente reclinada, parecida com uma cadeira de dentista. Num canto estão um ecrã e uma secretária. E é aí que se encontra Jeanine.

– Onde é que ele está? – pergunto.

Há horas que espero pela oportunidade de fazer esta pergunta. Adormeci e sonhei que andava atrás de Tobias pelo quartel-general dos Intrépidos. Por mais depressa que eu corresse ele estava sempre muito à minha frente e eu só o via a desaparecer ao voltar de cada esquina, não conseguindo avistar mais do que uma manga ou o calcanhar de um sapato.

Jeanine deita-me um olhar intrigado. Mas ela não está intrigada. Está é a querer gozar-me.

– Tobias – digo-lhe, de qualquer modo. Tenho as mãos a tremer mas, desta vez, não é de medo. É de cólera. – Onde é que ele está? O que estão a fazer-lhe?

– Não vejo nenhum motivo para lhe dar essa informação – diz Jeanine. – E como já não beneficia de vantagem nenhuma, também não vejo que me possa dar um motivo para isso, salvo se quiser alterar os termos do nosso acordo.

Tenho vontade de gritar-lhe que é mais do que evidente que prefiro saber o que se passa com Tobias do que conhecer os pormenores da minha situação de Divergente, mas não o faço. Não posso tomar decisões apressadas. Ela fará o que entender com Tobias, independentemente de eu saber alguma coisa. É mais importante para mim compreender na totalidade o que se passa comigo.

Inspiro e expiro pelo nariz. Abano as mãos. Sento-me na cadeira.

– Que coisa interessante – diz Jeanine.

– Não devia estar a dirigir uma facção e a planear uma guerra? – pergunto. – O que é que está a fazer aqui, a aplicar testes a uma rapariga de dezasseis anos?

– Escolhe maneiras diferentes de se referir a si própria em função do que acha conveniente – diz ela, reclinando-se na cadeira. – Por vezes insiste que não é uma miúda e outras vezes insiste que é. Mas o que tenho curiosidade em saber é: como é que realmente se vê? De uma maneira ou da outra? Ou das duas? Ou de nenhuma delas?

Torno a minha voz seca e objetiva, como a dela, e respondo-lhe:

– Não vejo nenhum motivo para lhe dar essa informação.

Ouçó um ligeiro fungar desdenhoso. Peter está a

tapar a boca. Jeanine deita-lhe um olhar severo e o riso dele transforma-se rapidamente num acesso de tosse.

– Fazer troça é uma manifestação de infantilidade, Beatrice – afirma Jeanine. – Não lhe fica bem.

– *Fazer troça é uma manifestação de infantilidade, Beatrice* – repito, na minha melhor imitação da voz dela. – *Não lhe fica bem.*

– O soro – diz Jeanine a Peter. Peter avança e abre uma caixa preta que está em cima da secretária, de onde tira uma seringa já com uma agulha.

Depois dirige-se a mim e eu estendo a mão.

– Permitam-me – digo.

Peter olha para Jeanine, à espera de autorização, e ela responde:

– Está bem.

Ele passa-me a seringa e enfio a agulha de lado no pescoço, premindo o êmbolo. Jeanine carrega num botão com um dedo e tudo fica escuro.

*

A minha mãe está entre os assentos do autocarro, com o braço esticado para se poder agarrar ao varão por cima da cabeça. Está voltada não para as pessoas sentadas à minha frente mas para as várias zonas da cidade por onde passamos. Vejo-lhe rugas na testa e à volta da boca quando franze o sobrolho.

– Que se passa? – pergunto-lhe.

– Há tanta coisa para fazer – responde ela, com um gesto para as janelas do autocarro. – E somos tão poucos os que podemos fazê-las.

É óbvio o que ela está a dizer. Para lá das janelas do autocarro, o que vejo são lixo e destroços. Do outro lado da rua estão as ruínas de um prédio. Há fragmentos de vidro nos becos. Penso no que poderá ter causado tanta destruição.

– Onde vamos? – pergunto.

A minha mãe sorri-me e eu vejo-lhe novas rugas nos cantos dos olhos.

– Vamos ao quartel-general dos Eruditos – responde.

Franzo o sobrolho. Tenho passado a maior parte da minha vida a evitar o quartel-general dos Eruditos. O meu pai costumava dizer que nem sequer gostava de respirar o ar lá existente.

– Porque é que lá vamos?

– Porque eles nos vão ajudar.

Por que motivo é que sinto uma picada no estômago quando penso no meu pai? Vejo-lhe o rosto, marcado por uma vida de frustração provocada pelo mundo que o rodeia, e o cabelo que mantém curto por ser essa a prática dos Abnegados, e sinto o mesmo tipo de dor no estômago que sinto quando não como há muito tempo – é a dor causada pelo vazio.

– Aconteceu alguma coisa ao Pai? – pergunto.

A minha mãe abana a cabeça.

– Porque é que perguntas?

– Não sei – respondo.

Não sinto a dor quando olho para a minha mãe. Mas sinto que cada segundo que passamos assim tão próximas é uma coisa que deve ficar guardada na minha mente até a minha memória se adequar à sua forma. Mas se ela não é uma presença permanente, então é o quê?

O autocarro para e a porta abre-se com um rangido. A minha mãe dirige-se para a saída e eu sigo-a. É mais alta do que eu e quando olho em frente vejo as costas dela, entre os ombros, e não a cabeça. Parece uma pessoa frágil, mas não é.

Desço para o passeio. Piso estilhaços de vidro que se partem debaixo dos meus pés. São azuis e, a avaliar pelos buracos existentes no edifício à minha direita, são restos de janelas.

– O que aconteceu? – pergunto.

– Foi a guerra – responde a minha mãe. – Foi o que tentámos tanto evitar.

– E os Eruditos vão ajudar-nos... Mas de que maneira?

– Estou preocupada porque tudo o que teu pai tem dito sobre os Eruditos é para teu prejuízo – diz a minha mãe, suavemente. – Eles cometeram erros, claro, mas são uma mistura de bem e de mal, como toda a gente, e não são só bons nem só maus. O que seria de nós sem os nossos médicos, os nossos cientistas e os nossos professores?

E depois alisa-me o cabelo.

– Tem o cuidado de te lembrares disto, Beatrice.

– Terei – asseguro-lhe.

Continuamos a andar. Mas há qualquer coisa que me incomodou no que ela disse. Terá sido quando se referiu ao meu pai? Não – o meu pai está sempre a queixar-se dos Eruditos. Terá sido o que ela disse a respeito deles? Salto por cima de um grande fragmento de vidro. Não, não pode ser. Ela tinha razão quanto aos Eruditos. Todos os meus professores eram Eruditos, tal como o médico que tratou do braço da minha mãe quando ela o partiu há vários anos.

Foi a última parte. «Tem o cuidado de te lembrares disto.» Como se ela não tivesse oportunidade de me lembrar mais tarde.

Sinto que qualquer coisa se altera na minha mente. Parece que qualquer coisa que estava fechada se abriu agora.

– Mãe? – indago.

Ela olha para mim. Um caracol de cabelo louro cai-lhe do carrapito e toca-lhe na face.

– Adoro-te.

Aponto para uma janela à minha esquerda e ela explode. Cai sobre nós uma chuva de partículas de

vidro.

Como não quero acordar numa sala do quartel-general dos Eruditos não abro logo os olhos, nem mesmo quando a simulação começa a dissipar-se. Tento conservar por mais tempo a imagem da minha mãe e do cabelo que lhe cai sobre a face. Mas quando já só vejo o vermelho das minhas próprias pálpebras acabo por abrir os olhos.

– Vai ter de fazer melhor do que isto – digo a Jeanine.

E ela replica-me:

– Mas isto foi só o começo.

Capítulo Trinta e Um

À noite sonho não com Tobias ou com Will mas com a minha mãe. Estamos no pomar dos Cordiais, cheio de maçãs maduras que pendem das árvores mesmo por cima das nossas cabeças. As folhas desenham-lhe sombras no rosto e está vestida de preto, apesar de eu nunca a ter visto com essa cor enquanto era viva. Ensina-me a fazer uma trança, demonstrando-o com um caracol do seu próprio cabelo, rindo-se quando os meus dedos se atrapalham.

Acordo a pensar no facto de nunca ter notado, apesar de me sentar todos os dias à frente dela durante o pequeno-almoço, que a minha mãe era animada pela energia própria dos Intrépidos. Terá sido por ela dissimular tão bem? Ou por eu estar distraída?

Enfio a cara no colchão fino em que durmo. Nunca conhecerei suficientemente bem a minha mãe. Mas pelo menos ela nunca saberá o que eu fiz a Will. Nesta altura, acho que não aguentaria que ela o soubesse.

Ainda estou a pestanejar para tentar afastar a névoa de sono que me prende os olhos quando sigo Peter pelo corredor fora, segundos ou minutos depois, já nem sei bem..

– Peter – digo. A garganta arde-me. Devo ter gritado enquanto dormia. – Que horas são?

Ele usa relógio, mas o mostrador está tapado e eu não consigo ver. E ele nem sequer olha para o relógio.

– Porque é que andas sempre a escoltar-me de um lado para o outro? – pergunto-lhe. – Não há uma atividade depravada qualquer a que devias estar a dedicar-te? A dar pontapés em cachorrinhos ou a espiar

raparigas enquanto elas se vestem, ou qualquer coisa dessas?

– Estou a par do que fizeste ao Will, sabes? Não finjas que és melhor do que eu porque tu e eu somos exatamente iguais.

A única coisa que distingue um corredor de outro é o seu comprimento. E eu decido designá-los de acordo com os passos que dou antes de virar uma esquina. Dez passos. Quarenta e sete. Vinte e nove.

– Estás enganado – digo-lhe. – Podemos ser ambos maus mas há uma diferença enorme entre nós: eu não fico satisfeita por ser assim.

Peter funga enquanto passamos por entre as mesas do laboratório dos Eruditos. É nessa altura que percebo onde estou e para onde vamos: outra vez para a mesma sala que Jeanine me mostrou. A sala onde serei executada. Tremo tão violentamente que até sinto os dentes a chocarem uns nos outros, e tenho dificuldade em continuar a andar e em pensar como deve ser. Digo para mim própria: *É só mais uma sala. Uma sala como todas as outras.*

Mas que mentirosa que sou.

Desta vez, a sala onde serei executada não está deserta. Vejo quatro Intrépidos traidores agrupados num canto e dois Eruditos, uma mulher de pele escura e um homem mais velho, ambos de batas brancas, ao lado de Jeanine, que está junto da mesa de metal no centro da sala. Há também várias máquinas à volta da mesa, já ligadas e com fios espalhados por todo o lado.

Não sei para que servem as restantes máquinas mas uma delas é um monitor cardíaco. Que está Jeanine a planear que exige um monitor cardíaco?

– Deitem-na em cima da mesa – diz Jeanine, com uma voz de aborrecimento. Olho por instantes para o tampo de metal que me espera. E se ela mudou de ideias quanto ao momento da minha execução? E se é

este o momento em que vou morrer? As mãos de Peter fecham-se em torno dos meus braços e eu debato-me com todas as minhas forças.

Mas ele levanta-me, esquivando-se aos pontapés que tento dar-lhe e deita-me com força em cima da mesa, tirando-me o fôlego. A arfar, atiro um punho para tentar atingir qualquer alvo e consigo acertar no pulso de Peter. Ainda pestaneja, mas já os outros Intrépidos traidores se apressam a vir ajudá-lo.

Um deles segura-me os tornozelos e os outros os ombros enquanto Peter passa correias por cima de mim para me imobilizar. Retraio-me devido à dor que sinto no ombro ferido e paro de debater-me.

– Que raio é isto? – pergunto, levantando o pescoço para olhar para Jeanine. – Nós combinámos... cooperação em troca de resultados! Nós *combinámos*...

– Isto é completamente à margem do nosso acordo – declara Jeanine, a olhar para o relógio. – Nada disto tem a ver consigo, Beatrice.

A porta volta a abrir-se.

E Tobias entra – a coxear – na sala, enquadrado por Intrépidos traidores. Tem nódoas negras no rosto e um corte por cima de uma sobrancelha. Não se mexe como é habitual mas movimenta-se de uma maneira muito rígida. Deve estar magoado. Tento não pensar no que lhe terão feito para o porem nesse estado.

– O que é isto? – pergunta ele, numa voz rouca e trémula.

Deve ter a voz assim por ter estado a gritar.

E eu sinto a minha garganta a ficar inchada.

– Tris – diz Tobias, tentando dirigir-se para mim sem que os Intrépidos traidores o permitam, agarrando-o antes de ele conseguir dar mais do que alguns passos. – Tris, estás bem?

– Sim – respondo. – E tu?

Diz que sim, com a cabeça. Mas eu não acredito.

– Mais do que estarmos a perder mais tempo, senhor Eaton, pensei em enveredar pela abordagem mais lógica. Seria preferível o soro da verdade, claro, mas levaríamos dias a forçar o Jack Kang a dar-nos algum, visto que é guardado muito zelosamente pelos Cândidos que o querem só para eles, e eu não estou disposta a perder dias nisto. – Jeanine dá um passo em frente com uma seringa na mão. O soro que está no interior tem uma coloração cinzenta. Pode ser uma nova versão do soro das simulações, mas duvido que assim seja.

Fico a pensar em quais poderão ser os seus efeitos. Não podem ser bons, se ela está assim tão satisfeita consigo própria.

E Jeanine continua, a olhar para ele:

– Dentro de segundos injetarei a Tris com este líquido. Nesta altura, penso eu, os seus instintos altruístas vão controlá-lo e dir-me-á exatamente o que eu preciso de saber.

– O que é que ela precisa de saber? – pergunto, interrompendo-a.

– Informações sobre os refúgios dos sem-faço – responde Tobias, sem olhar para mim.

Abro muito os olhos. Os sem-faço são a última esperança de todos nós, agora que metade dos Intrépidos leais e todos os Cândidos estão expostos às simulações, e metade dos Abnegados estão mortos.

– Não lhe dêssas informações. Eu vou morrer, seja como for. Não lhe dêss nada.

– Recorde-me, senhor Eaton – torna Jeanine. – O que fazem as simulações dos Intrépidos?

– Isto não é uma aula – responde Tobias, através dos dentes cerrados. – Diga-me o que vai fazer.

– Fá-lo-ei se responder à minha pergunta, que é tão simples.

– Está bem. – Tobias olha para mim. – As simulações estimulam a amígdala, que é responsável pelo

processamento da impressão do medo, induzem uma alucinação baseada nesse medo e depois transmitem esses dados a um computador, onde são processados e examinados/estudados.

É dito de tal modo que ele parece ter memorizado a descrição há muito tempo. E talvez o tenha feito, depois de ter passado muito tempo a dirigir as simulações.

– Muito bem – diz Jeanine. – Quando eu estava a desenvolver as simulações para os Intrépidos, há alguns anos, descobrimos que certos níveis de potência podiam dominar o cérebro e torná-lo demasiado insensível, por via do terror, para conseguir inventar novos ambientes, e foi nessa altura que diluimos a solução para que as simulações fossem mais instrutivas. Mas ainda me lembro como se faz.

Jeanine toca na seringa com a unha.

– O medo – acrescenta – é mais forte do que a dor. Portanto, há alguma coisa que queira dizer antes de eu injetar a menina Beatrice?

Tobias comprime os lábios.

E Jeanine enfia a agulha em mim.

*

Começa de mansinho, apenas com o bater de um coração. De início não tenho a certeza de qual seja o coração que estou a ouvir porque está demasiado longe para poder ser o meu. Mas depois percebo que é realmente o meu e que está a acelerar cada vez mais.

Sinto o suor que se forma nas palmas das minhas mãos e por detrás dos meus joelhos.

E depois tenho de abrir muito a boca para poder respirar.

É nessa altura que ouço os gritos

E

Não consigo

Pensar.

*

Tobias está a lutar com os Intrépidos traidores que se encontravam junto à porta.

Ouçõ o que parece ser o grito de uma criança ao meu lado e esforço-me por rodar a cabeça para perceber de onde ele vem mas só vejo um monitor cardíaco. Por cima de mim as linhas entre as placas que formam o teto estão a contorcer-se e a girar como se fossem animais monstruosos. O ar cheira a carne putrefacta e eu sinto vômitos. Os monstros adquirem formas mais definidas – são aves, corvos de bicos tão grandes como os meus antebraços e asas tão negras que parecem engolir a luz do dia.

– Tris! – chama Tobias. Deixo de olhar para os corvos.

Tobias está à porta, onde estava quando eu fui injetada, mas agora tem uma faca. Segura-a diante dele e volta-a, pondo a ponta da lâmina virada para o próprio estômago. Depois aproxima-a de si, encostando a ponta ao estômago.

– Que vais tu fazer? Para!

Tobias sorri-me ligeiramente e responde-me:

– Estou a fazer isto por ti.

Depois faz força com a faca, lentamente, e vejo o sangue que lhe mancha a bainha da camisa. Sinto vômitos e tento libertar-me das correias que me prendem à mesa. «Não, para!», continuo a gritar enquanto me debato. Se fosse uma simulação eu já teria conseguido libertar-me, o que significa que não é, e que é tudo verdade. Grito e ele enfia a faca no estômago até ao cabo. Depois cai e o seu sangue alastra rapidamente pelo chão e rodeia-o. As aves-sombra voltam os olhos redondos para Tobias e caem sobre ele num tornado de

asas e de garras, começando a dar-lhe bicadas na pele. Consigo ver-lhe os olhos por entre o turbilhão de penas e percebo que ainda está consciente.

Uma das aves pousa nos dedos que ainda estão a segurar na faca. Ele agita-a, de novo, e ela cai no chão, e eu devia desejar que ele estivesse morto, mas sou egoísta e não consigo fazê-lo. Levanto as costas da mesa e contraio todos os músculos e a garganta dói-me, pressionada por um grito que já não se transforma em palavras e que não para.

*

– Sedativo – ordena uma voz austera.

Sinto outra picada no pescoço e o meu coração começa a bater mais devagar. Choro de alívio. É a única coisa que consigo fazer durante alguns instantes.

O que eu passei não foi medo. Foi outra coisa: uma emoção que não devia existir.

– Larguem-me – diz Tobias, com uma voz que ainda parece mais rouca. Pisco os olhos muito depressa para o poder ver por entre as lágrimas. Tem marcas vermelhas nos braços, de estar a ser agarrado pelos Intrépidos traidores, mas não está a morrer. Está vivo. – É a única maneira de vos dizer o que querem saber: se me largarem.

Jeanine acena afirmativamente com a cabeça e ele corre para junto de mim. Agarra-me uma mão e acaricia-me o cabelo com a outra mão. Os dedos dele ficam molhados das minhas lágrimas. Mas não os limpa. Curva-se para mim e pousa a testa dele na minha.

– Quanto aos refúgios dos sem-faço... – diz, com ar indiferente, mantendo o rosto encostado ao meu. – Tragam-me um mapa para eu os assinalar.

A testa dele está fria e seca. Os meus músculos doem-

me, talvez por ter estado presa pelas correias durante o tempo em que Jeanine fez o soro percorrer-me o corpo.

Tobias ergue-se, deixando os dedos enlaçados nos meus até ao momento em que os Intrépidos traidores o arrancam de junto de mim para o levarem para qualquer outro sítio. A mão que ele segurava cai pesadamente em cima da mesa. Já não quero lutar com as correias que me prendem. Quero é dormir.

– Já que estão aqui... – diz Jeanine depois de Tobias e os seus guardas se irem embora. Levanta a cabeça e olha para os dois Eruditos. – Vão buscá-lo e tragam-no cá. Já é altura.

Depois volta-se para mim.

– Enquanto estiver a dormir, vamos iniciar um processo que nos permitirá observar algumas particularidades do seu cérebro. Não será invasivo. Mas antes disso... Eu garanti-lhe que seria tudo completamente transparente. Por isso acho que é justo que saiba quem é que tem estado a apoiar-me nesta minha iniciativa. – Jeanine sorri. – E quem foi que me disse quais foram as três fações para que foste considerada apta, e qual era a nossa hipótese melhor de te fazer vir cá e de pôr a tua mãe na simulação mais recente para a tornar mais eficaz.

Jeanine olha para a porta enquanto o sedativo começa a fazer efeito, tornando tudo gradualmente nebuloso. Olho por cima do ombro e, apesar do estado de confusão em que as drogas me mergulham, consigo vê-lo:

Caleb.

Capítulo Trinta e Dois

Acordo com a cabeça a doer-me. Tento voltar a adormecer – pelo menos sinto-me calma quando estou a dormir – mas a imagem de Caleb, parado à porta, repete-se interminavelmente na minha mente com o crocitar dos corvos por pano de fundo.

Porque é que nunca me interroguei sobre o facto de Eric e Jeanine saberem que eu estava apta para pertencer a três fações?

Porque é que nunca me ocorreu que só havia três pessoas que o sabiam e que essas pessoas eram Tori, Caleb e Tobias?

O meu coração está a bater com muita força. Não consigo perceber. Não sei o que poderia levar Caleb a trair-me. E quando é que isso teria acontecido? Depois do ataque desencadeado pela simulação? Depois da fuga do complexo dos Cordiais? Ou foi antes disso, quando o meu pai ainda era vivo? Caleb disse-nos que deixou os Eruditos quando descobriu o que eles andavam a planear. Estaria já a mentir?

Deve ter estado. Levo a mão à testa. O meu irmão preferiu mesmo a facção ao sangue. Teve de haver um motivo muito forte para isso. Jeanine deve tê-lo ameaçado. Ou coagido por outro meio qualquer.

A porta abre-se. Mas eu não levanto a cabeça nem abro os olhos.

– Empata. – É Peter. Só pode ser.

– Sim. – Quando tiro a mão da testa, um dos meus caracóis cai-me para a cara. Olho para esse pedaço de cabelo pelo canto do olho. O meu cabelo nunca esteve tão gorduroso como agora.

Peter pousa uma garrafa de água e uma sanduíche junto à cama. A ideia de comer, neste momento, causa-me náuseas.

– Estás em morte cerebral ou quê? – insiste ele.

– Não me parece.

– Não estejas tão certa.

– Ah-ah – replico. – Há quanto tempo é que estou a dormir?

– Há cerca de um dia. Tenho de levar-te ao balneário.

– Se disseres alguma coisa sobre eu estar mesmo necessitada de um banho, furo-te um olho – declaro, com uma voz fatigada.

A cela começa a andar à volta quando levanto a cabeça, mas consigo tirar as pernas da cama e ficar de pé. Peter e eu dirigimo-nos para o corredor. Quando viramos a esquina para as casas de banho vemos várias pessoas ao fundo.

Uma dessas pessoas é Tobias. Percebo onde é que vamos cruzar-nos, entre o ponto onde eu estou agora e a porta da minha cela. Olho em frente, não para ele mas para o ponto em que ele estenderá a mão à procura da minha, como fez na última vez em que nos cruzámos. Sinto um formigueiro de expectativa na pele. Tocarei nele outra vez pelo menos por um momento.

Seis passos até nos cruzarmos. Cinco.

Ao quarto, no entanto, Tobias para. O corpo dele fica de repente frouxo, apanhando desprevenido o guarda Intrépido que está a segurá-lo. O guarda solta-o, por um segundo, e Tobias cai.

Mas depois dá meia volta. E atira-se para a frente. Deita a mão à pistola que estava no coldre do Intrépido traidor mais baixo.

A arma dispara-se. Peter atira-se para o lado direito, arrastando-me. Bato com cabeça na parede. A boca do guarda está aberta – deve estar a gritar. Mas eu não o ouço.

Tobias dá-lhe um pontapé com força no estômago. A Intrépida que há em mim admira-lhe a forma – perfeita – e a velocidade – que é incrível. E depois ele volta-se, a apontar a arma a Peter. Que entretanto já me largou.

Tobias deita a mão ao meu braço esquerdo, ajuda-me a levantar e começa a correr. Sigo-o, aos tropeções. Cada vez que ponho um pé no chão sinto a dor a atravessar-me a cabeça. Mas não posso parar. Pisco os olhos para afastar as lágrimas. *Corre!*, ordeno a mim própria, como se isso tornasse tudo mais fácil. A mão de Tobias é forte e áspera. Deixo-a guiar-me. Voltamos numa esquina.

– Tobias – murmuro, já sem fôlego.

Tobias para e olha para mim.

– Oh, não... – diz, acariciando-me a face. – Vamos. Às cavalitas.

Curva-se e eu ponho os braços à volta do pescoço dele, enterrando o rosto entre as omoplatas. Tobias levanta-me sem dificuldade e segura a minha perna com a mão esquerda. A direita ainda empunha a arma.

Depois começa a correr e, apesar do meu peso, move-se rapidamente. E eu penso, como se isso fosse o mais importante de tudo: *Como é que ele podia ser um Abnegado?!* Parece ter sido concebido apenas para ser rápido e para conseguir obter uma precisão mortífera. Mas não é muito forte. É inteligente mas não é muito forte, apenas o suficiente para me transportar às costas.

Os corredores agora estão vazios, mas por pouco tempo. Não faltará muito para que todos os Intrépidos existentes no edifício nos ataquem vindos de todos os lados e nós ficaremos encurralados neste labirinto quase branco. Gostava de saber como é que Tobias tenciona escapar-lhes.

Quando levanto a cabeça, vejo que ele passou por uma saída sem a aproveitar.

– Tobias, deixaste-a passar.

– Deixei... o quê? – replica, com a voz entrecortada pelo esforço.

– Uma saída.

– Não estou a tentar a fugir. Seríamos mortos se o fizéssemos – responde. – Estou... a tentar encontrar uma coisa.

Pensaria que poderia estar no meio de um sonho, se a cabeça não me doesse tanto. Normalmente, só os meus sonhos é que fazem tão pouco sentido. Porque é que ele quis trazer-me se não fosse para tentarmos escapar? E que está ele a fazer senão a tentar fugir?

Tobias para de repente, deixando-me quase cair, ao chegar a um corredor mais largo com painéis de vidro nas paredes que mostram vários gabinetes. Os Eruditos estão imóveis, nas suas secretárias, a olhar para nós. Mas Tobias nem lhes liga. Os olhos dele, tanto quanto consigo perceber, estão postos na porta existente no fundo do corredor, que tem um letreiro onde se lê «CONTROLO-A».

Tobias examina bem o local e depois dispara sobre a câmara que existe no teto, à nossa direita. A câmara cai. Depois faz o mesmo à câmara do lado esquerdo. A lente estilhaça-se.

– É altura de pararmos – avisa. – Garanto que agora não há mais correrias.

Desço das costas dele e seguro-lhe a mão. Tobias dirige-se a uma porta fechada por onde já passámos e que se abre para uma pequena arrecadação. Fecha a porta e entala uma cadeira partida por baixo da maçaneta. Olho para ele, com as costas apoiadas a uma estante cheia de resmas de papel. Por cima de nós a luz azul pisca. Os olhos de Tobias examinam-me o rosto quase com avidez.

– Temos pouco tempo e por isso vou ser muito direto – declara.

Faço que sim com a cabeça.

– Eu não vim cá numa missão suicida – afirma. – Vim por dois motivos: o primeiro foi para localizar as duas salas de controlo central dos Eruditos para, quando atacarmos, sabermos o que devemos destruir em primeiro lugar, para nos livrarmos de todos os dados das simulações, evitando assim que possam ativar os transmissores dos Intrépidos.

Isto já explica porque andámos a correr sem fugirmos. E já demos com uma sala de controlo no fundo do corredor.

– O segundo motivo – continua, pigarreando – foi ter a certeza de que te aguentavas, porque temos um plano.

– Que plano?

– Segundo uma das pessoas que temos cá dentro, a tua execução está prevista para daqui a duas semanas – explica Tobias. – Pelo menos, é esse o objetivo temporal da Jeanine para as novas simulações à prova de Divergentes. Portanto, daqui a catorze dias, os sem-faço, os Intrépidos leais e os Abnegados que estiverem dispostos a lutar atacarão o complexo dos Eruditos e apoderar-se-ão da melhor arma que eles têm: o sistema informático. Isto significa que ficaremos em vantagem numérica sobre os Intrépidos traidores e, portanto, sobre os Eruditos.

– Mas disseste à Jeanine onde são os refúgios dos sem-faço.

– Pois. – Tobias franze o sobrolho. – Isso é um problema. Mas como ambos sabemos, muitos dos sem-faço são Divergentes e grande parte deles já estava a caminho do setor dos Abnegados quando eu me vim embora, e por isso só alguns refúgios é que serão afetados. Eles ainda contarão com muita gente para a ofensiva.

Duas semanas. Será que conseguirei aguentar duas semanas disto? Já estou tão cansada que me é difícil

ficar de pé sozinha. E mesmo a libertação com que Tobias me acena me parece pouco interessante. Eu não quero libertar-me. Quero é poder dormir. E que isto chegue ao fim.

– Eu não... – Quase sufoco nas palavras antes de começar a chorar. – Eu não consigo... fazer isto... durante tanto tempo.

– Tris – insiste Tobias com firmeza. Nunca se mostra meigo. E eu bem gostaria de que ele, por uma vez, fosse meigo comigo. – Tem de ser. Tens de o fazer e de sobreviver.

– Mas porquê? – A pergunta forma-se dentro do meu estômago e sai-me dos lábios como um gemido. Tenho vontade de lhe bater com os punhos no peito, como uma criança no meio de uma birra. As lágrimas correm-me pelas faces e sei que estou a ser ridícula mas não consigo parar. – Porquê? Porque é que não pode ser outra pessoa a fazer isto, para variar? E se eu não quiser continuar a fazer isto?

E isto é a vida. Percebo que não a quero. Quero os meus pais e há semanas que anseio por eles. Tenho estado a tentar regressar para junto deles, e agora estou tão próxima e ele está a dizer-me que não.

– Eu sei. – Nunca lhe ouvi tanta suavidade na voz como neste momento. – Eu sei que é muito difícil. E que é a coisa mais difícil que já tiveste de fazer.

Abano a cabeça.

– Não te posso obrigar. Não te posso obrigar a queres sobreviver a isto. – Tobias puxa-me para ele e passa a mão pelo meu cabelo, ajeitando-o por detrás da minha orelha. Os dedos dele deslizam pelo meu pescoço e depois pelo meu ombro. – Mas vais fazê-lo. Não interessa se acreditas que consegues ou não. Vais fazê-lo porque isto é o que tu és.

Liberto-me dele e depois aplico os meus lábios aos dele, não suavemente nem com hesitação. Beijo-o como

costumava beijá-lo, quando estava segura de nós, acariciando-lhe as costas e depois os braços como costumava fazer.

Não quero dizer-lhe a verdade: que ele está enganado e que eu não quero sobreviver a isto.

A porta abre-se. A arrecadação enche-se de Intrépidos traidores. Tobias recua, volta a arma e oferece-a, com a coronha para fora, ao Intrépido traidor que está mais próximo.

Capítulo Trinta e Três

– Beatrice.

Acordo sobressaltada. A sala onde agora me encontro – para uma experiência qualquer das que querem fazer em mim – é maior e tem ecrãs ao longo da parede do fundo e luzes azuis pouco acima do chão e filas de bancos compridos almofadados no centro. Estou sentada no banco mais longe da porta com Peter junto ao meu ombro esquerdo e a cabeça encostada à parede. Ainda continuo cheia de sono.

E agora ainda mais desejo que não me tivessem acordado. Caleb está a poucos metros de mim, com o peso do corpo assente num só pé e numa postura que revela a sua incerteza.

– Mas alguma vez terás deixado realmente os Eruditos? – pergunto-lhe.

– Não é tão simples como isso – começa Caleb – porque...

– Para mim, é simples. – Tenho vontade de gritar-lhe mas a minha voz sai-me da boca sem nenhuma inflexão. – Em que altura é que traíste a tua família? Foi antes de os nossos pais morrerem ou depois?

– Fiz o que tinha a fazer. Achas que compreendes isto, Beatrice, mas não compreendes. Toda esta situação... é uma coisa muito maior do que o que pensas. – Os olhos dele fitam-me como se me implorassem que eu percebesse mas o tom já o conheço: é o que ele empregava quando éramos mais novos e me repreendia. É o som da sua condescendência.

A arrogância é um dos defeitos da mente dos

Eruditos. E eu sei que é, porque me acontece com frequência.

Mas a ganância é outro. E esse defeito não o tenho. Estou portanto, como sempre, com um pé dentro e outro fora.

Levanto-me e insisto:

– Ainda não respondeste à minha pergunta.

Caleb recua.

– Isto não tem a ver com os Eruditos, mas com toda a gente – afirma. – Com todas as fações. E com a cidade. E com o que existe no outro lado da vedação.

– Não me interessa – declaro. Mas não é verdade. A frase «no outro lado da vedação» cria-me um formigueiro na cabeça. No outro lado?! Como é que tudo isto pode ter a ver com o que existe no outro lado?

Há qualquer coisa que me inquieta o pensamento. Marcus disse que a informação que os Abnegados possuíam tinha levado Jeanine a atacá-los. Essa informação terá a ver com o «outro lado»?

Afasto essa dúvida do meu pensamento, para já.

– Pensava que só te interessavam os factos. E a liberdade de informação? E *este* facto, Caleb? *Quando...* – sinto a voz a tremer – é que traíste os nossos pais?

– Fui sempre Erudito – responde Caleb, suavemente. – Mesmo quando devia ser Abnegado.

– Se alinhaste com a Jeanine, odeio-te. Como o nosso pai te odiaria.

– O nosso pai... – Caleb dá uma pequena risada de troça. – O nosso pai *era* Erudito, Beatrice. Disse-mo a Jeanine. Estavam no mesmo ano, na escola.

– Ele não era Erudito – replico, segundos depois. – Ele decidiu deixá-los. Optou por uma identidade diferente, como tu, e tornou-se outra coisa. Tu é que escolheste este... mal.

– Falas como uma verdadeira Intrépida – diz Caleb, abruptamente. – Ou se é uma coisa ou se é outra. Não

há meio termo. Mas o mundo não funciona dessa maneira, Beatrice. O mal depende da posição que se assume.

– Independentemente da posição que eu assuma, continuo a pensar que o controlo mental de toda a população de uma cidade é um ato de maldade. – Sinto o lábio a tremer. – E também penso que é um ato de maldade entregar a própria irmã para ser picada e testada e depois executada!

Ele é meu irmão, mas quero desfazê-lo.

Mas em vez de tentar, dou por mim a sentar-me, outra vez. Nunca o poderei magoar o suficiente para fazer com que a sua traição deixe de me magoar. E o certo é que me magoa *mesmo*, e por todo o corpo. Acabo por levar os dedos ao peito, para o massajar, tentando afastar a tensão dolorosa que aí sinto.

Jeanine e o seu exército de cientistas Eruditos e de Intrépidos traidores entram quando eu estou a limpar as lágrimas do rosto. Pisco os olhos rapidamente para ela não as ver. Mas ela, também, mal olha para mim.

– Vamos ver os resultados, pode ser? – diz Jeanine. Caleb, que está junto dos ecrãs, prime qualquer coisa que está na parte da frente da sala e os ecrãs iluminam-se e revelam palavras e números que eu não compreendo.

– Descobrimos uma coisa extremamente interessante, menina Beatrice – declara Jeanine. Nunca a vi tão radiante como hoje. E até parece que vai sorrir. – Você tem uma abundância de um tipo específico de neurónio chamado neurónio-espelho. Alguém pode explicar à menina Beatrice qual é o papel dos neurónios-espelho?

Os cientistas Eruditos levantam todos a mão. E Jeanine aponta para uma mulher mais velha na primeira fila.

– Os neurónios-espelho começam a funcionar tanto quando uma pessoa desempenha uma ação como

quando alguém vê outra pessoa desempenhar essa ação. Eles permitem-nos imitar comportamentos.

– E por que outras coisas é que são também responsáveis? – Jeanine observa os seus «alunos» da mesma maneira que os meus professores faziam no Nível Superior da escola. Outro Erudito levanta uma mão.

– Pela aprendizagem da linguagem, pela compreensão das intenções das outras pessoas com base no comportamento delas e... hmm... – O Erudito franze o sobrolho. – Pela empatia.

– Mais especificamente – diz Jeanine e, desta vez, ela já me deita um sorriso largo que lhe enrugam as faces –, uma pessoa que tenha muitos neurónios-espelho que sejam fortes pode ter uma personalidade flexível, sendo capaz de imitar os outros na perfeição quando a situação o exige, em vez de se manter constante.

Estou a perceber-lhe o sorriso. Sinto que me está a abrir a cabeça e a pôr cá para fora todos os segredos que aí guardo para eu os ver bem.

– Uma personalidade flexível – prossegue Jeanine – terá possivelmente aptidão para mais do que uma facção, não será, menina Beatrice?

– Possivelmente – respondo. – Assim, se pudesse arranjar uma simulação capaz de suprimir essa capacidade, poderíamos pôr fim a isto.

– Cada coisa a seu tempo. – Jeanine faz uma pausa. – Confesso que me faz alguma confusão vê-la tão ansiosa por ser executada.

– Não, não faz – declaro, fechando os olhos. – Não lhe faz confusão nenhuma. – Suspiro. – E agora posso voltar para a minha cela?

Devo parecer-lhe indiferente, mas de facto não estou. Só quero é regressar à minha cela para poder chorar à vontade. E de preferência sem que ela o saiba.

– Não pense que vai lá ficar por muito tempo –

replica Jeanine, num tom de voz excitado, que revela bem a sua alegria. – Vamos ter em breve um novo soro de simulação para testar.

– Pois, está bem – digo-lhe.

*

Uma mão abana-me o ombro. Acordo num sobressalto, esbugalhando os olhos a tentar ver o que se passa e dou com Tobias ajoelhado a meu lado. Veste um blusão dos Intrépidos traidores e um dos lados da cabeça está cheio de sangue, que escorre de uma ferida na orelha – a que falta a parte de cima. Até me retraio.

– O que é que aconteceu? – pergunto-lhe.

– Levanta-te. Temos de nos apressar.

– Ainda é cedo. Não passaram as duas semanas.

– Não tenho tempo para explicar. Anda.

– Oh, meu Deus. Tobias... – Sento-me e abraço-o, mergulhando o rosto no pescoço dele. Os braços de Tobias rodeiam-me e apertam-me com força. O meu corpo é invadido por uma onda de calor e por uma sensação de conforto. Ele está comigo e isso significa que estou em segurança. As minhas lágrimas tornam-lhe a pele escorregadia.

Tobias põe-se em pé e ajuda-me a levantar-me, fazendo-me doer o meu ombro magoado.

– Já estão reforços a caminho, que vão chegar em breve. Vamos.

Deixo-o guiar-me para fora da cela. Percorremos o primeiro corredor sem dificuldade, mas no segundo deparamo-nos com dois guardas Intrépidos, um homem jovem e uma mulher de meia-idade. Tobias dispara por duas vezes em poucos segundos e acerta nos dois, a ele na cabeça e a ela no peito. A mulher cai encostada à parede, mas não morre.

Continuamos a avançar. Um corredor, depois outro, e

todos parecidos. A mão de Tobias nunca deixa de agarrar a minha com força. Sei que se ele consegue atirar uma faca com tanta precisão que só me toca na ponta de uma orelha, também consegue disparar com pontaria contra os soldados-Intrépidos que tentam deter-nos. Passamos por cima de corpos caídos – que devem ser os guardas que Tobias matou quando foi ter comigo – e chegamos finalmente a uma saída de emergência.

Tobias solta-me a mão para abrir a porta e o alarme de incêndio dispara, com um som estridente que me fere os ouvidos, e continuamos a correr. Estou com dificuldade em respirar, mas não me importo, já que estou prestes a escapar e quando este pesadelo está finalmente a chegar ao fim. Sinto, no entanto, que tenho a visão a ficar obscurecida e agarro-me com força ao braço de Tobias, confiando que ele me ajude a descer as escadas em segurança.

Quando já não encontro mais degraus abro os olhos. Tobias está prestes a abrir a porta por onde vamos sair, mas eu travo-lhe o gesto.

– Tenho... de... respirar... – balbucio.

Ele para e eu ponho as mãos nos joelhos, curvando-me. O ombro ainda me dói. Levanto a cabeça e olho para ele, franzindo o sobrolho.

– Vá, vamos sair daqui – insiste ele.

O meu estômago afunda-se. Observo-lhe os olhos. São azuis-escuros, com uma pequena zona mais clara na íris direita.

Pego-lhe no queixo e puxo os lábios dele para os meus, beijando-o lentamente e suspirando ao largá-lo.

– Não podemos sair daqui – afirmo – porque isto é uma simulação.

Tobias ajudou-me a levantar puxando-me pela mão direita. O verdadeiro Tobias ter-se-ia lembrado da ferida no meu ombro.

– O que é? – pergunta, com um olhar de censura. – Não achas que eu saberia se estivesse sujeito a uma simulação?

– Mas tu não estás sujeito a uma simulação. Tu és a simulação – respondo, olhando depois para cima e subindo o tom de voz. – Tem de fazer melhor do que isto, Jeanine.

E agora o que eu tenho de fazer é despertar, e sei como fazê-lo. Já o fiz, na minha paisagem dos medos, quando parti um tanque de vidro apenas com o toque da minha mão ou quando fiz aparecer uma pistola no meio da relva para disparar sobre os corvos que iam cair sobre mim. Tiro uma faca do bolso – uma faca que há poucos instantes não tinha – e mando a minha perna ficar tão rijá como diamante.

E depois forço a faca contra a minha perna e a lâmina dobra-se.

*

Acordo com lágrimas nos olhos. Ao som do grito de frustração de Jeanine.

– Que se passa?! – Deita a mão à pistola de Peter e atravessa a sala, encostando o cano à minha testa. O meu corpo fica inteiriçado e sinto frio. Mas ela não vai disparar. Eu sou um problema que ela não consegue resolver. E não vai disparar.

– O que é que a faz perceber? Diga-me. Diga-me ou mato-a.

Endireito-me lentamente, levantando-me da cadeira e empurrando a testa contra o cano frio da arma.

– Pensa que vou dizer-lhe?! – replico. – Pensa que acredito que me matará sem sequer tentar descobrir a resposta a essa pergunta?

– Que rapariga tão estúpida – diz Jeanine. – Pensa que isto só tem a ver consigo ou com o seu cérebro

anormal? Isto não tem a ver consigo. Nem comigo. Isto tem a ver com a necessidade de manter esta cidade em segurança, e livre daqueles que querem transformá-la num inferno!

Reúno o que resta das minhas forças e atiro-me a ela, cravando as unhas na pele que consigo alcançar e enterrando-as o mais que posso. Jeanine grita a plenos pulmões, num som que me põe o sangue em chamas. Esmurro-a com força no rosto.

Mas sou imobilizada por dois braços que me afastam dela, e sinto o impacto de um murro nas costelas. Gemo mas volto a atirar-me a ela, e só não consigo alcançá-la porque Peter me agarra.

– Não é pela dor que me obriga a falar. Não é com o soro da verdade. Nem com simulações. Sou imune a tudo isso – declaro.

Jeanine tem o nariz a sangrar e as minhas unhas ficaram-lhe marcadas nas faces e no pescoço, e as marcas estão a ficar vermelhas com o sangue que delas sai. Olha para mim, furiosa, com dois dedos na cana do nariz, o cabelo despenteado e a mão que tem livre a tremer.

– *Falhou*, Jeanine. Não consegue controlar-me! – grito-lhe, tão alto que a garganta até me dói. Paro de me debater e fico encostada ao peito de Peter. – *Nunca* conseguirá controlar-me – acrescento.

E rio-me, soltando uma gargalhada triste e enlouquecida. Agrada-me a zanga que lhe vejo no rosto e o ódio no olhar. Era como uma máquina, fria e desprovida de emoções, movida apenas pela lógica. E eu derrotei-a.

Eu derrotei-a.

Capítulo Trinta e Quatro

Deixo de me preocupar com Jeanine quando chego ao corredor. Dói-me o corpo no sítio onde Peter me bateu, mas não é nada que se compare com a sensação de triunfo que sinto a latejar na cara.

Peter leva-me de volta à minha cela sem dizer uma palavra. Fico de pé no centro do meu exíguo espaço durante muito tempo, a olhar para a câmara que está no canto do lado esquerdo. Quem é que está a observar-me durante o tempo todo? Os Intrépidos traidores que me guardam ou os Eruditos que me estudam?

Quando deixo de sentir o calor no rosto e a dor nas costelas vou deitar-me.

Vejo os meus pais, em pensamento, e fecho os olhos. Lembro-me de, por volta dos onze anos, ter parado à porta do quarto dos meus pais, vendo-os a fazer a cama. O meu pai sorria à minha mãe enquanto puxavam os lençóis, alisando-os numa sincronia perfeita. Pelo modo como ele olhava para ela, percebi que o meu pai tinha mais consideração por ela do que por si próprio.

Não havia egoísmo ou insegurança que o impedissem de apreciar toda a bondade da minha mãe, como tantas vezes acontece. É um tipo de amor que talvez só possa existir entre os Abnegados, embora não tenha a certeza.

O meu pai nasceu Erudito e tornou-se adulto pela mão dos Abnegados. E tantas vezes achou difícil corresponder às exigências da fação que adotou, tal como eu. Mas o certo é que tentou, e percebeu o que era ser-se altruísta.

Puxo a almofada para o meu peito e enterro nela o

meu rosto. Não choro. Só sinto a dor.

O desgosto não é tão pesado como a culpa, mas corrói-te muito mais.

*

– Empata.

Acordo de repente, ainda agarrada à almofada. O colchão está molhado sob o meu rosto. Sento-me e limpo os olhos com as pontas dos dedos.

Peter está de sobrolho franzido, ao contrário do que é habitual.

– Que se passa? – pergunto. Seja o que for não é bom.

– A tua execução foi marcada para amanhã de manhã, às oito horas.

– A minha execução? Mas ela... ela não ainda não tem a simulação que queria. Não pode...

– Ela disse que continuaria a fazer as experiências em Tobias e não em ti – explica Peter.

Só consigo dizer:

– Oh.

Agarro-me ao colchão e começo a oscilar para trás e para a frente. A minha vida termina amanhã. Tobias ainda pode sobreviver o tempo suficiente para fugir quando for a invasão dos sem-faço. Os Intrépidos elegerão um novo líder. E todas as pontas soltas que eu vou deixar serão facilmente ligadas uma às outras.

Aceno afirmativamente com a cabeça. Sem família, sem problemas por resolver, sou uma baixa sem importância.

– Eu podia ter-te perdoado – digo-lhe. – Por teres tentado matar-me durante a iniciação. Talvez o pudesse ter feito.

Ficamos em silêncio por alguns instantes. Não sei porque é que lhe disse isto. Talvez apenas por ser verdade, e esta noite, acima de todas as outras, eu

dever ser sincera. Esta noite serei sincera, altruísta e corajosa. Em suma, Divergente.

– Nunca to pedi – replica Peter, voltando-me as costas e dirigindo-se para a porta. Mas ainda para e acrescenta: – São 9h24.

Dizer-me as horas é um pequeno gesto de traição e, por isso, um simples ato de coragem. É a primeira vez que vejo Peter ser verdadeiramente um Intrépido.

*

Vou morrer amanhã. Já há muito tempo que não sentia qualquer tipo de certeza e em certa medida esta sensação é uma dádiva. Hoje é o nada. E amanhã é o que houver depois da vida. E Jeanine ainda não sabe como há de controlar os Divergentes.

Quando sinto que já não contenho as lágrimas, agarro-me à almofada e começo a chorar. Choro com força, como uma criança, até ter a cara vermelha e sentir que posso vomitar. Tento ser corajosa, mas a verdade é que não sou.

Suponho que este seria o momento em que deveria pedir perdão por todas as coisas que fiz, mas acredito que a lista nunca ficaria completa. E também não acredito que o que venha depois da vida vá depender do relato correto de todas as minhas transgressões – é uma coisa que me faz pensar numa vida depois da morte em formato Erudito, cheia de rigor mas sem emoção. E eu não acredito que o que venha depois vá depender por inteiro de alguma coisa que eu faça.

Estarei melhor se fizer o que os Abnegados me ensinaram: afastar-me do que sou, projetar-me para o exterior e esperar que no que quer que exista a seguir, eu possa ser melhor do que sou agora.

Faço um pequeno sorriso. Gostaria de poder contar

aos meus pais que vou morrer como uma Abnegada.
Penso que eles se sentiriam orgulhosos de mim.

Capítulo Trinta e Cinco

Esta manhã visto as roupas lavadas que me trazem: calças pretas – demasiado largas, mas que importa? – e uma camisa preta de mangas compridas. Sem sapatos.

Mas ainda não chegou o momento. Dou por mim a entrelaçar os dedos e a curvar a cabeça. Por vezes o meu pai fazia isto de manhã antes de se sentar à mesa do pequeno-almoço, mas eu nunca lhe perguntei o significado do gesto. Mesmo assim, sinto que gostaria de me sentir de novo unida com o meu pai antes de... bem, antes de isto terminar.

Pouco depois de estar assim em silêncio, Peter vem dizer-me que chegou a altura de irmos. Mal olha para mim e mantém uma expressão irada enquanto olha para a parede do fundo. Talvez fosse demasiado pedir para ver um rosto amigo nesta manhã. Levanto-me e seguimos juntos pelo corredor.

Tenho frio nos dedos dos pés, que se colam às lajes do chão. Viramos numa esquina e ouço gritos abafados. De início não consigo perceber o que está a voz a dizer, mas as palavras tornam-se mais claras à medida que me aproximo.

– Quero... vê-la! – É Tobias. – ... *Vê-la!*

Olho para Peter.

– Não posso falar com ele uma última vez, pois não?

Peter abana a cabeça e responde:

– Há uma janela. Talvez ele se cale quando te vir.

Conduz-me depois por um corredor sem saída que não tem mais de dois metros de comprimento. Termina numa porta e, Peter tem razão, há uma pequena janela na parte de cima, a uns trinta centímetros da minha

cabeça.

– Tris! – A voz de Tobias é mais nítida aqui. – Quero vê-la!

Ponho-me em bicos dos pés e pressiono a minha mão contra o vidro. Os gritos cessam e o rosto de Tobias aparece por detrás do vidro. Tem os olhos vermelhos e o rosto inchado. Bonito como sempre. Olha para mim durante alguns segundos e depois encosta a mão ao vidro, alinhando-a com a minha. E eu imagino que posso sentir o calor dela através da janela.

Tobias encosta a testa à porta e fecha os olhos.

Baixo a mão e volto-me antes de ele abrir os olhos. Sinto uma dor que me enche o peito e que é pior do que quando fui ferida no ombro. Agarro a parte da frente da minha camisa, pisco os olhos para afastar as lágrimas e junto-me a Peter, no corredor central.

– Obrigada – digo, em voz baixa. Gostaria de ter falado mais alto.

– Que interessa? – replica Peter, com o mesmo ar zangado. – Vamos mas é embora.

Ouçó barulho à nossa frente. É o som de uma multidão. O corredor onde entramos em seguida está cheio de Intrépidos traidores: altos e baixos, jovens e menos jovens, armados e desarmados. Têm todos a mesma braçadeira azul da traição.

– Eh! – grita Peter. – Deixem passar!

Os Intrépidos traidores que estão mais próximos ouvem-no e encostam-se à parede para nos deixarem passar. Os outros Intrépidos traidores imitam-nos logo de seguida, e toda a gente fica em silêncio. Peter deixa-me passar à frente. Já conheço o caminho a partir daqui.

Não sei onde é que as pancadas começam, mas há alguém que começa a bater nas paredes com os punhos que depois é seguido por outros, e eu abro caminho por entre a multidão de Intrépidos traidores, ruidosos mas

com expressões solenes, que mexem ritmadamente as mãos. O ritmo das pancadas é tão rápido que o meu coração acelera só para o acompanhar.

Alguns dos Intrépidos traidores inclinam as cabeças para mim – não sei porquê, mas também não me interessa.

Chego ao fim do corredor e abro a porta que dá para a câmara onde vou ser executada.

Sou eu que a abro.

Os Intrépidos traidores amontoaram-se no corredor e os Eruditos dentro da sala. Mas aí já abriram um caminho para eu passar. Estudam-me em silêncio enquanto eu me dirijo à mesa metálica no centro da sala. Jeanine está um pouco afastada. As marcas das minhas unhas ainda se notam, apesar da maquilhagem carregada que pôs. Nem olha para mim.

Do teto pendem quatro câmaras, uma a cada canto da mesa. Sento-me, limpo as mãos às calças e depois deito-me.

A mesa está fria. É um frio gelado que me penetra na pele e depois nos ossos. Talvez seja adequado porque é o que vai acontecer ao meu corpo quando toda a vida o deixar: vai ficar frio e pesado, mais pesado do que alguma vez fui. Quanto ao que restará ainda de mim, não tenho a certeza do que acontecerá. Algumas pessoas acreditarão que eu não vou a lado nenhum e talvez tenham razão... ou talvez não tenham. De qualquer modo, estas especulações já não me são úteis.

Peter enfia um eléctrodo por dentro do colarinho da minha camisa e prime-o contra o meu peito, mesmo por cima do coração. Depois prende um fio ao eléctrodo e liga o monitor cardíaco. Ouço o bater do meu coração, veloz e forte. Mas esse ritmo será em breve substituído pelo vazio.

E de repente ergue-se em mim um único pensamento:

Não quero morrer.

Todas as vezes que Tobias me repreendeu por arriscar a minha vida... nunca o levei a sério. Acreditei que queria estar com os meus pais e que tudo isto terminasse. Tinha a certeza de que queria imitar o autossacrifício deles. Mas não. Não, não quero.

Dentro de mim, o desejo de viver arde e fervilha.

Não quero morrer não quero morrer não quero!

Jeanine dá um passo em frente, empunhando uma seringá cheia de um soro roxo. Os óculos dela refletem a luz fluorescente por cima de nós e por isso mal consigo ver-lhe os olhos.

De todo meu corpo se ergue em uníssono o mesmo grito: *Vive, vive, vive*. Pensei que precisava de morrer para dar a minha vida em troca da vida de Will e em troca da vida dos meus pais. Mas enganei-me. Preciso de viver a minha vida à luz da morte deles. Preciso de viver.

Jeanine segura a minha cabeça com uma mão e enfia-me a agulha no pescoço com a outra.

Ainda não acabei!, grito, dentro da minha cabeça, e não é a Jeanine que me dirijo. *Ainda tenho muito que fazer aqui!*

Jeanine prime o êmbolo. Peter curva-se para mim e observa os meus olhos.

– O soro fará efeito dentro de sessenta segundos – diz-me. – Coragem, Tris.

As palavras dele deixam-me estupefacta, porque foi precisamente isso que Tobias me disse quando me pôs sob o efeito da primeira simulação.

O meu coração começa a bater muito depressa.

Porque é que Peter me disse para ser corajosa? E porque é que foi simpático para mim?

Os músculos do meu corpo descontraem-se todos ao mesmo tempo. Uma sensação pesada e líquida apodera-se dos meus braços e das minhas pernas. Se isto é a morte, não é assim tão mau. Mantenho os olhos abertos

mas a cabeça cai-me para o lado. Tento fechar os olhos
mas já não consigo – não posso mexer-me.

E o monitor cardíaco para de apitar.

Capítulo Trinta e Seis

Mas ainda respiro. Não profundamente, não de modo a satisfazer a minha necessidade de ar. Mas o certo é que respiro. Peter fecha-me os olhos. Saberá que não estou morta? E Jeanine? Pode ver-me a respirar?

– Levem o corpo para o laboratório – diz ela. – A autópsia está marcada para esta tarde.

– Está bem – diz Peter.

Depois empurra a mesa. Ouço murmúrios à minha volta ao passarmos pelos Eruditos que estavam a assistir. A minha mão cai da mesa ao virarmos uma esquina e bate na parede. Sinto a dor nas pontas dos dedos mas não consigo mexer a mão, por mais que tente.

Desta vez, ao percorrermos o corredor em que se encontravam os Intrépidos traidores, o silêncio é total. Peter caminha devagar, de início, mas depois acelera o passo quando contornamos outra esquina. Vai quase a correr e depois para, de repente. Onde estou? Não podemos ter chegado já ao laboratório. Porque é que ele parou?

Peter passa os braços por baixo dos meus joelhos e dos meus ombros e levanta-me. A minha cabeça cai-lhe para o ombro.

– Para uma pessoa tão pequena és mesmo *pesada*, Empata – resmunga ele.

Peter sabe que estou consciente. Ele *sabe* o que se passa.

Ouço uma série de bipes e qualquer coisa a deslizar – é uma porta trancada que está a abrir-se.

– Que é que... – É a voz de Tobias. De *Tobias!* – Oh,

meu Deus... Oh...

– Poupa-me a essas comoções, está bem? – diz Peter.
– Ela não está morta. Só está paralisada. E só por mais um minuto. Prepara-te mas é para a fuga.

Não compreendo.

Como é que ele sabe?

– Deixa-me transportá-la – diz Tobias.
– Não. Tens melhor pontaria do que eu. Leva a minha pistola e eu levo-a.

Ouço a pistola a sair do coldre. Tobias acaricia-me a testa. E depois começam os dois a correr.

De início, o que ouço são os passos dele e a minha cabeça a ser dolorosamente sacudida. E depois sinto um formigueiro nas mãos e nos pés. E ouço Peter a gritar a Tobias:

– À esquerda!

E um grito, no fundo do corredor:

– Eh, mas que...

Um tiro. E mais nada.

Mais uma corrida. E Peter a gritar:

– À direita!

Mais um tiro, e outro.

– Eh – murmura Peter. – Espera, espera!

Sinto um formigueiro na espinha. Abro os olhos no momento em que Peter abre outra porta. Entra a correr, e antes de eu bater com a cabeça na ombreira consigo estender o braço e travá-los.

– Cuidado! – exclamo, numa voz tensa. Sinto um aperto na garganta como me aconteceu quando ele me injetou pela primeira vez e eu tive dificuldade em respirar. Peter volta-se de lado para passar a porta comigo e depois fecha-a com o calcanhar e pouso-me no chão.

A sala está quase vazia, à exceção de uma fila de contentores de lixo ao longo de uma parede e de uma abertura quadrada metálica suficientemente grande

para a passagem dos contentores.

– Tris – diz-me Tobias, ajoelhando-se junto de mim. Tem o rosto muito pálido, quase amarelo.

Há tantas coisas que quero dizer. Mas a primeira que me sai da boca é:

– Beatrice.

Tobias dá uma gargalhada trémula.

– Beatrice – repete, corrigindo-se, e pouça os lábios nos meus. Eu agarro-o pela camisa.

– A menos que queiram que eu vos vomite em cima, é melhor guardarem isso para depois – intervém Peter.

– Onde é que estamos? – pergunto.

– Aqui é o incinerador do lixo – diz Peter, tocando na abertura metálica. – Eu desliguei-o. Vai levar-nos à rua lateral. E depois tens mesmo de ter uma pontaria perfeita, Quatro, se quiseses sair vivo do setor dos Eruditos.

– Não te preocupes com a minha pontaria – replica Tobias. Está descalço, tal como eu.

Peter abre a porta para o incinerador:

– Tris, vai tu primeiro.

A conduta do lixo tem menos de um metro de largura e pouco mais do que um metro de altura. Enfio primeiro uma perna e só depois a outra, e com a ajuda de Tobias. Sinto o estômago mais pesado, e que ele até vai mais depressa do que eu enquanto deslizo pela conduta metálica. E depois sinto nas costas o impacto de uma série de cilindros quando passo por cima deles.

Cheira a fogo e a cinzas, mas não me queimo. E depois caio, batendo com o braço numa placa de metal e, a gemer, vou aterrar num chão duro de cimento, sentindo o impacto do embate nas canelas.

– Ai! – exclamo, afastando-me da abertura. – Podem vir! – grito.

As minha pernas já estão recuperadas do choque quando Peter aterra junto de mim, embora de lado e

não de pé. Geme e afasta-se da abertura, para recuperar o fôlego.

Olho em redor. Estamos mesmo dentro do incinerador, num espaço que seria completamente negro se não fossem as linhas luminosas do recorte de uma pequena porta no outro lado.

O chão é quase todo de uma superfície metálica com grades em alguns pontos. Cheira tudo a lixo apodrecido e a fogo.

– Não digas que nunca te levei a um sítio giro – comenta Peter.

– Nem me passou pela cabeça – replico.

Tobias aterra logo a seguir, caindo primeiro sobre os pés e ficando depois de joelhos, com uma careta de dor. Ajudo-o a pôr-se em pé e encosto-me a ele. Os cheiros e as imagens e as sensações que o mundo me transmite parecem aumentados. Estava quase morta, mas em vez disso estou viva. E graças a Peter.

O que eu nunca esperaria que pudesse acontecer.

Peter atravessa a superfície que tem a grade e abre a porta que tínhamos visto. O incinerador enche-se de luz. Tobias leva-me do local onde cheira a cinzas e da fornalha de ferro para a sala de paredes de cimento que envolve o incinerador.

– Tens a arma? – pergunta Peter a Tobias.

– Não – responde Tobias. – Calculei que pudesse disparar as balas pelo nariz, e deixei-a lá em cima.

– Ora, cala-te.

Empunhando outra pistola, Peter sai da sala do incinerador. O que nos espera é um corredor húmido com tubagens no teto que não deve ter mais de três metros de comprimento. O sinal que está junto à porta tem escrito «SAÍDA». Estou viva e estou a sair daqui.

A faixa de terreno que separa o quartel-general dos Intrépidos do quartel-general dos Eruditos já não me parece a mesma. Calculo que as coisas tenderão a parecer diferentes, quando não estamos prestes a morrer.

Quando chegamos ao fim da rua, Tobias encosta um ombro à parede e inclina-se para a frente o suficiente para ver o que está para lá da esquina. Sem que a expressão do seu rosto se altere, estende o braço para lá da esquina, apoia-o na parede e dispara duas vezes. E eu levo os dedos aos ouvidos e tento não prestar atenção aos tiros e ao que eles me fazem lembrar.

– Rápido – diz Tobias.

Começamos a correr pela Avenida Wabash, com Peter à frente, eu no meio e Tobias no fim. Espreito por cima do ombro, para ver para onde é que Tobias disparou, e noto que há dois homens caídos no chão, nas traseiras do quartel-general dos Eruditos. Um já não se mexe e outro está agarrado ao braço e a dirigir-se apressadamente para a porta. Vão fazer com que outros venham atrás de nós.

Sinto a cabeça confusa, talvez devido ao meu estado de cansaço, mas a adrenalina continua a impelir-me.

– Vai pelo caminho menos lógico! – grita Tobias.

– O quê?! – pergunta Peter.

– O caminho menos lógico! – repete Tobias.– Para não nos encontrarem!

Peter volta de repente à direita e segue por outra rua que parece não ter saída e que está repleta de caixotes de cartão com cobertores esfiapados e almofadas sujas, que talvez pertencessem a grupos de sem-faço. Peter salta por cima de um dos caixotes, que eu piso, afastando-o depois para trás de mim com um pontapé.

No fim da rua, volta à esquerda, em direção ao pântano. Estamos de regresso à Avenida Michigan. Bem à vista do quartel-general dos Eruditos, se alguém se

lembrar de olhar para nós.

– Má ideia! – exclamo.

Peter volta à direita na rua seguinte. Pelo menos, as ruas estão todas desimpedidas por estas bandas – não há sinais caídos de que tenhamos de desviar-nos nem buracos que nos obriguem a saltar por cima deles. Os pulmões ardem-me como se eu tivesse inalado veneno. As minhas pernas, que de início me doíam, estão já dormentes, o que é melhor. Ouço gritos à distância.

E depois penso numa coisa: o caminho menos lógico é... parar de correr.

Deito a mão à manga de Peter e puxo-o para junto do edifício mais próximo. Tem seis andares, com janelas largas separadas por pilares feitos de tijolo e que ao longe parecem grades. A primeira porta que tento abrir está trancada, mas Tobias dispara contra a janela que está ao lado e abre a porta pelo interior.

O prédio está completamente vazio. Não há nem uma cadeira nem uma mesa à vista. E tem janelas a mais. Caminhamos até junto das escadas de emergência e eu enfio-me por baixo dos degraus para não ser vista. Tobias senta-se a meu lado e Peter fica à nossa frente, com os joelhos encostados ao peito.

Tento recuperar o fôlego e acalmar-me, mas não é fácil. Estive morta. Estive *morta* e depois deixei de estar, e porquê? Graças ao Peter? Ao *Peter*?!

Observo-o. Ainda tem uma expressão tão inocente, apesar do que fez para mostrar que não o é. O cabelo, colado à cabeça, é macio e brilhante, apesar de escuro, como se não tivéssemos andado quase a correr a maratona. Os olhos redondos examinam as escadas e depois o meu rosto.

– O que é? – indaga ele. – Porque é que estás assim a olhar para mim?

– Como foi que o fizeste? – pergunto.

– Não foi difícil – responde. – Tingi de roxo uma

porção de soro paralisante e substitui o soro da morte por esse. Substituí também o fio que iria transmitir a leitura do teu ritmo cardíaco por um que não funcionava. Quanto ao monitor, foi mais difícil, e precisei de ter a ajuda de outro membro dos Eruditos para poder utilizar um controlo remoto... mas isso já tu não perceberias se eu to explicasse.

– E *porquê?* – continuo. – *Querias* ver-me morta. Estavas disposto a fazê-lo tu mesmo! O que foi que mudou?

Peter comprime os lábios e não desvia o olhar. Mantém-se assim durante alguns instantes. Depois abre a boca, hesita e acaba por responder:

– Não quero ficar a dever nada a ninguém, está bem? A ideia de estar em dívida para contigo causava-me náuseas. Chegava a acordar a meio da noite, a sentir que ia vomitar. Em dívida para com uma Empata? É uma coisa ridícula, absolutamente ridícula. E não aguentei.

– Mas de que é que estás a falar? Devias-me alguma coisa?

Peter revira os olhos.

– No complexo dos Cordiais. Alguém disparou contra mim. Foi um tiro à cabeça, que me podia ter atingido mesmo entre os olhos. E tu empurraste-me e afastaste-me do caminho. Antes disso, já estávamos quites: eu estive quase a matar-te durante a iniciação e tu estivestes quase a matar-me durante o ataque. Estávamos quites, não estávamos? Mas depois do que aconteceu...

– És doido – diz Tobias. – Não é assim que as coisas funcionam... com as pessoas a fazerem contas relativamente às outras.

– Não? – Peter arqueia as sobrancelhas. – Não sei em que mundo tu vives mas, no meu, as pessoas só fazem coisas pelos outros por uma de duas razões: se querem

algo em troca ou se sentem que estão em dívida para com essa pessoa.

– Não são essas as razões que levam as pessoas a fazer coisas pelos outros – contraponho. – Às vezes fazem-nas por amor. Não será o teu caso, claro, mas...

Peter funga, desdenhosamente, e responde:

– É mesmo o tipo de coisa que eu esperaria ouvir da boca de uma Empata cheia de ilusões...

– Bem, acho que teremos de garantir que estarás sempre em dívida para connosco – diz Tobias –, ou então és capaz de ir atrás da oferta que te for mais vantajosa.

– Pois – replica Peter. – É mais ou menos isso.

Abano a cabeça. Não consigo imaginar-me a viver como ele, sempre a registar quem me deu o quê e o que devo dar em troca, incapaz de sentimentos como o amor, a lealdade ou o perdão, como um homem de um só olho com uma faca na mão à procura de quem tem um olho que ele possa arrancar. Isto não é a vida, é uma versão mais pálida da vida. E gostava de saber com quem é que ele aprendeu a ser assim.

– Então, quando é que achas que podemos sair daqui? – pergunta Peter.

– Talvez daqui a duas horas – diz Tobias. – Devemos ir para o setor dos Abnegados. É onde se encontrarão agora os sem-fação e os Intrépidos que não estão sujeitos às simulações.

– Fantástico – comenta Peter.

Tobias passa-me o braço por cima dos ombros. Encosto a face ao ombro dele e fecho os olhos, para não ter de olhar para Peter. Há muito para dizer, embora eu não esteja muito certa do que possa ser. De qualquer modo, também não o podemos dizer aqui, ou agora.

Enquanto percorremos as ruas da zona da cidade que eu antes considerava minha, as conversas ficam mais raras e acabam por morrer, e os olhos das pessoas que aí se encontram colam-se ao meu rosto e ao meu corpo. Tanto quanto sabiam – e estou certa que sabiam porque Jeanine é eficaz a divulgar notícias –, eu estou morta há cerca de seis horas. Alguns dos sem-faço por quem passamos têm as marcas da tinta azul. Estão vulneráveis às simulações.

Agora que estamos todos aqui e em segurança, noto que tenho cortes nos pés por ter andado a correr em pavimentos irregulares e a pisar estilhaços de vidro das janelas partidas. Sinto picadas nos pés a cada passo que dou. E é nisso que me concentro em vez de nos olhares que me seguem.

– Tris? – chama alguém à nossa frente. Levanto a cabeça e vejo Uriah e Christina no passeio, a comparar revólveres. Uriah larga a arma na relva e vem a correr ter comigo. Christina segue-o, mas num passo mais lento.

Uriah estende as mãos para mim mas Tobias pousa-lhe uma mão no ombro para lhe travar o gesto. Sinto um assomo de gratidão por ele. Acho que não conseguiria suportar um abraço de Uriah ou as suas perguntas ou a sua surpresa neste momento.

– Ela já passou por muita coisa – diz-lhe Tobias. – E precisa de dormir. Vai ficar numa casa no fundo da rua, no número trinta e sete. Vem visitá-la amanhã.

Uriah olha para mim de sobrolho franzido. Os Intrépidos não compreendem habitualmente a contenção, e Uriah não conhece outra realidade que não a dos Intrépidos. Mas tem de respeitar a avaliação que Tobias faz das circunstâncias e acena afirmativamente com a cabeça, replicando:

– Está bem. Amanhã.

Christina estende a mão quando passo por ela e

aperta-me ligeiramente o ombro. Tento manter-me direita, mas os meus músculos parecem formar uma gaiola que obriga os meus ombros a curvarem-se. Os olhos seguem-me enquanto descemos a rua e sinto-os como se fossem beliscões que alguém me estivesse a dar na nuca. Sinto-me aliviada quando Tobias me leva para a casa cinzenta que pertencia a Marcus Eaton.

Mas não sei onde é que Tobias encontra força para entrar. Para ele, esta casa deve ainda conservar os ecos dos gritos dos pais e as chicotadas dadas com o cinto, e armários escuros e, no entanto, ele não parece perturbado enquanto me conduz a mim e a Peter para a cozinha. Se há nele alguma alteração é o facto de agora até me parecer mais alto. Mas talvez Tobias seja assim – quando se pensa que vai mostrar-se fraco, revela-se ainda mais forte.

Na cozinha encontram-se Tori, Harrison e Evelyn. É gente a mais para mim. Encosto os ombros à parede e fecho os olhos com força. A silhueta da mesa onde iam executar-me está-me gravada no interior das pálpebras. Abro os olhos e tento respirar. Estão a falar, mas não consigo ouvir o que dizem. Por que motivo é que Evelyn está aqui, na casa de Marcus? E onde está Marcus?

Evelyn põe o braço por cima dos ombros de Tobias e acaricia-lhe a face com a outra mão, encostando o rosto ao dele. Tobias sorri-lhe, quando se endireita. Mãe e filho reconciliados. Não tenho a certeza de que isso seja uma boa ideia.

Tobias volta-me e, mantendo uma mão no meu braço e a outra à volta da minha cintura, para evitar o meu ombro ferido, leva-me para as escadas. Subimos juntos.

No piso de cima são só os antigos quartos, o dos pais e o dele, separados por uma casa de banho no meio. Tobias leva-me para o que foi o quarto dele e eu fico, por instantes, a olhar em volta e a apreciar o espaço

onde ele passou a maior parte da vida.

Tobias mantém a mão no meu braço. Desde que saímos do abrigo das escadas dentro do prédio que tem estado a tocar-me, como se pensasse que eu posso desfazer-me se ele não me ajudar a manter-me em pé.

– Tenho a certeza que o Marcus não entrou neste quarto desde que me vim embora – diz Tobias –, porque nada estava alterado quando aqui voltei.

Os membros dos Abnegados não possuem muitos elementos de decoração porque esses objetos são vistos como um meio de satisfazer os desejos egoístas de cada um. Mas Tobias conseguiu ter tudo aquilo que lhe era permitido, como uma pequena estante ou uma coleção de trabalhos escolares. E, estranhamente, uma escultura de vidro azul em cima da cómoda.

– A minha mãe trouxe-me isso às escondidas quando eu era pequeno – explica Tobias. – E disse-me para a manter escondida. No dia da Cerimónia da Escolha coloquei-a em cima da cómoda antes de sair. Para ele a poder ver. Foi um pequeno desafio.

Assinto com a cabeça. Sinto uma sensação estranha ao estar neste local onde estão tão vivas as recordações de uma única pessoa. Este quarto é o retrato de Tobias, aos dezasseis anos, prestes a escolher os Intrépidos para escapar ao pai.

– Vamos tratar dos teus pés – diz-me. Mas não se mexe. Só os dedos é que deslizam do cotovelo para o meu braço.

– Está bem – replico.

Vamos para a casa de banho que existe entre os quartos e eu sento-me na borda da banheira. Ele ajoelha-se junto a mim, pondo uma mão no meu joelho enquanto abre a torneira e põe a tampa no ralo. A água bate no fundo da banheira e cobre-me os dedos dos pés. O meu sangue torna a água cor-de-rosa.

Tobias agacha-se na banheira e põe o meu pé sobre

os joelhos dele, limpando-me os cortes mais fundos com uma toalha. Mas não sinto nada. Nem mesmo quando ele espalha sabonete por cima dos cortes. A água torna-se cinzenta.

Pego no sabonete e revolvo-o nas minhas mãos até ter a pele coberta de espuma branca. Estendo as mãos para ele e passo lentamente os dedos pelas suas mãos, tentando assegurar-me de que chego às linhas das palmas das mãos e aos espaços entre os dedos. Sabe bem estar ocupada, a limpar qualquer coisa, a pôr de novo as minhas mãos nele.

Espalhamos água pelo chão da casa de banho enquanto nos salpicamos para tirar o sabonete. A água faz-me frio mas, apesar de já estar a tremer, não me importo. Ele pega numa toalha e começa a limpar-me as mãos.

– Eu não... – A voz que me sai da garganta é a de uma pessoa a ser estrangulada. – A minha família está toda *morta* ou está reduzida a um traidor. Como é que eu posso...?

Mas o que digo não faz sentido. Um choro convulsivo toma-me conta do corpo e da mente e de todo o meu mundo. Tobias puxa-me mais para ele e sinto a água da banheira a molhar-me as pernas. Tem mãos firmes e fortes. Ouço-lhe o coração e, passado algum tempo, é o ritmo do coração dele que me acalma.

– Eu serei agora a tua família – diz Tobias.

– Amo-te – respondo.

Já o tinha dito, antes de ir para o quartel-general dos Eruditos, mas nessa altura ele estava a dormir. Não sei porque é que eu ainda não o tinha dito quando ele o poderia ouvir. Talvez tivesse medo de confiar-lhe uma coisa tão pessoal como a minha devoção. Ou de que ele não soubesse o que é amar. Mas agora acho que o mais assustador foi não o ter dito antes de ser quase tarde de mais. Antes de ser tarde de mais para mim.

Mas eu sou dele e ele é meu e tem sido sempre assim.

Tobias olha para mim. Agarro-me aos braços dele, à procura de estabilidade, enquanto ele pondera o que há de dizer.

E finalmente franze o sobrolho e diz-me:

– Repete-o.

– Tobias, eu amo-te – declaro.

A pele dele está escorregadia devido à água e cheira a suor, e a minha camisa cola-se aos braços dele quando Tobias a faz deslizar do meu corpo. Encosta depois o rosto ao meu pescoço e beija-me acima da clavícula, na face e nos lábios.

E diz-me:

– Eu também te amo.

Capítulo Trinta e Sete

Tobias fica deitado a meu lado enquanto adormeço. Penso que vou ter pesadelos, mas devo estar demasiado cansada, porque a minha mente fica vazia. Quando volto a abrir os olhos, ele já se foi e há uma pilha de roupa em cima da cama, ao meu lado.

Levanto-me e vou à casa de banho, sentindo-me em carne viva, como se a minha pele tivesse sido raspada para eu poder ficar limpa, e o peito a arder-me cada vez que respiro. Mas sinto-me estável. Não acendo a luz da casa de banho porque sei que a iluminação é forte, apesar de pálida, como as luzes do quartel-general dos Eruditos. Tomo banho às escuras, quase incapaz de distinguir o sabonete do amaciador, garantindo a mim própria que hei de emergir mais nova e mais forte e que a água há de curar-me.

Antes de sair da casa de banho belisco as faces para puxar o sangue para a superfície da pele. É uma coisa estúpida, bem sei, mas não quero aparecer com uma expressão fraca e exausta à frente de toda a gente.

Quando regresso ao quarto de Tobias, dou com Uriah deitado na cama de barriga para baixo, Christina a examinar a escultura azul por cima da secretária de Tobias e Lynn por cima de Uriah com uma almofada nas mãos e um sorriso maldoso no rosto.

E enquanto Christina me atira um «Olá, Tris!», Lynn dá uma palmada forte com a almofada na nuca de Uriah, fazendo-o soltar um grito:

– Au! Como é que consegues fazer com que uma almofada faça doer?!

– Com a minha incrível força– responde Lynn. –

Bateram-te, Tris? Uma das tuas bochechas está vermelha.

Não devo ter beliscado a outra com força suficiente.

– Não – respondo. – É só o meu... brilho natural da manhã.

Ensaiei primeiro a piada com a língua, como se estivesse a usar uma nova linguagem. Christina ri-se um pouco mais do que a minha resposta exige e eu fico-lhe grata pelo esforço. E Uriah dá alguns saltos até chegar à beira da cama.

– Portanto – diz ele, com um gesto na minha direção –, aquilo de que não estamos a falar: tu estiveste quase a morrer, um betinho sádico salvou-te e agora estamos a lançar-nos numa guerra a sério com os sem-façon como nossos aliados.

– Betinho?! – pergunta Christina.

– É calão dos Intrépidos – responde Lynn. – Era um insulto dos grandes, mas já ninguém o usa.

– Por ser tão ofensivo – acrescenta Uriah, com um aceno de cabeça.

– Não. Porque é tão estúpido que nenhum Intrépido com um mínimo de inteligência o dirá. Quanto mais pensá-lo. Betinho! Tens doze anos ou quê?

– Doze e meio – responde Uriah.

Suspeito que a brincadeira deles é para me alegrarem, para eu não ter de dizer nada. Posso limitar-me a rir. E é o que faço, com entusiasmo suficiente para começar a derreter a pedra de gelo que se formou no meu estômago.

– Há comida lá em baixo – diz Christina. – O Tobias fez ovos mexidos que, a propósito, são uma coisa repugnante.

– Eh – protesto –, eu *gosto* de ovos mexidos.

– Deve ser um pequeno-almoço típico dos Empatas, então. – Christina agarra-me pelo braço. – Vamos.

Descemos a escada todos juntos, numa trovoadas de

passos que nunca teria sido aceite em casa dos meus pais. Aliás, o meu pai costumava repreender-me por descer as escadas a correr: «Não chames a atenção para ti própria. Não é cortês para as pessoas que te rodeiam.»

Ouçõ vozes na sala, um verdadeiro coro onde irrompem gargalhadas e uma melodia suave, proveniente de um instrumento de cordas, um banjo ou uma viola. Não é o que poderia esperar numa casa dos Abnegados, onde o ambiente é sempre muito sossegado, por maior que seja o número de pessoas que aí se encontrem. As vozes, as gargalhadas e a música enchem de vida as paredes taciturnas. E até me sinto mais quente.

Fico parada à porta da sala. Há cinco pessoas enfiadas no sofá de três lugares, entretidas com um jogo de cartas que me lembro de ter visto no quartel-general dos Cãndidos. Na cadeira de braços está sentado um homem que tem uma mulher ao colo, e há mais outra pessoa empoleirada num dos braços, com uma lata de sopa na mão. Tobias está sentado no chão, com as costas apoiadas na mesa do café. A postura dele mostra que está descontraído: uma perna dobrada e a outra esticada, um braço por cima do joelho, a cabeça inclinada para o lado como se quisesse ouvir melhor. Nunca o tinha visto tão confortável sem uma arma na mão. Não pensei que fosse possível.

Sinto a mesma sensação de peso no estômago que sempre tenho quando percebo que me mentiram, sem saber quem foi desta vez ou qual terá sido o assunto. Mas também não foi isto o que aprendi a esperar dos sem-faço. Ensinaaram-me que não ter faço era pior do que a morte.

Fico assim durante alguns segundos antes de as pessoas se aperceberem de que cheguei. As conversas terminam. Limpo as palmas das mãos na bainha da

camisola. Muitos olhos e muito silêncio.

Evelyn pigarreia e diz:

– Atenção, toda a gente. Esta é a Tris Prior. Julgo que ontem ouviram falar muito dela.

– E a Christina, o Uriah e a Lynn – acrescenta Tobias. Fico-lhe grata pela sua tentativa de afastar de mim a atenção de todos os presentes, mas não dá resultado.

Ainda estou colada à ombreira da porta quando um dos sem-faço – um homem mais velho, de pele enrugada e cheia de tatuagens – me pergunta:

– Não devias estar morta?

Algumas das pessoas presentes riem-se e eu tento sorrir-lhe. O resultado é um sorriso muito breve e contorcido.

– Devia – respondo.

– O que se passa é que nós não gostamos de dar à Jeanine Matthews o que ela quer – diz Tobias. Levanta-se e estende-me uma lata de ervilhas... que não tem ervilhas, mas sim ovos mexidos. O alumínio aquece-me os dedos.

Ele volta a sentar-se e eu sento-me ao lado dele, levando uma porção de ovos mexidos à boca. Não tenho fome mas sei que preciso de comer e por isso mastigo e engulo. Já conheço a maneira de comer dos sem-faço, e passo a lata com os ovos a Christina enquanto recebo de Tobias uma lata de pêssegos em conserva.

– Porque é que estão aqui todos instalados, na casa do Marcus? – pergunto-lhe.

– Porque a Evelyn o expulsou. Disse-lhe que a casa também é dela, que ele já a tinha utilizado durante muitos anos e que agora é a vez dela. – Tobias sorri. – Foi uma discussão enorme no relvado da frente, mas a Evelyn acabou por levar a melhor.

Olho de relance para a mãe de Tobias. Está num canto da sala a falar com Peter e a comer mais ovos

mexidos diretamente de outra lata. Sinto o estômago às voltas. Tobias fala dela com veneração excessiva. E ainda me lembro do que ela me disse a propósito da minha presença na vida dele.

– Tens aqui pão – diz Tobias, tirando um cesto da mesa do café e passando-o para as minhas mãos. – Come dois pedaços. Estás a precisar.

Olho para Peter e para Evelyn enquanto mastigo um pedaço de côdea.

– Acho que está a tentar recrutá-lo – explica-me Tobias. – Ela consegue tornar a vida dos sem-faço extraordinariamente atraente.

– Tudo o que seja para o tirar dos Intrépidos... Não me interessa que ele me tenha salvado a vida. Eu ainda não consigo gostar do Peter.

– Tenho a esperança de não virmos a precisar de nos preocuparmos mais com as distinções entre fações quando isto acabar. Será bom, acho eu.

Fico calada. Não me apetece discutir com ele aqui. Ou lembrar-lhe que não será tão fácil convencer os Intrépidos e os Cândidos a juntarem-se à cruzada dos sem-faço contra o sistema das fações. Pode dar origem a outra guerra.

A porta da frente abre-se e Edward entra. Hoje tem uma venda com um olho azul pintado, completo ao ponto de a pálpebra estar meia descida. O efeito daquele olho demasiado grande num rosto que até é bonito é tão grotesco como divertido.

– Eddie! – saúda-o alguém. Mas o olho são de Edward já deu com Peter. E Edward atravessa a sala, quase atirando ao chão uma lata de comida que alguém tem na mão, enquanto Peter se cose com a sombra da ombreira da porta como se estivesse a tentar desaparecer por aí.

Edward só para a poucos centímetros de Peter e depois lança-se a ele como se fosse dar-lhe um murro. E

Peter esquivava-se tão apressadamente que bate com a cabeça na parede. Edward faz um sorriso rasgado e os sem-faço riem-se às gargalhadas à nossa volta.

– À luz do dia já não és tão corajoso – comenta Edward, antes de se voltar para Evelyn. – Certifique-se de que não lhe dão nenhum utensílio. Nunca se sabe o que ele poderá fazer. – E ao mesmo tempo arranca o garfo da mão de Peter.

– Dá-me isso – diz-lhe Peter.

Edward aplica a outra mão à garganta de Peter e, por entre os dedos, encosta-lhe os dentes do garfo à maçã de Adão. Peter fica muito quieto e começa a corar.

– Cala-te enquanto eu estiver por perto – diz-lhe Edward, em voz baixa –, ou vou ter de fazer isto outra vez e nesse caso enfiar-te-ei o garfo até ao esófago.

– Já chega – diz Evelyn. Edward larga o garfo e solta Peter. Depois atravessa a sala e senta-se junto da pessoa que lhe chamou «Eddie».

– Não sei se sabias – diz-me Tobias –, mas o Edward é uma pessoa um pouco instável.

– Estou a perceber – replico.

– Lembras-te do Drew, que ajudou o Peter a fazer aquela manobra da faca de manteiga? – pergunta-me Tobias. – Parece que depois de ser corrido dos Intrépidos tentou juntar-se ao grupo de que o Edward já fazia parte. Repara que não vês o Drew em parte nenhuma.

– Edward matou-o?

– Quase – responde Tobias. – Evidentemente que a outra transferência, a Myra, se não me engano no nome, acabou por se afastar do Edward. Era demasiado sensível para o aguentar.

Não sinto nada ao pensar em Drew, que quase morreu às mãos de Edward. Drew também me atacou.

– Prefiro não falar disso – afirmo.

– Está bem – replica Tobias, tocando-me no ombro. –

É-te difícil estar novamente numa casa dos Abnegados? Queria ter-te perguntado antes. Podemos ir para qualquer outro sítio, se for esse o caso.

Acabo de comer o meu segundo pedaço de pão. As casas dos Abnegados são todas iguais e por isso esta sala é igual à da minha própria casa, o que me suscita recordações se eu olhar com atenção. Da luz brilhante que entra pelas persianas todas as manhãs e que era suficiente para o meu pai poder estar a ler. Dos cliques das agulhas de tricotar da minha mãe todos os fins de tarde. Mas não sinto nenhum aperto na garganta. Já é um bom começo.

– É verdade – respondo. – Mas já não tanto como poderias pensar.

Tobias ergue uma sobrancelha.

– A sério – acrescento. – As simulações no quartel-general dos Eruditos... ajudaram-me, de certa maneira. A aguentar-me, talvez. – Franzo a testa. – Ou talvez não. Talvez me tivessem ajudado a aguentar-me, mas sem estar tão apegada. – É o que me parece mais exato, na realidade. – Um dia, conto-te. – A minha voz parece vinda de muito longe.

Tobias toca-me na face e, apesar de estarmos numa sala cheia de gente, em que todos estão a conversar e a rir-se, beija-me lentamente.

– Aguenta aí, Tobias – diz um homem à minha esquerda. – Não foste educado como Empata? Pensei que o que vocês faziam fosse... roçar as mãos ou algo assim.

– Então como é que explicas todos os filhos que os Abnegados tinham? – contrapõe Tobias, arqueando as sobrancelhas.

– Nasciam simplesmente da força de vontade – responde a mulher que está sentada no braço da cadeira. – Não sabias isso, Tobias?

– Não – responde ele, com um sorriso. – Peço

desculpa.

Todos se riem. Todos *nós* nos rimos. E eu começo a pensar que talvez esteja a ver a verdadeira fação de Tobias. Não é uma fação caracterizada por uma virtude específica. Consideram como suas todas as cores, todas as atividades, todas as virtudes e todos os defeitos.

Não sei o que os une. O único ponto que têm em comum, tanto quanto sei, é o fracasso num dado momento das suas vidas. Mas, seja qual for, parece ser o suficiente para os unir.

E ao olhar para ele sinto que estou finalmente a vê-lo como é, em vez de o ver como ele é em relação a mim. Portanto, até que ponto o conheço assim tão bem, se ainda não o tinha visto desta maneira?

*

O sol começa a pôr-se. Mas o setor dos Abnegados não está nada sossegado. Os Intrépidos e os sem-fação andam pelas ruas, alguns empunhando garrafas e outros empunhando garrafas e armas.

Zeke vai à minha frente a empurrar a cadeira de rodas de Shauna, diante da casa de Alice Brewster, que fazia parte do grupo de líderes dos Abnegados. Mas eles não me veem.

– Faz isso outra vez! – pede Shauna.

– Tens a certeza?

– Sim!

– Está bem... – E Zeke começa a correr enquanto empurra a cadeira de rodas. E depois, quando já quase nem os vejo, apoia-se nas pernas da cadeira de rodas para se elevar sem que os pés toquem no solo e juntos quase voam pelo meio da rua, Shauna a dar gritos estridentes e ele a rir-se.

Volto à esquerda no cruzamento seguinte e sigo pelo passeio esburacado em direção ao edifício onde os

Abnegados faziam as suas assembleias mensais, que eram abertas a todos os membros da facção. Embora me pareça ter já passado muito tempo desde que aqui estive pela última vez, ainda me lembro de onde é. Um quarteirão para Sul, dois para Oeste.

O sol vai desaparecendo devagar no horizonte à medida que caminho. A cor dada pela luz do dia aos edifícios mais próximos começa a dissipar-se e ficam todos igualmente cinzentos.

A fachada do quartel-general dos Abnegados mostra apenas um retângulo de cimento, igual a todos os outros prédios do setor dos Abnegados. Mas quando abro a porta vejo os soalhos de madeira e os bancos também de madeira que me são familiares. No centro há uma claraboia que deixa entrar a luz do sol sob a forma de um quadrado cor de laranja. É o único adorno da sala.

Sento-me no banco onde a minha família costumava sentar-se. Eu ficava junto ao meu pai e Caleb junto à minha mãe. Agora é como eu se fosse a única pessoa que sobreviveu. O último membro da família Prior.

Marcus entra e vem ter diretamente comigo, sentando-se à minha frente, de mãos dobradas. A luz do sol divide-nos.

– É bonito, não é? – pergunta ele.

Tem uma nódoa negra grande no maxilar, onde Tobias o esmurrou, e o cabelo cortado rente.

– É – respondo, endireitando-me. – Que está aqui a fazer?

– Vi-te entrar. – Marcus olha com atenção para as próprias unhas. – E queria falar contigo sobre a informação de que a Jeanine Matthews se apoderou.

– E se já não vem a tempo? E se eu já souber o que é?

Marcus levanta os olhos das unhas e olha para mim, semicerrando as pálpebras. É um olhar mais venenoso do que do qualquer um que Tobias possa fazer, apesar

de ele ter os olhos do pai.

– Não é possível saberes.

– Não pode ter a certeza.

– Ah, mas posso. Porque sei o que acontece às pessoas quando ouvem a verdade. Ficam como se se tivessem esquecido do que procuravam e a andar de um lado para o outro, a tentarem lembrar-se.

Sinto um arrepio de frio que me sobe pelas costas e me percorre os braços, provocando-me pele de galinha.

– Eu sei que a Jeanine decidiu assassinar meia facção para roubar essa informação e que, só por isso, deve ser imensamente importante – declaro. Faço uma pausa. Também sei outra coisa, mas só agora é que o percebi.

Quando eu ataquei Jeanine, ela gritou-me: «Isto não tem a ver consigo. Nem comigo!»

E o «isto» era o que ela estava a fazer-me: a tentar encontrar uma simulação que fizesse efeito em mim. Nos Divergentes.

– Sei que tem alguma coisa a ver com os Divergentes – digo-lhe, abruptamente. – Sei que a informação tem a ver com o que existe do lado de fora da vedação.

– Isso não equivale a saber realmente o que lá existe.

– Bem, mas vai contar-me ou vai agitar o isco por cima da minha cabeça para ver se eu me ponho aos saltos?

– Não vim aqui para me envolver num debate destinado a satisfazer o interesse de cada um. E não, não vou dizer-te, mas não é porque eu não o queira. É porque não sei como hei de descrevê-lo. Terás de ver por ti própria.

À medida que ele fala, a luz do sol vai passando de amarela a cor de laranja, fazendo cair algumas sombras mais escuras sobre o rosto de Marcus.

– Acho que Tobias é capaz de ter razão – afirmo. – Você gosta de ser a única pessoa que sabe. E agrada-lhe que eu não saiba. Fá-lo sentir-se importante. É por isso

que não me diz e não é por não conseguir descrever.

– Isso não é verdade.

– E como é que eu posso ter a certeza?

Marcus olha fixamente para mim mas eu não desvio o olhar.

– Uma semana antes do ataque induzido pela simulação, os líderes dos Abnegados decidiram que era tempo de revelar essa informação a toda a gente. *A toda a gente*, em toda a cidade. O dia em que tencionávamos fazê-lo seria cerca de uma semana depois do ataque. É óbvio que não o pudemos fazer.

– Ela não queria que revelassem o que existe do outro lado da vedação? E porquê? Para começar, como é que ela sabe? Pensei que tivesse dito que só os líderes dos Abnegados é que sabiam.

– Nós não *somos* de cá, Beatrice. Fomos todos colocados aqui para um propósito específico. Há algum tempo atrás, os Abnegados foram obrigados a aceitar a ajuda dos Eruditos para poderem alcançar esse objetivo, mas acabou por dar tudo para o torto por causa da Jeanine. Porque ela não quer fazer aquilo que devemos fazer. E preferiu matar em vez disso.

Colocados aqui.

Sinto um zumbido no meu cérebro, como se ele estivesse com dificuldade em funcionar por causa da informação que recebeu. Agarro com força as bordas do banco por baixo de mim.

– O que é que esperam que nós façamos? – pergunto, numa voz que mal passa de um murmúrio.

– Já te disse o suficiente para te convencer que não sou um mentiroso. Quanto ao resto, não me acho verdadeiramente à altura da tarefa de te explicar o que se passa. Disse-te tudo isto porque a situação se tornou desesperada.

Desesperada. Compreendo qual é o problema, de repente. Os sem-façaõ não só estão a fazer planos para

destruir as figuras mais importantes dos Eruditos, como os seus bancos de dados. Vão arrasar tudo.

Nunca pensei que o plano fosse uma boa ideia, mas acreditava que pudéssemos alterá-lo porque os Eruditos ainda têm o conhecimento que é relevante mesmo sem estarem na posse dos seus dados. Mas neste caso trata-se de uma coisa que mesmo os Eruditos mais inteligentes não conhecem, de uma coisa que, se tudo estiver destruído, nós não poderemos replicar.

– Se o ajudar, estarei a trair o Tobias. E perdê-lo-ei. – Engulo em seco. – Tem de dar-me um bom motivo para eu o fazer.

– Além do bem comum da nossa sociedade? – Marcus torce o nariz, numa expressão de desagrado. – Não te chega isso?

– A nossa sociedade está feita em pedaços. Portanto, não... não me chega.

Marcus suspira e continua:

– Os teus pais morreram por *ti*, é verdade. Mas o motivo que levou a tua mãe ao quartel-general dos Abnegados na noite em que quase foste executada não foi salvar-te. Ela não sabia que lá estavas. A tua mãe estava a tentar recuperar aquilo de que Jeanine se tinha apoderado. E quando soube que estavas prestes a ser morta, ela apressou-se a salvar-te e deixou a informação nas mãos da Jeanine.

– Não foi isso que ela me disse – contraponho, indignada.

– Ela mentiu-te. Porque tinha de mentir. Mas, Beatrice, a questão... a questão é que a tua mãe sabia que muito provavelmente não sairia viva do quartel-general dos Abnegados, mas precisava de tentar. O que ela estava a tentar obter era uma coisa pela qual estava disposta a morrer. Percebes?

Os Abnegados estão dispostos a morrer por qualquer pessoa, quer se trate de um amigo ou de um inimigo, se

a situação o exigir. Talvez seja por isso que acham difícil sobreviver em situações em que só a sua própria vida esteja em risco. Mas há poucas *coisas* pelas quais estejam dispostos a morrer. Não valorizam muito os objetos do mundo físico.

Por isso, se ele está a dizer-me a verdade e a minha mãe estivesse realmente disposta a morrer para que a informação se tornasse pública... eu faria tudo para conseguir alcançar o objetivo que ela não conseguiu obter.

– Está a tentar manipular-me, não está?

– Acho que isso – responde Marcus, enquanto as sombras lhe cobrem os olhos como se fossem um líquido escuro – ... é algo que tens de decidir por ti própria.

Capítulo Trinta e Oito

Demoro-me no regresso à casa dos Eaton e tento lembrar-me do que a minha mãe me disse quando me salvou de morrer no tanque durante o ataque. Qualquer coisa sobre ter estado a observar os comboios desde o início do ataque. *Não sabia o que iria fazer quando te encontrasse. Mas tive sempre a intenção de te salvar.*

Mas quando me recordo da voz dela, há uma diferença. *Não sabia o que iria fazer quando te encontrasse.* Ou seja: Não sabia como iria salvar-me e, ao mesmo tempo, resgatar aquilo de que andava à procura. *Mas tive sempre a intenção de te salvar.*

Abano a cabeça. Foi assim que ela o disse, ou estou a manipular as minhas próprias recordações sob a influência do que Marcus me disse? Não consigo saber. A única coisa que posso decidir é se confio nele ou não.

E apesar de Marcus ter feito coisas cruéis e malvadas, a nossa sociedade não está dividida em «bons» e «maus». A crueldade não torna uma pessoa desonesta, da mesma maneira que a coragem não torna uma pessoa simpática. Marcus não é bom nem mau, mas sim as duas coisas.

Bom, ele é provavelmente mais mau do que bom.

Mas isso não significa que esteja a mentir.

Vejo o clarão cor de laranja de alguma coisa a arder ao fundo da rua. Alarmada, ando mais depressa e vejo que as chamas se erguem de recipientes de metal muito largos colocados nos passeios. Os Intrépidos e os sem-faço estão juntos, com um pequeno espaço a separar um grupo do outro. E diante deles estão Evelyn, Harrison, Tori e Tobias.

Avisto Christina, Uriah, Lynn, Zeke e Shauna no lado direito do grupo dos Intrépidos e vou ter com eles.

– Onde é que tens estado? – pergunta-me Christina. – Andámos à tua procura por todo o lado.

– Fui dar uma volta. Que se passa?

– Vão dizer-nos finalmente qual é o plano de ataque – diz Uriah, com uma expressão ansiosa.

– Ah – replico.

Evelyn levanta as mãos, com as palmas para fora, e os sem-faço ficam em silêncio. Estão melhor treinados do que os Intrépidos, cujas vozes ainda demoram uns trinta segundos a calar-se.

– Nas últimas semanas estivemos a desenvolver um plano para combater os Eruditos – diz Evelyn, numa voz tranquila que até é agradável de se ouvir. – E agora que terminámos, gostaríamos de partilhá-lo convosco.

Evelyn volta-se para Tori, com um aceno de cabeça.

– A nossa estratégia – começa Tori – não está direcionada para um único ponto. Não temos possibilidade de saber quem é que, entre os Eruditos, apoia a Jeanine e quem é que não a apoia. É por isso mais seguro partir do princípio de que todos os que não a apoiam já terão abandonado o quartel-general dos Eruditos.

– Todos sabemos que o poder dos Eruditos se baseia não nas pessoas que estão com eles, mas na informação e conhecimento que possuem – acrescenta Evelyn. – Enquanto possuírem essa informação e esse conhecimento nunca nos veremos livres dele, em especial quando tantos de entre nós se encontram sujeitos às simulações. Os Eruditos já utilizam esse poder para nos controlarem e nos manterem dominados há demasiado tempo.

Nascendo dos sem-faço e generalizando-se depois aos Intrépidos, ergue-se da multidão um grito que rapidamente se transforma na voz de um só organismo,

às ordens de um só cérebro. Mas eu não tenho a certeza do que deva pensar ou do que deva sentir. Apesar de haver uma parte de mim que também está a gritar, exigindo a destruição de todos os Eruditos e de tudo o que eles mais prezam.

Olho para Tobias. Mantém uma expressão neutra, por trás da luz das chamas, numa zona onde é difícil vê-lo bem. Gostaria de saber o que ele pensa disto tudo.

– Lamento ter de dizer que aqueles que foram atingidos pelos transmissores das simulações têm de ficar aqui – prossegue Tori –, para não serem, a qualquer momento, ativados como armas dos Eruditos.

Há alguns gritos de protesto mas ninguém parece surpreender-se. Talvez já toda a gente saiba o que a Jeanine consegue fazer com as simulações.

Lynn geme e olha para Uriah.

– Temos mesmo de ficar? – pergunta.

– *Tu* tens de ficar – responde ele.

– Mas também foste atingido – contrapõe Lynn. – Eu vi.

– Sou Divergente, lembra-te?

Lynn revira os olhos e ele apressa-se a prosseguir, provavelmente para não ter de ouvir outra vez a teoria de Lynn acerca de uma qualquer conspiração dos Divergentes.

– De qualquer modo – acrescenta Uriah –, penso que ninguém irá verificar isso, e quais são as hipóteses de ela conseguir ativar-te a ti especificamente, se souber que todas as pessoas que têm os transmissores vão ficar para trás?

Lynn franze o sobrolho, a pensar no que disse Uriah. Mas, pelo menos, parece mais alegre – ou tão alegre quanto lhe é possível – enquanto Tori continua a falar:

– Nós vamos dividir-nos em grupos mistos de sem-facção e de Intrépidos. Um primeiro grupo, mais numeroso, tentará penetrar no quartel-general dos

Eruditos e apossar-se do edifício, limpando-o da influência dos Eruditos. Outros grupos, mais pequenos, avançarão de imediato para os pisos superiores para eliminarem alguns dos mais importantes dirigentes dos Eruditos. Vocês receberão as vossas tarefas como membros de cada grupo mais tarde, esta noite.

– O ataque ocorrerá dentro de três dias – diz Evelyn.
– Preparem-se. Vai ser perigoso e difícil. Mas as dificuldades não são desconhecidas dos sem-faço...

Os sem-faço começam a saudá-la e eu não posso deixar de me lembrar de que nós, os Intrépidos, somos as mesmas pessoas que até há poucas semanas criticavam os Abnegados por fornecerem alimentos e outros bens necessários aos sem-faço. Terá sido assim tão fácil esquecê-lo?

– E o perigo não é desconhecido dos Intrépidos...

Toda a gente à minha volta ergue e agita os punhos ao mesmo tempo que vão soltando gritos. Sinto as suas vozes dentro da minha cabeça e a impressão ardente de triunfo no peito, que me inspira a vontade de me juntar a eles.

Evelyn está demasiado inexpressiva para quem está a fazer um discurso tão inflamado. O rosto dela é uma máscara.

– Abaixo os Eruditos! – grita Tori. E toda a gente a imita, em vozes que se unem, independentemente das fações. Temos um inimigo comum, mas será que isso nos torna amigos?

Vejo que Tobias não grita como os outros, tal como Christina, que comenta:

– Isto não me parece bem.

– Que queres dizer com isso? – pergunta Lynn, no meio do turbilhão de vozes que nos envolve. – Não te lembras do que nos fizeram? Controlaram-nos as mentes com uma simulação e obrigaram-nos a irmos disparar contra pessoas sem sequer sabermos o que

estávamos a fazer? A matar todos os líderes dos Abnegados?

– Pois – diz Christina. – Só que... invadir o quartel-general de uma facção e matar toda a gente? Bem, foi o que os Eruditos fizeram aos Abnegados, não foi?

– Isto é diferente. *Isto* não é um ataque que surgiu do nada, sem uma provocação prévia – diz Lynn, com um olhar crítico.

– Pois – diz Christina. – Eu sei. – E depois olha para mim. Eu calo-me. Ela tem razão: isto não parece nada bem.

Dirijo-me à casa dos Eaton em busca de silêncio.

Abro a porta e subo depois ao andar de cima. Quando chego ao antigo quarto de Tobias, sento-me na cama e fico a ver pela janela os sem-facção e os Intrépidos reunidos à volta das fogueiras, a rirem-se e a conversarem. Mas não se misturam, no entanto. Continua a haver uma fronteira, difícil de delimitar com precisão, entre os sem-facção de um lado e os Intrépidos do outro.

Observo Lynn, Uriah e Christina, junto a uma das fogueiras. Uriah passa as mãos pelas chamas, como se as quisesse agarrar, com movimentos muitos rápidos para não se queimar. O sorriso dele está mais parecido com uma careta distorcida pelo desgosto.

Minutos depois ouço passos na escada e surge Tobias, que deixa os sapatos à porta e entra no quarto.

– Que se passa? – pergunta.

– Nada, na realidade – respondo. – Estava só a pensar. Estou surpreendida por os sem-facção terem concordado tão facilmente em trabalhar com os Intrépidos. Os Intrépidos nunca foram muito simpáticos para com eles.

Tobias para junto de mim, encostando-se à janela.

– Não se pode dizer que seja uma aliança natural – declara. – Mas o objetivo é o mesmo.

– Por agora. O que acontecerá quando o objetivo se alterar? Os sem-fação querem eliminar as fações e os Intrépidos não.

Os lábios de Tobias formam uma linha reta. Lembrome de repente, quando vi Marcus e Johanna juntos no pomar. Marcus tinha a mesma expressão quando não lhe quis contar tudo.

Tobias herdou essa expressão do pai? Ou ela tem outro significado?

– Tu ficas no meu grupo – diz Tobias. – Durante o ataque. Espero que não te importes. Devemos abrir caminho para as salas de controlo.

O ataque. Se eu participar no ataque, não posso ir à procura da informação que Jeanine roubou aos Abnegados. Tenho de optar por uma coisa ou pela outra.

Tobias já disse que ocuparmo-nos dos Eruditos é mais importante do que descobrir a verdade. E se ele não tivesse prometido aos sem-fação a posse de todos os dados dos Eruditos até podia ser que eu lhe desse razão. Mas ele não me dá outra possibilidade: tenho de ajudar Marcus, mesmo que só haja uma hipótese ínfima de ele estar a dizer a verdade. Tenho de ir contra as pessoas de quem mais gosto.

E neste preciso momento tenho de mentir.

Contorço os dedos.

– Que se passa? – pergunta Tobias.

– Ainda não me sinto capaz de disparar uma arma de fogo. – Levanto os olhos para ele. – E depois do que aconteceu no quartel-general dos Eruditos... – Pigarreio. – Arriscar a vida já não me parece uma coisa tão interessante.

– Tris. – Tobias acaricia-me a face com as pontas dos dedos. – Não tens de ir.

– Não quero parecer cobarde.

– Olha... – Os dedos dele alojam-se por baixo do meu

queixo. Fazem-me a pele fria. E ele olha para mim com uma expressão de firmeza. – Fizeste mais por esta facção do que qualquer outra pessoa. Tu...

Tobias suspira e encosta a testa dele à minha.

– És a pessoa mais corajosa que conheço – diz-me. – Fica aqui. Põe-te boa.

Depois beija-me e eu sinto que me vou outra vez abaixo, a começar pelo mais íntimo de mim. Ele pensa que ficarei aqui mas eu vou estar a trabalhar contra ele, e com o pai que ele despreza. Esta mentira... esta mentira é a pior que já contei. E nunca mais poderei fazê-la desaparecer.

Quando os nossos corpos se separam até fico com medo de que ele possa perceber a minha respiração trémula, e por isso volto-me para a janela.

Capítulo Trinta e Nove

– Exatamente. Agora pareces mesmo uma tocadora de banjo e bem mansinha – diz Christina.

– A sério?

– Não, não completamente. Só falta... deixa-me resolver isto, está bem?

Christina pesquisa no interior do seu saco e tira uma pequena caixa que contém tubos de diferentes tamanhos e pequenos frascos que reconheço como produtos de maquilhagem, mas que não sei como usar.

Estamos em casa dos meus pais, que foi o único local em que pensei estar à vontade para me preparar. Christina não se mostrou inibida perante a possibilidade de bisbilhotar e até já descobriu dois manuais, enfiados entre a cómoda e a parede, que são a prova da inclinação de Caleb para os Eruditos.

– Portanto, deixa-me ver se percebo. Tu saíste do quartel-general dos Intrépidos para te preparares para a guerra... e trouxeste a maquilhagem contigo.

– Exatamente. Calculei que seria difícil a alguém querer dar-me um tiro se eu me mostrasse como sou, linda de arrasar – responde ela, erguendo uma sobrancelha. – Mantém-te quieta.

Depois abre um tubo preto do tamanho de um dos meus dedos, revelando uma ponta vermelha. É batom, obviamente. Leva-o aos meus lábios e esfrega-os suavemente até eles ficarem coloridos. Distendo os lábios e consigo ver como ficam.

– Já alguém te falou no milagre das pinças aplicado às sobrancelhas? – pergunta ela de seguida, erguendo uma pinça.

– Não me toques com isso.

– Está bem. – Christina suspira. – Eu até te punha *blush* mas acho que não tenho a cor indicada para ti.

– Fico chocada, atendendo a que temos uma cor de pele tão idêntica...

– Ah-ah.

Quando nos pomos a caminho já levo os lábios pintados de vermelho, pestanas reviradas e um vestido vermelho-vivo. E uma faca presa ao meu joelho. Condiz na perfeição.

– Onde é que vamos encontrar-nos com Marcus, o Destruidor de Vidas? – pergunta Christina. Tem o amarelo dos Cordiais, em vez do vermelho, e a sua cor de pele faz sobressair mais esse amarelo.

Rio-me, antes de lhe responder:

– Por detrás do quartel-general dos Abnegados.

Seguimos pelo passeio, que não está iluminado. Toda a gente deve estar agora a jantar – tive o cuidado de ir ver – mas, no caso de encontrarmos alguém, os blusões pretos que vestimos escondem o vestuário típico dos Cordiais que temos por baixo. Salto por cima de uma fenda no passeio, por força do hábito.

– Onde é que vão? – pergunta de repente uma voz que eu identifico logo. É o Peter. Olho por cima do ombro e vejo-o no passeio, atrás de nós. Gostava de saber há quanto tempo é que ele aí estará.

– Porque é que não estás com o teu grupo de ataque, a jantar? – pergunto-lhe.

– Não tenho grupo. – Toca no braço, onde o alvejei. – Estou lesionado.

– Pois claro que estás – diz Christina.

– Bem, não quero ir para a guerra com um bando de gente dos sem-faço – explica Peter, com os olhos verdes a brilhar. – Por isso vou ficar aqui.

– Como um cobarde – diz Christina, franzindo o lábio numa expressão de repúdio. – Os outros que limpem a

tua porcária, não é?

– Pois! – replica Peter, batendo as mãos como se nos aplaudisse, com uma expressão maliciosa. – Divirtam-se a morrer.

E depois atravessa a rua a assobiar, afastando-se noutra direção.

– Bem, pelo menos conseguimos desviar-lhe a atenção – afirma Christina. – Não voltou a perguntar onde íamos.

– Pois. Ótimo. – Pigarreio. – Portanto, quanto ao nosso plano. É um pouco estúpido, não é?

– Não acho que seja... *estúpido*.

– Ora. Confiar no Marcus é estúpido. Tentar passar pelos Intrépidos que guardam a vedação é estúpido. Enfrentar os sem-faço e os Intrépidos é estúpido. Tudo isto junto é... uma espécie diferente de estupidez, nunca antes encontrada na Humanidade.

– Mas infelizmente também é o melhor plano possível – afirma Christina. – Se é que queremos que todos saibam a verdade.

Confiei em Christina para cumprir esta missão quando pensei que ia morrer, e também me parece estúpido não confiar agora nela. Fiquei preocupada pela hipótese de ela não querer acompanhar-me, mas tinha-me esquecido da sua origem: Christina era da facção dos Cândidos, onde a descoberta da verdade é mais importante do que tudo o resto. Agora pode ser uma Intrépida, mas se houve uma coisa que aprendi nisto tudo é que nunca nos libertamos por completo das nossas origens.

– Então foi aqui que crescestes. Gostavas disto aqui? – pergunta Christina, franzindo o sobrolho. – Bem, não deves ter gostado muito, se quiseste ir-te embora.

O sol vai mudando de posição. Desagradava-me a luz do entardecer porque tornava tudo ainda mais monocromático no setor dos Abnegados, mas agora

acho reconfortante o cinzento que nos rodeia e que é sempre igual.

– Havia algumas coisas de que gostava e outras que detestava – respondo. – E havia algumas coisas que eu não sabia que tinha até ao momento em que as perdi.

Chegamos ao quartel-general dos Abnegados e à sua fachada quadrada de cimento, igual a todas as outras no setor dos Abnegados. Gostaria de poder entrar na sala das reuniões e de respirar de novo o cheiro da madeira antiga, mas não há tempo. Seguimos para o beco que fica junto ao edifício e vamos até às traseiras, onde Marcus me disse que estaria à espera.

Vemos uma carrinha azul-elétrica com o motor a trabalhar. Marcus está sentado ao volante. Deixo Christina ir à minha frente para ser ela a ficar sentada no meio. Não quero ficar sentada perto dele, se o puder evitar. Sinto que a minha deslealdade para com Tobias ficará mais atenuada se o odiar ativamente enquanto estiver a colaborar com ele.

Não tens outra opção, digo a mim própria. Não podes fazer outra coisa.

E, estando bem ciente disso, fecho a porta e procuro o cinto de segurança. Mas só encontro uma ponta desfiada e um encaixe partido.

– Onde é que foi buscar este lixo? – pergunta Christina a Marcus.

– Roubei-a aos sem-fação. Eles arranjam os carros. Não foi fácil pôr o motor a trabalhar. E é melhor as meninas livrarem-se desses blusões.

Embrulho os nossos blusões um no outro e atiro-os pela janela entreaberta. Marcus mete a mudança e o motor geme. E até já penso que a carrinha nem se vai mexer. Mas ele carrega no acelerador e a carrinha começa a andar.

Tanto quanto me lembro, a viagem do setor dos Abnegados para o quartel-general dos Eruditos demora

cerca de uma hora e exige um condutor experiente. Marcus escolhe uma das vias principais e vai carregando sempre no acelerador. A carrinha avança aos solavancos, evitando à justa uma cratera existente na estrada. Tenho de me agarrar ao *tablier* para me segurar.

– Descontraí-te, Beatrice – diz Marcus. – Já conduzi muitos outros carros.

– Eu também já fiz muitas coisas antes disto mas isso não quer dizer que as consiga fazer bem!

Marcus sorri e desvia-se para a esquerda para não embatermos num semáforo tombado. Christina solta exclamações de alegria quando passamos por cima de outros destroços, como se estivesse a divertir-se assim pela primeira vez.

– Uma estupidez de espécie diferente, certo? – pergunta-me, em voz suficientemente alta para eu a poder ouvir por cima do vento que varre a cabina.

Agarro-me à beira do assento e tento não pensar no que comi ao jantar.

*

Quando chegamos à vedação, vemos os Intrépidos que bloqueiam a passagem iluminados pela luz dos nossos faróis. As braçadeiras azuis contrastam com o resto da roupa. Tento manter uma expressão simpática. Não serei capaz de os enganar e de os levar a pensar que sou uma Cordial se estiver com cara de poucos amigos.

Um homem de pele escura, armado, aproxima-se da janela de Marcus. Aponta a luz da lanterna primeiro para Marcus, depois para Christina e finalmente para mim. Eu semicerro os olhos e forço-me a sorrir para o homem, como se não me importasse nada de ter uma luz brilhante a incidir nos meus olhos e armas

apontadas à minha cabeça.

Os Cordiais devem ser muito perturbados, se pensam mesmo desta forma. Ou devem comer muito do tal pão.

– Contem-me lá – diz o homem. – O que faz um membro dos Abnegados num carro com duas Cordiais?

– Estas duas raparigas ofereceram-se para trazer alimentos para a cidade – responde Marcus – e eu ofereci-me para as acompanhar, para viajarem em segurança.

– Além disso, também não sabemos conduzir – acrescenta Christina, a sorrir. – O meu pai tentou ensinar-me há vários anos mas eu confundia sempre o acelerador com o travão e pode imaginar o desastre que ia sendo! De qualquer modo, foi realmente simpático da parte do Joshua oferecer-se para nos transportar porque ia ser uma eternidade para regressarmos e além disso as caixas eram tão pesadas...

O Intrépido levanta a mão.

– Está bem, já percebi – declara.

– Oh, claro. Desculpe. – Christina dá uma risadinha. – Só pensei que devia explicar tudo porque você me pareceu tão confuso e também não admira porque também não deve encontrar uma coisa assim como...

– Certo – diz o homem. – E tencionam regressar à cidade?

– Não em breve – responde Marcus.

– Está bem. Sigam, então. – O Intrépido acena para os outros, que estão junto aos portões. Um deles digita alguns números no teclado e uma das metades do portão desliza para podermos passar. Marcus faz um aceno de cabeça ao guarda que nos deixou passar e segue pela estrada já muito degradada que nos levará ao complexo dos Cordiais. Os faróis da carrinha revelam marcas de pneus, ervas crescidas e insetos que volteiam à nossa frente. No escuro à minha direita vejo pirilampos que se iluminam a um ritmo que parece o

bater de um coração.

– Que raio foi aquilo? – pergunta Marcus a Christina, instantes depois.

– Não há nada que os Intrépidos mais odeiem do que a tagarelice amigável dos Cordiais – responde ela, com um encolher de ombros. – Pensei que ele deixaria de nos prestar atenção se se fartasse de me ouvir e que nos mandasse avançar.

Deito-lhe um sorriso bem largo:

– És mesmo um génio, Christina.

– Eu sei – diz ela. E abana a cabeça como se estivesse a atirar o cabelo para trás das costas. Só que não tem cabelo suficiente para isso.

– No entanto – ressalva Marcus –, Joshua não é um nome dos Abnegados.

– Seja como for. Também ninguém sabe a diferença.

Vejo as luzes do quartel-general dos Cordiais ao fundo e o complexo já familiar de edifícios de madeira com a estufa principal no centro. Atravessamos o pomar das macieiras. O ar cheira a terra quente.

Lembro-me outra vez da minha mãe a esticar-se para apanhar uma maçã neste pomar, quando há vários anos viemos ajudar os Cordiais durante as colheitas. Sinto uma picada no peito mas a memória que tenho já não me domina tanto como acontecia há algumas semanas. Talvez por estar numa missão que honra a minha mãe. Ou talvez por me sentir demasiado apreensiva sobre o que aí vem para me sentir suficientemente desgostosa. Mas houve qualquer coisa que de facto mudou.

Marcus estaciona a carrinha nas traseiras de um dos dormitórios. Reparo pela primeira vez que não há nenhuma chave na ignição.

– Como é que conseguiu pôr isto a trabalhar? – pergunto-lhe.

– O meu pai ensinou-me muitas coisas sobre mecânica e informática – responde Marcus. – Foram

conhecimentos que eu passei ao meu filho. Não pensaste que ele tinha descoberto tudo sozinho, pois não?

– Por acaso até pensei. – Abro a porta e saio da carrinha. Sinto as ervas nos meus dedos dos pés e nas barrigas das pernas. Christina fica à minha direita, de cabeça inclinada para trás.

– É tudo tão diferente aqui– diz ela. – Quase nos podemos esquecer do que se passa lá do outro lado. – E indica a cidade com o polegar.

– E é frequente os Cordiais esquecerem-se – comento.

– Mas eles sabem o que há para lá da cidade, não sabem? – pergunta Christina.

– Sabem tanto como as patrulhas dos Intrépidos – responde Marcus. – Que o mundo exterior é desconhecido e potencialmente perigoso.

– Como é que sabe o que eles sabem? – pergunto-lhe.

– Porque foi o que lhes dissemos – responde Marcus, dirigindo-se para a estufa.

Eu e Christina entreolhamo-nos. E depois apressamo-nos a segui-lo.

– Que quer dizer com isso?

– Quando uma pessoa está de posse de toda a informação, tem de decidir o que os outros devem saber – responde Marcus. – Nós, os líderes dos Abnegados, dissemos-lhes o que devíamos dizer. Agora, tenhamos esperança de que a Johanna mantenha os seus hábitos normais. Ela costuma estar na estufa ao princípio da noite.

Marcus abre a porta da estufa. O ar continua a ser muito denso, mas agora também forma uma espécie de névoa. A humidade é tanta que sinto o rosto molhado e mais frio.

– Uau – diz Christina.

O espaço está só iluminado pela luz da Lua, o que torna difícil distinguir as plantas das estruturas feitas

pelo homem. Sinto as folhas que me roçam pelo rosto enquanto avanço encostada à parede. E depois vejo Johanna, sentada no chão junto de um arbusto com uma tigela na mão a colher o que me parecem ser framboesas. Tem o cabelo penteado para trás, deixando ver a cicatriz.

– Não pensei que a voltaria a ver por aqui, menina Beatrice – diz-me Johanna.

– Porque pensava que eu estivesse morta?

– Penso sempre que aqueles que vivem pelas armas acabam por morrer pelas armas. Mas muitas vezes fico agradavelmente surpreendida. – Pousa a tigela em cima dos joelhos e olha para mim. – Também sei, por outro lado, que não devo pensar que está de regresso por ter gostado do que aqui viu.

– Não – replico. – Viemos por outro motivo.

– Está bem – diz Johanna, pondo-se em pé. – Vamos então conversar. – E dirige-se ao centro da estufa, onde se realizam as reuniões dos Cordiais.

Seguimo-la até às raízes da árvore, onde ela se senta, estendendo-nos a tigela das framboesas. Tiro uma mãocheia delas e passo o recipiente a Christina.

– Johanna, esta é a Christina – apresenta-a Marcus. – É uma Intrépida que nasceu entre os Cândidos.

– Seja bem-vinda ao quartel-general dos Cordiais, Christina. – Johanna oferece-lhe um sorriso formal. É tão estranho que duas pessoas nascidas e criadas entre os Cândidos acabem em fações tão diferentes: os Intrépidos e os Cordiais.

– Diz-me, Marcus – começa Johanna. – A que se deve a vossa visita?

– Acho que deve ser a Beatrice a tratar disto – responde Marcus. – Neste caso eu só me ocupei do transporte.

Johanna volta a atenção para mim, sem pôr em causa o que ele diz. Mas o olhar cauteloso que ela me deita

revela-me que ela preferia falar com Marcus. Negá-lo-ia se eu lho perguntasse, mas tenho quase a certeza de que Johanna Reyes me odeia.

– Hmm... – começo. Não é uma maneira brilhante de abordar a situação. Limpo as palmas das mãos ao vestido. – As coisas pioraram mesmo.

E as palavras começam a brotar-me dos lábios, sem qualquer tipo de sofisticação ou subtileza. Explico como os Intrépidos se aliaram aos sem-faço e como planeiam destruir os Eruditos, deixando-nos sem uma das fações essenciais da nossa sociedade. Digo-lhe que no complexo dos Eruditos há muita informação que é importante, além de todo o conhecimento que eles já possuem, e que tudo isso tem de ser salvaguardado. Quando termino, percebo que não lhe disse porque é isto tem a ver com ela ou com a fação dela mas também não sei como haveria de o dizer.

– Fiquei confundida, Beatrice – diz Johanna. – O que é que quer que nós façamos?

– Não vim cá para lhe pedir ajuda – esclareço. – Pensei que devia saber que há muita gente que vai morrer e que isso vai acontecer muito em breve. E sei que não quer ficar aqui sem fazer nada enquanto isso acontece, mesmo que haja na sua fação quem pense de forma diferente.

Johanna baixa os olhos, contorcendo os lábios numa confirmação de que é verdade o que digo.

– Também queria perguntar-lhe se podemos falar com os Eruditos que aqui acolheu – continuo. – Sei que estão escondidos, mas preciso de falar com eles.

– Qual é a sua intenção?

– Matá-los – respondo, revirando os olhos.

– Essa não teve graça.

Suspiro, antes de replicar:

– Desculpe. Preciso de algumas informações. É só isso.

– Bem, vão ter de esperar até amanhã – diz Johanna, finalmente. – Mas podem ficar cá a dormir.

*

Adormeço assim que a minha cabeça toca na almofada mas acordo mais cedo do que queria. A claridade que vejo no horizonte indica-me que o sol está prestes a nascer.

Christina está a dormir na outra cama, com o rosto diretamente em cima do lençol e com a almofada por cima da cabeça. Entre as duas camas há uma cómoda com um candeeiro. O chão de madeira range sempre por mais que uma pessoa o tente evitar. Na parede do lado esquerdo está um espelho, bem visível. Toda a gente, à exceção dos Abnegados, acha os espelhos coisas normais. Mas eu ainda sinto um arrepio sempre que vejo um assim tão exposto.

Visto-me, sem ter a preocupação de não fazer barulho. Quando está a dormir profundamente, Christina não acorda com quinhentos Intrépidos a baterem com os pés no chão, embora o murmúrio de um Erudito seja o suficiente para a despertar. É uma pessoa estranha, à sua maneira.

Saio e vejo o sol a espreitar por entre os ramos das árvores. Há um pequeno grupo de Cordiais reunido junto do pomar. Aproximo-me mais deles para ver o que se passa.

Estão num círculo, de mãos dadas. Metade deles são ainda adolescentes e a outra metade são adultos. A pessoa mais velha, uma mulher com tranças grisalhas, está a falar:

– Acreditamos num deus que dá a paz e que a acarinha. Por isso oferecemos a paz a cada um de nós e acarinhamos essa dádiva.

Eu não adotaria essa frase como lema de vida, mas

eles parecem aceitá-la. Começam em seguida a mover-se todos ao mesmo tempo, indo ao encontro de outra pessoa do círculo e dando-lhe as mãos. Quando todos têm um par, ficam imóveis por alguns segundos, a olhar para o outro. Alguns dizem qualquer coisa, outros sorriem, há quem fique em silêncio e muito quieto. Depois separam-se e dirigem-se a outras pessoas, repetindo os mesmos movimentos.

Nunca tinha assistido a uma cerimónia religiosa dos Cordiais até este momento. Só estou familiarizada com a religião da fação dos meus pais. Uma parte de mim ainda se mantém agarrada a ela, mas a outra rejeita o que lhe parecem ser tolices: as orações antes do jantar, as reuniões semanais, os atos de culto, os poemas a respeito de um deus altruísta. Isto que vi é muito diferente e tem uma aura de mistério.

– Vem e junta-te a nós – diz a mulher de cabelo grisalho. E preciso de alguns segundos para perceber que está a falar comigo. Acena-me e sorri.

– Ah, não – replico. – Só estava...

– Vem – repete, fazendo-me sentir que eu não posso fazer outra coisa senão ir ter com eles e juntar-me ao grupo.

Ela aproxima-se e toma-me a mão. A sua pele dos dedos é seca e áspera e os olhos dela procuram com insistência os meus, enquanto eu me debato ainda com uma impressão de estranheza que me impede de corresponder.

Mas, ao fazê-lo, apercebo-me de imediato de um efeito peculiar. Fico imóvel e sinto que todo o meu corpo está também paralisado, como se agora pesasse mais e não aguentasse o peso que, no entanto, nem é desagradável. Os olhos dela, uniformemente castanhos, também não se movem.

– Que a paz de Deus esteja contigo – diz ela, numa voz suave –, mesmo nos momentos mais difíceis.

– E porque é que havia de estar? – replico, em voz baixa para mais ninguém me ouvir. – Depois de tudo o que fiz...

– Não depende de ti – responde a mulher. – É uma dádiva. Não podes questionar se a mereces ou não porque é uma dádiva.

Depois liberta-me e aproxima-se de mais alguém, enquanto eu fico onde estou, de mão estendida. Há alguém que se aproxima de mim para me pegar na mão, mas eu retiro-me do grupo, primeiro com passos cautelosos e logo de seguida a correr.

Refugio-me por entre as árvores o mais depressa que posso e só paro quando sinto os meus pulmões a arder.

Encosto a cabeça ao tronco da árvore mais próxima e, apesar de sentir a pele arranhada pela sua casca, mantenho-me nesta posição e tento afastar as lágrimas.

*

Já é manhã quando me dirijo para a estufa sob uma chuva ligeira, para a reunião convocada de emergência por Johanna.

Fico o mais escondida que posso numa das extremidades da estufa, no meio de duas plantas muito grandes que estão suspensas em soluções minerais. Preciso de alguns minutos para descobrir Christina, que se encontra à direita, vestida com as roupas amarelas dos Cordiais. E é-me depois mais fácil dar com Marcus, que está de pé nas raízes da árvore gigante, junto de Johanna.

Johanna está de mãos cruzadas e tem o cabelo penteado para trás. O ferimento que lhe deixou a cicatriz também lhe atingiu o olho. A pupila está tão dilatada que se sobrepõe à íris e o olho esquerdo não acompanha os movimentos do direito, enquanto ela observa a multidão que se reuniu à sua frente.

Mas não foram só os Cordiais a responder à sua convocação. Há pessoas com o cabelo muito curto e com carrapitos muito perfeitos que devem pertencer aos Abnegados e outras que têm os óculos dos Eruditos. E entre as quais se encontra Cara.

– Recebi uma mensagem da cidade – diz Johanna, quando as conversas cessam. – Gostaria de vos transmitir essa mensagem. – Alisa a bainha da saia e depois volta a cruzar as mãos. Parece estar nervosa. – Os Intrépidos fizeram uma aliança com os sem-faço. E tencionam atacar os Eruditos dentro de dois dias. A guerra não será conduzida contra o exército formado pelos Eruditos e pelos Intrépidos, mas contra os Eruditos inocentes e o conhecimento que adquiriram por meio de um trabalho muito árduo.

Johanna faz uma pausa, baixa os olhos e respira fundo, antes de prosseguir:

– Eu sei que não temos um líder reconhecido como tal e que, por isso, não tenho o direito de me dirigir a vós como se fosse eu esse líder. Mas tenho a esperança de que me perdoarão, por esta vez, por ter de vos pedir que reconsideremos a nossa anterior decisão de não nos envolvermos no conflito.

Começo a ouvir murmúrios e comentários. Não são como os dos Intrépidos. Aqui são mais suaves, como se fossem aves a levantar voo dos ramos onde pousaram.

– À margem da nossa relação com os Eruditos, sabemos melhor do que qualquer outra facção como nesta sociedade é essencial o papel que eles desempenham – prossegue. – E eles têm de ser protegidos de um massacre desnecessário, pelo facto de serem seres humanos mas também por não podermos sobreviver sem eles. Proponho que entremos na cidade como uma força de paz, não violenta e imparcial, para contermos da maneira que nos for possível a violência extrema que se seguirá. Por favor, debatam esta minha

proposta.

A chuva cobre os painéis de vidro que estão por cima das nossas cabeças. Johanna senta-se numa raiz, à espera da decisão, mas desta vez os Cordiais não se dispersam em conversas como os vi fazer quando aqui estive. Os sussurros que quase não se distinguem do som da chuva transformam-se em diálogos normais e ouço vozes que se sobrepõem a outras, de pessoas que parecem prestes a gritar.

Sobressalta-me cada voz que se ergue. Já estive em muitas discussões na minha vida, a grande maioria das quais nos últimos dois meses, mas nenhuma me assustou tanto como esta. Os Cordiais não costumam discutir assim.

E por isso decido não esperar mais. Contorno a multidão, furando por entre os Cordiais que estão de pé e saltando por cima de mãos e pernas estendidas. Alguns olham para mim com expressões de desagrado – posso ter uma camisa vermelha, mas as tatuagens que trago nas omoplatas veem-se bem, mesmo à distância.

Detenho-me junto do grupo dos Eruditos. Cara levanta-se, quando me aproximo, a cruzar os braços.

– Que estás a fazer aqui? – pergunta-me.

– Vim contar à Johanna o que está a acontecer – respondo – e pedir a vossa ajuda.

– Ajuda para quê? – contrapõe Cara. – Porque é que eu...?

Tenho dificuldade em esquecer-me do que ela disse sobre o meu nariz; é difícil mas respondo-lhe:

– Preciso da ajuda de todos vocês, e de *ti* também. Tenho um plano que permitirá salvar os dados da tua facção, mas preciso da vossa ajuda para isso.

– Na realidade – diz Christina, aproximando-se pelo meu lado esquerdo –, *temos* um plano.

Cara olha para ela e depois para mim e outra vez para ela.

– E *tu* queres ajudar os Eruditos?! – pergunta-lhe. – Estou a ficar confusa.

– Tu quiseste ajudar os Intrépidos – recordo-lhe. – Achas que és a única pessoa que não obedece cegamente ao que lhe ordena a sua fação?

– É algo que corresponde ao vosso padrão de comportamento – diz Cara. – Matar a tiro as pessoas que se lhes opõem é uma característica dos Intrépidos.

Sinto um aperto na garganta. Cara é muito parecida com o irmão, especialmente na ruga que lhe separa as sobrancelhas e nas madeixas pretas no cabelo que, se não fosse isso, seria todo louro.

– Cara – diz Christina –, ajudas-nos ou não?

Cara suspira e acaba por responder:

– Obviamente que sim. E estou certa de que os outros também o farão. Venham ter connosco ao dormitório dos Eruditos depois da reunião, para nos contarem o vosso plano.

*

O processo de deliberação ainda se prolonga por mais uma hora. Nessa altura a chuva já deixou de cair, apesar de ainda haver pingos que tombam sobre os painéis das paredes e do teto. Christina e eu sentámo-nos de costas contra uma das paredes, a jogar um jogo em que cada uma tenta prender o polegar da outra. Ela ganha sempre.

Johanna e os outros Cordiais que emergiram como representantes das várias opiniões alinham-se sobre as raízes da árvore. Johanna tem o cabelo caído por cima do rosto e está a olhar para o chão. Deve comunicar-nos o resultado do debate mas continua de braços cruzados, os dedos a tamborilarem nos cotovelos.

– Que se passa? – pergunta Christina.

Johanna levanta a cabeça. E declara:

– Foi obviamente difícil chegar a um acordo, mas a maioria deseja manter a nossa orientação de não envolvimento.

Não é importante para mim que os Cordiais tenham decidido entrar na cidade ou não. Mas tinha alguma esperança de que não fossem todos cobardes e, em minha opinião, a conclusão a que chegaram é uma expressão de cobardia. Encosto-me à janela, desanimada.

– Não desejo estimular as divisões na nossa comunidade – prossegue Johanna –, mas a minha consciência obriga-me a contrariar esta decisão. Se houver mais alguém que se sinta impelido a ir à cidade pela sua consciência e me quiser acompanhar, será bem-vindo.

De início, e suponho que como toda a gente, nem compreendo o que ela está a dizer. Johanna inclina a cabeça para o lado e a cicatriz torna-se de novo visível, antes de acrescentar:

– Eu aceito que isto possa significar que eu não continue a ser membro dos Cordiais. – Dá uma fungadela. – Mas quero que saibam que, se tiver de vos deixar, o farei sem deixar de vos amar e não vos quererei mal por isso.

Johanna inclina-se ligeiramente perante a multidão, ajeita o cabelo por detrás das orelhas e dirige-se para a porta. Alguns dos Cordiais levantam-se apressadamente, depois há outros que os imitam, e não tarda que da multidão, já toda de pé, se destaquem algumas pessoas – não muitas, no entanto – que saem atrás de Johanna.

– Não era disto que eu estava à espera – diz Christina.

Capítulo Quarenta

O dormitório atribuído aos Eruditos é um dos maiores do complexo dos Cordiais. Há, no total, doze camas: uma fila de oito encostadas à parede mais distante, com mais duas em cada uma das extremidades, o que deixa um espaço enorme no meio do dormitório. Nesse espaço está uma mesa grande cheia de ferramentas, de fragmentos metálicos e de outros dispositivos e componentes e cabos de computadores velhos.

Cristina e eu estivemos a explicar o nosso plano, que nos pareceu um pouco mais parvo devido ao numeroso grupo de Eruditos que nos observava.

– O vosso plano tem algumas falhas – diz Cara. Foi a primeira a reagir.

– Foi por isso que viemos ter convosco – declaro. – Para nos dizerem como devemos aperfeiçoá-lo.

– Bem, em primeiro lugar, quanto a estes dados importantes que querem salvar... – começa Cara. – Pô-los num disco é uma ideia ridícula. Os discos acabam por ficar danificados ou por cair nas mãos erradas, como todos os objetos físicos. Sugiro que utilizem a rede de dados.

– A... quê?

Cara olha para os outros Eruditos. Um deles – um jovem de pele castanha com óculos – diz-lhe:

– Vá. Diz-lhes. Não há motivo para continuar a guardar segredos.

Cara volta-se para mim e esclarece:

– Muitos dos computadores que existem no complexo dos Eruditos estão programados para acederem aos

dados dos computadores existentes nas outras fações. Por isso é que a Jeanine teve tanta facilidade em dirigir a simulação que esteve na origem do ataque a partir de um computador dos Intrépidos, em vez de o fazer a partir de um computador dos Eruditos.

– O quê?! – indigna-se Christina. – Queres dizer que podem andar a passear pelos dados de cada facção sempre que vos apetecer?

– Não se pode «andar a passear» por dados – replica o jovem. – Isso não é lógico.

– É uma metáfora – afirma Christina, franzindo o sobrolho. – Certo?

– Uma metáfora ou uma figura de estilo? – prossegue o jovem, franzindo igualmente o sobrolho. – Ou uma metáfora é uma categoria definida por baixo da etiqueta «figura de estilo»?

– Fernando – diz Cara. – Concentra-te.

O jovem acena afirmativamente com a cabeça.

– A questão – diz Cara – é que a rede de dados existe, e que é eticamente questionável, mas eu acredito que ela pode ser aproveitada para nosso benefício. Tal como os computadores podem aceder a dados de outras fações, eles podem do mesmo modo *enviar* dados para as outras fações. Se enviássemos os dados que querem salvaguardar para cada uma das outras fações, seria impossível destruir tudo.

– Quando dizes «nós», estás a sugerir o quê? – pergunto-lhe.

– Que talvez fôssemos convosco – responde Cara. – Obviamente que nem todos irão, mas alguns terão de o fazer. Como é que esperam poder orientar-se sozinhas no quartel-general dos Eruditos?

– Claro que compreendem que, se vierem connosco, podem apanhar um tiro – diz Christina. E sorri. – E não vão esconder-se atrás de nós por terem medo de partir os óculos ou outro motivo qualquer.

Cara tira os óculos e parte-os ao meio pelo arco que assenta no nariz.

– Arriscámos a vida ao fugirmos da nossa facção – declara – e estamos dispostos a arriscá-la outra vez para salvar a nossa facção dela própria.

– Além disso... – diz uma voz juvenil por detrás de Cara. Pertence a uma rapariga de dez ou onze anos que espreita por baixo do cotovelo de Cara. Tem o cabelo preto curto, como o meu, e uma auréola de cabelo frisado. – Nós temos algumas engenhocas úteis.

Christina e eu entreolhamo-nos.

– Que tipo de engenhocas? – pergunto.

– São só protótipos – responde Fernando –, e por isso não há necessidade de os conhecerem em pormenor.

– Examinar esse tipo de coisas não é a nossa especialidade – afirma Christina.

– Então como é que aperfeiçoam as coisas? – pergunta a rapariga.

– Não aperfeiçoamos – responde Christina, com um suspiro. – Aliás, as coisas vão ficando é piores.

A rapariga acena com a cabeça.

– Entropia.

– O quê?! – Entropia – responde ela, num tom de voz que parece o cantar de um pássaro. – É a teoria de que, no universo, toda a matéria se move gradualmente para a mesma temperatura. Também conhecida por «morte térmica».

– Elia – diz Cara –, isso é uma simplificação grosseira.

Elia deita a língua de fora. Não posso deixar de me rir. Nunca vi um Erudito deitar a língua de fora a alguém. Mas, lá está, também não me tenho relacionado com muitos Eruditos jovens. Só com Jeanine e as pessoas que trabalham para ela. Incluindo o meu irmão.

Fernando agacha-se junto de uma das camas e tira uma caixa de debaixo dela. Depois procura no interior

durante alguns segundos e pega num pequeno disco. É feito de um metal claro que eu só vi, por várias vezes, no quartel-general dos Eruditos. Traz-mo na palma da mão. Quando estendo a mão para lhe pegar, ele retrai o braço.

– Cuidado! – exclama. – Trouxe isto do quartel-general. Não foi uma coisa que tivéssemos inventado aqui. Estavas lá quando atacaram os Cândidos?

– Sim – respondo. – Mesmo no meio de tudo.

– Lembram-se quando os vidros se estilhaçaram?

– Estavas lá?! – pergunto eu, semicerrando os olhos.

– Não. Mas gravaram tudo e mostraram as imagens no quartel-general dos Eruditos – explica Fernando. – Bem, parecia que os vidros se tinham estilhaçado por eles terem disparado, mas de facto não foi isso que aconteceu. Um dos soldados-Intrépidos lançou uma coisa destas para junto das janelas. Isto emite um sinal que não conseguimos ouvir, mas que faz com que o vidro se estilhece.

– Está bem – digo. – E como é que isso nos será útil?

– Vais perceber que é um elemento muito perturbador ter as janelas todas a partirem-se ao mesmo tempo – afirma Fernando, com um pequeno sorriso. – Em especial no quartel-general dos Eruditos, onde há muitas janelas.

– Exatamente – concordo.

– Que é que têm mais? – pergunta Christina.

– Os Cordiais vão gostar disto – diz Cara. – Onde é que está? Aqui.

Cara pega numa caixa de plástico, suficientemente pequena para conseguir fechar os dedos em torno dela. Na parte de cima estão duas peças de metal que parecem dentes. Cara liga um interruptor na base da caixa e um fio de luz azul salta entre os dois dentes.

– Fernando, queres fazer uma demonstração? – pergunta Cara.

– Estás a brincar?! – replica Fernando, abrindo muito os olhos. – Nunca mais vou fazer uma coisa dessas. És um perigo quando mexes nisso.

Cara deita-lhe um sorriso e explica:

– Se agora vos tocasse com este atordoador, sentiriam uma dor muito forte e ficariam incapazes de se mexerem. Fernando descobriu-o ontem da maneira mais difícil. Fiz isto para os Cordiais se poderem defender sem dispararem contra ninguém.

– Isso é... – franzo o sobrolho – ... simpático da vossa parte.

– Bem, a tecnologia serve para tornar melhor a nossa vida – afirma Cara. – Independentemente daquilo em que possas acreditar, há tecnologia no mundo que nos rodeia e que está à nossa disposição.

O que é que a minha mãe dizia na simulação? «Preocupa-me que a cólera do teu pai contra os Eruditos te tenha prejudicado.» E se ela tinha razão, apesar de estar a dizer-me isso numa simulação? O meu pai ensinou-me a ver os Eruditos de uma maneira muito especial. Nunca me ensinou que eles não faziam juízos de valor sobre aquilo em que as pessoas acreditavam, mas que inventavam coisas para elas, respeitando aquilo em que elas acreditavam. Nunca me disse que podiam ser divertidos, ou que podiam criticar a sua própria fação.

Cara estende o braço com o atordoador na direção de Fernando, soltando uma gargalhada ao vê-lo saltar para trás.

E ele também nunca me disse que um Erudito se podia oferecer para me ajudar, mesmo depois de eu lhe ter matado o irmão.

*

O ataque começará ao fim da tarde, antes que se

torne demasiado escuro, para podermos ver as braçadeiras azuis que indicam os Intrépidos traidores. Assim que damos os nossos planos por concluídos, atravessamos o pomar a caminho da clareira onde se encontram os veículos. Quando saio do meio das árvores, vejo Johanna Reyes empoleirada no *capot* de uma das carrinhas com as chaves penduradas num dedo.

Atrás dela está uma pequena fila de veículos cheios de Cordiais. E de Abnegados, também, com os seus penteados austeros e bocas silenciosas. Robert, o irmão de Susan, também está com eles.

Johanna salta do *capot*. Na parte de trás da carrinha está uma pilha de caixotes com as inscrições «MAÇÃS», «FARINHA» e «TRIGO». Ainda bem que só temos de transportar duas pessoas.

– Olá, Johanna – diz-lhe Marcus.

– Marcus, espero que não te importes que te acompanhemos à cidade – afirma Johanna.

– Claro que não – responde Marcus. – Avança, por favor.

Johanna dá as chaves a Marcus e sobe para a caixa de uma das *pick-ups*. Christina vai para a cabina e eu subo para a parte de trás, logo seguida por Fernando.

– Porque é que não te sentas à frente? – pergunta Christina. – E dizes tu que és uma Intrépida...

– Prefiro ir onde são menores as possibilidades de vomitar – declaro.

– Vomitar faz parte da vida!

Estou prestes a perguntar-lhe que intenções tem em matéria de vômitos para a futura vida dela mas a carrinha arranca nesse instante. Agarro-me aos lados com as duas mãos, para não cair, mas minutos depois, quando me habituo aos solavancos e aos altos e baixos do caminho, acabo por largá-los. Os outros camiões e carrinhas avançam com lentidão à nossa frente, a seguir

à carrinha de Johanna, que encabeça a coluna.

Mantenho-me calma até chegarmos à vedação. Espero encontrar os mesmos guardas que tentaram travar-nos, mas o portão está aberto e não há ninguém à vista. Sinto um tremor que começa no peito e que se espalha pelos braços e pelas mãos. No meio da animação que foi conhecer novas pessoas e fazer planos acabei por esquecer que o meu objetivo é entrar diretamente numa batalha onde posso perder a vida. E isto quando cheguei à conclusão de que valia a pena viver.

A coluna abranda à passagem pela vedação, como se os condutores esperassem que aparecesse alguém a mandar-nos parar. Está tudo em silêncio, à exceção das cigarras nas árvores distantes e dos motores dos nossos veículos.

– Achas que já começou? – pergunto a Fernando.

– Talvez. Ou talvez não – responde ele. – A Jeanine tem muitos informadores. É provável que alguém lhe tenha dito que ia acontecer qualquer coisa, e ela deve ter chamado todos os Intrépidos para o quartel-general dos Eruditos.

Aceno afirmativamente com a cabeça mas estou é a pensar em Caleb. Ele era um desses informadores. Pergunto a mim própria o que o terá levado a acreditar tão convictamente que o mundo exterior devia ser mantido escondido, a ponto de trair toda a gente de quem supostamente gostava para favorecer Jeanine, que não gosta de ninguém.

– Conheceste algum Caleb? – pergunto-lhe.

– Caleb... Sim, havia um Caleb no meu grupo de iniciados – responde Fernando. – Era muito inteligente mas... como é que se diz, coloquialmente? Era um interesseiro. – Faz um sorriso malicioso. – Havia uma espécie de divisão entre os iniciados, entre os que aceitavam tudo o que a Jeanine dizia e os que não o

aceitavam. Eu fazia parte do segundo grupo, obviamente. Mas o Caleb fazia parte do primeiro. Porque é que perguntas?

– Conheci-o enquanto estive lá presa – respondo, com uma voz que até a mim me parece muito distante. – Foi uma questão de curiosidade.

– Eu não seria muito severo a julgá-lo – continua Fernando. – A Jeanine pode ser extraordinariamente convincente para aqueles que não são naturalmente desconfiados. E eu fui sempre desconfiado.

Olho por cima do ombro esquerdo dele, para a linha do horizonte que está a ficar cada vez mais nítida à medida que nos aproximamos da cidade. Olho para os dois picos no topo do Centro e, ao vê-los, sinto-me ao mesmo tempo melhor e pior. Melhor porque o edifício é-me muito familiar, e pior porque se vemos os picos é porque estamos a chegar.

– É, eu também sou naturalmente desconfiada– digo-lhe.

Capítulo Quarenta e Um

Quando entramos na cidade, as conversas já terminaram e estão agora substituídas por lábios firmemente cerrados e rostos muito pálidos. Marcus contorna crateras do tamanho de pessoas e peças de autocarros avariados. O caminho é mais suave depois de termos saído do território dos sem-faço e à medida que entramos nas partes mais limpas da cidade.

Ouçõ tiros. À distância parecem estalidos inocentes.

Por instantes sinto-me desorientada e só consigo lembrar-me dos líderes dos Abnegados de joelhos no passeio e dos Intrépidos de rostos vazios a ameaçá-los com armas empunhadas. E da minha mãe a voltar-se, a oferecer o peito às balas, e de Will a cair no chão. Mordo o punho para me impedir de chorar e a dor traz-me de regresso ao presente.

A minha mãe disse-me para ser corajosa. Mas se ela tivesse sabido que a sua morte me tornaria tão medrosa ter-se-ia sacrificado de tão boa vontade?

Afastando-se da coluna, Marcus volta para a Avenida Madison e, quando só estamos a dois quarteirões de distância da Avenida Michigan, onde decorrem os combates, enfia por um beco e desliga o motor.

Fernando salta para o chão e oferece-me o braço.

– Vamos a isto, Insurgente – diz-me ele, piscando-me o olho.

– O que foi que me chamaste? – pergunto, apoiando-me no braço dele para deslizar para o chão.

Fernando abre o saco que trouxe e que está cheio de roupas azuis. Pesquisa no interior e atira roupas a Christina e mim. O que me calha é uma T-shirt de um

azul muito vivo e calças de ganga também azuis.

– *Insurgente* – responde Fernando. – É um substantivo. Descreve uma pessoa que age em oposição à autoridade estabelecida sem ser necessariamente vista como beligerante.

– Tens de dar nomes a tudo? – pergunta-lhe Cara, passando as mãos pelo cabelo louro pálido e ajeitando as pontas soltas. – Estamos a fazer algo em grupo. Não é necessário arranjar uma categoria nova.

– Mas acontece que eu gosto de criar categorias – replica Fernando, arqueando uma sobrancelha muito escura.

Olho para ele. Quando invadi pela última vez o quartel-general de uma facção, fi-lo de arma empunhada e fui deixando corpos pelo caminho. Preferia que as coisas fossem diferentes, desta vez. Aliás, sinto mesmo a necessidade de fazer tudo isto de maneira diferente.

– Gosto disso – afirmo. – *Insurgente*. É perfeito.

– Estás a ver? – pergunta Fernando a Cara. – Não sou o único...

– Parabéns – diz ela, secamente.

Contemplo as minhas roupas de Erudita, enquanto os outros começam a despir-se.

– Não há tempo para sermos envergonhados, Empata! – exclama Christina, olhando para mim com uma expressão mordaz.

Ela tem razão e eu dispo a camisa vermelha que tinha e visto a T-shirt azul. Olho para Fernando e para Marcus para ter a certeza de que não estão a observar-me e troco também de calças. Tenho de enrolar as bainhas quatro vezes e quando as aperto na cintura fico metida numa espécie de balão.

– Ela chamou-te *Empata*? – pergunta Fernando.

– Foi – respondo. – Eu transferi-me dos Abnegados para os Intrépidos.

– Hum. – Fernando franze o sobrolho. – É uma

grande mudança. Esse tipo de mudança de personalidade entre gerações é quase geneticamente impossível nesta altura.

– Por vezes a personalidade nada tem que ver com a escolha de uma facção– contraponho, pensando na minha mãe. Ela deixou os Intrépidos não por se sentir mal preparada para continuar na sua própria facção, mas por ser mais seguro ser Divergente entre os Abnegados. E depois há o caso de Tobias, que se transferiu para os Intrépidos para fugir ao próprio pai. – Há muitos fatores a considerar.

Tobias quis fugir ao homem com quem me aliei. Sinto uma picada de culpa.

– Continua a falar dessa maneira e nunca descobrirão que não és de facto uma Erudita – comenta Fernando.

Passo um pente pelo cabelo para o alisar e depois prendo-o atrás das orelhas.

– Assim – diz Cara, tirando-me uma madeixa de cabelo do rosto e prendendo-a com um gancho prateado, como fazem as raparigas dos Eruditos.

Christina pega nas armas que trouxemos e olha para mim.

– Queres uma? – pergunta-me. – Ou preferes levar o atordoador?

Olho para a arma que ela tem na mão. Se não levar o atordoador, fico completamente indefesa perante pessoas que terão todo o gosto em disparar contra mim. Se o fizer, estou a admitir uma fraqueza à frente de Fernando, de Cara e de Marcus.

– Sabes o que diria o Will, não sabes? – pergunta Christina.

– Hã?! – Até sinto a voz a fraquejar.

– Ele dir-te-ia para ultrapassares isso – continua Christina. – Para deixares de ser tão irracional e para pegares na estúpida da arma.

Will tinha pouca paciência para aceitar as coisas que

considerava irracionais. Christina tem decerto razão porque o conhecia melhor do que eu.

E ela – que perdeu nesse dia uma pessoa que lhe era querida, tal como eu – pôde perdoar-me, num gesto que deve ter sido quase impossível para ela. E que para mim teria sido mesmo impossível, se eu estivesse no lugar dela. Portanto, porque é que é tão difícil para mim perdoar-me?

Fecho a mão em torno da pistola que Christina me oferece. O metal está quente, devido ao calor da mão dela. Lembro-me de disparar sobre Will, como se fosse uma dor na minha nuca, e tento contê-la. Mas não consigo pegar nela. Largo a arma.

– O atordoador é uma opção muito boa – diz Cara, tirando um cabelo da manga da camisa. – Se querem a minha opinião, eu até acho que os Intrépidos gostam de mais de armas de fogo.

Fernando estende-me o atordoador. Gostaria de poder agradecer a Cara, mas ela nem está a olhar para mim.

– E como é que eu vou esconder isto? – pergunto.

– Não te preocupes – responde Fernando.

– Está bem...

– É melhor irmos – diz Marcus, olhando para o relógio.

O meu coração está a bater com tanta força que quase acompanha o ritmo dos segundos que passam. Mas sinto o resto do meu corpo entorpecido. Quase nem sinto o chão, aliás. Nunca tive tanto medo e, considerando tudo o que fiz durante o ataque desencadeado pela simulação, isso é uma coisa que não faz muito sentido.

Ou talvez faça. O que quer que fosse que os Abnegados estavam prestes a mostrar a toda a gente antes do ataque levou Jeanine a tomar medidas drásticas e terríveis para os travar. E eu vou agora

concluir o que eles iniciaram e que quase conduziu à morte da minha antiga facção. Há muitas coisas em jogo, além da minha vida.

Christina e eu vamos à frente. Avançamos a correr ao longo dos passeios limpos e uniformes da Avenida Madison, passado pela State Street a caminho da Avenida Michigan.

Paro de repente quando estamos a cerca de meio quarteirão do quartel-general dos Eruditos.

Disposto em quatro filas à nossa frente está um grupo de pessoas, na sua maioria vestidas de preto e branco, separadas umas das outras por cerca de meio metro e empunhando armas que parecem prontas a disparar. Pestanejo e o que vejo são Intrépidos sob o efeito da simulação e durante o ataque no setor dos Abnegados. *Controla-te! Controla-te controla-te controla-te...* Pestanejo outra vez e voltam a ser um grupo de Cándidos, embora alguns, vestidos inteiramente de preto, até pareçam ser Intrépidos. Se não tiver cuidado ainda acabo por perder a noção de onde estou e do momento presente.

– Oh, meu Deus – murmura Christina. – A minha irmã, os meus pais... E se eles...

Olha para mim e compreendo o que ela está a pensar, porque já passei pelo mesmo. *Onde é que estão os meus pais? Tenho de encontrá-los.* Mas se os pais dela são como estes Cándidos, controlados pela simulação e armados, não há nada que ela possa fazer por eles.

Fico a pensar se encontrarei Lynn nesta posição ou noutro local.

– E que fazemos agora? – pergunta Fernando.

Dou um passo em frente. Talvez não estejam programados para disparar. Concentro-me nos olhos vidrados de uma mulher de blusa branca e calças pretas. Parece ter saído agora do trabalho. Dou mais um passo.

Bang! Atiro-me instintivamente para o chão, cobrindo a cabeça com os braços, recuando o mais que posso e indo parar junto aos sapatos de Fernando. Que me ajuda depois a levantar.

– E que tal se não fizéssemos mais coisas dessas? – pergunta ele.

Inclino-me um pouco para a frente – mas não muito – e espreito para o beco que fica entre o prédio mais perto de nós e o quartel-general dos Eruditos. Também há Cândidos no beco. Não me surpreenderia que houvesse uma barreira bastante densa de Cândidos a proteger todo o quartel-general dos Eruditos.

– Há mais alguma maneira de lá entrar? – pergunto.

– Que eu saiba, não – diz Cara. – A não ser que queiras saltar de telhado em telhado. – Ri-se, ao dizê-lo, como se fosse uma piada. Mas eu só ergo as sobancelhas. – Espera lá, não estás a pensar em...

– Telhados? – digo. – Não. Em janelas.

Dirijo-me para o lado esquerdo, tendo o cuidado de não me expor nem um centímetro aos Cândidos. O edifício que está desse lado sobrepõe-se parcialmente ao quartel-general dos Eruditos na extremidade mais à esquerda. Deve haver algumas janelas nas paredes que estão mais próximas.

Cara murmura qualquer coisa sobre as proezas loucas dos Intrépidos, mas segue-me quando começo a correr, tal como Fernando, Marcus e Christina. Tento abrir a porta das traseiras do edifício, mas está trancada.

Christina dá um passo em frente e diz-nos: «Para trás». Depois aponta a pistola à fechadura. Eu protejo o rosto com um braço e ela dispara. Ouvimos o ruído de uma explosão e depois um eco metálico, que são os efeitos de um tiro dado num espaço tão exíguo. A fechadura fica destruída.

Abro a porta e entro. Vejo um corredor comprido com um chão de tijoleira e portas nos dois lados,

algumas abertas e outras fechadas. Quando espreito pelas portas abertas, vejo filas de secretárias antigas e quadros nas paredes, como os que vi no quartel-general dos Intrépidos. O ambiente cheira a mofo, fazendo lembrar a mistura do cheiro das páginas de um livro antigo com produtos de limpeza.

– Isto era um edifício comercial – diz Fernando –, mas os Eruditos transformaram-no numa escola, para depois da Escolha. Quando os Eruditos fizeram a primeira renovação do seu quartel-general, há cerca de dez anos... lembram-se de quando os edifícios do outro lado do Milénio estavam ligados entre si? Nessa altura, deixaram de usar a escola. Era tudo muito antigo e tornava-se difícil renovar isto também.

– Agradecemos a lição de História – diz Christina.

Quando chego ao fundo do corredor, entro numa das salas de aula para ver onde estou. E deparo-me com as traseiras do quartel-general dos Eruditos, que não tem janelas ao nível da rua.

Do lado de fora da janela, tão próxima que eu até poderia tocar-lhe se pusesse a mão de fora e estendesse o braço, está uma jovem Cândida, uma criança, a empunhar uma pistola que é quase tão comprida como o antebraço dela. Está tão quieta que nem parece estar a respirar.

Estico o pescoço para ver se há janelas acima do nível da rua. Por cima da minha cabeça, no edifício onde me encontro, alinham-se várias janelas. Mas nas traseiras do quartel-general dos Eruditos só há uma que fica ao mesmo nível das janelas da escola. É no terceiro andar.

– Boas notícias – anuncio. – Já arranjei maneira de entrarmos.

Capítulo Quarenta e Dois

A meu pedido, espalham-se todos pelo edifício em busca de uma arrecadação onde possa haver um escadote. Ouço o chiar de ténis pela tijoleira e gritos de «Encontrei um... não, só tem baldes dentro!» e «Que tamanho é que precisa de ter o escadote? Um só de quatro degraus não serve, pois não?»

Enquanto andam à procura, eu consigo encontrar finalmente a sala de aula que dá para a janela dos Eruditos. E preciso de fazer força por três vezes para abrir a janela mais próxima.

Inclino-me para fora, para o beco, e grito: «Eh!» E depois baixo-me o mais rapidamente que posso. Mas não ouço tiros. *Ainda bem*, penso eu. *Não reagem ao ruído.*

Christina entra na sala de aula com um escadote debaixo do braço, seguida pelos outros.

– Tenho aqui um! – anuncia. – Penso que é suficientemente comprido para o esticarmos. – E, ao tentar voltar-se sem olhar em redor, bate com o escadote no ombro de Fernando. – Oh, desculpa, Nando!

O embate põe os óculos de Fernando à banda. Mas ele limita-se a sorrir e a tirar os óculos, metendo-os no bolso.

– Nando?! – pergunto, a olhar para ele. – Pensei que os Eruditos não gostassem de diminutivos.

– Quando uma rapariga bonita nos chama por um diminutivo – responde Fernando –, é mais do que lógico responder.

Christina desvia o olhar e de início até me parece que

ela ficou envergonhada, mas vejo depois que o rosto se contorceu como se ele a tivesse esbofeteado em vez de lhe ter feito um piropo. Ainda é demasiado cedo, depois da morte de Will, para Christina aceitar um elogio desse género.

Ajudo-a a passar o escadote pela janela da sala de aula e depois a atravessar o espaço vazio entre os dois edifícios. Marcus ajuda-nos a mantê-lo estável. E Fernando dá um grito de triunfo quando o escadote assenta no rebordo da outra janela.

– Chegou o momento de partir o vidro – digo.

Fernando tira do bolso o dispositivo de partir vidros e passa-mo, dizendo:

– Deves ser quem tem melhor pontaria.

– Eu não teria tanta certeza – contraponho. – O meu braço direito está fora de serviço. Terei de atirar com o esquerdo.

– Eu atiro – diz Christina.

Prime o botão lateral do dispositivo e atira-o para o outro lado do beco, num movimento suave de baixo para cima. Até aperto as mãos ao olhar para a trajetória. O objeto toca no peitoril e rola depois até ao vidro. Há um clarão cor de laranja e de repente a janela – tal como as de cima, de baixo e do lado – explode em centenas de fragmentos que caem, como chuva, sobre os Cândidos que estão na rua.

E de imediato voltam-se todos e disparam para cima. Os meus companheiros atiram-se para o chão mas eu fico onde estou, simultaneamente maravilhada com a sincronia perfeita dela e horrorizada pela maneira como Jeanine Matthews conseguiu transformar os seres humanos de mais uma fação em componentes de uma máquina. As balas não atingem as janelas das salas de aula nem entram na divisão em que estamos.

Como os Cândidos não tornam a disparar, espreito para baixo. Regressaram às suas posições iniciais,

metade voltados para a Avenida Madison e a outra metade para a Avenida Washington.

– Eles só reagem ao movimento, por isso... não caíam – afirmo. – Quem for primeiro tem de segurar na outra ponta do escadote.

Marcus, que deveria oferecer-se altruistamente para cada tarefa, não o faz.

– Então, não está a sentir-se muito Empata hoje, é isso? – pergunta-lhe Christina.

– Se fosse a ti, seria mais cuidadoso em matéria de insultos – replica Marcus. – Eu continuo a ser a única pessoa que sabe onde está aquilo que procuramos.

– Isso é uma ameaça?!

– Vou eu – declaro, antes de ele poder responder. – Também tenho uma parte de Empata, não tenho?

Enfio o atordoador no cinto das minhas calças e subo para cima de uma secretária para ver melhor a janela. Christina pega no escadote de lado enquanto eu subo para cima dele e começo a movimentar-me.

Depois de deixar a janela para trás, apoio os pés nas traves laterais do escadote e as mãos nos degraus. O escadote parece ter a solidez e estabilidade possível para algo feito em alumínio, oscilando e rangendo debaixo do meu peso. Tento não olhar para baixo, para os Cândidos. E tento não pensar nas armas deles, que podem ser apontadas contra mim e começar a disparar.

Respirando rapidamente, olho para a minha meta, que é a janela dos Eruditos. À distância de apenas alguns degraus.

O vento suave que passa pelo beco empurra-me para um lado e eu lembro-me da roda gigante, que escalei com Tobias. Ele amparou-me, nessa altura. Aqui não há ninguém para me amparar.

Olho de relance para o chão, três pisos abaixo de mim, para as lajes da rua que me parecem mais pequenas do que deviam, para as fileiras de Cândidos

transformados em escravos de Jeanine. Os meus braços, em especial o direito, já me doem a cada movimento que me aproxima do outro lado.

O escadote move-se ligeiramente, acercando-se mais da beira do peitoril da janela do outro lado. Christina está a conseguir manter o escadote seguro no lado dela, mas não consegue impedi-lo de deslizar na outra janela. Cerro bem os maxilares e tento não me mexer muito, mas também não sou capaz de fazer avançar as duas pernas ao mesmo tempo e impedir assim o escadote de se mexer. Mas só faltam quatro degraus.

O escadote desliza para a esquerda e depois, ao avançar o meu pé direito, falho a trave.

Dou um grito ao sentir o meu corpo a perder o equilíbrio, agarrando-me ao escadote com os dois braços e deixando ficar a perna no ar.

– Está tudo bem? – pergunta Christina, atrás de mim.

Nem sou capaz de responder. Lanço-me ao peitoril da janela no momento em que o escadote desliza por completo e se solta. Agarro o rebordo da janela com as duas mãos e sinto o cimento a arranhar-me as pontas dos dedos que suportam agora o meu peso. Ouço vozes a gritar atrás de mim.

Cerro os dentes e iço-me para o peitoril, com o ombro direito a berrar de dor. Tento apoiar os pés nos tijolos da parede, para ganhar impulso, mas não me serve de muito. Sufoco um grito enquanto me puxo para cima do peitoril, ficando com metade do corpo dentro da janela e a outra metade de fora. Felizmente que Christina não deixou o escadote afastar-se muito. E nenhum dos Cândidos se volta para disparar sobre mim.

Iço-me depois e aterro numa divisão do edifício. É uma casa de banho. Deixo-me cair sobre o ombro esquerdo, a respirar com dificuldade enquanto tento controlar a dor. Tenho a testa a suar.

Uma Erudita sai de uma das divisórias e eu ponho-me rapidamente em pé, empunhando o atordoador e apontando-o a ela sem pensar no que estou a fazer.

Ela imobiliza-se, de braços levantados, com um pedaço de papel higiénico colado a um sapato.

– Não dispare! – exclama ela, de olhos muito abertos.

Lembro-me então de que estou vestida como os Eruditos e pouso o atordoador na beira de um lavatório.

– Peço-lhe que me perdoe – digo-lhe. Tento adotar a maneira de falar formal dos Eruditos. – Estou um pouco nervosa com isto tudo que está a acontecer. Estamos a voltar cá dentro para recuperar alguns dos resultados dos testes do laboratório 4-A.

– Ah – diz ela. – Isso parece pouco sensato.

– Os dados são da maior importância – afirmo, tentando mostrar-me tão arrogante como alguns dos Eruditos que conheço. – Prefiro não os deixar cá para serem destruídos pelas balas.

– Bem, não me compete impedi-la de tentar recuperá-los – replica ela. – Agora, se me dá licença, vou tentar lavar as mãos e ir abrigar-me.

– É uma ideia – comento. E decido não lhe dizer que tem papel higiénico preso ao sapato.

Volto-me para a janela. No outro lado, Christina e Fernando estão a tentar equilibrar o escadote na janela deles. Embora me doam os braços e as pernas, debruço-me da janela e seguro na outra extremidade do escadote, puxando-o para o peitoril deste lado. Depois seguro-o com firmeza enquanto Christina sobe para o escadote.

Christina atravessa sem problemas para este lado, porque o escadote está finalmente mais estável. Toma o meu lugar enquanto eu bloqueio a porta com o caixote do lixo para ninguém poder entrar. E passo os dedos por água fria para atenuar a impressão de dor que se

mantém.

– Isto foi uma boa ideia, Tris – diz Christina.

– Não precisas de te mostrar tão surpreendida.

– É que... – Christina hesita. – Tu também estavas apta para os Eruditos, não era?

– E isso interessa? – replico, mais agressivamente do que devia. – As fações estão destruídas e foi tudo uma estupidez, para começar.

Nunca disse uma coisa assim até este momento. Nem sequer o pensei. Mas é uma surpresa para mim descobrir que acredito no que digo... e que até estou de acordo com Tobias.

– Não estava a tentar insultar-te – declara Christina. – Ter aptidão para entrar nos Eruditos não é mau. Em especial nesta altura.

– Desculpa. Estou... um pouco tensa. É só isso.

Marcus entra pela janela e deixa-se cair no chão de azulejos. Cara é surpreendentemente ágil. Avança pelos degraus como se estivesse a dedilhar as cordas de um banjo, passando por eles quase sem contacto físico.

Fernando será o último e vai estar na mesma posição em que me encontrei, com o escadote seguro apenas de um dos lados. E eu aproximo-me mais da janela para lhe poder dizer para parar, se vir que o escadote desliza.

Fernando, que não pensei que viesse a ter problemas, move-se com gestos menos precisos do que todos os outros. Deve provavelmente ter passado toda a vida a olhar para o computador ou para um livro. Avança com dificuldade, o rosto muito vermelho, agarrando-se com tanta força aos degraus que as mãos ficam-lhe roxas e inchadas.

Quando já está a meio vejo um objeto a sair-lhe do bolso. São os óculos.

Grito-lhe:

– Fernan...

Mas é demasiado tarde.

Os óculos saltam-lhe do bolso, batem na trave lateral do escadote e vão depois cair na rua.

Num movimento perfeitamente síncrono, os Cândidos que estão lá em baixo voltam-se e começam a disparar na nossa direção. Fernando grita e agarra-se mais ao escadote. Uma bala entra-lhe na perna. Não vejo onde o feriram as outras ,mas percebo que não foi em bom sítio quando reparo no sangue que pinga dos degraus.

Fernando olha para Christina, com o rosto muito lívido. Christina atira-se para a janela e debruça-se, tentando agarrá-lo.

– Não sejas parva! – diz ele, numa voz débil. – Deixa-me.

É a última coisa que ele diz.

Capítulo Quarenta e Três

Christina regressa ao interior da casa de banho. Estamos todos gelados.

– Não quero ser insensível – diz Marcus –, mas temos de avançar antes que os Intrépidos e os sem-facção entrem no edifício. Se é que não entraram já.

Ouçõ bater na janela e volto a cabeça, pensando por um segundo que é Fernando, a tentar entrar. Mas é só a chuva.

Saimos da casa de banho com Cara à frente. É ela agora quem nos dirige. É quem melhor conhece o quartel-general dos Eruditos. Atrás dela vai Christina, depois Marcus e eu vou no fim. Ao sairmos da casa de banho encontramos-nos num corredor que é igual a todos os outros corredores dos Eruditos: com uma luz clara mas brilhante e completamente estéril.

Mas neste caso há movimento no corredor como eu nunca vi. Pessoas vestidas com o azul dos Eruditos parecem saltar de um lado para o outro, sozinhas e em grupo, a gritar entre si: «Eles estão na entrada! Vão para os andares mais altos!», «Desativaram os elevadores! Corram para as escadas!». E é só aqui, no meio do caos, que percebo que me esqueci do atordoador na casa de banho e que estou de novo desarmada.

Os Intrépidos traidores também andam a correr de um lado para o outro, embora o seu frenesim seja menor. Gostaria de saber o que Johanna, os Cordiais e os Abnegados andam a fazer no meio desta confusão. Estarão a dar assistência aos feridos? Ou a tentar interpor-se entre as armas dos Intrépidos e os Eruditos

inocentes, aceitando levar um tiro em nome da paz?

Estremeço. Cara conduz-nos por uma escada nas traseiras e juntamo-nos a um grupo de Eruditos em pânico enquanto subimos a correr um, dois, três lanços de escadas. Nessa altura, Cara empurra com o ombro uma porta que fica perto do patamar, mantendo a arma junto ao peito.

Reconheço o andar.

Foi aqui que estive.

Os meus pensamentos começam a movimentar-se mais lentamente. Quase morri aqui. Foi aqui que desejei morrer.

Abrando e deixo-me ficar para trás. Não consigo afastar a névoa que me tolhe os movimentos, apesar de as pessoas continuarem a passar por mim a correr e Marcus me gritar qualquer coisa, embora numa voz abafada. Christina volta para trás e puxa por mim para o «CONTROLO-A».

Dentro da sala de controlo olho para uma fila de computadores, mas na verdade não os consigo ver ao pormenor, não os distingo. Tenho uma película que me cobre os olhos. Tento pestanejar. Marcus está sentado diante de um dos computadores e Cara noutro. Vão enviar os dados dos computadores dos Eruditos para os computadores das outras fações.

A porta abre-se atrás de mim.

E ouço a voz de Caleb:

– Mas o que é que estás tu aqui a fazer?!

*

A voz dele desperta-me. Volto-me e vejo logo a arma que ele empunha.

Os olhos dele são como os da minha mãe: verde-escuros, quase cinzentos, tornados mais vivos pelo azul da roupa que usa.

– Caleb – digo –, o que pensas tu que estás aqui a fazer?

– Eu estou aqui para travar o que vocês estão a fazer!

– A voz dele treme e a arma vacila.

– Nós estamos aqui para salvar os dados dos Eruditos que os sem-fação querem destruir – digo-lhe. – Não me parece que nos queiras interromper.

– Isso não é verdade – replica Caleb, com um aceno de cabeça para Marcus. – Não o trariam convosco se não andassem a tentar descobrir mais alguma coisa. Que deve ser mais importante para ele do que todos os dados dos Eruditos juntos.

– Ela falou-te no assunto? – pergunta Marcus. – A *ti*, que não passas de uma criança?!

– De início, não – responde Caleb. – Mas ela não quis que eu escolhesse um dos lados sem conhecer os factos!

– O único facto – diz Marcus – é o pavor que ela tem da realidade, coisa que os Abnegados nunca tiveram, nem têm. Nem a tua irmã, justiça lhe seja feita.

Faço um sorriso de troça. Apesar de ele me fazer um elogio, tenho é vontade de o esmurrar.

– A minha irmã – diz Caleb, gentilmente, olhando de novo para mim – não sabe aquilo em que está a meter-se. Não sabe o que você quer mostrar a toda a gente... nem que isso vai destruir *tudo*!

– Estamos aqui com um objetivo bem claro! – Marcus também já está quase a gritar. – A nossa missão chegou ao fim e é altura de fazermos o que fomos encarregues de fazer!

Não sei qual seja o objetivo da missão a que Marcus se refere, mas Caleb não parece ficar confuso.

– Nós não fomos enviados para aqui – diz Caleb. – A única responsabilidade que temos é perante nós próprios.

– Esse tipo de pensamento egoísta é o que se pode esperar de quem passou tempo de mais com a Jeanine

Matthews. Estão tão pouco dispostos a abandonar o vosso conforto que o vosso egoísmo vos retira toda a humanidade! – contrapõe Marcus.

Não quero ouvir mais. Enquanto Caleb está a olhar para Marcus, eu volto-me e dou um pontapé no pulso do meu irmão. O impacto atordoa-o e a arma cai-lhe da mão. E eu faço-a deslizar para longe dele com o meu pé.

– Tens de confiar em mim, Beatrice – diz ele, com o queixo a tremer.

– Depois de ter sido torturada por ela, contigo a ajudar? Depois de quase a teres deixado matar-me?

– Eu não a ajudei a tort...

– O certo é que não a impediste! Estavas lá e ficaste a ver...

– Que podia ter eu feito?! Que...

– Podias ter *tentado*, covarde!– Grito tão alto que sinto a cara a arder e as lágrimas a saltarem-me dos olhos. – Tentado e falhado, se fosse preciso, se gostasses de mim!

Calo-me, ofegante, a tentar respirar. E só ouço o ruído das teclas enquanto Cara se ocupa do que nos trouxe aqui. Caleb não consegue reagir. O olhar de súplica que ele ainda tinha desaparece-lhe do rosto, substituído por uma expressão vazia.

– Não é aí que vão encontrar o que procuram – diz, no entanto. – Ela não guardaria ficheiros tão importantes em computadores públicos. Não seria lógico.

– Portanto, ela não destruiu o que tinha? – pergunta Marcus.

Caleb abana a cabeça.

– Ela não é partidária da destruição de informação, mas sim da sua preservação – responde.

– Graças a Deus – diz Marcus. – E onde é que ela a guarda?

– Não vou dizer-vos – afirma Caleb.

– Mas eu acho que sei – intervenho. Caleb disse que ela não guardaria a informação num computador público. O que significa naturalmente que ela a deve armazenar num computador de uso privado: ou o que tem no seu gabinete ou o que se encontra no laboratório de que Tori me falou.

Caleb não olha para mim.

Marcus pega no revólver de Caleb e volta-o, ficando com a coronha a sair-lhe da mão. E depois faz um movimento repentino, batendo com a arma no queixo de Caleb. Os olhos de Caleb reviram-se e ele cai no chão.

Nem quero saber como é que Marcus aperfeiçoou um gesto tão inesperado.

– Não podemos tê-lo a andar por aí, a dizer o que andamos a fazer – explica Marcus. – Vamos embora. A Cara pode tomar conta do resto, certo?

Cara acena afirmativamente com a cabeça, sem tirar os olhos do monitor. Sinto um movimento no estômago que me provoca náuseas, mas sigo Marcus e Christina da sala de controlo para as escadas.

*

O corredor está vazio. No chão há papéis rasgados e pegadas. Marcus, Christina e eu corremos para as escadas. Diante dos meus olhos tenho a parte de trás da cabeça dele, onde a forma do crânio é agora mais evidente devido ao cabelo muito curto.

O que no entanto vejo nem é a cabeça dele mas sim o movimento do cinto que desce sobre Tobias e a coronha do revólver dele a atingir o queixo do meu irmão. Não me importo que ele o tenha magoado – eu também o teria feito –, mas o facto de ele ser simultaneamente um homem que sabe como há de magoar as pessoas e o

líder humilde dos Abnegados põe-me tão furiosa que nem consigo ver bem.

Até porque eu o escolhi. Optei por *ele* em vez de Tobias.

– O teu irmão é um traidor – diz Marcus, quando voltamos uma esquina. – Ele merecia pior. Não precisas de estar a olhar para mim dessa maneira.

– Cale-se! – exclamo, empurrando-o com força contra a parede e deixando-o tão estupefacto que ele nem reage. – Odeio-o, e sabe disso! Odeio-o pelo que lhe fez, e sabe bem que não estou a falar do Caleb. – Aproximo o meu rosto do dele. – E apesar de eu poder não o matar, pode ter a certeza que não o ajudarei se alguém o tentar, por isso peça a Deus que não cheguemos a essa situação.

Marcus observa-me, parecendo ficar indiferente às minhas palavras. Eu largo-o e continuo para as escadas, logo seguida por Christina e, à distância, por ele.

– Onde é que vamos? – pergunta Christina.

– O Caleb disse que o que procuramos não está num computador público. Por isso tem de estar num de uso privado. E, tanto quanto sei, a Jeanine tem dois computadores em que só ela é que mexe, um no gabinete e o outro no laboratório dela.

– Então a qual é que vamos?

– Tori disse-me que havia medidas de segurança loucas a protegerem o laboratório da Jeanine – respondo. – E eu já estive no gabinete dela. É uma sala como outra qualquer.

– Portanto... laboratório.

– Último piso.

Abrimos a porta que dá para as escadas e deparamos, nesse instante, com um grupo de Eruditos, incluindo crianças, que está a descer a correr. Agarro-me ao corrimão e forço a passagem por entre eles à cotovelada, sem olhar para os rostos que passam por

mim, como se não fossem seres humanos mas apenas uma parede feita de corpos que é necessário afastar.

Ainda espero que o movimento abrande, mas há mais pessoas que saem do piso seguinte, num fluxo constante de gente vestida de azul a mover-se numa atmosfera iluminada por uma luz azul pálida e com os brancos dos olhos a contrastarem com tudo o resto, como se fossem lâmpadas. O choro de terror deles multiplica-se pelo teto e pelas paredes de cimento em ecos sem fim, como gritos de demónios de olhos brilhantes.

Quando chegamos ao patamar do sétimo piso, a multidão torna-se mais rarefeita e acaba por dissipar-se. Passo as mãos pelos braços para me livrar dos fantasmas de cabelos, mangas e pele que roçaram por mim. E já avisto o último piso.

Bem como o corpo de um guarda, com o braço fora da escada, e de pé, em cima dele, um sem-faço com uma venda no olho.

Edward.

*

– Olhem quem ela é – diz Edward. Está no cimo de um curto lança de sete degraus e eu estou cá em baixo. Entre nós encontra-se o corpo do Intrépido traidor, de olhos vidrados e com uma mancha escura no peito onde alguém (Edward, possivelmente) lhe deu um tiro.

– Que indumentária tão estranha para quem parece desprezar os Eruditos – diz ele. – Pensei que estivesse em casa, à espera do regresso do teu namorado, feito herói.

– Como já deves ter percebido – replico, subindo um degrau –, não é o que vai acontecer.

A luz azul cria sombras por baixo das maçãs do rosto de Edward, que faz deslizar uma mão para trás das costas.

Se ele está aqui, isso quer dizer que Tori também já chegou. E que Jeanine deve estar morta.

Sinto Christina a chegar-se a mim. Ouço-a respirar.

– Nós vamos passar – aviso, subindo mais um degrau na direção de Edward.

– Duvido – replica ele. Empunha a pistola. E eu lanço-me para a frente, por cima do guarda tombado. Edward dispara, mas as minhas mãos agarraram-lhe o pulso e ele não consegue disparar direito.

Sinto os ouvidos a zumbir e os pés a escorregarem nas costas do morto.

Christina atira um murro por cima da minha cabeça e o punho dela embate no nariz de Edward. Não consigo equilibrar-me em cima do corpo e acabo por cair de joelhos, enterrando as unhas no pulso de Edward. Ele força-me a desviar-me e dispara outra vez, desta vez atingindo Christina na perna.

Ofegante, Christina puxa da sua própria arma e dispara. A bala atinge-o de lado. Edward grita e larga a pistola, caindo para a frente. Cai por cima de mim e eu bato com a cabeça num dos degraus de cimento, com o braço do guarda morto enfiado nas minhas costas.

Marcus apanha a arma de Edward e aponta-a na nossa direção, dizendo:

– Levanta-te, Tris. E tu – para Edward – nem te mexas.

A minha mão procura a beira de um dos degraus e faço força para me libertar do aperto do corpo do morto e de Edward, que consegue sentar-se em cima do morto – como se estivesse a ajeitar-se numa almofada – agarrado à ferida com as duas mãos.

– Estás bem? – pergunto a Christina.

– Aaah... Sim... – O rosto dela contorce-se. – Não me apanhou o osso. Foi só a carne.

Estendo a mão para a ajudar a levantar-se.

– Beatrice – diz Marcus. – Temos de deixá-la aqui.

– Que quer dizer com isso? – pergunto. – Não a podemos deixar! Pode acontecer qualquer coisa terrível!

Marcus aplica o dedo indicador ao meu esterno, entre as minhas clavículas, e inclina-se para mim.

– Ouve-me bem – diz. – A Jeanine Matthews deve ter-se retirado para o laboratório dela assim que percebeu que estava ser atacada, por ser essa a zona mais segura do edifício. E pode decidir, a qualquer momento, que os Eruditos estão perdidos e que é melhor destruir os dados do que correr o risco de alguém os descobrir e, nessa altura, a nossa missão terá sido inútil.

E se isso acontecer eu terei perdido toda a gente: depois dos meus pais, Caleb e finalmente Tobias, que nunca me perdoará por colaborar com o pai dele, sobretudo se eu não tiver maneira de provar que terá valido a pena.

– Vamos deixar a tua amiga aqui. – A boca dele cheira a mofo. – E mexe-te, se não preferes que eu vá sozinho.

– Ele tem razão – diz Christina. – Não há muito tempo. Eu fico aqui e impeço o Ed de ir atrás de vocês.

Aceno afirmativamente com a cabeça. Marcus tira o dedo do meu peito, deixando-me com um pequeno círculo de dor. Esfrego o peito, para afastar a dor, e abro a porta do patamar. Ainda olho para trás e vejo o sorriso dorido de Christina enquanto faz força na perna com a mão.

Capítulo Quarenta e Quatro

A porta dá para um espaço que parece um corredor: largo mas não muito comprido, com um chão de lajes azuis, paredes e teto azuis e tudo da mesma tonalidade. Todas as superfícies estão iluminadas, mas não consigo saber de onde vem a luz.

De início nem vejo nenhuma porta, mas quando os meus olhos se ajustam ao choque da cor já consigo distinguir um retângulo na parede à minha esquerda e outro na parede à minha direita. Apenas duas portas.

– Temos de dividir-nos – afirmo. – Não temos tempo para explorarmos as duas.

– Qual é a que preferes? – pergunta Marcus.

– A da direita – respondo. – Espere, não. A da esquerda.

– Ótimo. Eu irei pela da direita.

– Se encontrar eu o computador, o que é que devo procurar?

– Se encontrares o computador, encontrarás a Jeanine. Parto do princípio de que conhecerás algumas maneiras de a coagir a fazer o que queres – responde ele. – A Jeanine não está muito habituada à dor, apesar de tudo.

Faço que sim com a cabeça. Seguimos no mesmo passo para as nossas portas. Momentos antes eu estaria capaz de dizer que o facto de me afastar de Marcus seria um alívio. Mas avançar sozinha também me deixa apreensiva. E se eu não conseguir ultrapassar as medidas de segurança que Jeanine há de ter sem dúvida instalado para repelir intrusos? E se, conseguindo ultrapassá-las, não puder encontrar o

ficheiro certo?

Ponho a mão na maçaneta da porta. Não parece ter fechadura. Quando Tori se referiu a medidas loucas de segurança, pensei que se referisse a controlos de identificação pela retina, *passwords* e fechaduras mas, até agora, as passagens estão todas abertas.

E porque é que isso me preocupa?

Abro a minha porta e Marcus abre a dele. Olhamos um para o outro. E eu entro.

*

A sala, tal como o corredor lá fora, é azul, mas aqui é mais visível a origem da luz, que brilha no centro de cada painel, do teto, do chão e das paredes.

Quando a porta se fecha atrás de mim, ouço um ruído metálico, como o da tranca de uma fechadura. Levo outra vez a mão à maçaneta e pressiono-a com toda a minha força, mas ela não se mexe. Fiquei encurralada.

Rodeiam-me luzes penetrantes e pequenas que saem de todos os ângulos. Mesmo que feche os olhos não as consigo bloquear e levo as mãos aos olhos.

E ouço uma voz feminina, muito pausada:

– Beatrice Prior, segunda geração. Fação de origem: Abnegados. Fação escolhida: Intrépidos. Divergente confirmada.

Como é que esta sala sabe quem eu sou?!

E o que significa «segunda geração»?

– Estatuto: intrusa.

Ouçó um clique e afasto muito ligeiramente os dedos, o suficiente para ver que as luzes se apagaram. Não passam agora de pequenos objetos no vapor escurecido que se espalha no teto. Levo as mãos à boca instintivamente. Em segundos estou no meio de um nevoeiro azulado. E depois já não sei onde estou.

Rodeia-me uma escuridão tão completa que nem consigo ver a forma da minha mão à frente do meu nariz. Devia avançar e procurar uma porta no outro lado da sala mas até receio mover-me – quem sabe o que poderá acontecer-me, se o fizer?

Depois as luzes acendem-se e eu vejo-me na sala de treino dos Intrépidos, no círculo em que costumávamos lutar. Tenho recordações tão variadas deste círculo, algumas delas triunfantes, como a sova que dei em Molly e outras que me atormentam – como a de Peter a dar-me murros até eu cair desmaiada. O ar tem o mesmo cheiro: suor e poeira.

No outro lado do círculo está uma porta azul que antes não existia. Franzo o sobrolho.

– Intrusa – diz a voz, que parece agora a de Jeanine, embora possa ser apenas um truque da minha imaginação. – Tem cinco minutos para chegar à porta azul antes de o veneno fazer efeito.

– O quê?!

Não, não ouvi mal: veneno. E cinco minutos. Não devia sentir-me surpreendida: isto é uma das coisas feitas por Jeanine, tão desprovida de consciência como ela própria. Sinto o corpo a tremer e não sei se não será já o efeito do veneno, se o veneno não estará já a bloquear-me o cérebro.

Concentra-te. Não posso sair por onde entrei. Tenho de avançar ou...

Ou nada. Tenho mesmo de avançar.

Dou um passo na direção da porta e de repente está alguém à minha frente. É uma silhueta feminina baixa e magra, loura e com olheiras escuras. Sou eu.

Um reflexo? Aceno-lhe com a mão para ver se ela faz o mesmo gesto. Não faz.

– Olá – digo-lhe. Não responde. Também não pensei que o fizesse.

E o que é isto? Engulo em seco com força suficiente

para os ouvidos se me desobstruírem, uma vez que parecem estar cheios de algodão. Se isto foi obra de Jeanine, há de ser um teste de inteligência ou de lógica, o que quer dizer que eu tenho de pensar com clareza e de me acalmar. Levo as mãos ao peito e faço força, esperando que a pressão me faça sentir mais segura, como se fosse um abraço.

Mas não é o que acontece.

Desvio-me para a direita, para ver melhor a porta e a minha dupla salta para o lado, os sapatos a rasparem na poeira, para me bloquear de novo o caminho.

Acho que já sei o que acontecerá se começar a andar para a porta mas tenho de tentar. Começo a correr, na intenção de contornar a minha adversária, mas ela está à minha espera: agarra-me pelo ombro magoado e puxa-me para o lado. Grito tão alto que até sinto a garganta arranhada – é como se me estivessem a espetar facas e a enfiá-las cada vez mais fundo em todo o meu lado direito. Quando começo a cair de joelhos, ela dá-me um pontapé no estômago e eu fico de borco no chão, a respirar poeira.

Era isso que teria feito se estivesse no lugar dela, reparo eu. O que significa que, para a derrotar, tenho de pensar numa maneira de me derrotar a mim própria. E como é que posso lutar melhor do que eu, se ela conhece as mesmas estratégias que eu conheço e tem tantos recursos e é tão inteligente como eu?

Ela avança de novo na minha direção e eu ponho-me apressadamente em pé, tentando varrer do pensamento a dor que tenho no ombro. O meu coração bate mais depressa. Quero dar-lhe um murro, mas ela é mais rápida. Baixo-me no último instante e o punho dela bate-me no ouvido, fazendo-me perder o equilíbrio.

Recuo alguns passos, na esperança de que ela não venha atrás de mim. Mas vem. E volta a atacar-me, agarrando-me desta vez pelos dois ombros e puxando-

me para baixo, contra o joelho dela.

Levanto as mãos, criando uma barreira entre o meu estômago e o joelho dela, e faço força. Ela não estava à espera. Recua, a cambalear, mas não cai.

Corro para ela e quando se torna consciente o desejo que tenho de lhe dar um pontapé percebo que é também o que *ela* quer. E tenho de afastar-me apressadamente da trajetória do seu joelho.

Quando quero alguma coisa, ela também o quer, e de imediato. Na melhor das hipóteses ficaremos empatadas. Mas o certo é que para chegar à porta preciso de *vencê-la*. E para sobreviver também.

Tento analisar a situação, mas ela já está de novo a atacar-me, a testa franzida numa expressão de concentração. Agarra-me pelo braço e eu agarro o dela e ficamos assim presas uma à outra.

Depois, ao mesmo tempo, puxamos com força os nossos cotovelos e atiramo-los para a frente. Eu desvio-me no último segundo e o meu cotovelo embate-lhe nos dentes.

Gritamos as duas. Ela tem sangue na boca e é o sangue dela que me corre pelo braço. Cerra os dentes e grita, mergulhando na minha direção, com mais força do que eu esperava.

O peso dela deita-me ao chão. E depois ainda me imobiliza, com os joelhos, tentando esmurrar-me na cara, embora eu consiga cruzar os braços à minha frente para me defender. Os punhos dela embatem nos meus braços e cada um dos murros que dá é como uma pedra a atingir-me a carne.

Respirando fundo, agarro-lhe um dos pulsos e reparo que estou a começar a ver pontos escuros que dançam nos cantos dos meus olhos. *É o veneno.*

Concentra-te!

Enquanto ela se debate para se libertar, levanto um joelho e depois empurro-a, num esforço que me faz

rugir, até conseguir apoiar o meu pé no estômago dela. E nessa altura empurro-a com o pé, a sentir as faces a arder com o esforço.

O enigma lógico: numa luta entre duas pessoas que são perfeitamente iguais, como é que uma delas vence?

A resposta é: não vence.

Ela põe-se em pé e limpa o sangue da boca.

Portanto: não podemos ser perfeitamente iguais. E o que é que nos diferencia?

Ela avança de novo para mim mas eu preciso de mais tempo para pensar e, por isso, recuo a cada passo que ela dá. A sala começa a oscilar e a rodopiar e eu atiro-me para o lado, levando as pontas dos dedos ao chão para me aguentar.

O que é que nos diferencia? Temos o mesmo peso, o mesmo nível de capacidades, os mesmos padrões de pensamento...

Vejo a porta por detrás do ombro e percebo: o que temos são objetivos diferentes. Enquanto eu preciso de passar por aquela porta, ela tem de a defender. Mas mesmo numa simulação ela não pode estar tão desesperada como eu estou.

Corro para a borda do círculo, onde há uma mesa. Há pouco estava vazia, mas eu conheço as regras das simulações e sei controlá-las. Na mesa aparece uma pistola assim que eu penso nela.

Embato na mesa, vendo agora ainda mais pontos escuros à frente dos olhos. Nem sinto a dor do embate. Sinto é o bater do meu coração no meu rosto, como se o coração se tivesse libertado das amarras que o prendiam ao meu peito e começasse a deslocar-se para o cérebro.

No outro lado da sala, aos pés da minha dupla, aparece uma pistola. E deitamos ambas a mão à pistola.

Sinto o peso da arma e a suavidade do metal e esqueço-me da minha dupla, esqueço-me do veneno,

esqueço-me de tudo.

A minha garganta contrai-se como se estivesse a ser apertada por uma mão. A minha cabeça começa a latejar devido ao ar que desaparece de repente e sinto o coração por todo o lado, por todo o lado.

No outro lado da sala já não é a minha dupla que se encontra entre mim e o meu objetivo. É Will. Mas *não*. Não pode ser o Will. Obrigo-me a respirar e a puxar o ar para dentro de mim. O veneno está a cortar o acesso do oxigénio ao meu cérebro. Will é apenas uma alucinação dentro de uma simulação. Deito o ar fora com um soluço.

Por instantes vejo de novo a minha dupla, empunhando a arma mas a tremer visivelmente, a arma tão distante dela quanto o braço lhe permite. Ela está tão fraca como eu. Bem, tão fraca não porque não está a perder a visão e a deixar de respirar, mas está quase tão fraca, quase...

Depois é Will que regressa, com os olhos tipicamente mortos de quem aparece nas simulações, o cabelo a formar uma aura amarela à volta da cabeça. De cada lado dele surgem paredes de prédios de tijolos, mas atrás das costas dele está a porta, a porta que me separa do meu pai e do meu irmão.

Mas não, não é. É a porta que me separa de Jeanine e do meu objetivo.

Tenho de entrar por essa porta. Tenho mesmo.

Levanto a pistola, apesar de o movimento me fazer doer o ombro e envolvo a mão na outra para a manter firme.

– Eu... – Sinto-me a sufocar e as lágrimas a correrem-me pela cara e a chegarem-me à boca. Têm um sabor salgado. – Desculpa.

E faço o que a minha dupla é incapaz de fazer, porque não está tão desesperada como eu.

Disparo.

Capítulo Quarenta e Cinco

Não o vejo morrer novamente.

Fecho os olhos no momento em que puxo o gatilho e quando os abro é a outra Tris que vejo no chão por entre as manchas escuras que me perturbam a visão – fui eu que tomei.

Largo a arma e corro para a porta, quase tropeçando no corpo dela. Atiro-me contra a porta, rodo a maçaneta e caio para o outro lado. Fecho-a com as mãos dormentes e abano-as para recuperar o movimento.

A sala seguinte é duas vezes maior do que a anterior e também está iluminada de azul mas com uma tonalidade mais pálida.

No centro está uma mesa enorme e nas paredes estão coladas fotografias, diagramas e listas.

Respiro fundo várias vezes e sinto a visão a ficar mais nítida e o meu coração a voltar ao normal. Entre as fotografias nas paredes reconheço o meu próprio rosto, o de Tobias, o de Marcus e o de Uriah. Ao lado das nossas fotografias está uma lista longa que parece ser de produtos químicos. Cada uma delas tem riscos feitos por um marcador vermelho. Deve ser aqui que Jeanine estuda os soros das simulações.

Ouço vozes à minha frente e repreendo-me: *Que estás tu a aqui a fazer? Despacha-te!*

– O nome do meu irmão – diz alguém. – Quero ouvir-te a dizer o nome dele.

É a voz de Tori.

Como é que ela ultrapassou a simulação? Também é Divergente?

- Eu não o matei – responde a voz de Jeanine.
- Achas que isso te livra de responsabilidades? Achas que por isso já não mereces morrer?

Tori não está a gritar. Está praticamente a chorar, dando gritos que quase parecem uivos, a dar vazão a todo o desgosto dela. Corro para a porta, mas faço-o depressa de mais, porque uma das minhas ancas bate na esquina da mesa que está no centro da sala e eu tenho de parar, com uma careta de dor.

– O motivo das minhas ações está para lá da tua compreensão – diz Jeanine. – Eu estava disposta a sacrificar-me pelo bem comum, o que a ti nunca deve ter ocorrido, nem mesmo quando fomos colegas de escola!

Vou a coxear até à porta, que é feita de vidro fosco. A porta desliza para eu entrar, e vejo Jeanine empurrada contra uma parede com Tori a um metro dela, de arma em riste.

Atrás dela está uma mesa de vidro com uma caixa prateada em cima – um computador – e um teclado. A parede mais distante é um enorme ecrã de computador.

Jeanine olha para mim, mas Tori não se desvia um centímetro e, aliás, nem parece ter-me ouvido. Tem o rosto vermelho e marcado por lágrimas e a mão treme-lhe.

Não acredito que consiga encontrar sozinha o ficheiro que procuro. Se Jeanine está aqui, posso fazer com que ela me indique onde está, mas se estiver morta...

– Não! – grito. – Tori, não!

Mas o dedo dela já está no gatilho. Reunindo todas as minhas forças, atiro-me a ela, os meus braços a empurrarem-na para trás. A pistola dispara-se e eu ouço um grito.

Bato com a cabeça nas lajes do chão. Ignoro as estrelas que vejo diante dos olhos e atiro-me de novo a

Tori. Afasto a arma, que desliza para longe de nós.

Porque é que não a agarraste, idiota?!

O punho de Tori embate-me na garganta. Sinto-me a sufocar e ela aproveita a oportunidade para me repelir e para ir de gatas atrás da arma.

Jeanine está caída contra a parede, com sangue na perna. *A perna!*, lembro-me, e dou um murro na coxa de Tori, onde a bala a feriu. Ela grita e eu consigo pôr-me em pé.

Corro para onde a arma caiu, mas Tori é mais rápida. Agarra-me as pernas com os dois braços e puxa-os, deitando-me ao chão. Fico de joelhos mas ainda estou por cima dela e começo a bater-lhe nas costelas.

Tori geme mas não para. Enquanto eu me arrasto para chegar à arma, ela crava os dentes na minha mão. É uma dor diferente de todos os murros que já levei, diferente até de um ferimento de bala. Berro mais alto do que pensei que fosse possível, com lágrimas nos olhos.

Mas não cheguei a este ponto para deixar Tori matar Jeanine antes de eu ter obtido o que quero.

Arranco a minha mão aos dentes dela, sentindo a visão a ficar turva e, com um gesto brusco, consigo pôr a mão em cima da coronha da pistola e depois pegar nela e apontá-la a Tori.

A minha mão. Está coberta de sangue, tal como o queixo dela. Tiro a mão do meu campo visual para ser mais fácil ignorar a dor e poder levantar-me, sem deixar de lhe apontar a pistola.

– Não te tomei por traidora, Tris – diz ela, a rosnar de uma maneira como nenhum ser humano poderia fazer.

– E não sou – declaro. Pestanejo para a ver melhor, apesar das lágrimas. – Agora não posso explicar mas... tudo o que lhe peço é que confie em mim, por favor. Há uma coisa importante, uma coisa que só ela sabe onde

está...

– É verdade! – exclama Jeanine. – Está *naquele* computador, Beatrice, e só eu sei onde. Se não me ajudar a sobreviver a isto, essa informação morrerá comigo.

– Ela é mentirosa – acusa Tori. – É mentirosa e se acreditas nela és tanto idiota como traidora, Tris!

– Mas eu acredito nela – afirmo. – E acredito nela porque faz sentido! É a informação mais sensível de todas e está escondida *naquele computador*, Tori! – Respiro fundo e baixo a voz. – Escute-me bem, por favor. Eu também a odeio, Tori. Não tenho motivo nenhum para estar a defendê-la. E estou a dizer-lhe a verdade. Isto é importante.

Tori fica calada. Penso, por instantes, que ganhei, que a convenci. Mas depois ela diz:

– Nada é mais importante do que a morte dela.

– Se é nisso que quer acreditar – replico –, não posso ajudá-la. Mas também não vou deixar que a mate.

Tori levanta-se e fica de joelhos, a limpar o meu sangue que ainda tem no queixo. Olha para mim.

– Sou uma líder dos Intrépidos – declara. – E não és tu que decides o que eu faço.

E antes que eu consiga pensar...

Antes que eu consiga pensar sequer em disparar a arma que tenho na mão...

Tori retira uma faca comprida da bota, atira-se para a frente e enterra-a no estômago de Jeanine.

Eu grito. E Jeanine emite um som horrendo – um grito gorgolejante de quem está a morrer. Vejo os dentes cerrados de Tori, ouço-a murmurar o nome do irmão – «George Wu» – e retirar e enfiar a faca outra vez.

E os olhos de Jeanine ficam inertes como contas de vidro.

Capítulo Quarenta e Seis

Tori fica de pé, com uma expressão feroz nos olhos, e volta-se para mim.

Sinto-me entorpecida.

Todos os riscos que corri para aqui chegar – conspirando com Marcus, pedindo a ajuda dos Eruditos, atravessando uma rua por cima de um escadote à altura de três andares e disparando contra mim própria numa simulação – e todos os sacrifícios que fiz – o meu relacionamento com Tobias, a vida de Fernando, a minha posição entre os Intrépidos – acabaram por não servir para nada.

Nada, absolutamente.

A porta de vidro abre-se pouco depois e Tobias e Uriah entram impetuosamente como se viessem para uma batalha – com Uriah ainda a tossir, devido talvez ao veneno –, mas esta batalha já terminou. Jeanine está morta, Tori triunfou e eu sou uma Intrépida traidora.

Ao ver-me, Tobias para onde está, quase tropeçando nos próprios pés. Arregala os olhos.

– Ela é uma traidora – anuncia Tori. – Quase que disparou sobre mim para defender a Jeanine.

– O quê? – exclama Uriah. – Tris, que se passa? Ela tem razão? E porque é que estás aqui?

Mas só olho para Tobias. Sinto uma réstia de esperança que é estranhamente dolorosa quando se combina com o sentimento de culpa que tenho por o ter enganado. Tobias é teimoso e orgulhoso mas é meu – talvez me dê ouvidos, talvez haja uma hipótese de nada do que fiz ter sido em vão...

– Tu sabes porque é que estou aqui – afirmo, com

uma voz tranquila. – Não é verdade?

Estendo-lhe a arma de Tori. Dá alguns passos pouco firmes e pega nela.

– Encontrámos o Marcus na sala ao lado, encurralado numa simulação – diz Tobias. – Vieste aqui com ele.

– Sim, vim. – O sangue que sai da dentada de Tori escorre-me pelo braço.

– Confiei em ti – diz ele, a tremer de raiva. – Eu *confiei* em ti e tu abandonaste-me para colaborares com *ele*?!

– Não – respondo, abanando a cabeça. – Ele disse-me uma coisa, e tudo o que o meu irmão me contou e tudo o que a Jeanine me disse enquanto eu aqui estive antes ajustam-se ao que ele me disse. E eu queria... eu *precisava* de saber a verdade.

– A verdade! – Tobias funga. – Achas que podes saber *a verdade* por um mentiroso, um traidor e uma sociopata?

– A verdade?! – pergunta Tori. – Estás a falar de quê?

Olho para Tobias e ele olha para mim. Os olhos azuis dele, habitualmente pensativos, têm agora uma expressão dura e crítica, como se estivessem a arrancar-me camada após camada da minha personalidade e a examinarem cada uma delas.

– Penso... – começo. Tenho de fazer uma pausa e de respirar fundo porque não o convenci. Falhei e esta deve ser a última coisa que me vão deixar dizer antes de me prenderem.

– Acho que tu é que és o mentiroso! – acabo por dizer, numa voz que me sai trémula. – Dizes que me amas, que confias em mim, que pensas que sou mais perspicaz do que a média. E no primeiro instante em que essa fé na minha perspicácia, essa confiança e esse amor são postos à prova... tudo se desmorona. – Estou a chorar, mas não fico envergonhada pelas lágrimas que brilham nas minhas faces nem pelo tom

emocionado da minha voz. – Por isso deves ter mentido quando me disseste todas essas coisas... Deves ter mentido porque eu não posso acreditar que o teu amor seja realmente assim tão fraco.

Aproximo-me mais dele, separando-nos apenas alguns centímetros e sem que mais ninguém me possa ouvir.

– Eu ainda sou a pessoa que teria preferido morrer a matar-te – continuo, recordando a simulação que desencadeou o ataque e o bater do coração dele sob a minha mão. – Eu sou exatamente quem tu pensas que eu sou. E neste preciso momento estou a dizer-te que sei... sei que esta informação mudará tudo. Tudo o que fizemos e tudo o que estamos prestes a fazer.

Fito-o como se pudesse comunicar-lhe a verdade com os meus olhos, mas isso é impossível. Ele desvia o olhar e nem sequer consigo ter a certeza de ele ter ouvido o que eu disse.

– Já chega – diz Tori. – Leva-a lá para baixo. Será julgada juntamente com todos os outros criminosos de guerra.

Tobias não se mexe. Uriah pega-me pelo braço e afasta-me dele, através do laboratório, através da sala da luz, através do corredor azul. Therese, a sem-faço, junta-se a nós nesse corredor, a olhar para mim com curiosidade.

Quando chegamos às escadas, sinto um toque nas costas. Olho para trás e vejo um rolo de gaze na mão de Uriah. Pego nela, tentando oferecer-lhe um sorriso de gratidão sem, no entanto, o conseguir fazer.

Enquanto descemos as escadas, enrolo com força a gaze à volta da minha mão enquanto contorno os corpos sem lhes olhar para os rostos. Uriah ampara-me pelo cotovelo para me impedir de cair. A gaze não ajuda a eliminar a dor provocada pela dentada, mas faz-me sentir um pouco melhor, tal como o facto de

Uriah, pelo menos, não parecer odiar-me.

Pela primeira vez, o desprezo que os Intrépidos têm pela idade não me parece ser uma oportunidade. Parece é ser aquilo que me vai condenar. Eles não vão dizer: «Mas ela é jovem. Deve ter ficado confusa.» Vão dizer: «Ela é adulta e ela fez a sua escolha.»

Claro que estarei de acordo com eles. Eu escolhi. Escolhi a minha mãe e o meu pai e aquilo por que eles lutaram.

*

Descer as escadas é mais fácil do que subi-las. Chegamos ao quinto andar antes de perceber que o nosso destino é a entrada.

– Dê-me a sua arma, Uriah – diz Therese. – Alguém precisa de ser capaz de disparar contra potenciais beligerantes e você não o pode fazer se está a tentar evitar que ela caia pelas escadas.

Uriah entrega-lhe a pistola sem dizer nada. E eu franzo o sobrolho – Therese já tem uma pistola. Porque é que lhe interessa que ele lhe entregue a sua? Mas não faço a pergunta em voz alta. Já me chega a situação difícil em que me encontro.

Chegamos ao piso térreo e passamos por uma grande sala de reuniões cheia de pessoas vestidas de preto e branco. Paro por um instante para as observar. Há quem esteja amontoado em pequenos grupos, amparando-se a outras pessoas, as lágrimas a correrem pelas faces. Há também quem esteja sozinho, encostado à parede ou sentado num canto, de olhos vazios ou a contemplar qualquer coisa que está muito distante.

– Tivemos de matar tantos – resmunga Uriah, apertando-me o braço. – Só para entrarmos no edifício. Foi necessário.

– Eu sei – replico.

No lado direito da sala vejo a irmã e a mãe de Christina agarradas uma à outra. E, no esquerdo, um jovem de cabelo escuro que brilha sob a luz fluorescente – Peter. Tem a mão no ombro de uma mulher de meia-idade que reconheço como sendo a mãe dele.

– O que está ele a fazer aqui? – pergunto.

– O covardezinho apareceu depois, quando o trabalho já estava todo feito – responde Uriah. – Ouvi dizer que o pai dele morreu. Mas parece que a mãe está bem.

Peter olha por cima do ombro e os nossos olhares cruzam-se por um segundo. Ainda tento encontrar em mim alguma comiseração pela pessoa que me salvou a vida. Mas se é verdade que já não o odeio, também não consigo sentir mais nada.

– Porque é que estamos a parar? – pergunta Therese.
– Toca a andar.

Passamos pela sala de reuniões e chegamos ao átrio do edifício, onde em tempos abracei Caleb. O retrato gigantesco de Jeanine está no chão, feito em pedaços. O fumo que paira no ar está concentrado no que resta das estantes e dos livros, que não passam agora de cinzas. Os computadores estão também destruídos e espalhados pelo chão.

Sentados em filas no meio do átrio estão alguns dos Eruditos que não fugiram e os Intrépidos traidores que sobreviveram. Observo os rostos à procura de alguém conhecido e avisto Caleb atrás de todos, com ar aturdido. E desvio o olhar.

– Tris! – É Christina que me chama, sentada à frente e ao lado de Cara. Tem a perna apertada com uma tira de tecido. Acena-me e eu vou sentar-me junto dela. – Não tiveste sorte? – pergunta, baixinho.

Abano a cabeça, em resposta.

Christina suspira e passa o braço pelos meus ombros.

É um gesto tão reconfortante que quase me ponho a chorar. Mas eu e Christina não somos pessoas de chorar juntas. Somos é de lutar juntas. E por isso contenho as lágrimas.

– Vi a tua mãe e a tua irmã naquela sala – digo-lhe.

– Pois, eu também – replica ela. – Felizmente estão bem.

– Ótimo. E a tua perna?

– Está boa – responde Christina. – A Cara disse que vai sarar. Já não está a sangrar muito. Uma das enfermeiras dos Eruditos deu-lhe medicamentos para a dor e antissépticos e gazes antes de a trazerem para aqui, por isso também não me tem doído muito. – Ao lado dela, Cara está a examinar o braço de outro Erudito. – Onde está o Marcus?

– Não sei. Tivemos de nos separar. Ele devia estar aqui. A não ser que o tenham matado ou algo parecido.

– Francamente, não seria uma surpresa – comenta Christina.

Durante alguns instantes, o átrio é um caos – entram e saem pessoas, os guardas sem-faço revezam-se, juntam-se a nós mais Eruditos vestidos de azul –, mas as coisas tornam-se gradualmente mais calmas e depois vejo-o: Tobias, a sair da porta que dá para as escadas.

Mordo o lábio com força e tento não pensar, tento não reparar nos sentimentos gelados que me rodeiam o peito e no peso que pende sobre a minha cabeça. Ele odeia-me. E não acredita em mim.

Christina agarra-me com mais força quando ele passa por nós sem sequer olhar para mim. Sigo-o com o olhar, observando-o por cima do ombro. Tobias detém-se junto a Caleb, agarra-o por um braço e obriga-o a levantar-se. Caleb ainda se debate, mas não é tão forte como Tobias e não consegue soltar-se.

– O que é? – pergunta-lhe, assustado. – O que é que queres?

– Quero que vás desligar o sistema de segurança do laboratório da Jeanine – responde-lhe Tobias, sem olhar para trás. – Para os sem-fação poderem aceder ao computador dela.

Para o destruírem, penso e, se é que por acaso isso ainda é possível, o peso do meu coração aumenta insuportavelmente. Tobias e Caleb desaparecem nas escadas.

Christina encosta-se a mim, visivelmente abatida, e eu a ela e ficamos assim, a apoiar-nos mutuamente.

– A Jeanine ativou todos os transmissores dos Intrépidos, sabes? – diz Christina. – Um dos grupos dos sem-fação foi alvo de uma emboscada dos Intrépidos que estavam sob a influência da simulação, depois de terem saído atrasados do setor dos Abnegados há cerca de dez minutos. Acho que os sem-fação venceram, embora não saiba como é que matar um grupo de pessoas sem atividade cerebral se possa considerar uma vitória.

– Pois – é só o que digo. Não há muito mais a dizer. E Christina parece percebê-lo.

– O que é que aconteceu depois de eu ter sido ferida? – pergunta.

Descrevo-lhe o corredor azul das duas portas e a simulação que se lhe seguiu, desde que reconheci a sala de treino dos Intrépidos até ao momento em que disparei contra mim própria. Mas não lhe falo na alucinação em que Will me apareceu.

– Espera... Foi uma simulação? E sem transmissor?

Franzo o sobrolho. Nem pensei no assunto. Especialmente por ser no momento em que foi.

– Se o laboratório reconhece pessoas, talvez também tenha dados sobre toda a gente e possa apresentar um ambiente simulado que corresponda ao que essa pessoa aprendeu, e determinado em função da facção a que pertence.

Não interessa agora imaginar como é que Jeanine organizou a segurança do laboratório dela, para começar. Mas sabe-me bem poder ser útil e pensar num novo problema para resolver, depois de ter fracassado na tentativa de resolver o que era mais importante.

Christina endireita-se. Talvez esteja a pensar o mesmo.

– Ou então o veneno contém um transmissor – sugere.

Não tinha pensado nisso.

– Mas como é que a Tori conseguiu passar? Ela não é Divergente.

Inclino a cabeça para o lado.

– Não sei – respondo.

E talvez seja, penso depois. O irmão era. Mas depois do que lhe aconteceu, Tori pode não o querer admitir, por mais aceitável que isso se torne.

Já percebi que as pessoas são feitas de várias camadas de segredos. Acreditamos que as conhecemos e que as compreendemos mas os motivos delas ficam sempre escondidos dos outros, enterrados nos seus próprios corações. Nunca as conhecemos mas por vezes decidimos confiar nelas.

– O que é que achas que nos vão fazer quando nos considerarem culpadas? – pergunta Christina, depois de alguns minutos de silêncio.

– Sinceramente?

– Achas que esta é uma boa altura para seres sincera? Olho para ela pelo canto do olho.

– Acho que vão obrigar-nos a comer montes de fatias de bolo e depois a dormirmos uma sesta irracionalmente comprida.

Christina ri-se. Mas eu tento não rir... para não começar também a chorar.

Ouço um grito e levanto a cabeça para ver de onde vem.

– Lynn! – É Uriah que está a gritar, correndo para a porta, por onde entram dois Intrépidos que transportam Lynn numa maca improvisada, feita do que parece ser a prateleira de uma estante. Lynn está pálida – demasiado pálida – e tem as mãos dobradas sobre o estômago.

Ponho-me em pé de um salto e corro para ela, mas alguns sem-façoão armados impedem-me de continuar. Levanto as mãos e fico imóvel, a olhar para ela.

Uriah contorna o grupo dos que são considerados criminosos de guerra e aponta para uma Erudita de cabelo grisalho e ar severo:

– Você. Venha cá!

A mulher levanta-se e limpa as calças, antes de atravessar a multidão com passos ligeiros. Fica depois a olhar para Uriah, com alguma expectativa.

– É médica, não é? – pergunta ele.

– Sim, sou.

– Então vá tratar dela! – ralha Uriah. – Ela está ferida!

A médica aproxima-se de Lynn e pede aos dois Intrépidos para pousarem a maca. Eles obedecem e ela baixa-se, para ver melhor.

– Minha querida – diz a Lynn –, tire por favor as mãos da ferida.

– Não consigo – geme Lynn. – Dói-me muito.

– Eu sei que dói – torna a médica –, mas não posso avaliar o seu ferimento se não me deixar ver.

Uriah ajoelha-se do outro lado da maca e ajuda a médica a tirar as mãos de Lynn do estômago. A médica levanta-lhe a camisola. O ferimento causado pela bala é apenas um círculo redondo vermelho na pele de Lynn, mas a área que o rodeia é como uma nódoa negra. E bem negra.

A médica comprime os lábios e eu percebo que Lynn já não tem salvação.

– Trate dela! – diz-lhe Uriah. – Pode tratar dela, por isso faça-o já!

– Pelo contrário – replica a médica, levantando a cabeça para olhar para ele. – Como deitaram fogo às instalações hospitalares existentes neste edifício, eu já não consigo tratá-la.

– Mas há outros hospitais! – exclama Uriah. – Pode ir lá buscar as coisas e tratar dela!

– O estado em que se ela encontra já se agravou muito – diz a médica, num tom de voz calmo. – Se não tivessem insistido em deitar fogo a tudo o que encontravam pela frente eu ainda podia tentar mas, nestas circunstâncias, tentar já não serve de nada.

– Cale-se! – replica Uriah, apontando-lhe o dedo ao peito. – Não fui eu que deitei fogo ao vosso hospital! Ela é minha amiga e eu... eu só...

– Uri – diz Lynn. – Cala-te. É tarde de mais.

Uriah baixa os braços e agarra a mão de Lynn, com o lábio a tremer.

– Eu também sou amiga dela – digo aos sem-faço que estão a apontar-me as armas. – Podem, ao menos, deixar-me ir até aquele lado?

Os meus guardas deixam-me passar e eu corro para junto de Lynn, segurando-lhe na mão que tem livre e que está coberta de sangue. Ignoro os canos das armas apontadas à minha cabeça e olho para o rosto de Lynn, que está agora mais amarelado.

Mas ela nem parece dar por mim. Concentra-se só em Uriah.

– Só fico contente por não ter morrido sob o efeito da simulação – diz ainda, com uma voz muito débil.

– Mas agora não vais morrer – replica ele.

– Não sejas parvo – diz-lhe Lynn. – Ouve, Uri, eu também a amava. A sério.

– Amavas quem? – pergunta Uriah, com uma voz hesitante.

– A Marlene – responde Lynn.

– Sim, todos nós a amávamos – diz Uriah.

– Não, não era isso que eu queria dizer. – Lynn abana a cabeça. E fecha os olhos.

Mas a mão dela ainda se mantém firme nas minhas. Depois perde a força. Levo-lhe a mão ao estômago e depois tiro a outra mão dela das mãos de Uriah e pouso-a no mesmo sítio. Uriah limpa os olhos antes mesmo de começar a chorar. Os nossos olhares cruzam-se por cima do corpo sem vida de Lynn.

– Devias dizer à Shauna – sugiro. – E ao Hector.

– Certo. – Uriah funga e acaricia o rosto de Lynn. Pergunto a mim próprio se o rosto dela ainda estará quente. Não quero tocar-lhe e descobrir que não está.

Levanto-me e regresso para junto de Christina.

Capítulo Quarenta e Sete

O meu pensamento continua a querer arrastar-me para as recordações que guardo de Lynn, numa tentativa de me convencer de que ela de facto morreu, mas eu rejeito essas memórias visuais à medida que vão aparecendo. Chegará um dia em que deixarei de o fazer, se não for executada por traição ou por qualquer outro motivo que os nossos líderes tenham inventado. Agora, no entanto, esforço-me por manter o pensamento vazio, fingindo que este espaço em que me encontro é tudo o que sempre existiu e existirá. Não devia ser fácil, mas é. Já aprendi a manter o desgosto à distância.

Tori e Harrison chegam ao átrio passado pouco tempo, Tori a coxear até chegar junto de uma cadeira – já quase me esqueci do ferimento dela, depois de a ter visto tão ágil quando matou a Jeanine – e Harrison atrás.

Atrás deles está um dos Intrépidos, com o corpo de Jeanine ao ombro. Pousa-o como se fosse um saco de batatas em cima da mesa que está diante do grupo de Eruditos e de Intrépidos traidores.

Ouçó atrás de mim algumas exclamações surdas e alguns murmúrios, mas ninguém parece estar a chorar. Jeanine não era o tipo de líder por quem as pessoas choram.

Olho para o corpo dela, que parece muito mais pequeno em morte do que em vida. Não é muitos centímetros mais alta do que eu e o cabelo é só um pouco mais escuro do que o meu próprio cabelo. Tem uma aparência calma, quase pacífica. Tenho dificuldade

em associar este cadáver à mulher que conheci, à mulher que não tinha consciência.

E apesar de tudo ela era uma pessoa mais complexa do que eu pensava, mantendo um segredo que julgava ser demasiado terrível para revelar, devido a um instinto protetor horivelmente distorcido.

Johanna Reyes entra nessa altura no átrio, encharcada dos pés à cabeça pela chuva que apanhou, as roupas vermelhas dela agora de uma tonalidade mais escura. Os sem-façoão rodeiam-na, mas nem parece dar por eles nem pelas armas que eles empunham.

– Olá – diz a Harrison e a Tori. – O que é que querem?

– Não sabia que a líder dos Cordiais podia ser assim tão rude – diz Tori, com um sorriso irónico. – Isso não vai contra o vosso manifesto?

– Se estivesse realmente familiarizada com os costumes dos Cordiais, saberia que eles não têm um líder formal – replica Johanna, com uma voz gentil mas firme. – Mas eu já não sou a representante dos Cordiais. Deixei essa função para poder vir aqui.

– Pois, eu vi-a e ao seu pequeno grupo de pacifistas, a meterem-se à frente de toda a gente – replica Tori.

– Sim, intencionalmente – declara Johanna. – Porque meter-nos à frente significa interpor-nos entre armas e inocentes e salvar um grande número de vidas.

O rosto dela ilumina-se com o rubor das faces e eu volto a pensar que Johanna Reyes podia ser uma mulher bonita. Só que agora penso que ela não é apenas bonita *apesar* da cicatriz, mas que de certa forma o é *por ter* a cicatriz, como era o caso de Lynn com o seu cabelo quase rapado, como Tobias com as recordações da crueldade do pai que ele usa como uma armadura, como a minha mãe no seu vestuário cinzento muito simples.

– Já que é tão generosa – diz Tori –, talvez possa

levar uma mensagem aos Cordiais.

– Não me sentirei muito confortável se vos deixar, e ao vosso exército, a aplicar a justiça à vossa maneira – replica Johanna –, mas decerto que enviarei alguém aos Cordiais para transmitir uma mensagem.

– Ótimo – diz Tori. – Comunique-lhes que será brevemente formado um novo sistema político que os excluirá de qualquer forma de representação. Esta é, segundo cremos, a punição que lhes pode ser aplicada por não terem querido tomar partido neste conflito. É claro que continuarão obrigados a produzir e a entregar alimentos à cidade, mas sob a supervisão direta de uma das fações dirigentes.

Por instantes até penso que Johanna se vai atirar a Tori para a estrangular. Mas em vez disso endireita-se e pergunta-lhe:

– É tudo?

– É.

– Muito bem. Vou então fazer uma coisa útil. Suponho que não permitirá que alguns de nós possam entrar para atender às pessoas feridas que aqui estão?

Tori olha-a de lado.

– Pois, não me pareceu – diz Johanna. – Mas lembre-se, já agora, que por vezes as pessoas que oprimimos tornam-se mais poderosas do que nós gostaríamos.

Depois volta-lhe as costas e sai.

Há qualquer coisa nas palavras dela que me põe a pensar. Tenho a certeza de que ela as pronunciou como uma ameaça, embora débil, mas faz-me pensar que pode ter sido algo mais – como se ela estivesse a falar não dos Cordiais, mas de outro grupo oprimido. Talvez dos sem-faço.

E quando olho em redor e observo todos os soldados-Intrépidos e todos os soldados dos sem-faço há um padrão que eu identifico.

– Christina – murmuro –, os sem-faço estão todos

armados.

Ela olha em redor e depois volta-se para mim, franzindo a testa.

Lembro-me de ver Therese a apoderar-se da arma de Uriah apesar de já ter uma. Vejo os lábios de Tobias transformados numa linha muito fina quando lhe fiz uma pergunta sobre a instável aliança entre os Intrépidos e os sem-fação, o que me fez pensar que ele estava a ocultar qualquer coisa.

E Evelyn surge no átrio, com a postura de uma rainha que acaba de recuperar o trono perdido. Mas Tobias não a acompanha. *Onde é que ele está?*

Evelyn fica por trás da mesa onde jaz o corpo de Jeanine Matthews. Edward aparece por detrás de Evelyn, a coxear. E Evelyn pega numa pistola, aponta para o retrato caído de Jeanine e dispara.

Toda a gente fica em silêncio. Evelyn larga a arma em cima da mesa, junto ao corpo de Jeanine.

– Obrigada – diz. – Sei que está toda a gente a pensar no que acontecerá a seguir, e eu vou dizer-vos o que vai acontecer.

Tori senta-se mais direita na sua cadeira e inclina-se para Evelyn, como se quisesse dizer-lhe alguma coisa. Mas Evelyn não lhe dá atenção.

– O sistema de fações que há muito se apoiava nos seres humanos marginalizados desaparecerá de imediato – anuncia. – Sabemos que esta transição será difícil para vós mas...

– Para *nós*?! – interrompe Tori, parecendo escandalizada. – Que quer dizer com isso de desaparecer?!

– O que eu estou a dizer – continua Evelyn, olhando pela primeira vez para Tori – é que a vossa fação, que até há poucas semanas exigia ao lado dos Eruditos a restrição do fornecimento de produtos alimentares e de outros bens aos sem-fação, uma exigência que resultou

na destruição dos Abnegados, deixará de existir. – Evelyn sorri. – E se decidirem pegar em armas contra nós vão ter muita dificuldade em encontrar armas em que possam pegar.

E vejo nessa altura como cada soldado dos sem-faço ergue uma arma. Estão bem espalhados por todo o átrio e inclusivamente na entrada para as escadas. E cercaram-nos.

É um movimento tão elegante e tão inteligente que quase desato a rir.

– Dei instruções à minha metade do exército para retirar as armas à vossa metade do exército assim que todas as missões estivessem concluídas. Vejo agora que a tarefa foi levada a cabo com êxito. Lamento esta duplicidade, mas sabíamos que têm estado condicionados a manterem o sistema das fações como se fosse a vossa própria mãe, e que devíamos ajudar-vos a libertarem-se para poderem entrar nesta nova época.

– *Libertar-nos?! –* contrapõe Tori. Põe-se em pé e aproxima-se de Evelyn a coxear, que pega com toda a naturalidade na arma que pousou na mesa para depois a apontar a Tori.

– Eu não andei a passar fome durante mais de dez anos para ceder a uma Intrépida com uma perna ferida – declara Evelyn. – Portanto, a não ser que queira levar um tiro, vá sentar-se junto dos companheiros da vossa ex-faço.

Os músculos no braço de Evelyn estão todos retesados. Os olhos dela não são frios como os de Jeanine, mas são os olhos de quem avalia as oportunidades, de quem raciocina e de quem planeia. Não sei como é que esta mulher pôde alguma vez ter-se vergado à vontade de Marcus. Não devia ser como agora é, feita de aço, testada pelo fogo.

Tori ainda faz frente a Evelyn, de pé, durante alguns segundos. Mas depois recua, a coxear, afastando-se da

arma e para o fundo do átrio.

– Os que de entre vós nos apoiaram neste esforço de derrotar os Eruditos serão recompensados – anuncia Evelyn. – Os que nos ofereceram resistência serão julgados e punidos de acordo com os crimes que cometeram. – A última frase é pronunciada num tom de voz mais elevado e eu surpreendo-me pelo modo como ela se faz ouvir tão bem.

Atrás dela, a porta que dá para as escadas abre-se e Tobias entra no átrio, com Marcus e Caleb atrás dele, quase sem se fazer notar. Quase, porque eu noto, porque me treinei a dar por ele. E vejo-lhe os sapatos a aproximarem-se. São ténis pretos com orifícios cromados para os atacadores. Param junto a mim e ele baixa-se, junto do meu ombro.

Olho para ele, à espera de ver uma expressão fria e desagradável.

Mas não vejo.

Evelyn ainda está a falar, mas a voz dela é agora distante.

– Tinhas razão – diz Tobias em voz baixa, ainda agachado. E faz um sorriso ligeiro. – E sei quem és. Só precisava que mo lembrasses.

Abro a boca, mas não tenho nada a dizer.

E nessa altura todos os ecrãs existentes no átrio dos Eruditos – e que não foram destruídos durante o ataque – acendem-se, tal como um projetor colocado por cima da parede onde se encontrava o retrato de Jeanine.

Evelyn interrompe o que estava a dizer. Tobias dá-me a mão e ajuda-me a levantar.

– O que é isto? – pergunta Evelyn.

– Isto – diz ele, mas só para mim – é a informação que mudará tudo.

Sinto as pernas a tremer, de alívio e apreensão.

– Foste tu? – pergunto.

– Não, foste *tu* – responde Tobias. – Eu só precisei de

obrigar o Caleb a colaborar.

Lanço o meu braço à volta do seu pescoço e apoio os meus lábios aos dele. E ele pega-me no rosto e beija-me. A distância entre nós desaparece e os nossos corpos esmagam os segredos que mantivemos e as suspeitas que conservámos – para sempre, espero.

E depois ouço uma voz.

Afastamo-nos e voltamo-nos para a parede, onde está a ser projetada a imagem de uma mulher de cabelo castanho curto. Está sentada a uma secretária de metal, de mãos cruzadas, num local que não identifico. O fundo da imagem está demasiado vago.

– Olá – diz ela. – Chamo-me Amanda Ritter. Neste vídeo dir-vos-ei apenas o que precisam de saber. Sou a líder de uma organização que luta pela justiça e pela paz. Esta luta tem-se tornado crescentemente mais importante, e por isso quase impossível, ao longo das últimas décadas. E o motivo é este...

Pela parede desfilam imagens a uma velocidade demasiado rápida para eu as compreender por completo. Há um homem ajoelhado com o cano de uma arma encostada à testa. A mulher que a empunha tem uma expressão impassível.

Vê-se à distância uma pessoa mais pequena, pendurada pelo pescoço de um poste telefónico.

Um buraco no chão, do tamanho de uma casa, cheio de corpos.

E há mais imagens, que desfilam ainda mais depressa e que só me deixam impressões de sangue, de ossos, de morte e de crueldade, de rostos vazios e de olhos sem alma e aterrorizados.

E quando eu já acho que é suficiente, quando sinto que vou gritar se vir mais coisas destas, a mulher reaparece na imagem, sentada de novo à secretária.

– Não se lembrarão de nada disto – afirma. – Mas se estão a pensar que estes atos são de um grupo terrorista

ou de um regime político tirânico só em parte têm razão. Porque metade das pessoas que figuram nestas imagens, a cometer estas ações terríveis, eram vossos vizinhos. Vossos familiares. Vossos colegas. A batalha que estamos a travar não é contra um grupo específico. É contra a própria natureza humana... ou, pelo menos, aquilo em que ela se transformou.

E foi por isto que Jeanine esteve disposta a escravizar mentes e a assassinar pessoas – para nos impedir a todos de sabermos. Para nos manter a todos ignorantes e seguros, e *no lado de dentro da vedação*.

Uma parte de mim começa a compreender.

– É por isso que vocês são tão importantes – está Amanda a dizer. – A nossa luta contra a violência e a crueldade só consegue tratar os sintomas da doença e não a curá-la. Vocês são a cura.

«Para vos manter a salvo, concebemos uma maneira de ficarem separados de nós. Da água que bebemos. Da nossa tecnologia. Da nossa estrutura social. Formámos a vossa sociedade de uma maneira específica que vos fará redescobrir o sentido moral que a maior parte de nós perdeu. Com o tempo temos esperança de que começarão a mudar, que é uma coisa que a maior parte de nós já não pode fazer.

«O motivo pelo qual vos deixo este vídeo é para saberem quando chegar o momento de nos ajudarem. E saberão que chegou esse momento quando houver, entre vós, muitos cujas mentes parecerão mais flexíveis do que as dos outros. O nome que devem dar a essas pessoas é *Divergente*. Quando eles forem em grande número, os vossos líderes deverão dar a ordem aos Cordiais para abrirem para sempre o portão, para que possam emergir do vosso isolamento.»

Era o que meus pais queriam fazer: pegar no que tínhamos aprendido e usá-lo para ajudar os outros. Abnegadamente, até ao último momento.

– A informação que este vídeo contém deve ser restringida apenas aos que integram o Governo – prossegue Amanda. – Vocês vão começar do zero. Mas não se esqueçam de nós.

Sorri, antes de prosseguir:

– Vou juntar-me a vocês. Como todos, esquecer-me-ei voluntariamente do meu nome, da minha família e da casa de onde venho. Tomarei uma nova identidade, com memórias falsas e uma história falsa. Mas para que saibam que a informação que acabei de vos dar é fidedigna, dir-vos-ei o nome que vou tomar como meu.

O sorriso de Amanda alarga-se e, por instantes, penso que a reconheço. E depois ela termina:

– O meu nome será Edith Prior. E há muita coisa que fico feliz por esquecer.

Prior.

O vídeo termina. A parede fica azul, com o brilho que o projetor ainda emite. Agarro a mão de Tobias e cerco-nos um momento de silêncio, como uma respiração que se interrompe.

E depois começam os gritos.

Agradecimentos

Obrigada, meu Deus, por cumprires as Tuas promessas.

Obrigada a todos:

Nelson, o meu leitor beta, apoiante incansável, fotógrafo, melhor amigo e, o que é muito mais importante, marido... acho que os Beach Boys o disseram da melhor maneira: só Deus sabe o que eu seria sem ti.

Joanna Volpe – eu não poderia desejar uma melhor agente ou amiga. Molly O'Neill, a minha editora-maravilha, pelo teu trabalho incansável nesta obra em todas as arenas. Katherine Tegen, pela tua simpatia e discernimento, e a toda a equipa da KT Books pelo vosso apoio.

A Susan Jeffers, Andrea Curley e à ilustre Brenna Franzitta, por vigiarem as minhas palavras; a Joel Tippie e Amy Ryan por tornarem este livro tão bonito; e a Jean McGinley e Alpha Wong, por levarem mais longe do que poderia esperar a influência destes livros. Jessica Berg, Suzanne Daghlion, Barb Fitzsimmons, Lauren Flower, Kate Jackson, Susan Katz, Alison Lisnow, Casey McIntyre, Diane Naughton, Colleen O'Connell, Aubrey Parks-Fried, Andrea Pappenheimer, Shayna Ramos, Patty Rosati, Sandee Roston, Jenny Sheridan, Megan Sugrue, Molly Thomas e Allison Verost, bem como a todos os que fazem parte dos departamentos de áudio, *design*, financeiro, internacional, comercial, inventário, jurídico, editorial, *marketing*, *marketing online*, vendas especiais e direitos subsidiários na HarperCollins pelo trabalho tão

fantástico que fazem no mundo dos livros em geral e no *meu* próprio mundo dos livros.

A todos os professores, bibliotecários e livreiros que têm apoiado as minhas obras com tanto entusiasmo. Aos bloguistas do livro, críticos e leitores de todas as idades e origens e países. Posso estar a ser tendenciosa mas penso que tenho os melhores de todos os leitores.

Lara Ehrlich, pela sua enorme sabedoria sobre o que é escrever. Os meus amigos escritores – enumerar todos os membros da comunidade de escritores que têm sido carinhosos para comigo encheria múltiplas páginas, mas eu não poderia desejar melhores companheiros. Alice, Mary Katherine, Mallory e Danielle – que fantásticos amigos eu tenho.

A Nancy Coffey, pelos teus olhos e pela tua sabedoria. A Pouya Shahbazian e Steve Younger, a minha fantástica equipa de cinema; à Summit Entertainment, à Red Wagon e a Evan Daugherty por quererem viver neste mundo que criei.

À minha família: a minha incrível mãe – barra – psicóloga – barra – chefe de claqué, Frank Sr., Karl, Ingrid, Frank Jr., Candice, McCall e Dave. São pessoas extraordinárias e fico muito satisfeita por vos ter.

Beth e Darby, que me ofereceram mais leitores do que aqueles que consigo contar, pelo encanto e pela sua forte determinação; e a Chase-baci e a Sha-neni, que tomaram tão boa conta de nós na Roménia. E também Roger, Trevor, Tyler, Rachel, Fred, Billie e à Avó por me acolherem sem nenhum esforço como uma de vós.

Multumesc/Köszönöm para Cluj-Napoca/Kolozsvár, por toda a inspiração e pelos queridos amigos que lá deixei – mas não para sempre.